

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Clare Mackintosh

À meia-noite, um deles estará morto.

Pela manhã, todos serão suspeitos.

The background of the book cover features a dark, atmospheric scene. In the center, a small, dark wooden building with a gabled roof is perched on a rocky outcrop. The roof is adorned with a string of warm, glowing lights. A single window on the front of the building is brightly lit from within, revealing the silhouette of a person standing inside. The building is set against a backdrop of dark, silhouetted mountains and a body of water in the foreground. The sky is a deep, vibrant red, suggesting a sunset or sunrise. In the immediate foreground, dark, thin reeds or grasses are visible, partially obscuring the bottom of the title. The title 'A ÚLTIMA FESTA' is written in large, white, serif capital letters, with 'A' in a smaller font size above 'ÚLTIMA'. Below 'ÚLTIMA' is the subtitle 'THE LAST PARTY' in a smaller, red, sans-serif font. At the bottom center, there is a logo for 'cultura' with a small star-like symbol above the 'u'.

A
ÚLTIMA
THE LAST PARTY
FESTA


cultura





Título original: The Last Party

Copyright © Clare Mackintosh Ltd, 2022

First published in the United Kingdom in the English language in 2022

by Sphere, an imprint of Little, Brown Book Group.

All rights reserved including the rights of reproduction in whole or in part in any form.

© Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: A Última Festa — À meia-noite, um deles estará morto.
Pela manhã, todos serão suspeitos.

Autoria: Clare Mackintosh

tradução: Fátima Martins

Revisão: Miguel Cardoso Pereira

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Vera Braga

ISBN: 978-989-9096-89-9

1.^a edição em papel: agosto de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

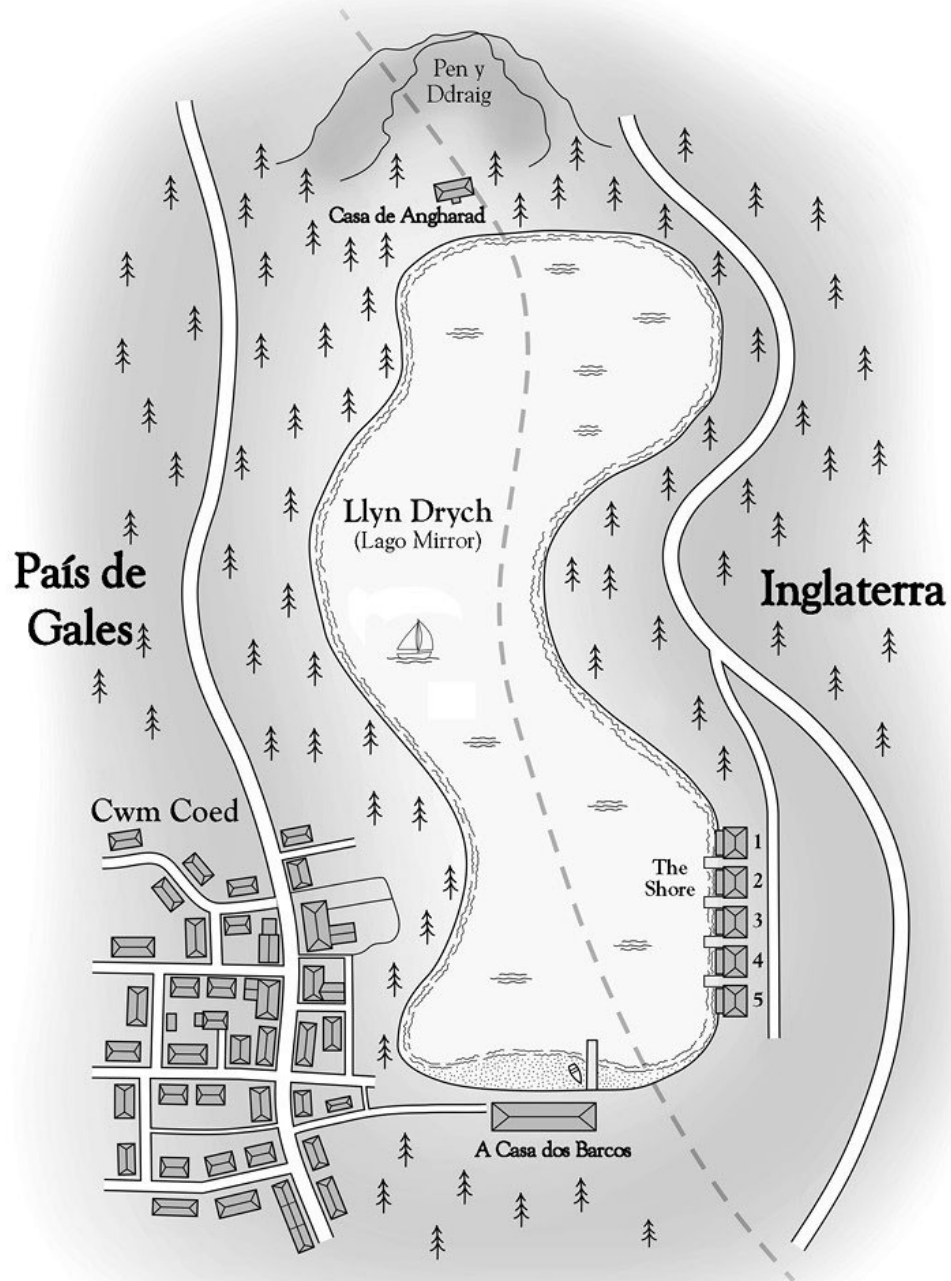
Cultura Editora é uma chancela


infinito particular
Criatividade à medida

*Para os membros do meu clube de leitura
— os melhores leitores que há.*

*E agora todo o imenso lago em profundo repouso
É silêncio, e como um resplandecente espelho reluz.*

William Wordsworth



Aldeia de Cwm Coed

Y Llew Coch public house
 Loja de Glynis Lloyd
 Elen, Ffion & Seren Morgan
 Huw Ellis
 Mia Williams
 Ceri Jones

«Resort» The Shore

- 1 Jonty & Blythe Charlton, Woody & Hester
- 2 Dee Huxley
- 3 Bobby & Ashleigh Stafford
- 4 Clemmie Northcote, Caleb
- 5 Rhys & Yasmin Lloyd, Tabby & Felicia

DIA DE ANO NOVO

Ninguém em Cwm Coed se lembra em que ano se iniciara o banho, o que se sabe é que de nenhuma outra forma se poderia receber o novo ano. Ninguém se lembra em que ano Dafydd Jones entrara na água usando nada mais do que um barrete de Pai Natal, ou de quando os rapazes do râguebi se lançaram do cais e encharcaram a pobre Sra. Williams.

Mas todos se vão lembrar do banho deste dia.

Desde antes do Natal que tem caído neve nos cumes e, apesar da proteção oferecida pelas montanhas, a temperatura na cidade não subiu além dos sete graus. A própria água do lago está ainda mais gelada. Quatro graus! As pessoas arfam, simultaneamente alegres e incrédulas. Devemos estar loucos!

Como se mostrassem revolta contra os céus limpos, finas espirais de névoa ondulam sobre a superfície da água, o seu reflexo provoca a distorcida impressão de que o céu se encontra virado do avesso. Acima da névoa, o ar é de um azul vívido, um eco da lua de ontem à noite suspensa sobre a floresta.

Desde o topo da montanha Pen y Ddraig, Llyn Drych parece mais um rio do que um lago. É longo e em forma de serpente. Diz-se que cada curva representa um movimento da cauda do dragão. «Drych» significa «espelho» e, quando o vento amaina e a água fica parada, a superfície cintila como prata. O reflexo da montanha estende-se até ao centro do lago, tão sólido que talvez pudesse ser pisado, sem qualquer indício das negras e insondáveis profundezas que se encontram por debaixo.

Ao longo do carreiro que serpenteia pelo lado sul da montanha, desde as costas do dragão até à sua cabeça, os caminhantes inclinam-se para apanhar um seixo do caminho. Endireitam-se, tomam-lhe o peso nas mãos, depois olham à volta timidamente, antes de lançarem a pedra à água. Diz a lenda que o dragão de Llyn

Drych emerge sempre que a sua cauda é atingida, e poucos são os caminhantes que conseguem resistir ao mito.

À volta da margem do lago, os pinheiros mantêm-se vigilantes, as copas tão próximas que, se um fosse abatido, poder-se-ia imaginá-los todos a tombar, um após o outro. As árvores roubam a vista da aldeia de Cwm Coed, mas também a protegem do mau tempo, o que parece ser uma justa troca para quem lá vive.

Do outro extremo da margem, a menos de um quilómetro de onde a multidão se está agora a aglomerar, uma linha de edifícios assenta no sopé das montanhas. As árvores imediatamente à sua frente foram arrancadas do chão, a madeira utilizada para revestir os alojamentos e fazer o enorme letreiro gravado que fica no final da longa estrada privada, cada letra tão alta como um homem.

The Shore.

Cinco edifícios, até agora. Caixas retangulares de dois andares, com telhados de madeira e deque empurrados para a frente, estendendo-se por cima do lago sobre palafitas que se erguem por entre a neblina. As escadas de metal brilham sob o sol do inverno, os pontões, desprovidos dos barcos que, no verão, ali estarão presos por cordas.

Alojamentos de luxo do lago, como lhes chama a brochura resplandecente.

— Rulotes chiquis — diz a mãe de Ffion. Rulotes chiques. Só snobes e pose.

Uns estupores de uns mamarrachos, concorda a maioria dos aldeões. E àquele preço! Por um lugar onde nem sequer se pode viver durante todo o ano. Os proprietários não estão autorizados a fazer do The Shore a residência principal, diz o website. Como se o Norte do País de Gales precisasse de mais turistas de fim de semana.

Em breve, haverá outra fila atrás desta primeira. Outra, por detrás daquela. Um spa, um ginásio, lojas, uma piscina exterior.

— Vá lá saber-se porque não podem nadar no lago. — Empoleirada no porta-bagagens do carro, Ceri Jones baixa as calças do fato de treino, coxas de ganso brancas contra o para-choques sujo.

— *Porque está um frio do caraças, é por isso.*

A gargalhada sai-lhe rápida e alta, inflamada pela festa de Ano Novo da noite passada, por muito vinho e pouco sono, pelo frio que força o seu caminho através dos roupões turcos e se aloja nos ossos.

— *Boa noite, apesar de tudo.*

Há murmúrios de concordância.

— *«Chwarae teg.» — Justiça seja feita. Aquele pessoal do The Shore sabe como dar uma festa. Mais importante ainda: sabem convidar os locais. A curiosidade ganha sempre aos ressentimentos.*

Gotas de gelo nas poças rasas da margem do lago, rachadas pelos dedos dos pés libertos das botas forradas a pelo.

— *Ainda faltam dez minutos. Vais ficar com uma queimadura de gelo.*

— *Nem sequer consigo sentir nada. Acho que ainda estou bêbado.*

— *Isto vai arrumar de vez com a minha ressaca. Tenho os sogros a chegar para o almoço, e eles provocam-me uma dor de cabeça igual à que tenho.*

— *Ou te mata ou te cura.*

— *Aceito ambas.*

A primeira de duas buzinas ressoa pelo ar gélido, e uma exclamação de entusiasmo explode.

— *Prontos?*

— *Como sempre!*

Casacos e roupões são atirados para o lado, toalhas revestem os braços expectantes e as garrafas de água quente estão preparadas para o regresso. Dá-se uma corrida em direção à costa — um emaranhado de membros brancos e fatos de banho, biquínis corajosos e chapéus de lã felpuda — e a tagarelice é tão alta que os leva a perguntarem-se se não irão perder a segunda buzina. Contudo, quando soa, não há engano, disparam um «Blwyddyn Newydd Dda!»¹ enquanto correm para ao lago, gritando ao chegarem à água gelada.

Quando já estão suficientemente dentro, mergulham. A mente prevalece sobre o corpo, através da névoa baixa. O frio espeta-se

como pregos à volta do peito, as bocas abrem-se em choque à medida que a respiração lhes é arrancada. «Continuem a andar, continuem a andar!», gritam os veteranos, a dopamina a bombear-lhes sorrisos na cara. As ondulações tornam-se ondas, o movimento das pessoas, virando-se para um lado e para o outro, sempre que o vento sopra e lhes atira arrepios sobre os ombros.

Quando a neblina começa a clarear, uma mulher solta um grito.

Destaca-se por entre os berros da excitação, provocando um tipo bem diferente do calafrio que desce pelas costas abaixo daqueles que aguardam na margem. Todos os que ainda se encontram na água, em bicos de pés, esforçam-se para ver o que está a acontecer, quem está ferido. O barco de salvamento mergulha os remos na água. Entram e saem, entram e saem, fazendo o caminho em direção ao turbilhão.

Fora da neblina, um homem flutua.

De barriga para baixo, e indiscutivelmente morto.

¹ «Feliz Ano Novo!», em galês. (N. T.)

PARTE UM

UM

Dia de Ano Novo | Ffion

Ffion Morgan examina a figura ao seu lado, que está virada para baixo, em busca de sinais de vida. O homem é alto, com ombros largos e cabelo preto cortado junto ao crânio. Na parte de trás do pescoço, onde se costuma encontrar a gola da camisa, está um pequeno nome tatuado. Harris.

Ffion pigarreia, testando o silêncio com um ruído minúsculo e hesitante, como se prestes a fazer um discurso que não sabe ao certo como começar. O homem não se mexe. Isso torna as coisas mais fáceis.

Há, no entanto, a pequena questão do braço.

O braço é grande. Tem a pele lisa e castanho-escuro, esticado por cima dela, o tipo de bíceps que Ffion tem sempre vontade de morder, embora, definitivamente, este não seja o momento. O braço repousa na diagonal sobre o estômago de Ffion, com a mão solta pendurada pela anca. O hábito faz com que verifique o quarto dedo do homem e fica aliviada ao encontrá-lo nu. Olha para o relógio dele. Oito horas da manhã, hora de partir.

Desloca as pernas primeiro, arrastando-as para o lado, um milímetro de cada vez, antes de dobrar os joelhos e de deixar cair os pés no chão, mantendo sempre o tronco imóvel, como uma contorcionista a dobrar-se dentro de uma caixa. Espera um momento, depois pressiona a metade superior do corpo contra o colchão enquanto desliza lentamente em direção à borda da cama. A manobra é bem executada, aperfeiçoada ao longo do ano passado, graças a esse estranho gene que faz com que o homem queira sempre expulsar o braço de quem é proprietário durante o sono.

O dono do braço desta manhã solta um grunhido. Ffion conta até cinquenta. Se ele acordar, vai sugerir pequeno-almoço, ou pelo menos café, apesar de nenhum deles o querer. Quando muito, não um com o outro. Ffion culpa a Geração Z. Todos esses sentimentos. Houve um tempo em que os homens lhe mostravam a porta, antes mesmo de darem um nó na camisinha, mas agora tornaram-se todos muito atenciosos. Isso deixa-a irritada.

Tenta recordar-se a quem pertencerá o braço. Harris não lhe soa a nada. Começa com M, tem a certeza disso. Mike? Max? Procura fragmentos por entre as lembranças turvas da bebida da noite anterior, enrolando-se numa memória de uns dentes brancos alinhados, um sorriso tímido, um desejo de agradar que lhe pareceu tão atraente quanto invulgar.

Mark?

Arranca um pedaço de pele do interior do lábio superior. Merda, merda, merda, que grande merda. Odeia quando não consegue lembrar-se dos nomes deles. Sente-se... uma puta.

Marcus!

Ffion sorri para o teto, o alívio deixa-a inebriada. Regra número um: saber sempre com quem se vai passar a noite.

Marcus.

Ao recordar-se do nome, desbloqueia o resto, a noite de Ano Novo desenrola-se em toda a sua gloriosa e esplendorosa bebedeira. Marcus Qualquer-Coisa ou Não-Sei-Quê (os apelidos não contam): um instrutor de skydiving (Arranjo-lhe uns bónus para si e para as suas amigas), que a foi acompanhando em cada shot e lhe pôs uma mão à volta da cintura quando se inclinou para a frente para se fazer ouvir por cima do ruído do bar. Porque não vamos para um lugar mais calmo? Poderíamos ir ao meu...

Ffion fecha os olhos e entrega-se à memória do toque do polegar de Marcus na sua pele nua; tão cheia de promessa. Por um instante, pensa em rebolar e acordá-lo e...

Nada de segundas doses. Regra número dois.

O quarto de Marcus transmite a sensação de despojamento e anonimato típicos de um aluguer. Paredes cor de magnólia e estores verticais; uma alcatifa desgastada pela fricção. Ffion desliza o pé

direito e encontra as calças. O pé esquerdo recolhe uma meia, e, assim que o respirar junto de si se torna regular, desliza por baixo do braço de Marcus para o chão com a perfeita graciosidade de um leão marinho.

O top azul que tinha usado na noite anterior está junto ao roupeiro, as calças de ganga alguns passos atrás. O clássico rasto de roupa: se alguma coisa caracteriza Ffion, é ser bem previsível. Com sorte, vai encontrar os sapatos pontapeados para o corredor, a suéter caída junto à porta de entrada.

Veste-se rapidamente, enfia as meias no bolso das calças de ganga para se despachar e enceta uma caça infrutífera ao sutiã, acabando por dá-lo como perdido. Uma mijinha rápida, e uma espreitadela ao armário da casa de banho (uma caixa de preservativos; um tubo meio apertado de creme para hemorroidas), depois pega nas chaves do carro e dá de frosques. Os pavimentos estão gelados, e puxa até cima o fecho de correr do casaco. É verde cáqui e cobre-a do queixo ao tornozelo, o seu calor e utilidade compensam o facto de parecer um saco-cama com pés. À medida que reconstitui os passos até ao carro, faz os tradicionais cálculos das unidades de álcool por hora e conclui que se pode safar.

Passa das nove quando chega a casa, e a mãe está a fazer papas de aveia. Dois fatos de banho pendurados no radiador.

— Nunca tinhas faltado a um mergulho de Ano Novo.

A voz de Elen Morgan é neutra, mas Ffion tem trinta anos de experiência a interpretar-lhe as técnicas provocatórias, e a forma como está a agarrar na colher de pau neste momento não augura nada de bom.

Seren, de dezasseis anos, salta de uma pilha de cobertores na grande cadeira para dizer, junto à janela.

— Encontraram um...

— Deixa a tua irmã tomar o pequeno-almoço antes de começarmos a falar disso. — A voz afiada da mãe dispara e interrompe Seren.

Ffion olha para Seren.

— Encontraram o quê?

Seren fita as costas da mãe e revira os olhos.

— Eu vi isso.

— Fogo, tu és boa, mãe — diz Ffion, levantando a chaleira do fogão, chocalhando-a para verificar a quantidade de água nela contida antes de a mover para a placa quente. — Alguma vez pensaste em juntar-te aos Serviços Secretos? Imagino-te com «olhos na parte de trás da cabeça» especialista em jiu jitsu e fluente em russo. — Liga o telemóvel, desligado desde a noite anterior. — Como correu o banho, afinal?

— Não correu. — Seren dispara um olhar desafiador sobre a mãe. — Mal tinha entrado até aos joelhos quando nos obrigaram todos a sair.

— Como assim?

— Bom, se lá tivesses estado, saberias — responde a mãe, com firmeza.

— Adormeci.

— Na casa da Mia?

Ffion responde com um «hum» evasivo. Seren, esperta como um rato, alterna o olhar entre a mãe e Ffion, rapidamente em estado de alerta para a possibilidade de drama.

— É que me disseram que ela esteve na festa até tarde.

Mia Williams. Dois anos à frente de Ffion na escola: o tipo de diferença de idade que provoca muita desigualdade na adolescência, mas muito em comum uma década mais tarde. São amigas por defeito, e não por escolha, acaba sempre por pensar Ffion; com quem mais poderiam as duas tomar um copo, a não ser uma com a outra?

— Mãe, eu já sou uma mulher cresci...

— E a Ceri saiu cedo e viu o carro dela a sair da aldeia.

Ceri Jones, a mulher do correio. Não admira, pensa Ffion, que prefira socializar longe da cidade? Não se pode dar um peido em Cwm Coed sem que ela não faça disso notícia de primeira página.

— Eu tinha de fazer um trabalho. — A chaleira assobia, ríspida e insistente, como se desafiasse a mentira de Ffion. Encontra uma chávena limpa e coloca dentro uma saqueta de chá.

— Na véspera de Ano Novo.

— Mãe, para de ser...

— Preocupo-me contigo. É crime?

— Estou perfeitamente segura.

— Não foi isso que quis dizer. — Elen vira-se para fitar a filha mais velha, com voz baixa; a expressão carregada. — Isso não te consegue fazer feliz, Ffi.

Ffion retém-lhe o olhar.

— Por acaso, consegue.

A mãe assentou demasiado nova, esse foi o problema. Elen tinha dezassete anos quando conheceu o pai de Ffion, dezanove quando se casaram. Ela nunca tinha dormido por aí, nem sequer namorado com mais ninguém. Como poderia compreender como o sexo sem compromisso poderia ser bom? Como era libertador?

— Bommm... — Ffion muda de assunto com uma só palavra, arrastada, voltando-se para Seren em busca de solidariedade fraternal. — Porque é que não vos deixaram tomar banho?

— Apenas porque morreu um raio de uma pessoa! — Os mexericos irrompem da rapariga como a água de uma barragem.

A mãe faz estalar a toalha de chá em Seren.

— Cuidado com a língua.

— Au!

— Se fosse a ti, ficava caladinha. Sabes muito bem que não devias ter ido a essa maldita festa.

Ffion olha para Seren.

— Estiveste no The Shore ontem à noite?

— Estava lá toda a gente — responde a rapariga, erguendo o queixo defensivamente.

— Estou-me pouco marimbando se até a rainha do Sabá lá estava; eu disse-te para ficares longe daquele lugar! — A voz da mãe eleva-se, e a expressão de Seren aparenta querer começar a chorar.

— Alguém se afogou? — pergunta Ffion rapidamente.

A mãe desvia a atenção de Seren e acena confirmando.

— Meu Deus. Quem?

Elen deita a papa no prato, misturada com maçã cozida e com um redemoinho de natas por cima.

— Um homem, é tudo o que sabemos. De cara para baixo, por isso...

O telemóvel de Ffion ressuscita, o ecrã inunda-se de textos e de chamadas perdidas. Passa as mensagens de Feliz Ano Novo, até chegar às da manhã de hoje.

Ouviste falar do corpo no lago?

Sabes quem é?

Onde estiveste ontem à noite???

Pressiona o ícone a piscar para ouvir o voicemail. Em qualquer outra altura do ano, apostaria que tudo não passaria do afogamento de um visitante. Alguém estranho ao frio, ou a nadar ao ar livre; alguém que não crescera à volta da água. Cwm Coed vê-os todos os anos, lançando-se a correr dos parques de campismo para a margem do lago, como se fosse a praia de Bournemouth, atirando-se do pontão e deixando os filhos à solta em insufláveis baratos.

Mas o banho do Dia de Ano Novo é estritamente para os locais. Ninguém quer receber hóspedes, daqueles que conduzem uma hora ou mais só por causa da expectativa de uma pretensiosa atualização de estado, para poderem mais tarde publicar no Facebook. Não há anúncios, nem T-shirts, nem patrocínios. Nenhum organizador oficial.

Sem medidas de segurança, pensa Ffion com ar sério. Sabe que há uma fação da comunidade que irá dizer que a tragédia de hoje provou terem razão; pessoas que se recusam a assistir ao primeiro banho do ano, porque o acham perigoso. Toda aquela corrida, risos e quedas; a água tão fria que congela os pulmões. E todos ainda sob o efeito das bebidas da noite anterior. É só uma questão de tempo até alguém se afogar.

O telemóvel da Ffion está cheio de mensagens das bebedeiras da Mia e da Ceri, aos gritos sob um fundo de fogo de artifício, e uma da mãe nessa manhã: — Vamos sair para nadar. Lle wyt ti²?

— Ouvi dizer que foi o velho Dilwyn Jones — diz Seren.

— Vestido com um smoking? — diz a mãe. — Em quarenta anos, nunca o tinha visto senão com um casaco de lã. — Baixa a

voz, enquanto se vira para Ffion. — Afastaram toda a gente do corpo assim que puderam. Ele estava — faz uma pausa —, estava em mau estado.

— Alguém disse que a cara dele estava esmagada. — Seren levanta-se dos cobertores, com os olhos bem abertos, de ar deliberadamente macabro. O cabelo dela é ainda mais avermelhado que o de Ffion, com o mesmo tipo de caracóis frisados aos quais não se consegue fazer nada. Ffion tenta conter o seu num carrapito despenteado, enquanto Seren o deixa solto, caindo sobre os ombros como uma grande nuvem de gengibre. Está pálida, manchas de maquilhagem da noite passada à volta dos olhos.

— Para com as tuas bisbilhotices, Seren, e come a tua papa. Vais ficar com os ossos gelados até à hora do almoço.

— Mal entrei até aos joelhos.

— Tens ossos nas pernas, não tens?

— No entanto, alguém terá sido dado como desaparecido, com certeza... — começa a dizer Ffion, mas é então que chega à mensagem final do seu voicemail e a sua pulsação acelera. Desliga o telefone. — Tenho de ir.

— Acabaste de chegar a casa!

— Eu sei, mas... — Ffion levanta-se rapidamente para sacar um top limpo do estendal, perguntando-se se será capaz de surripiar um sutiã sem que a mãe veja. Meia dúzia de meias caem da prateleira, uma aterra precisamente dentro do tacho das papas de aveia.

— Ffion Morgan!

Trinta anos de idade, com um casamento e uma hipoteca às costas, contudo o pano da loiça da mãe é ainda uma poderosa força a ter em conta. Pela segunda vez em horas, Ffion bate em retirada apressadamente.

À medida que acelera, o escape do carro tosse em protesto, digita um número com uma mão, tentando equilibrar o telefone no banco do passageiro. Ao sair da aldeia, ultrapassa rapidamente um carro, colocando-se na frente dele: um casal de domingueiros em passeio para visitar a família, três crianças aborrecidas no banco de trás. O condutor inclina-se e carrega na buzina, e mantém-se na cauda de Ffion, fazendo valer o seu ponto de vista.

— Mia? — diz Ffion, ao ativar-se o voicemail. Carrega no acelerador. — É a Ffi. — A pulsação zumbe-lhe nas têmporas. — Se a minha mãe te perguntar onde estive ontem à noite, diz-lhe que estive contigo.

² «Onde estás?» (N.T.)

DOIS

Dia de Ano Novo | Leo

— Não tires o casaco!

O grito ecoa no momento em que Leo Brady está a chegar à secretária na Unidade de Crimes Graves de Cheshire, precisamente às nove da manhã. Relutantemente, volta a abotoar o pesado sobretudo de lã e dirige-se ao gabinete do chefe, onde o inspetor detetive Simon Crouch se encontra de pé ao lado da cadeira. Leo limitou-se a caminhar desde o parque de estacionamento até à esquadra, algumas centenas de metros, no máximo, mas os pés parecem-lhe cubos de gelo. Agita os dedos dentro dos sapatos. Demasiado frio para nevar, continuam as pessoas a dizer, coisa que a Leo nunca fez sentido.

— Preciso que levantem o vosso cu gordo e vão para o lago Mirror. Apareceu um corpo na água.

Leo não é gordo. Na verdade, está em muito melhor forma do que Crouch, cuja carne pálida parece ter sido moldada a partir de pedaços de plasticina, mas isso não impede Crouch de afirmar a autoridade através de insultos de recreio de escola.

— Isso não fica no País de Gales?

— Eu não pedi uma lição de geografia — devolve Crouch, partilhando o ecrã de iPad no smart board da parede. Numa fração de segundo, Leo é confrontado com tudo o que se apresenta nas duas primeiras linhas da caixa de entrada de Crouch. Entre os roubos e as estatísticas de crimes violentos, vê uma mensagem de uma Joanne Crouch intitulada A tua mãe NOVAMENTE, e um e-mail com o símbolo de urgência do Departamento de Assuntos Internos, antes de o Google Maps preencher todo o ecrã.

Leo demora uns instantes a orientar-se. No centro, encontra-se um lago estreito e meandroso marcado como Llyn Drych, que percorre a fronteira entre Inglaterra e o País de Gales. Lago Mirror, Leo conhece-o, embora nunca tenha tido um trabalho que o levasse além dos limites da jurisdição de Cheshire. Uma cadeia montanhosa fica no extremo norte do lago, e no lado oeste, mesmo no País de Gales, fica a pequena aldeia de Cwm Coed. Entre a cidade e a água há uma faixa verde, que corre à volta da água.

Debruçando-se, Crouch aponta para uma mancha de verde no lado oriental do lago, bem ao fundo.

— Pouco antes de entrar, recebemos, vinda daqui, uma queixa de pessoa desaparecida. — Ele bate no ecrã, e o mapa muda para uma vista de satélite. O verde é a floresta, não a relva, Leo apercebe-se: as árvores estão bem empacotadas à volta da margem. Desenha um círculo vitorioso e bate-lhe de forma significativa. — Esta imagem já está alguns anos desatualizada. — Fecha o mapa e desliza os dedos pelas aplicações, passando pelo Safari. Mail, Weather, Sky News; seria aquilo o Tinder? — Isto é o que há lá agora.

Um website aparece no grande ecrã, um filme a tocar sem som na imagem do banner. É a vida no Shore... lê-se nas legendas. O sol brilha na superfície do lago Mirror, à medida que a câmara se aproxima de uma fila de pequenas casas de madeira à beira de água. Uma criança risonha, congelada em pleno ar, balança numa corda sobre um pontão mais adequado às Maldivas do que ao Norte do País de Gales. Não é um filme, Leo dá-se agora conta disso, mas uma animação gerada por computador: a imagem artística daquilo que é obviamente um empreendimento de luxo.

— Isto é o The Shore — diz Crouch. — Mas não se ponham com ideias, porque as hipóteses de conseguirem pagar uma estada ali estão ao mesmo nível que a de alguma vez chegarem a progredir além do escalão de polícia. Uma delas é propriedade daquele ator ex-pugilista. Aquele que está casado com aquela das mamas gigantes.

— Quem é a pessoa desaparecida?

— O dono da estância de férias, Rhys Lloyd. Um cantor de ópera. — Crouch vai inserindo palavras umas ao lado das outras, como se estivesse apenas a experimentar possíveis combinações. Refere-se a si próprio como um conservador, termo que Leo, ao longo dos seus próprios trinta e seis anos, acabou por considerar ser muitas vezes sinónimo de parvalhão preconceituoso. — Muito famoso, ao que dizem — prossegue Crouch. — Para quem gosta desse tipo de coisas.

— Presumo que não goste desse tipo de coisas.

— Maricas e collants? Tu gostas?

Leo abre o caderno de notas com a mesma atenção que se pode dar a um portal de entrada para outro mundo.

— Quem o deu como desaparecido?

— A filha. Ligou para a Polícia Metropolitana. A esposa confirma que ele não foi para a cama ontem à noite, mas, pelos vistos, isso não seria inesperado. Ela pensou que ele estava a festejar, ou a dormir noutro sítio qualquer. Ou, se calhar, a dar uma queca — solta Crouch, com um resfolegar sarcástico.

— Quer que fale com a família?

— Primeiro, dá uma vista de olhos ao corpo. Certifica-te de que os galeses não lixaram tudo. Inquéritos locais, últimos movimentos conhecidos; o habitual. O Norte do País de Gales enviou um inspetor; vai ter contigo à morgue.

— Não há problema.

— Se for um afogamento accidental, mandamo-lo de volta para o País de Gales. — Crouch limpa o ecrã. — Foi encontrado na água do lado deles.

— E se for homicídio?

— Depende. Se não nos conduzir a nenhum lado...

— Mandamo-lo de volta para o País de Gales?

— Afinal, nem és tão burro como pareces, pois não? — Crouch aguarda, expectante. Leo não tem a certeza de como responder. — Mas, se houver um suspeito, aguentas o caso, e nós vamos lá tratar disso o mais rápido possível. Primeiro homicídio do ano, tudo resolvido num só dia, tunga.

Tunga? Crouch queixa-se frequentemente do facto de nunca ter sido convocado para prestar declarações à imprensa, em pé, nos degraus do tribunal, ou ao lado da bamboleante fita adesiva de uma cena de homicídio. Baseado naquilo que Leo já conhece do chefe, esta até é uma decisão sensata por parte do Departamento de Relações Públicas.

Demora mais de uma hora desde as instalações do Departamento de Crimes Graves até aos limites da jurisdição policial. O céu está azul brilhante, as ruas cheias de pessoas a curar as ressacas e os excessos do Natal. Um passeio pelo ar fresco. Talvez uma cerveja, ou um Bloody Mary. Ano novo, vida nova.

Leo ouve o fórum da Radio Live 5 e sente uma esmagadora sensação de desespero ao fim de mais um ano sem nada para exhibir. Continua a viver num apartamento de merda com uma vizinha que queima ervas numa lata à sua porta, para afastar os maus espíritos. Continua a trabalhar para um chefe que o subestima e de quem é vítima de bullying diariamente. E continua a não fazer nada a esse respeito.

Leo toca no ecrã do telefone e sente o som do toque da chamada a inundar os altifalantes do carro.

— O que é?

— Feliz Ano Novo para ti também. — Leo ouve o ligeiro suspiro de enfado, que significa que a sua ex-mulher está a revirar os olhos. — Posso falar com ele?

— Ele saiu com o Dominic.

— Posso telefonar-lhe mais tarde?

— Temos alguns amigos a chegar para tomar um copo.

— Amanhã, então?

— Não podes esperar que deixe tudo só...

— Só queria desejar um feliz Ano Novo ao meu filho!

Allie larga um silêncio tão longo que Leo pensa que ficou pendurado na chamada.

— Tomo nota de tudo, sabias? — diz ela, finalmente, num tom de voz entrecortado. — Cada vez que perdes a calma.

— Por amor de Deus, eu não... — Ele para, cerrando um punho e deslocando-o pelo ar, para se deter apenas a curta distância do volante. Como pode ele alguma vez ganhar, quando a própria existência da alegação prova a sua verdade? — Isso não é justo, Allie.

— Devias ter pensado nisso antes...

— Quantas vezes tenho de pedir desculpa? — A voz de Leo ergue-se novamente. Uma e outra vez, a mesma narrativa, a mesma viagem da culpa.

— Tens sorte por eu sequer te deixar vê-lo, depois de tudo o que fizeste.

Leo conta até dez.

— Quando seria então uma altura conveniente para eu voltar a telefonar?

— Eu envio-te uma mensagem de texto. — E desliga.

Ela não o fará. Leo terá de perguntar-lhe novamente e, quando chegar a hora de falar com o filho, o feliz Ano Novo vai parecer uma ideia completamente despropositada.

À medida que Leo conduz, as distâncias entre as aldeias aumentam, até o céu parece abrir-se, ao ponto de conseguir olhar em todas as direções e nada mais ver do que o vazio. A desolação.

Um dia, quando o seu filho for adolescente, Leo poderá simplesmente pegar no telefone e ligar-lhe. Farão as suas próprias combinações para se encontrarem depois das aulas, ou para irem a um jogo de futebol, sem Allie pelo meio como automeada porteira. Sem ela ter de lhe recordar constantemente o que ele tinha feito. Tens sorte por não ter telefonado à Polícia, tal como ela gosta de dizer. Ou aos Serviços Sociais. Eu ainda poderia, sabes. Uma nuvem sobre a cabeça dele, ensombrando cada conversa, cada breve contacto que ela lhe permite.

Eu ainda poderia.

Deus! Que desolação no País de Gales. Não está a chover, o que já é uma bênção, para não dizer uma raridade, mas as nuvens deslocam-se vindas do Norte, e o vento verga as árvores de lado. Que fará a Polícia todo o dia, por aqui? Tem de haver algum crime,

supõe Leo, talvez um roubo de ovelhas, um assalto estranho, mas duvida que o DIC³ seja um foco de atividade. O afogamento de hoje será o ponto alto do ano.

A morgue encontra-se em Bryndare, e Leo agradece ao GPS enquanto se desloca pelas estradas da montanha, antes de descer de novo até surgir aquilo que se parece com civilização. Uma neblina de chuva miudinha paira no ar, assentando nos telhados de xisto da cidade. Leo segue os sinais rodoviários que conduzem ao hospital até chegar a um pequeno parque de estacionamento, vazio, exceto para um Volvo XC90 prateado e um Triumph Stag castanho, ambos deteriorados. A própria morgue não passa de um edifício com forma de uma caixa baixa. Leo toca à campainha.

— Empurre a porta — surge uma voz metálica. — Hoje não há ninguém na receção, mas vou aí num segundo.

Leo faz o que lhe é dito, entra numa pequena sala de espera em forma de L. O relógio na parede declara dez e trinta e cinco. Ao sentir que não está sozinho, vira-se, e a sua boca abre-se. De pé no canto da sala, um rosto corado e incerto, está uma mulher.

Harriet.

— O que fazes aqui? Tu... — Leo mal consegue encontrar as palavras. Tu seguiste-me até aqui?

A mulher larga uma gargalhada.

— Eu já cá estava primeiro! Se alguém me seguiu, deves ter sido tu.

Caraças! Harriet. Harriet Jones, ou Johnson ou qualquer coisa do género. Uma professora primária de Bangor, um pormenor do qual Leo, por acaso, até se lembra, porque foi para a cama com ela.

Está prestes a começar a fazer-lhe mais perguntas, quando uma porta se abre do outro lado da sala. Uma mulher de bata branca entra, trazendo consigo o cheiro inconfundível da morte e do desinfetante.

— Leo Brady, presumo? Eu sou Izzy Weaver, a patologista que trata do seu homem. Para lhe ser sincera, eu não devia estar aqui, mas o meu assistente da morgue desapareceu sem avisar. Aquele está sempre mortinho para sair. Já disse aos seus superiores que

não posso fazer a autópsia até depois de amanhã, mas, se conseguirmos identificá-lo, isso já seria ótimo.

— Leo? — exclama Harriet em voz alta.

Faz-se uma breve pausa, enquanto a patologista olha intensamente para Leo, depois para Harriet. Leo tosse. Pois, isto é um bocado embaraçoso. Mas Leo não é o primeiro homem a dar um nome falso a uma rapariga que conheceu num bar, e também não será o último. Nestes três anos em que tem estado divorciado, acabou por descobrir que ter um encontro pode ser uma experiência desagradável. Há dezoito meses, experienciou o que entendera poder ser uma aventura mutuamente agradável de uma só noite, para depois se ver assediado, ou melhor: perseguido, durante vários meses. Desde então, não usa o verdadeiro nome.

Mas isto ainda não explica o que Harriet Jones, ou Johnson, ou qualquer coisa do género, está a fazer na morgue.

— Presumo que ainda não se tenham conhecido — diz a patologista. Leo e Harriet olham-se.

— Bem — começa Leo.

— Não — declara Harriet, com firmeza.

A patologista olha com ar confuso. E com razão: Leo esforça-se, também ele próprio, por compreender. Será que Harriet o seguiu? Terá intercetado as suas mensagens? Por um instante, Leo imaginava a espiolar o gabinete de Crouch, e a guardar meticulosas notas sobre os seus movimentos.

— Harriet... — começa Leo cuidadosamente. Pretende ser firme com ela, mas não demasiado firme. Provavelmente, ela nem está bem mentalmente. Isto não é um ato de uma mulher sã.

— Harriet? — exclama a patologista.

— Hum... — diz Harriet. Faz-se uma longa pausa.

— Será que podemos despachar isto? — Há um certo tom de irritação na voz de Izzy Weaver. Aponta com uma mão na direção de Leo. — Detetive Leo Brady, da Esquadra de Cheshire. — Depois, aponta com a outra mão na direção oposta, para Harriet. — Detetive Ffion Morgan, da Polícia do Norte do País de Gales.

Leo arqueia uma sobrancelha.

— Ffion?

— Ffion — repete Harriet, em surdina. Ou melhor: repete Ffion. A cabeça de Leo está às voltas. Ao mesmo tempo, de forma bastante inesperada, a sua virilha recorda-lhe a noite passada. É uma combinação inquietante, pouco ajudada pelo odor que emana do desinfetante.

Harriet — Ffion! Cristo... — demorara uma eternidade para sair esta manhã. Leo estava desesperado para urinar, e em vez disso tinha de ficar ali deitado, fingindo estar a dormir, enquanto ela se agitava inquietamente ao seu lado, claramente à espera de se fazer convidada para tomar o pequeno-almoço. Leo nunca sabe o que dizer na manhã seguinte. Ficar a dormir é infinitamente mais fácil do que encetar uma conversa. Ela tinha acabado por se atirar da cama abaixo, enfiando-se na casa de banho na esperança de que ele acordasse, antes de desistir e de ir para casa.

Detetive Ffion Morgan. Não tem cara de Ffion. Harriet fica-lhe melhor. Talvez seja um nome do meio e só use Ffion no trabalho. Assim, ao apresentar-se ontem à noite como Harriet, ela não estava, exatamente, a dar um nome falso, apenas...

— Então, não é Marcus? — Ffion arqueia uma sobrancelha.

— Quem diabo é o Marcus? — pergunta a patologista. — Disseram-me que só vinham dois de vocês. Isto é uma morgue, não uma sessão espírita.

— Desculpe — diz Leo em nome de ambos, embora Ffion não pareça remotamente arrependida. A sua expressão é divertida, até um pouco inquisidora, como se estivesse à espera de que Leo se expandisse.

Enquanto Izzy Weaver os leva às profundezas da morgue, começa a apoderar-se de Leo uma sensação de apreensão. Oxalá isto acabe por revelar-se um afogamento accidental, já que Ffion Morgan parece indiciar sarilhos.

TRÊS

Dia de Ano Novo | Ffion

Bem, esta é uma situação embaraçosa. Em doze meses, desde que pusera fim ao seu casamento, Ffion evitara sempre com sucesso reencontrar-se com parceiros de uma noite só. Essa é uma das razões pelas quais faz a sua vida social longe da Cwm Coed; essa e o facto de, quando se vive e trabalha na mesma aldeia em que se cresceu, se ser para sempre uma criança aos olhos de todos os que lá vivem. Veja-se o caso de Sion Ifan Williams: sessenta e cinco anos, pelo menos, mas continua conhecido por todos como Sion Molho de Tomate, por causa do entusiasmo por ketchup quando era miúdo e andava na escola.

A própria Ffion tentou livrar-se da alcunha de Ffion Gwyllt, e falhou.

Ffion Selvagem.

— É só por causa do teu cabelo — costumava dizer-lhe a mãe sem hesitar, debatendo-se por tornar a crina frisada de Ffion numa trança; recusando-se a reconhecer que toda a comunidade considerava a sua jovem filha indomável. Elen Morgan tinha crescido a quase cinquenta quilómetros de Cwm Coed e, apesar de um longo casamento e de dois filhos a frequentar a escola da aldeia, muitos ainda a consideravam forasteira. Num lugar como Cwm Coed, é necessário ter-se quatro gerações enterradas no cemitério antes de se poder ser considerado filho da terra.

No início, Ffion alinhava com a sua alcunha de gwyllt⁴. Se te serve a carapuça, usa-a, pensava ela, impressionando os amigos com as garrafas roubadas do armário de bebidas dos seus pais, e inventando «verdades» cada vez mais estranhas nos inevitáveis

jogos de verdade ou consequência. Era engraçado, fazia justiça ao nome.

Até que deixou de ser.

Às vezes, quando ela e Mia tomam uma cerveja em Y Llew Coch, olham à volta e veem os mesmos rostos, há vinte anos inalterados.

— Ainda lá ia — diria Mia, a propósito de Hari Roberts, que instalava casas de banho e era bombeiro voluntário.

— Definitivamente, não ia — diriam em uníssono, a propósito de Gruffydd Lewis, que agora ensina na mesma escola que em tempos lhe deu uma detenção por fazer deslizar um espelho por debaixo da porta do vestiário das raparigas.

Ffion olha rapidamente de soslaio para Leo Brady, enquanto cobrem os sapatos e tiram os casacos numa antecâmara fora do necrotério. Será que ainda lá ia? Hipoteticamente, é claro, porque: regra dois. Mas será que lá ia? Ele é bonito, sem dúvida, embora talvez não tão bonito como quando visto através de um filtro de vodka e vinho branco.

Ainda lá ia, conclui ela. Provavelmente.

— Depois de si, Ffion. — O detetive inglês enfatiza-lhe o nome, enquanto Izzy Weaver abre a porta do necrotério. O falso cavalheirismo irrita Ffion. Como é que isto foi acontecer? O olhar de horror no rosto de Leo assim que a viu disse a Ffion tudo o que ela precisava de saber. Não podem trabalhar juntos, embora Ffion ainda não tenha percebido como é que vai sair disto. Desculpe, chefe, é que acidentalmente fui para a cama com o detetive que me designou para trabalhar. Há alguma hipótese de troca?

— Obrigado, Leo. — Ffion envolve o seu tom num sorriso inocente. A patologista arqueia-lhe uma sobrancelha, mas Ffion ignora a pergunta subentendida.

— Alguma ideia acerca da causa da morte? — questiona ela, em alternativa.

— Abstenho-me de tirar já conclusões. Qual é o nome da sua pessoa desaparecida?

— Rhys Lloyd — diz Leo, antes de Ffion o conseguir. Ela olha-o, a cabeça ainda rodopia. Isto é tudo tão estranho. Tão horrível. — É um cantor — continua Leo. — Originalmente de Cwm Coed. — Pronunciou o nome como cum co-ed. Ffion quer corrigi-lo. É com coy-d, na verdade. Ela quer dizer muitas coisas, mas está fixada no corpo que na gaveta comprida desliza pelas mãos de Izzy para fora do frigorífico.

— Não tinha a certeza de quanto tempo ia demorar, e não o queria a descongelar. Tudo o que preciso agora é que os vossos chefes resolvam a quem envio a fatura.

Leo vira-se para Ffion.

— O corpo foi encontrado do seu lado.

— Ele desapareceu do seu. — Com a Cwm Coed tão próxima da Inglaterra, o trabalho transfronteiriço é inevitável: Ffion, em várias ocasiões, já tinha levado a Cheshire corpos revestidos de Teflon.

— Lloyd é proprietário de uma estância de férias no lado inglês do lago — explica Leo a Izzy. — Foi lá visto pela última vez numa festa ontem à noite.

— No The Shore — diz Ffion, embora nenhum dos dois esteja a ouvir. — Tem estado há vários anos sujeito a uma disputa de planeamento.

Izzy puxa o lençol e os três olham para o cadáver.

— Ele não está em muito bom estado — diz. Engole o que soa a um arrotto, pressionando os dedos nos lábios e fechando os olhos, permanecendo perfeitamente imóvel durante vários segundos. — Desculpem-me. — Abre os olhos quando Ffion se prepara para lhe perguntar se está bem. — Estive até às três a jogar ao Cards Against Humanity, e aquele último copo de vinho do Porto se calhar foi um erro. Bom, vamos lá ver se este é o seu cantor.

O cadáver está nu. De peito largo, exibindo abdominais bem delineados, apesar do estado lastimável, e linhas de bronzado a insinuar as férias que a Ffion nunca poderia pagar. Um corte profundo divide-lhe o rosto em dois. Ffion solta um lento e profundo suspiro.

— Ensaquei-o e etiquetei-o no local, raspei-lhe o interior das unhas, cotonetes, blá, blá. — Izzy acena com uma mão em direção

ao banco corrido que percorre o comprimento da sala. — Os bens e a roupa estão ali, se se quiser dar uma olhadela. Belo fato, sim senhor. Não se arranja alfaiataria de Savile Row por estas bandas, com toda a certeza.

Ffion caminha em direção aos sacos selados, contente com a desculpa de poder olhar além do cadáver. O smoking está sobre uma prateleira, o fedor do lago e a morte emanam do tecido. Ffion repara no reflexo dos botões de punho dourados e avança, o estômago recorda-lhe que vodka e vinho não se misturam.

Atrás dela, Leo abre uma pasta, o som do fecho ecoa na acústica implacável do necrotério. Retira uma folha de papel.

— A mulher de Lloyd deu-nos uma descrição. Um metro e oitenta, cabelo escuro, olhos castanhos...

Após cada atributo, Leo e Izzy vão verificando as características relevantes no corpo que repousa entre os dois, um macabro jogo de pares que revira o estômago de Ffion.

Na estreita mesa de aço inoxidável, estão dois sacos mais pequenos, um contendo um anel com um selo dourado; no outro, o smartwatch de Lloyd.

— Vou pedir à equipa técnica para retirar os dados da sua conta Apple. — Ffion volta-se para os outros e obriga-se a olhar para o corpo. — Deve dar-nos os seus movimentos e, se ele tiver a aplicação de saúde instalada, podemos ver a que horas o coração parou.

— Vai tornar-me redundante — diz Izzy.

Leo desliza um dedo para o próximo item da lista.

— Cicatriz do apêndice.

— Ora aqui está — diz Izzy, apontando para a linha diagonal acima do osso do quadril direito do homem.

Ffion sente-se subitamente quente.

— Sinal debaixo do seu mamilo esquerdo? — questiona Leo.

— Certo.

— Cicatriz na sua...

— Coxa direita — corta Ffion abruptamente. — Podemos deixar de brincar às séries de televisão? Acho que é bastante óbvio que

temos uma identificação positiva, não é? Este é Rhys Lloyd. Ponto final. — Sem voltar a olhar para o corpo, Ffion vira-se e sai da sala.

Lá fora, acende um cigarro e inspira o fumo com força. Depois, liga ao chefe, mantendo a voz bem viva. Como se o problema não fosse importante.

— Não vou poder fazer este trabalho, chefe. Conflito de interesses.

— Como assim? — O inspetor Malik parece distraído. É o chefe da Ffion há pouco mais de um ano, mas, devido à topografia da área, ela não esteve com ele mais do que umas poucas vezes.

— Conheço a vítima.

— Ffion, você conhece toda a gente em Cwm Coed. Há seis meses, apresentou provas contra a sua própria tia.

Ffion olha fixamente para a ponta do cigarro, a ponta incandescente a consumir o papel.

— Ela apanhou seis meses, por fraude.

Mas Ffion não vai ganhar esta. A tia Jane não é uma parente próxima, qualquer coisa como a mãe da prima em segundo grau, embora ela e Ffion partilhem de facto uma árvore genealógica.

— Sim, mas...

— A vítima pertence à sua família imediata?

— Não, mas...

— Então, fica com a missão. — O inspetor Malik desliga, e Ffion dá uma última e furiosa passa no cigarro, antes de o esmagar na parede e de o atirar para os arbustos. Merda. Olha fixamente para o telemóvel. Nada da Mia.

Ffion desliza para o lugar do condutor do Triumph Stag. O carro é mais velho do que ela, uma fonte constante de discussões durante o seu casamento de curta duração. Avaria regularmente, luta em colinas e tem tantas fugas como um Julian Assange; e ostenta um buraco na zona dos pés que deixa entrar ar pela saia acima da condutora. Mas, também, Ffion nunca usa saias. Comprou o carro

com o dinheiro que o pai lhe deixou, e teria sido amaldiçoada se o trocasse por algo mais prático, apenas para agradar ao marido.

— Não podemos levar miúdos nisto — dissera ele. — Não é seguro.

— Não quero miúdos — respondera Ffion, e isso fora o princípio do fim. Ele tinha tentado persuadi-la, e depois tentara aceitá-lo, mas, dezoito meses mais tarde, Ffion estava a enfiar as roupas na mala do Triumph para voltar a viver com a mãe.

O vento abana as janelas, assobiando através das fendas à volta das portas. Ffion encosta a testa ao volante de cabedal e deixa sair um longo e lento suspiro. Então, é verdade: Rhys Lloyd está morto. Está realmente morto.

Graças a Deus por isso.

³ Departamento de Investigação Criminal, em inglês com a sigla CID. (N.T.)

⁴ «Selvagem» (N. T.)

QUATRO

Dia de Ano Novo: 23h25 | Rhys

Rhys Lloyd está com a pior ressaca de sempre. A cabeça lateja, e a pele arrepia-se com algo que se assemelha a uma gripe. O vômito permanece-lhe na garganta. Pisca os olhos na escuridão.

Que horas são?

Ao longe, ouve os sons da festa, música, risos. Recorda-se agora: saiu cedo, em busca da sua cama.

Só que não está na cama.

Não há a almofada macia debaixo da cabeça, e algo duro crava-se-lhe as costas.

Onde está ele?

Sente uma dor aguda entre os olhos, e alguma coisa pegajosa e molhada escorre-lhe pelo nariz. Sente um vento frio no rosto, e depois algo ainda mais frio.

Rhys está no exterior.

Terá ido para a varanda do quarto, para apanhar ar, mas adormeceu?

Consegue ouvir o lago. Era reconfortante no início, habituou-se ao som, quando comiam no deque, ou quando se deixavam adormecer junto às janelas entreabertas. Mas isto não é o suave bater das ondas na margem, escutadas desde a varanda, ou através de uma janela. O lago está mesmo aqui, à sua volta. Move-se ritmicamente, insistentemente. Salpica-lhe o rosto.

O que faz ele aqui?

Terá sido sonambulismo?

Ouve uma voz, e quer gritar, caso o dono dela não perceba que ele está aqui, rodeado de água, mas o corpo não obedece. A dor está a engoli-lo inteiro e a água está à sua volta, e, quando

consegue um fraco e patético puxão do seu corpo, apercebe-se que está demasiado fraco para se mover.

E é nesse momento que Rhys percebe que está prestes a morrer.

CINCO

Dia de Ano Novo | Leo

Leo percorre a Wikipédia enquanto se dirige da morgue para o carro. Rhys Lloyd fora muito respeitado no ramo da música. Há já algum tempo que não estava nas tabelas de vendas — o top dez parece-se com um fluxo constante de bandas de fabrico em série e «talento fresco» —, mas, uns anos antes, o tipo era um ídolo. Prémios à esquerda, à direita e ao centro, e trabalho de caridade, também: a tocar para uma sessão humorística numa versão parodiada de *The Pirates of Penzance* para a *Children in Need*. Lloyd era da classe trabalhadora — que hoje em dia todos adoram — e, apesar de aparentemente ter perdido o sotaque, falava brilhantemente em entrevistas sobre a sua educação «idílica» no Norte do País de Gales.

Lloyd era a definição do rapaz que chegou de mendigo a milionário, arrancado da obscuridade quando o agente de Lesley Garrett estava de férias em Llangollen, e aparecera no festival de Artes de Eisteddfod à procura de uma casa de banho. Nos anos que se seguiram, lançou muitos álbuns, incluindo um êxito de Natal com Leona Lewis, fazendo a ponte da ópera ligeira e do teatro musical para um tipo de música mais próximo do género que provavelmente Leo ouviria. De facto, Leo apercebe-se, ao verificar a lista de canções, de que já ouvira algumas. Que tinha, até, gostado.

A banheira de ferrugem castanha que Leo tinha visto quando chegou pertence a Ffion. Encontra-se sentada no lugar do condutor, a olhar para o vazio. Leo bate no vidro e Ffion passa alguns segundos a tentar descer o vidro, antes de desistir e sair.

— Sentes-te melhor?

Ffion franze-lhe o sobrolho.

— Algumas pessoas põem Vicks VapoRub à volta das narinas — diz Leo. — Para tirar o cheiro.

— Obrigado, Columbo, mas este não é o meu primeiro caso.

— Pensei que talvez... quero dizer... — Leo enfia as mãos nos bolsos. Porque é que Ffion está a ser assim? Ela tinha sido divertida ontem à noite, tinham-se rido à gargalhada. — Acho que aqui não se cometem muitos crimes, é só isso.

Ffion acena efusivamente com a cabeça.

— Sim, é tudo muito discreto no Norte do País de Gales. Na sua maioria ovelhas, como seria de esperar. Se não estamos a tosquiá-las, ah, estamos a roubá-las!

— Estás a gozar comigo.

— Não, tu estás a gozar comigo, meu, a recorrer a estereótipos fáceis. Para tua informação, estive aqui na semana passada por causa de uma autópsia de uma mulher que se tinha alvejado na cara. O resto da semana estive em tribunal com um assalto à mão armada. Então, já chega de «ai como eu sou importante», OK?

A Leo ocorre-lhe um pensamento súbito. Será isto porque não lhe enviou uma mensagem? Tinha-lhe pedido o número depois de terem concordado, já bêbados, ir juntos às Alton Towers, que seria oh meu Deus tão engraçado!, e ela tinha-lho escrito no telefone. Esta manhã, depois de Ffion ter deixado o apartamento e conduzido para casa, esperava sem dúvida uma mensagem dele. Desculpa, estava a dormir quando saíste... foi muito fixe... quando estás livre novamente? Esse tipo de coisas.

Leo respira fundo.

— Olha, penso que precisamos de desanuviar o ambiente. A noite passada foi... — Ele detém-se. A palavra certa é importante. Nem trivial, nem significativa. — Divertida — resolve dizer. O canto da boca de Ffion arqueia-se num meio sorriso. Merda, será «divertido» demasiado significativo? Ele não lhe quer dar esperanças.

— Sim, foi.

O espírito de Ffion suaviza e Leo sentir o mesmo calor que sentiu quando a viu pela primeira vez na pista de dança, na noite anterior. Havia uma espécie de eletricidade nela, como se o cabelo

pudesse ficar em pé se nos aproximássemos demasiado. Ffion também não se tinha posto com brinquedos; limitou-se a devolver-lhe o olhar de forma fria, até mesmo fixante, depois parou de dançar e caminhou até ele.

— Está calor, não está?

— Muito — respondera Leo. — Apetece-te apanhar ar?

— A questão é — diz ele agora —, quer dizer, não é que não sejas, é só que... — Leo vacila. O rosto de Ffion contorce-se. Será que vai chorar? Porra. — Não estou realmente à procura de uma relação. — Ele termina demasiado depressa, as palavras vão ganhando volume, por isso praticamente as últimas são gritadas.

— Eu também não. — Ffion abana bruscamente a cabeça, como se a concluir uma reunião de negócios. — Então, está resolvido. — Ela aponta para a morte. — Alguma dica sobre a causa da morte?

Leo não sabe se Ffion está genuinamente de acordo com isto, ou apenas a esconder os sentimentos, mas, de qualquer forma, sente-se grato por estar de volta a território mais confortável.

— Sabes como são os patologistas — diz ele. — Poderia haver uma faca espetada nas costas do tipo e eles continuariam a reservar os palpitantes até ao inquérito.

Ffion esboça um sorriso ténue.

— Vou ver a esposa a caminho de casa. Yasmin Lloyd é o parente mais próximo, certo?

— Sim, mas... — Leo hesita. — Bem, é que ela está no The Shore.

— E então?

— Então, tecnicamente aquilo é em Inglaterra. A minha zona — acrescenta ele, quando Ffion não diz nada.

— Tecnicamente, sim, mas Rhys é de Cwm Coed. A mãe dele, a Glynis, ainda vive lá. E está literalmente à minha porta. Por isso, eu...

— Vamos juntos — diz Leo, com uma determinação invulgar. Se isto se revelar um caso com sumo e Leo o deixar ficar para outra pessoa, Crouch nunca o deixará esquecer-se disso.

Faz-se uma longa pausa enquanto cruzam o olhar, depois Ffion volta-se com um suspiro presumivelmente destinado a sugerir que

tanto lhe faz.

— Muito bem. Segue-me. Liga-me se te perderes. Eu dou-te o meu número.

— Já o tenho, lembras-te? — Leo tira o seu telemóvel. — Telefono-te agora, depois também ficas com o meu. Ele percorre os contactos até encontrar o HARRIET NYE, e marca o número.

Instantaneamente, Ffion ruboriza. Leo tem vontade de bater em si próprio. Agora os dois sabem que não pode fingir que não tinha o número dela e que essa teria sido a razão pela qual não lhe enviou uma mensagem...

Porque é que o telefone dela não está a tocar?

Leo encosta-o ao ouvido, para verificar se está a funcionar.

Obrigado por ligar para o showroom. Os nossos escritórios estão fechados durante as férias, mas, se desejar reservar um test drive, por favor deixe o seu nome e número e entraremos em contacto consigo assim que reabrirmos.

Um longo e desconfortável silêncio cai entre Leo e Ffion, antes que ele consiga desviar o olhar do telefone. Ffion sorri, embaraçada.

— Foi realmente divertido. E não é que não sejas, quer dizer, é apenas que... — Os seus olhos brilham, ao imitar os esforçados gestos dele quando lhe tentava suavizar a desilusão.

Leo esboça um sorriso amarelo. Ffion mantém um olhar fixo sobre ele, depois sorri.

— Vamos começar de novo, OK?

Leo acena com a cabeça firmemente.

— Bom plano.

— Vamos esquecer o que aconteceu ontem à noite e concentrar-nos no trabalho, sim? — Ela pisca o olho. — Esquece que nos vimos nus.

É impossível, pensa Leo, enquanto segue o pequeno Triumph para fora do parque de estacionamento, não pensar naquilo que é suposto esquecer, quando isso acabou literalmente de lhe ser lembrado.

Ffion conduz como se estivesse a fazer uma perseguição com sirenes a um assalto em curso. Atira-se com o Triumph nas curvas,

lançando-se por cima dos buracos da estrada. Não admira que o pobre carro pareça estar a cair aos bocados. Leo segue mais suavemente enquanto o Triumph salta sobre uma ponte curva — uma nesga de céu entre os pneus e o alcatrão — antes de virar à esquerda para subir a estrada que leva à Cwm Coed.

A estrada estreita e sinuosa é escavada a partir da encosta da montanha, com zonas de passagem dos dois sentidos a intervalos regulares. As ovelhas aparecem subitamente na beira, ou vagueiam descuidadamente de um lado para o outro, e Leo abranda. Não havia neve antes, mas, aqui, um trilho de neve polvilha as estradas e acumula-se nas fendas das rochas. À medida que a inclinação se acentua, o carro de Ffion abranda para ritmo de passeio, e Leo segue atrás. Pelo sistema de mãos livres, pensa ligar novamente a Allie, mas, obviamente, não há rede.

Como vivem as pessoas em lugares como este? Na verdade, porque vivem em lugares como este, onde não se pode chegar a lado nenhum a não ser de carro e é preciso descer uma montanha a pé para se conseguir sinal no telefone? Leo já tinha achado a mudança de Liverpool para Chester suficientemente penosa, esforçando-se para se adaptar a uma área com mais campos do que fábricas, mas Allie tinha querido ficar mais perto dos seus pais quando Harris nasceu.

Em termos de carreira, a transferência para Cheshire fora pensada como uma jogada astuciosa. Peixe maior, lago mais pequeno. Ao fim de seis meses, Leo estava no DIC, candidatou-se com sucesso para os Crimes Graves no ano seguinte e esperava uma promoção dentro do departamento. Não tinha contado com o inspetor Crouch, que antipatizara de imediato com ele. Acalma-te, acalma-te, gosta Crouch de dizer sempre que Leo abre a boca numa reunião, acompanhado do gesto com as palmas das mãos abertas numa pobre imitação da personagem de Harry Enfield da série humorística dos Scouse. Será que o resto da equipa se ri porque ele tem graça ou porque lambem o cu ao chefe? Seja como for, o maxilar de Leo contrai-se sempre, inconscientemente, dando razão à estúpida imitação de Crouch.

Considerou voltar atrás, após o divórcio. Pensou longamente na familiaridade da antiga corporação, voltar a tomar copos às sextas-feiras à noite e a jogar futsal aos domingos.

— Então, volta para Liverpool — tinha-lhe dito Allie, quando Leo o mencionou.

— Dessa forma, nunca conseguiria ver o Harris.

Allie encolhera os ombros, como se ele tivesse escolhido fazer a sua própria cama, quando afinal Leo já nem estava autorizado a deitar-se nela. Allie foi quem fez todas as escolhas. Escolhas como onde viviam, onde e quando saíam. Escolhas como ir para a cama com o marido da sua amiga, e depois acabar com o casamento com Leo.

— Mais valia estar em Liverpool — murmura agora Leo, desviando-

-se de uma carrinha cheia de fardos de palha, perigosamente perto do baixo separador entre a estrada e o penhasco escarpado do outro lado. Tinha previsto ficar com Harris em fins de semana alternados, e talvez uma noite por semana. Contudo, depois do Dominic se ter mudado lá para casa, Allie decidiu que poderia ser perturbador para Harris dormir em todo e qualquer lugar, exceto em casa. Leo tinha de ir buscá-lo às nove, esperar junto da porta da casa cuja hipoteca pagara, e trazê-lo de volta às seis. Se Leo fosse recrutado para trabalhar no fim de semana, perderia esse sábado com Harris: pelos vistos, também era perturbador mudar de fim de semana. Como Allie adora essa palavra. Lentamente, tornou-se perturbador ir buscar Harris antes das onze, ou devolvê-lo depois das duas. Leo finalmente compreende porque há tantos pais sozinhos com os filhos no McDonald's aos sábados à hora de almoço. Onde mais se poderia ir quando só são autorizadas três horas com o filho, fim de semana sim, fim de semana não?

Depois, claro, Leo tinha dado cabo de tudo. Bastou perder as estribeiras, uma única vez, apenas por um instante. E Allie nunca mais o vai deixar esquecer.

Depois de uma subida constante, e lenta, ao longo dos dezasseis quilómetros anteriores, a estrada começa a descer à sua frente, e o Triumph ganha ritmo, correndo pelo caminho sinuoso a

uma velocidade que Leo não se sente inclinado a seguir. Desvia o pensamento para longe de Allie e de Harris, e trá-lo de volta para Rhys Lloyd, e para a mensagem que está prestes a entregar à família do homem. Havia pouco na Internet sobre ela. As filhas gémeas têm quinze anos; a mulher de Lloyd, Yasmin, tem quarenta e seis anos, a mesma idade que o marido. É uma consultora espacial, seja lá o que isso for. Terá algo que ver com a NASA?

A estrada desenha uma curva apertada para a esquerda, antes de descer abruptamente. À medida que a vista se descobre, Leo sente a boca a abrir-se. O lago é uma letra S alongada no fundo do vale, delimitada por uma floresta densa e escura. À volta, o bosque cobre colinas íngremes, fazendo com que as árvores ao longe pareçam ter cem metros, erguendo-se sobre o lago.

O próprio lago Mirror é um reflexo prateado sob a fina luz do sol. No extremo oposto, uma vasta montanha, picos cobertos de neve, meio encobertos por um redemoinho de nuvens. A fronteira entre a Inglaterra e Gales corre em linha reta pelo meio do lago, e é estranho que seja tão invisível; que a água não sustente qualquer sinal de onde termina um país e começa outro.

Os ouvidos de Leo estalam à medida que a estrada desce ainda mais, até ele deixar de poder ver o lago, apenas as árvores a fecharem-se em cada um dos lados. Ffion trava com força, virando tão rapidamente à esquerda num entroncamento que o Triumph desliza para o lado oposto da estrada. Leo segue-a. Este é o lado inglês do lago, uma estrada sem marcas que se vai estreitando gradualmente até se tornar numa só pista. De vez em quando, as árvores abrem clareiras em redor de pequenas enseadas, o lago resplandece sob o sol do inverno.

Seria uma boa caminhada num dia de sol, supõe Leo. Se gostasse desse tipo de coisas. Talvez no próximo verão Allie já o tenha perdoado; talvez o deixe levar Harris durante um dia inteiro; quem sabe, durante um fim de semana. Poderiam remar, ou comprar um dessas redes e ver o que conseguiriam pescar.

É trazido à realidade por uma curva larga, flanqueada por enormes pilares. Enormes letras de madeira estão posicionadas ao longo dos primeiros vinte metros do acesso que conduz à entrada.

THE SHORE.

Leo levanta o pé do acelerador. Não se consegue ver o resort a partir da estrada principal, mas uma placa à esquerda torna bem claro que o local é Propriedade Privada. As sebes cortadas percorrem ambos os lados do passeio, e a cada poucos metros os postes rústicos suspendem lâmpadas discretas que iluminam o percurso quando cai o crepúsculo. Isto, sim, já é outra coisa, pensa Leo, seguindo o Triumph de Ffion pelo complexo. Elegante, luxuoso, e sem ovelhas à vista.

À medida que se aproxima do fim da viagem, o espaço alarga-se para dar lugar ao estacionamento. À direita, aninhados nas árvores, há vários lugares de estacionamento para visitantes, e Leo encosta ao lado de Ffion.

— Horrível, não é? — pergunta-lhe Ffion, quando ele sai. Leo está demasiado ocupado a olhar para as habitações para responder. Estão construídas diretamente na margem do lago, cada uma possui um caminho estreito que conduz da porta da frente até um lugar de estacionamento privado marcado por uma iluminação discreta. As casas são revestidas a madeira, o grão da madeira deixado naturalmente sob a influência do clima, e com os pinheiros como pano de fundo, Leo poderia pensar que se encontrava na Suíça, e não no Norte do País de Gales. Estão alguns graus mais frio aqui do que em Chester, Leo puxa para cima a gola do seu sobretudo.

— Até aos anos setenta, isto era tudo do País de Gales — diz Ffion. Depois, mexeram nos limites do condado e deslocaram a fronteira. Este bocado — diz, apontando com o braço, delineando a faixa de terra onde os alojamentos assentam — pertenceu ao pai de Rhys Lloyd, Jac Lloyd. Havia uma barraca de pesca em redor de onde estamos parados, chamada Ty'r Lan. Casa da Margem — traduz ela, vendo a pergunta desenhar-se nos lábios de Leo.

A
Atrás deles, mais árvores foram abatidas, presumivelmente para dar lugar aos outros alojamentos que Leo vira no site da estância de férias.

— Fizeram um bom trabalho — declara ele.

— Sabes o que está debaixo daquela madeira? — Ffion caminha para o fim da fiada de casas. — Blocos de cimento. É tudo a fingir, como num cenário de filme. A ideia de um realizador de Hollywood de como deve ser a vida à beira de um lago.

— Mas até está fixe. — É um eufemismo: o lugar é incrível. Um estacionamento coberto para velocípedes contém meia dúzia de imaculadas bicicletas de montanha em verde-floresta, com letras branco-sujo nos quadros a proclamar: É a vida no The Shore! As portas da frente dos alojamentos são pintadas no mesmo verde-escuro.

Ffion sobe pelo caminho até ao número cinco, enquanto Leo verifica na sua papelada qual a pousada que pertence aos Lloyd.

— Deixou muita gente ofendida — diz ela, continuando a dar-lhe informações sobre a história do lugar. — Os habitantes locais prepararam uma petição para pelo menos se manter o nome original Ty'r Lan, mas aparentemente os nomes galeses são demasiado difíceis de dizer para os ingleses. — O tom de Ffion é mordaz.

A
— Eles às vezes conseguem ser um bocadinho...

— Mas desenrascam-se bem a pronunciar Cholmondeley, não é? — Ela cala-se por um instante. — Bem, pronto... — Ffion olha à volta. — É chique nas aparências, mas foi tudo feito a baixo custo. Os construtores prometeram dar emprego aos locais, mas depois chegaram autocarros carregados de trabalhadores a contratos precários. Todo este lugar é mais falso que uma nota de quatro libras.

Leo pensa no seu apartamento de merda e pergunta-se até que ponto a falsificação é uma coisa assim tão má. Segue atrás de Ffion pelo caminho, mas, quando chegam à porta, ela afasta-se.

— Acho que agora é a sua deixa, detetive Brady.

Leo não tinha ainda erguido a mão para tocar a campainha quando a porta se moveu, aberta por uma adolescente com um olhar tão cheio de esperança que Leo mal a consegue encarar. Uma segunda rapariga, idêntica à primeira, vem a correr para a porta, parando a curta distância assim que vê Leo.

— Não é ele — diz a primeira rapariga. Começa a chorar, e a irmã (estas são presumivelmente as gémeas Lloyd) envolve os braços à sua volta. Voltam para dentro do alojamento, ainda agarradas uma à outra.

Leo olha para Ffion, depois segue as raparigas até ao interior.

Além do pequeno salão, o rés do chão do alojamento é um open space. A parte da frente do espaço, mais próxima do salão, é ocupada por dois sofás de cabedal branco, posicionados em ângulo reto à volta de um fogão a lenha, e o que parece ser um projetor. No canto da cozinha encontra-se uma grande árvore de Natal, as luzes estão apagadas, e, paralelamente ao lugar das portas duplas envidraçadas que conduzem ao deque, há uma mesa de zinco, riscada artisticamente e rodeada por oito cadeiras de metal de cores diferentes.

— Já o encontraram? — Uma mulher de cabelo grisalho está junto a um armário aberto, um pano da loiça amarrotado ao seu lado. No exterior, o céu escurece, nuvens sombrias espalham-se pelo deque.

— É ele? — Uma segunda mulher, mais jovem, de tom de pele azeitona e cabelo comprido e liso, senta-se à mesa, agarra num telemóvel com uma mão. Veste um pijama, um roupão de seda que arrasta pelo chão.

— É a Sra. Lloyd? — pergunta Leo. Ambas as mulheres anuem com a cabeça e Leo fica momentaneamente confuso, antes de perceber que a mulher mais velha deve ser a mãe do homem morto, Glynis Lloyd. Ela muda-se para se sentar ao lado da nora, tremendo ao puxar de uma cadeira.

— Sou o detetive Leo Brady, do Departamento dos Crimes Graves de Cheshire. Esta é a detetive Ffion Morgan, do DIC do Norte do País de Gales.

A rapariga que chora explode em soluços ainda mais altos.

— Tabby, por favor... — A voz de Yasmin Lloyd sai-lhe quebrada. Olha para Leo de forma sombria. — É ele, não é? — pergunta em voz baixa.

Ffion põe uma mão numa cadeira em frente das duas mulheres.

— Posso? — pergunta. Senta-se, procurando contacto visual com a mulher mais velha, que acena com a cabeça em reconhecimento. Trocam palavras em galês, e Leo ouve repetir o seu próprio nome. Está quente no alojamento, abafado, e, apesar do frio lá fora, ele deseja que alguém abra as grandes portas e deixe entrar algum ar. Tabby choraminga, uma nota aguda de luto e de lamento que deixa os pelos na parte de trás do pescoço de Leo arrepiados.

— Está em todo o lado no Twitter — declara Yasmin. — Encontraram um corpo no lago. — Respira devagar. — É do Rhys? Leo fita-a.

— Pensamos que sim. Lamentamos imenso.

Yasmin fecha os olhos, agarrando-se à borda da mesa até os nós dos dedos ficarem brancos. Tabby cai numa cadeira, soluçando com tanta força que tem de se esforçar para respirar. A sua irmã gémea fica paralisada no local, abanando a cabeça vezes sem conta.

— Vamos precisar de alguém para identificar formalmente o corpo — profere Ffion.

Glynis Lloyd está a tremer, a cadeira balança contra o mosaico do chão. O sangue esvaiu-se-lhe do rosto e Leo mantém um olhar atento para o caso de ela entrar em choque. Deve ter sessenta e muitos. Não é velha, mas nenhum pai espera ter de enterrar um filho.

— Eu... — começa Yasmin, mas a voz atraíçoa-a. Recompõe-se e tenta novamente. — Devia ser eu a fazer isso.

— Eu levo-a — diz Leo. — Precisamos de falar com os seus vizinhos, por isso, por favor, leve o tempo que quiser. Eu sei que isto deve ser um choque.

— Ele ainda agora estava aqui — diz Yasmin, meio para si própria.

A gémea de Tabby começa a chorar.

— Não acredito nisto.

— Felicia, cariad⁵. — Glynis estende os braços para a adolescente, mas a jovem não se mexe. A avó fala com Ffion em galês.

Ffion responde em inglês, uma concessão a Leo e Yasmin, assume Leo.

— Só saberemos isso depois da autópsia. — Volta-se para Yasmin. — Quando foi a última vez que viu o seu marido?

Yasmin está lívida.

— Ontem à noite. Eram dez, talvez? Eu...

— Devias ter chamado a Polícia quando ele não veio para a cama! — diz Tabby de repente, lágrimas de raiva mancham-lhe o rosto. — Mas não te importaste, pois não? Mesmo esta manhã, quando disse que o pai estava desaparecido, disseste que ele ia aparecer, e agora... — Esmorece de novo, enterrando o rosto nos braços.

— Sra. Lloyd — continua Leo —, o seu marido estava em forma e bem quando o viu pela última vez?

— Sim. — Yasmin olha de relance para a sogra. — Embora não exatamente bem.

— Estava doente? — Leo abre o caderno de notas. A patologista vai querer saber sobre sinais de doença. Talvez Lloyd tenha morrido de causas naturais. Mandamo-lo de volta para o País de Gales, dissera o Crouch, mas Leo não pode fazer isso se Rhys tiver morrido no The Shore.

— Pode dizer-se que sim. Foi — Yasmin fecha os olhos por um segundo — autoinfligido. Estava muito bêbedo. Mas era véspera de Ano Novo — acrescenta ela, um pouco defensivamente.

— Lamento perguntar isto — diz Leo —, mas qual era o estado de espírito de Rhys ontem à noite?

Yasmin levanta a cabeça e olha-o profundamente.

— Está a sugerir que ele cometeu suicídio?

Ouve-se um suspiro abafado de Glynis.

— O pai não estava deprimido. — Tabby funga com força. — Porque é que ele se iria matar?

— Talvez alguma coisa o tenha perturbado. — Felicia fala entre dentes, um tom de aspereza percorre-lhe as palavras. Olha para a mãe, que parece desconhecer a súbita mudança de humor da filha.

— Como o quê? — Leo dirige a pergunta a Felicia, mas é Yasmin quem responde.

— O Rhys estava bem. Apenas bêbado. Como eu disse: havia uma festa.

— Ele tinha algum problema de saúde? — pergunta Leo.

Yasmin abana a cabeça.

— Era muito saudável. Tinha de ser. As pessoas não se apercebem do quanto é preciso estar em forma para cantar a um nível profissional.

— Ele tomava drogas? — pergunta Ffion. Um súbito olhar de relance atravessa-se entre Tabby e Felicia.

— Nem pensar. — A resposta de Yasmin é demasiado rápida. Leo toma nota para solicitar um trabalho urgente sobre toxicologia.

— Ter-se-ia desentendido com alguém? — pergunta Ffion.

— Todos adoravam o pai. — As palavras de Tabby são pontuadas pelos soluços. — Ele era o homem mais simpático do mundo. — Felicia coloca os braços à volta da irmã, mas Leo pensa ter visto raiva nos seus olhos antes de os rostos de ambas as raparigas se perderem no abraço.

Pode ser alguma coisa ou nada, pensa Leo. Há sempre alguma relutância da família para admitir uma discussão, mesmo trivial — especialmente quando trivial —, ademais quando um ente querido é encontrado morto. O falecido é sempre um cônjuge ou um pai amoroso; as suas relações são sempre imaculadas de discussões mesquinhas. São tantas as vítimas capazes de iluminar uma sala antes de as suas vidas serem eliminadas, que até admira que a Companhia da Eletricidade ainda não tenha falido.

A Yasmin engasga um soluço.

— Não consigo acreditar que ele morreu.

— Lamento imenso — diz Leo.

— Lamentas? — explode Tabby, com tal vigor que Leo instintivamente se contrai, como quando se sente que algo está prestes a acontecer. Mas, embora os punhos da rapariga estejam

cerrados, e os seus olhos brilhantes, os lábios tremem-lhe e as lágrimas correm-lhe. — Lamentas muito? Apesar de o pai vos ter dito que tinha um perseguidor e de não terem feito nada a esse respeito? Mas agora lamentam?

— Um perseguidor? — Ffion olha para a rapariga.

— Querida, eu não acho...

— Eles enganaram-te, mamã. E agora o pai está morto! — Os soluços violentos engolem o que poderia ter dito a seguir. Ela corre para o andar de cima, a casa treme com a força dos pés nos degraus. A irmã segue-a e, por um segundo, tudo fica em silêncio.

Leo faz um novo apontamento.

— O seu marido tinha um perseguidor?

— Está a ser tratado pela Polícia Metropolitana. Nunca descobriram quem era a responsável. No entanto, nunca foi nada de grave, apenas coisas online. Haters da Internet, sabe? Ossos do ofício.

— Não foi isso que o Rhys disse. — A velha Sra. Lloyd fala de forma vacilante, olhando de soslaio para Yasmin, que continua a olhar em frente como se a outra mulher não tivesse falado. Há um silêncio desconfortável, cortado por Ffion ao falar a língua materna da mulher mais velha.

— Beth ddywedodd⁶...

— Já chega da porra do galês! — interrompe Yasmin, semicerrando os olhos e abanando a cabeça. — Desculpe. Desculpe. Ponto sensível. — Ela olha para a sogra. — Glynis estava desesperada para que criássemos as miúdas no bilinguismo.

— Faz parte da sua herança, é tudo. — Glynis Lloyd mantém os olhos fixos sobre a mesa.

— Talvez se Rhys tivesse estado presente desde o início...

— Ele estava em digressão — diz Glynis, calmamente. — Era difícil mudar fraldas a partir de Itália, não?

Leo corta a conversa.

— O que é que o Rhys lhe disse sobre o seu perseguidor, Glynis?

— Que alguém estava obcecado por ele. Que o tinham ameaçado.

Ffion vira-se para Yasmin.

— É verdade?

Yasmin hesita, depois acena com a cabeça.

— Guerreiros do teclado. Não os levámos a sério.

— Vamos voltar a olhar para isso — diz Leo. — No caso de... —
Deixa a frase inacabada. Há algo no rosto de Yasmin que não consegue decifrar. Desde o andar de cima, o som das gémeas a soluçar pulsa através do teto.

— Eu vou lá. — Glynis Lloyd afasta para trás a cadeira, as pernas de metal a guinchar contra o chão de azulejos. Ela espera um segundo, como se não se lembrasse bem por que razão estava de pé, antes de atravessar a sala com lágrimas no rosto.

— Isto vai dar cabo dela — diz Yasmin, depois de a sogra sair.
— Não tem sido a mesma desde que o pai de Rhys morreu, e agora isto... — Interrompe-se, abanando a cabeça ferozmente, como se alguma coisa estivesse presa. — Lamento. É que... não parece real.

— Se não se sentir capaz de identificar o seu marido — começa Leo, mas Yasmin abana a cabeça determinada.

— Não, não, quero vê-lo. Tenho de vê-lo. Eu só... — Mexe no roupão.

— Claro que sim. Demore o tempo que precisar, Sra. Lloyd.

As lágrimas assomam sobre as pestanas inferiores de Yasmin.

— Obrigado.

— Já as conhecias antes? — pergunta Leo a Ffion, quando a porta da pousada se fecha. Lá em cima, ainda conseguem ouvir as gémeas, ou talvez a mãe de Rhys, a soluçar.

— O The Shore só abriu no final do verão.

— Isso é um não?

— Sim.

Leo olha para ela, exasperado. Já chegou a recolher mais informações num daqueles interrogatórios cuja resposta é sempre «sem comentários».

— E em relação a Glynis Lloyd?

— Ela é proprietária da loja de ferragens da aldeia. Vive por cima da loja.

— Então conhecê-la?

Ffion encolhe os ombros, como se a resposta fosse óbvia.

— É da terra. — Ergue as duas mãos, com os dedos apontando em direções opostas. — Queres ir às casas números três e quatro ou às números um e dois?

Leo está dividido entre o alívio por Ffion não querer fazer equipa e a apreensão sobre a forma de conseguir que ela solte o que sabe sobre o The Shore. Afinal, esta é, tecnicamente, a sua área de jurisdição policial.

— Três e...

Ffion já está a caminho.

No número três, Leo passa a mão cautelosamente pelo centro da porta à procura da aldrava. No interior, uma mulher grita. As palavras são indistintas, mas o sentimento por detrás delas é claro. Leo já esteve no lugar do alvo em suficientes situações semelhantes. Dá um murro com força, arranhando-se numa falha, e a gritaria para. Ouve passos.

— Sim.

Demora um momento a concentrar-se. Cresceu a ver o Bobby Stafford lutar e, apesar de não gostar de telenovelas, Stafford é imediatamente reconhecível como o pugilista do relaxado soco infalível no programa Carlton Sands, há muito em exibição.

— Hum, olá. — Leo apresenta o distintivo, e Stafford arqueia uma sobancelha.

Uma mulher junta-se a eles à porta, deslizando um braço à volta de Stafford.

— Quem é, querido? — Ashleigh Stafford é uma dessas celebridades famosas por ser famosa, saltando de um reality show de TV para outro, até ninguém ter a certeza de como começou. Embora pareça um pouco corada, não há nada que indique que Ashleigh ainda um minuto antes estivesse aos gritos. Encosta a cabeça no ombro do marido. É vários centímetros mais alta do que Bobby, e a pose parece desconfortável.

— É a Polícia — diz Stafford.

Os olhos de Ashleigh abrem-se mais.

- Encontraram o Rhys?
- Importa-se que entre?

O alojamento dos Stafford é idêntico ao dos Lloyd. A mesma cozinha, a mesma disposição, o mesmo mobiliário. A mesma vista. Leo caminha em direção às portas de correr, atraído para a vasta extensão de água. Será que Lloyd entrou no lago de livre vontade, ou foi forçado? Será que se debateu dentro de água, gritando por ajuda? A imagem refletida das árvores na margem oposta apresenta-as de pernas para o ar, esbatendo a linha entre o lago e a terra. Leo imagina Lloyd a deslocar-se de um lado para o outro, esforçando-se por se conservar à superfície, cada respiração mais frenética do que a última.

— Café? — oferece Bobby Stafford. A enorme e reluzente máquina de café ficaria melhor num Starbucks.

— Obrigado, mas não vou levar-lhe muito tempo. Um corpo foi retirado do lago ao início da manhã de hoje.

Pelas expressões do Stafford, torna-se evidente de que isso não é novidade.

— Ainda não foi feita uma identificação formal, mas acreditamos que seja o de Rhys Lloyd.

As mãos de Ashleigh levantam voo até ao rosto.

— Oh, meu Deus.

— Que merda — acrescenta Bobby.

Isto já parece ser novidade. Embora Leo se lembre de que Bobby é um ator, e Ashleigh é... é o quê, a Ashleigh? Uma influencer, diz a Wikipédia, o que também significa que está habituada a atuar para as câmaras, não é?

— Quando viu Rhys pela última vez? — pergunta Leo.

— Ele estava bastante bêbedo ontem à noite. — Ashleigh pega no café que Bobby lhe dá, segurando-o com as mãos. — Vi-o a vomitar nos arbustos.

— A que horas foi isso?

— Dez? Onze? — diz Ashleigh, com pouca convicção.

Leo olha para Bobby, mas o antigo pugilista encolhe os ombros.

— Não me pergunte a mim, amigo. Eu não o vi.

— Em nenhum momento?

— Havia muita gente a festejar ontem à noite. Eu estava a conversar. A beber. A divertir-me.

Leo sente um certo tom defensivo na voz de Bobby Stafford, e um pequeno vislumbre de ressentimento no olhar fuzilante que a mulher lhe deita. Lembra-se da pergunta que deixou a meio.

— Estavam os dois juntos na festa?

— Não — responde Bobby, ao mesmo tempo que Ashleigh responde «sim». Leo aguarda. — Um bocadinho de ambas as respostas — acrescenta Bobby.

Passa-se aqui alguma coisa que Leo não consegue decifrar.

— Como é que Rhys se dava com os outros residentes do The Shore?

— Muito bem, acho eu. — Uma vez mais, aquela mesma reação de reserva por parte de Bobby.

— Não gostavas dele, pois não, querido? — Ashleigh está a olhar para o lado, mas Leo repara num pequeno sorriso no canto do lábio dela. Bobby mata a mulher com o olhar.

— É verdade, Sr. Stafford?

Bobby prende o olhar de Leo.

— Eu não tinha muito que ver com ele.

— Mas não gostava dele?

— Por amor de Deus! Será que isso importa?

Leo espera o tempo necessário até Stafford se sentir suficientemente desconfortável.

— Um homem morreu, Sr. Stafford. Possivelmente assassinado. Penso que definir quem não gostava dele é bastante importante, não acha?

— Assassinado? — Ashleigh suspira, tem os olhos bem abertos, em aparente choque, e Leo insulta-se mentalmente. A posição oficial sobre qualquer cadáver, até que um patologista forense confirme o contrário, é a de «inexplicável». Leo vai ficar em maus lençóis com Crouch se Ashleigh Stafford começar a mexericar.

— Eu e os meus colegas vamos recolher declarações de todos os que assistiram à festa ou viram o falecido imediatamente antes

da sua morte. — Leo entrega um cartão a Bobby. — Se entretanto se lembrar de alguma coisa, por favor, avise-me.

— Tem algum suspeito? — Ashleigh segue Leo até à porta.

— Tenho a certeza de que não preciso de lhe lembrar, Sra. Stafford, de que não deve fazer quaisquer observações online em relação à investigação policial.

— Tenho dois milhões de seguidores no Instagram. Tenho a responsabilidade de os manter atualizados.

O que pensava ela que era: uma correspondente de guerra?

— Imagino que deva ser complicado atualizar o seu estado nas redes sociais quando estiver a cumprir dois anos por desrespeito ao tribunal.

A boca de Ashleigh abre-se, mas Leo dirige-se para a casa ao lado.

Clemence Northcote, no número quatro, tem o cabelo curto com madeixas de rosa e púrpura. Usa um vestido que forma um triângulo, como o sinal das senhoras na porta de uma casa de banho.

— Precisa de falar connosco? Só que Caleb, o meu filho, ainda está na cama. — Faz uma careta conspiratória a Leo. — Adolescentes! Consegui ficar acordada para celebrar o novo ano, mas ainda é cedo quando se tem dezasseis anos, não é? Não faço ideia a que horas é que ele se deitou. Eu estava morta para o mundo. — Ao aperceber-se do que acabara de dizer, uma expressão de horror atravessou-lhe o rosto. — Ai. Desculpe.

— Falamos com ele amanhã, se não houver problema? Parece que foi uma festa e tanto.

— Foi maravilhoso. — Volta a fazer uma careta. — Meu Deus. É horrível dizer isto, depois do que aconteceu ao Rhys, mas claro que não sabíamos que ele estava desaparecido até esta manhã, quando mais... — Interrompe-se. — Acha que todos nós corremos algum risco? Será que podemos ficar aqui? Apenas... — Clemence

interrompe-se, respirando profundamente. — Desculpe. Passa-me tudo pela cabeça. É tudo um grande choque.

— Preferíamos que ficasse pelo menos até ter sido feita uma declaração, por favor, Sra. Northcote.

— Por favor, chame-me Clemmie. Claro que sim. Céus, é simplesmente horrível, não é? — Vira-se para a placa do fogão e agita o conteúdo de uma grande panela. — Sopa. Para a Yasmin e as miúdas.

No lugar da longa mesa de metal que Leo tinha visto nos alojamentos dos Lloyd e dos Stafford, Clemence Northcote tem uma pequena mesa de madeira com duas cadeiras dobráveis. Encostada à parede, Leo reconhece uma estante de livros IKEA, uma que tem no seu próprio apartamento. Do outro lado das portas de vidro está um estendal de roupa com um fato de mergulho a pingar lentamente sobre o deque.

— Deve ter estado frio — diz Leo, acenando em direção ao fato de mergulho.

— Desculpe, o quê? — Clemmie está a abrir e fechar gavetas com uma ineficiência vertiginosa.

— O banho de Ano Novo. Uma tradição da aldeia, ouvi dizer.

— Oh, isso. Sim. Mas estou habituada. Nado durante o ano inteiro.

— Estava lá quando o corpo foi encontrado?

Clemmie pressiona as mãos contra o rosto.

— Saí logo de seguida. Voltei para o The Shore. Parecia intrusivo. E... — Parece relutante em terminar. Leo espera. — As pessoas da terra são um pouco esquisitas relativamente a nós — acaba por dizer Clemmie.

— Relativamente ao The Shore?

Clemmie anui com a cabeça.

— Já tentei, acredite, já tentei. Organizei uma recolha de lixo, voluntariei-me para ajudar na biblioteca... As pessoas são suficientemente educadas, mas é... — suspira —, são eles e nós, está a ver? Viu as grandes letras ao fundo do caminho?

— Seria impossível não ver.

— Bem, pois. Antes do The Shore abrir, alguém pintou com spray as letras O e R, por isso lia-se The Shite. Tiveram de as lixar para tirar a tinta.

Leo ri-se.

— Os habitantes locais não estão muito interessados no desenvolvimento, é isso?

— Não estão muito interessados em nós. Há uma suposição de que estamos todos a nadar em dinheiro; de que somos muito convencidos, como diria o meu filho, só porque comprámos uns bungalows.

— Imagino que um lugar aqui não seja barato. — Leo fala de forma neutra. Já verificou o site do The Shore, onde se anuncia que um alojamento de três quartos começa nas quinhentas e cinquenta mil libras. Nas letras pequenas, no fundo da página, a taxa de manutenção anual está listada em dez mil libras ao ano.

— É muito dinheiro, eu sei — Clemmie estende o braço em direção ao lago —, mas olhe para isto.

Leo consegue pensar em coisas bem melhores para gastar mais de meio milhão de libras do que numa janela.

— O problema é que eles pensam que todos vivemos em mansões o resto do ano.

— Quer dizer que não vivem?

— Alguns dos outros, sim. — Clemmie suspira. — Bem, todos eles, suponho. Os Stafford têm pessoal e uma piscina, e os Charlton vivem em Kensington e têm um lugar nos Cotswolds. E, claro, a casa da família Lloyd é linda.

— Já a viu?

— Em revistas.

— Então, onde é que você e o seu filho vivem?

— Em Londres — diz Clemmie, ruborizando —, num apartamento de um quarto na Zona Cinco, onde durmo no sofá; e tenho um problema nas costas para o provar.

— Mas como... — Leo cala-se, não querendo ser mal-educado.

— Como é que paguei isto? — Clemmie volta a ruborizar. — Está num plano de reembolso privado. Embora os outros não

saibam que não o comprei diretamente, por isso ficaria grato se guardasse isso para si.

— Claro. — Leo olha para toda a sala. — Presumi que os alojamentos fossem todos decorados da mesma maneira.

— Paga-se um extra pela mobília. Um grande extra. Eles insistem mesmo nisso. Suponho que querem manter um certo look nas fotografias, compreendo como funciona, mas para nós tal despesa nem sequer era uma opção.

— Rhys Lloyd era o dono da estância de férias, pelo que sei?

— Exatamente.

— Como era ele?

Clemmie olha para a sopa com mais concentração do que a necessária.

— Era um cantor maravilhoso. Lembro-me de o ouvir...

— Como pessoa. — Leo fixa os olhos em Clemmie.

Faz-se um longo silêncio antes de ela recomeçar:

— Era muito diferente da forma como tem sido retratado pela imprensa.

— De que forma?

— As entrevistas mostram-no sempre como uma pessoa simples. Falam de como ia para a escola com jornais enfiados nos sapatos rotos, e de como gastou o primeiro cheque do teatro musical numa férias para a sua mãe.

— E ele não era assim?

— Ele olhava-nos de cima a baixo — diz Clemmie. — A mim e ao Caleb. Porque não uso as roupas certas, nem bebo o vinho certo. Não encaixava na sua visão do The Shore. — Fala calmamente, mas há uma ponta de amargura sob as palavras.

— Deve ter sido difícil aguentar — diz Leo, de forma neutra.

— Não tão difícil que me desse um motivo para o matar, se é isso que está a sugerir?

— Isto não é um interrogatório de homicídio — diz Leo. — Por enquanto — acrescenta, num murmúrio.

Clemmie solta uma pequena gargalhada.

— Se fosse, acho que andaria muito ocupado.

— Porquê?

Clemmie olha para ele, a expressão é autêntica e resignada.

— Porque estou no The Shore há seis meses e ainda não conheci uma única pessoa que gostasse dele.

Ao sair do alojamento de Clemence Northcote, Leo sente o familiar surto de adrenalina. Olha para os alojamentos, pensando nas paredes de blocos de cimento por debaixo do revestimento a madeira; nos segredos que albergam. Não sabe como Rhys Lloyd morreu, mas sabe isto: por baixo da superfície brilhante do The Shore, há uma outra história completamente diferente.

⁵ «Querida!» (N. T.)

⁶ «O que ele disse...» (N. T.)

SEIS

Dia de Ano Novo | Ffion

A julgar pelo olhar no rosto de Leo, claramente estava à espera de que fossem parceiros na recolha dos depoimentos porta a porta, mas Ffion prefere andar sozinha. Além disso, apesar de ter dito a Leo que esquecesse a escapadela da noite anterior, era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Nunca mergulhe a caneta no tinteiro da empresa, dissera-lhe certa vez um sargento. Um conselho paternalista, mas, não obstante, sólido. Ffion dá por si a ser distraída por flashbacks completamente inapropriados para um potencial inquérito de homicídio.

Deirdre Huxley, a dona da casa número dois, é de idade indeterminada, com olhos vivos em desacordo com as rugas à volta. Usa um casaco rosa-pálido, com botões de madrepérola, e calças de corte a direito com um vinco bem dobrado no centro. Nos pés, chinelos de veludo enfeitados com borlas e um berloque redondo de bordado dourado. O cabelo é mais prateado do que cinzento, muito bem penteado num corte bob a direito pelos ombros. Bem conservada, como diria a mãe de Ffion.

A Sra. Huxley examina o distintivo de Ffion através de uns óculos com armação de tartaruga enfiados numa corrente à volta do pescoço.

— Não me parece uma ladra, mas nunca se sabe, pois não?

— Não sou uma ladra — assegura-lhe Ffion.

— Então entre e aqueça-se, e pode dizer-me que se calhar é melhor eu sentar-me, porque o corpo que se afogou do outro lado do lago hoje cedo é quase de certeza o do Rhys Lloyd. — Vira-se, deixando Ffion de pé junto da porta escancarada e com a boca aberta. É aquilo a que se chama ir direto ao assunto.

Ffion entra e fecha a porta, depois segue a Sra. Huxley para o interior da casa. A mulher mais velha caminha com uma bengala, um objeto lindo de madeira escura com um cabo de metal polido do tamanho de um punho pequeno. Encosta-a ao sofá e afunda-se nas almofadas com um suspiro de felicidade.

— É uma detetive e tanto. — Ffion junta-se a ela no sofá. A casa tem a mesma mobília que viu na casa dos Lloyd, mas configurada de forma diferente, por isso a mesa comprida está na parte de trás do open space, e o sofá de canto está junto às portas de correr que dão para o deque.

— Um homem desaparecido. Um corpo no lago. Dificilmente precisaríamos de uma Miss Marple, não acha?

— A seguir vai dizer-me como é que ele lá foi parar.

— Imagino que tenha sido assassinado. Quer uma fatia de bolo inglês?

Ffion levanta os olhos, com surpresa.

— Porque é que me está a dizer isso?

— Tenho sempre um nesta altura do ano.

— Não, quero dizer, porque pensa que Rhys Lloyd foi assassinado?

— Não era ele? — A Sra. Huxley levanta-se e dirige-se para a cozinha.

— Sra. Huxley, se tem informações relacionadas com a investigação, preciso de...

— Acho que tenho biscoitos de massapão, se preferir?

— Não quero bolo — responde Ffion firmemente. — Até que ponto conhecia bem Rhys?

— Não tenho a certeza se algum de nós conhece realmente bem alguém, não acha? A diretora do meu gestor de fundos local desviava milhares de libras todos os anos, e ninguém nunca suspeitou de nada, até que ela apareceu na Reunião Anual com um par de sapatos Jimmy Choo. Bom: Earl Grey ou Lapsang Souchong?

Ffion cede:

— Earl Grey. — O seu estômago ribomba. — E se calhar uma fatia de bolo, pequena. Esteve na festa de ontem à noite?

— Oh, sim, querida. Retirei-me antes da meia-noite e ouvi os foguetes com uma chávena de chá na cama, o que é de longe a melhor maneira de celebrar o Ano Novo, não acha?

Ffion permite-se lembrar brevemente dos beijos com Leo fora do clube enquanto um ano findava e um novo começava.

— Parece-me ótimo. Quando foi a última vez que viu Rhys?

— Eu não uso relógio. — A Sra. Huxley põe um tabuleiro em frente de Ffion, e começa a dispor chávenas. — O meu falecido marido deu-me um belo relógio de pulso Cartier quando nos casámos, mas parou quando ele morreu. Era como se ele soubesse. Acha que os relógios têm alma, detetive Morgan?

— Ele ainda estava na festa quando partiu?

— Levei-o a vários sítios para ser consertado, e ninguém conseguiu compreender.

— Extraordinário. Soube se o Rhys discutiu com alguém na festa? Alguém com rancor contra ele, talvez?

— As pessoas guardam rancores pelas coisas mais tolas, não é verdade? — A Sra. Huxley corta duas generosas fatias de bolo inglês e empurra uma para junto de Ffion. — Uma amiga minha recusou-se a falar com o irmão durante anos, porque lhe tinha dito qualquer coisa depreciativa sobre um dos seus filhos. Tem a certeza de que não preferiria um biscoito de massapão?

Ffion devia ter enviado o Leo para aqui. Ele parece-lhe o tipo de pessoa que se dá bem com as velhinhas.

— Não podem simplesmente olhar para as câmaras para ver a que horas o Rhys deixou a festa, querida?

Ffion pousa a chávena.

— Há câmaras de videovigilância no The Shore? — Tem estado com a mente tão ocupada, que nem sequer lhe tinha ocorrido que houvesse provas na câmara. Erro de principiante.

— Não há disso em todo o lado? Jonty Charlton tem a chave. Ele está no número um. Sabia que os alojamentos eram para ter o nome de montanhas galesas?

Ffion sabe-o, pois foi notícia no jornal local. Os nomes eram «impronunciáveis», de acordo com um grupo de discussão encomendado pelos investidores do The Shore, que tinha proposto

versões em inglês no seu lugar. Dragon's Head. Red Ridge. — Só por cima do meu cadáver — dissera a mãe de Ffion, quando a petição surgiu. O conselheiro local de Plaid Cymru levou-a para Westminster, e os nomes dos alojamentos foram calmamente substituídos por números.

Quando Ffion consegue libertar-se da casa de Deirdre Huxley, a sua cabeça girava para todos os lados. Procura câmaras nas redondezas. Estão bem escondidas, aninhadas nas árvores que ladeiam o caminho. Enrola um cigarro e desce em direção à margem do lago para o fumar em privado. É espantosa a quantidade de pessoas que sente que lhes é dado por Deus o direito de dar lições sobre saúde a um completo desconhecido.

— Cada cigarro tira-te dez minutos de vida — avisa Leo, caminhando atrás dela.

— Onze, na verdade. Queres um?

— Vamos a isso, então.

Ffion passa a lata a Leo, que enrola o cigarro para lhe fazer companhia.

— Como correram os teus dois?

— Eu ainda não fui aos Charlton, e a Sra. Huxley é uma velha maluca. No entanto, uma boa paragem para tomar um chá.

— Eu já acabei — diz Leo. — Ninguém se lembra de ver o Lloyd à meia-noite, mas a Ashleigh Stafford viu-o a vomitar para um arbusto um bocado antes.

— Muita classe. — Ffion olha para a água. As nuvens escuras que os receberam à chegada desvaneceram-se, e os picos de neve de Pen y Ddraig esmagam-se contra o céu azul do inverno.

— Clemence Northcote diz que havia um grupo a discutir junto à água, ao fim da tarde, desafiando-se uns aos outros a entrar, esse tipo de coisas; mas não pode ter a certeza se Lloyd estava com eles. — Leo vira-se para as casas. Entre cada deque, uma escada desce até um pontão flutuante, partilhado por dois bungalows de cada lado.

— Se ele entrasse na água ali, será que a corrente o levaria para o outro lado?

— Achas que tenho cara de Pequena Sereia?

Leo pega numa pedra e atira-a para o lago, obrigando uma andorinha-do-mar a levantar voo.

— Ei! — Ffion olha para Leo. — Levei putos para casa pelas orelhas por fazerem isso.

— Não lhe acertei.

— Tinha-te batido a sério se o tivesses feito. — Ela olha fixamente para o lago. Ao lado dela, Leo começa a mexer-se, um pouco inquieto. Meu Deus, é pior do que sair com um miúdo.

— Não te deixa louca? — pergunta Leo. — Tudo isto. — Aponta com um braço para a extensão da água, para a dura face rochosa da montanha Pen y Ddraig que paira sobre ela.

— Sim.

— Devias pedir uma transferência. Sul de Gales, talvez?

— Pois, mas não posso fazer isso.

— Porque não?

Ffion faz o mesmo gesto que Leo.

— Por causa disto tudo.

Ela afasta-se, as botas de cabedal escurecem à medida que a água lhe vai salpicando as pontas dos dedos dos pés. Leo segue-a, a alguns metros, mais afastado da margem. Que Deus não permita que ele molhe os sapatos.

— O lago entranha-se-nos na carne — diz ela. — Está sempre lá, estás a ver? Quando era criança, era o lugar onde nós andávamos. O lugar até onde as nossas mães nos arrastavam para tirar fotografias especiais; onde tínhamos de lavar as botas de rãguebi quando estavam demasiado sujas para o lavatório.

— Jogaste rãguebi?

— Jogo — corrige Ffion. — Posição abertura.

— Alguma vez tentaste ir-te embora?

Ela ri-se.

— Isto não é o Uma Casa na Pradaria; os meninos do rancho já grandes não podem partir porque as alças do avental da mamã são demasiado apertadas. — Ela coloca um sotaque americano, e Leo olha-a, meio envergonhado. — Por acaso, até saí daqui. Fui para a universidade, em Cardiff, e depois vivi um pouco em Londres. Mas o

meu namorado estava aqui, e... outras cenas, por isso voltei para casa — termina, evasivamente.

A parte do namorado não é verdade. Viam-se de vez em quando durante as férias universitárias, mas nunca foram exclusivos. Não se dava o caso de ele ir até Cardiff ou de encontrar-se com as amigas dela. Só depois de Ffion voltar para casa é que se tornaram um casal a sério.

A mãe tinha quarenta e quatro anos quando Seren nasceu (não foi um acidente, dizia ela convictamente às pessoas, uma surpresa), tendo a gravidez sido ensombrada pela doença do pai. Ele falhou o parto por duas semanas.

Seren tinha quatro anos quando Ffion terminou a escola.

— Se eu me candidatar a Manchester — disse então Ffion à mãe —, poderia continuar a viver aqui. Ia de carro para os seminários.

— Não fiques em casa por nossa causa.

— Mas eu devia estar aqui para ajudar...

— Vou ficar bem. — Elen encorajou Ffion a abrir as asas. — Há um grande mundo fora da Cwm Coed, cariad.

Não foi o lago que trouxera Ffion de volta a casa, foi o remorso. O remorso por Elen estar em casa sozinha com uma criança pequena; o remorso porque o pai teria pensado mal de Ffion se tivesse partido. Um dia, viu um anúncio de emprego, e era como se estivesse a chamá-la.

— Vou alistar-me na Polícia — anunciou. Seren tinha então sete anos, ainda suficientemente pequena para se encolher no colo de Ffion. Achava Ffion a irmã mais fixe de sempre; Ffion achava Seren tão encantadora quanto exasperante.

A mãe ficou calada.

— Quem haveria de pensar — disse por fim —, Ffion gwyllt, uma agente da polícia.

— Achas que é uma ideia horrível, mãe?

Elen sorriu, apertando as mãos à volta das maçãs do rosto da filha.

— O teu pai teria ficado orgulhoso de ti.

Ambas choraram, e Seren também, ainda que — ou talvez porque — não tivesse nenhuma memória dele.

O som de uma mensagem de texto traz Ffion de volta ao presente, ela e Leo procurando os telemóveis ao mesmo tempo.

— É o teu — diz ela, vendo o ecrã em branco.

Leo olha fixamente para o telefone.

— Tenho de fazer uma chamada. — Afasta-se, permanecendo em pé sob as árvores. Ffion caminha até à beira do lago, dando a Leo a ilusão de privacidade.

— Mas disseste para telefonar agora...

Ffion tenta não ouvir.

— Bem, é que só chegou agora. Não é minha culpa!

Ah, quem é que ela está a enganar? Ffion faz ressaltar uma pedra na água tentando disfarçar.

— Posso falar com ele? Por favor, Allie. — Segue-se um longo silêncio. Ffion verifica os e-mails e envia uma atualização rápida para o inspetor Malik.

— Ei, miúdo! — diz Leo. — Como está tudo? Feliz Ano Novo!

O seu tom é tão diferente que Ffion faz um esforço grande para evitar virar-se a fim de verificar se é a mesma pessoa que está a falar. Ela cai nos espaços que medeiam as palavras de Leo — Ele fez isso? E o que é que tu fizeste? A sério? Não acredito! — e o passado apodera-se do coração de Ffion, e aperta-o ferozmente. Imagina-se ao telefone com o seu próprio pai, e pega noutra pedra, desta vez maior, arremessando-a para longe na água.

— Tens um filho — diz Ffion, quando Leo desliga. Ela olha ao longo da margem do lago, para onde a estância se anicha entre uma clareira das árvores. Uma vasta marquise cobre um dos deques, luzes de Natal entrecruzam-se nas janelas. — Harris — lembra-se ela.

— Como é que... Ah, sim, claro. — Leo coloca uma mão na parte de trás do pescoço, a pequena tatuagem agora ocultada pelo colarinho. Inclina-se e pega numa pedra; atira-a com força para a água, espantando as andorinhas-do-mar. Ffion deixa passar. — Ele tem quatro anos. Tens algum?

— Credo, não.

Leo olha para o relógio.

— O inspetor quer-nos no gabinete, para lhe darmos informações sobre o trabalho, assim que Yasmin confirmar a identificação.

— Podes tratar disso. Eu não falo com inspetores.

— Não sabia que era opcional.

— É, quando é preciso percorrer duzentos quilómetros quadrados e o inspetor trabalha a duas cidades de distância.

Leo vai abrir a boca para dizer alguma coisa, depois desiste, abanando a cabeça. Aponta para o outro lado do lago, para uma grande estrutura térrea.

— O que é aquilo? — O edifício está rodeado de barcos, alguns enfileirados na margem, outros assentes em enormes armações, os cascos nus e expostos.

— A casa dos barcos. O dono é o Steffan Edwards. Arranja barcos; aluga pranchas de paddle e barcos pneumáticos durante o verão.

— Será que saberá alguma coisa sobre as correntes?

— Provavelmente. — Ffion começa a caminhar de volta em direção às pousadas.

— Encontramo-nos lá de manhã?

— Um terceiro encontro, já? O senhor trabalha depressa, Sr. Brady.

— O que aconteceu ao vamos esquecer o que aconteceu na noite passada?

— Eu esqueci.

A mulher que vem abrir a porta no número um tem uma estrutura leve, parece capaz de levantar voo com uma brisa. O seu cabelo loiro é fino, a pele das maçãs do rosto tão esticada que é quase translúcida. Veste calças de ioga e uma camisola larga que lhe pende dos ombros finos, como num cabide, com enormes perneiras esticadas por cima dos pés, fazendo-a parecer uma criança com as meias emprestadas do pai.

— Entre, entre. É tudo tão horrível! Querido, está aqui uma detetive para falar connosco.

Ffion é conduzida até uma grande sala em open space, da qual duas crianças, um rapaz e uma rapariga, são expulsas. A mesma mesa de zinco que nos outros alojamentos domina o espaço próximo das portas duplas envidraçadas, mas, onde os outros eram brilhantes e arejados, este é sombrio, a marquise no deque rouba tanto a luz como a vista.

Jonty Charlton — pelo menos, Ffion assume que este homem é Jonty — encontra-se na ponta mais curta de um sofá em forma de L na outra metade da sala, onde um recuperador de calor puxa para fora o calor sufocante. Uma garrafa aberta de vinho tinto está em cima da mesa, ao seu lado.

Jonty esfrega a mão na testa.

— Que confusão, hein? Posso oferecer-lhe alguma coisa? Um copo de vinho, talvez. Blythe, podes arranjar outro copo?

As bancadas da cozinha estão cobertas de copos a secar e de bandejas de papel de alumínio empilhadas. Ffion repara numa serpentina ondulante pendurada no varão da cortina, e num sapato sem par abandonado num canto.

— Estou bem, obrigada. Já ouviram a notícia?

— Ashleigh Stafford partilhou-a no grupo de WhatsApp dos residentes — diz Blythe. — Não consigo acreditar. Ele esteve mesmo aqui.

— Há quanto tempo conhece os Lloyd?

Blythe põe a mão no ar, como uma miúda de escola.

— Yasmin veio a uma das minhas aulas de ioga há cerca de cinco anos. Foi realmente extraordinário. Eu não ia dar aulas numa terça-

-feira, porque os chacras de toda a gente estão sempre um pouco desligados às terças-feiras, mas acabei por dar, e ela veio. E o resto é história.

— As miúdas tornaram-se amigas — diz Jonty. — A Blythe disse-me que o marido de Yasmin tinha herdado um pedaço de terra e precisava de investidores para uma urbanização.

— E viu uma oportunidade? — pergunta Ffion.

— É o que eu faço. — Jonty bebe um gole de vinho. — Faço corresponder projetos e investidores. Raramente invisto pessoalmente, mas tenho dificuldade em dizer não à minha mulher.

— O Norte do País de Gales está na cúspide da regeneração — diz Blythe. Ffion contém um ataque de riso. Espera só até o lago inundar e começar a chover a cântaros durante três semanas. — E a energia aqui é extraordinária, podemos mesmo senti-la a passar por nós.

A única coisa que Ffion sentiu passar por ela em Cwm Coed foi um kebab duvidoso. Talvez o chakra estivesse desligado.

— É um bom investimento?

Jonty faz o gesto de quem pesa com as mãos.

— As propriedades são como a bolsa de valores. Para ganhar dinheiro a sério, é preciso ter coragem. Ter paciência. Depois de todo o empreendimento ter sido lançado, este lugar será uma mina de ouro.

— Gostaria de dar uma vista de olhos às gravações da videovigilância, se me permite?

Há um momento de hesitação.

— Claro que sim! No que eu puder ajudar. Espere, vou buscar a chave.

Ffion segue Jonty através do caminho até um edifício de pedra. No interior, uma vasta placa de circuitos perfila todas as luzes externas, e no canto conserva-se um gerador em silenciosa espera.

— É para o caso de haver algum corte de energia — explica Jonty. — É praticamente o ponto forte das vendas. Deus livre os nossos proprietários de ficarem sem Netflix. — Mostra a Ffion um computador no canto, carregando numa confusão de teclas para o ligar. — Eu também teria tido câmaras na parte de trás, se me tivessem deixado, e teria conseguido facilmente convencer o seguro, mas pelos vistos é uma invasão de privacidade? — Ele acrescenta um ponto de interrogação, como a um pensamento absurdo. — De qualquer forma, há uma câmara na entrada principal... — carrega numa tecla — ... aqui, e mais duas que cobrem a entrada: aqui e aqui.

— Nada aponta diretamente para os alojamentos?

— Só a da entrada e as dos parques de estacionamento.

— Ótimo. Pode deixar-me a sós, se quiser. Demorarei algum tempo a trabalhar nisso.

— É melhor eu ficar. É que é um equipamento muito caro.

Ffion sorri.

— A sério, vou demorar muito.

Jonty olha para o alojamento, para a garrafa de tinto e para o calor do fogão a lenha a chamar por ele.

— Juro — diz ela, colocando a palma da mão no peito e olhando para Jonty de olhos semicerrados. — Prometo que não vou estragar o seu lindo gerador. — Credo. A este ritmo, ela terá de entregar a sua adesão ao Grupo de Ação das Feministas do Norte do País de Gales.

Brincadeira, não existe nenhum Grupo de Ação das Feministas do Norte do País de Gales.

— Está bem, então. Grite, se precisar de alguma coisa.

Ffion tranca a porta assim que ele sai. A última coisa de que precisa é do sócio de negócios da vítima a respirar-lhe para o pescoço enquanto tenta fazer o seu trabalho.

Não há cadeira no escritório, mas debaixo da secretária encontra duas caixas de champanhe vazias — é assim que vivem os ricos... — e equilibra uma na outra, empoleirando-se cuidadosamente em cima. Percorre as datas até encontrar a da véspera de Ano Novo, e depois avança com o relógio digital para a frente. Meio-dia, uma da tarde, duas da tarde, três...

Ali.

Ffion olha por cima do ombro para a porta trancada, o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Por entre o crepúsculo, ouve-se o som de Rhys a cantar vindo do alojamento dos Lloyd. Ffion imagina Yasmin — ou as raparigas — a torturarem-se com estas gravações dele próprio. Ela olha fixamente para o ecrã, com os dedos posicionados em cima do teclado.

Depois carrega na tecla apagar.

SETE

Véspera de Ano Novo: 22h | Rhys

Rhys quer que a festa acabe. A sala balança, a sua visão está desfocada. Sente um sussurro no ouvido.

— Se fosse a ti, estava sempre a olhar por cima do ombro.

Rhys refugia-se, quente e instável. Sente-se doente. Na boca, sente a língua como se tivesse o dobro do tamanho, já não é capaz de falar. Caminha de forma instável através da sala, um sorriso tenso aparafusado ao rosto. A camisa repuxa na parte de trás do pescoço sempre que se mexe, o suor encharca-lhe o colarinho, e sente o ardor do brandy a subir-lhe perigosamente pela garganta. Engole-o de volta para baixo.

— Lugar espantoso, Rhys!

— Grande festa.

— Ups, calma aí! — Uma mão firme segura Rhys mesmo antes de cair, uma gargalhada de boa disposição espalha-se pela sala. — Chegaste ao teu limite demasiado cedo, meu velho, ainda nem é meia-noite.

Rhys consegue emitir uma risada, de acordo com o esperado, mas, na testa, o suor causa-lhe grande irritação, e sente a pele pegajosa e fria. No exterior, o deque brilha com a geada precoce, e a festa recuou para dentro. Há demasiadas pessoas, demasiado próximas umas das outras, e Rhys sente-se apinhado. Encurralado. Odeia este lugar. Nunca o deveria ter construído, nunca deveria ter voltado para o lago. Nada saiu como queria.

A visão de Rhys para o The Shore tinha sido um lugar para artistas. Um lugar para cantores, atores, criativos. Imaginara uma fusão das culturas inglesa e galesa.

— Só há um pequeno problema em relação a isso, meu velho — dissera Jonty, quando Rhys terminou a sua apaixonada apresentação do negócio. — Os criativos não têm dinheiro.

As janelas da casa estão embaciadas, a extensão escura do lago filtrada pelo vidro enevoado. No deque, o interior da marquise escorre devido à condensação, a bola de discoteca de Blythe lança raios de fogo de artifício silencioso através das faixas de tecido drapeado que compõem as paredes e o teto. O ruído atingiu o estado de euforia, e Rhys sente-o vibrar através do chão, através dos ossos, ao mover-se em direção à porta da frente. À sua volta, as pessoas dançam muito juntas, o álcool dá-lhes membros soltos e olhares preguiçosos. Os rostos surgem-lhe em instantâneos desfocados, como fotografias a flutuar no fluido em desenvolvimento. Olha para os seus rostos enquanto cirandam dentro e fora. Yasmin. Ashleigh. Jonty. Dee. Huw. Seren.

Não pode ficar ali. Empurra, empurra para além. Conhece a maioria das pessoas na festa, porém não todas, mas neste ar viciado de álcool todos podem ser estranhos. Sente-se desligado deles, de si próprio, como se estivesse a ver a festa através de um vidro grosso. Tanta gente. Tinham curiosidade de ver o The Shore por dentro; de ver como tinha a vida corrido a Rhys depois de ter deixado Cwm Coed. Ou talvez quisessem simplesmente mais lenha para a fogueira que tinha sido ateadada no dia em que o pedido de permissão de construção foi entregue.

Um grito ecoa.

— Canta-nos uma canção, Rhys!

O pedido suscita um coro de apelos vindos do piano, porém Rhys acena-lhes vagamente, encaminhando-se pela sala como se a caminho de falar com alguém, de fazer algo. Um pianista começa a tocar os primeiros acordes de Yellow Submarine e Rhys cambaleia em direção à porta. Pensa que o mais provável é que vomite, e preferia fazê-lo lá fora. Na verdade, preferiria fazê-lo na sua própria casa de banho. De repente, só quer estar na própria casa, deslizando por entre os lençóis frios, à distância segura da casa de

banho privativa. O coração está acelerado, e deseja poder parar as imagens na cabeça; memórias que pensava ter esquecido.

Não é demasiado tarde para se ser uma pessoa melhor, diz para si próprio.

Ao chegar à porta da frente, ouve as notas de abertura de Don't Cry for Me, Argentina, e fica grato por não ter ficado dentro. No exterior, o ar gelado traz um momento de alívio, mas a clareza é efêmera. O estômago agita-se e ele cambaleia, vomitando violentamente para os arbustos. Pensa nos lençóis frios, na água engarrafada no minibar do quarto.

O caminho ao longo da estância está povoado de luzes dos alojamentos. Apesar do frio, há formas amontoadas nas árvores; adolescentes, talvez, escondendo-se com a cidra que pensam ter roubado às escondidas.

Ao cambalear em direção ao seu próprio alojamento, Rhys vê movimento lá em cima, na casa de Dee; no número três, a porta do Stafford está escancarada. Tropeça, passando pelo alojamento de Clemmie, até ao número cinco. Fica contente por encontrar a porta da frente destrancada, não se lembrava de onde estavam as suas chaves, e faz uma pausa apenas para vomitar de novo, ao lado dos arbustos ornamentais.

Não tira os sapatos. Não acende a luz. Agarra-se ao corrimão e range os dentes enquanto as suas entranhas se revolvem. Lembra-se de que está a segundos de ter privacidade, uma casa de banho limpa, lençóis brancos e bem esticados. A segundos do esquecimento de que tanto anseia, e amanhã será um novo começo, uma oportunidade de reparar os erros que cometeu. Quando acordar, todo ele vai sentir-se melhor. Ele vai ser melhor.

OITO

2 de janeiro | Ffion

— Achas que ele se matou, então?

Ffion olha para o relógio. Vai chegar atrasada ao encontro com Leo.

— Mãe, sabes que não posso falar sobre o caso.

— Nem sequer à tua mãe? — Elen dobra a roupa lavada, uma caneca de chá arrefece a seu lado. Não foi concebida para se sentar. Ocasionalmente, Seren obriga-a ver alguma coisa na Netflix, mas, passados vinte minutos, começa a contorcer-se, à procura de um tarefa.

— Sobretudo à minha mãe. Todos sabem que estou no caso, e todos lhe irão perguntar o que sabe sobre ele. — Ffion equilibra uma torrada na mão, espalhando desajeitadamente o doce com a outra.

— Plât, Ffion!

— Não preciso de prato, assim poupa-se a lavagem — diz Ffion, enquanto engole a torrada com quatro dentadas e sacode as migalhas para o lava-loiça.

— Eu dizia-lhes que não sabia de nada.

Ffion suspira.

— És uma péssima mentirosa, mãe. As tuas orelhas ficam vermelhas.

— Ficarias surpreendida com as coisas que sei e que nunca te disse. — Elen dobra a última peça de roupa e pega no cesto. — As pessoas dizem que ele tinha alguém a persegui-lo. De Londres.

Ffion veste o casaco.

— As pessoas podem dizer o que quiserem.

— Então isso significa que não estás à procura de alguém por estas bandas, não é verdade? Se foi o perseguidor que o matou?

— Adeus, mãe. — Ffion fecha a porta com firmeza. Tem mesmo de encontrar outro sítio para viver. Poderia ter alugado algum quando saiu do seu casamento, só que tinha sido tão fácil voltar para casa; e as duas semanas que planeou ficar transformaram-se entretanto num ano. É, ela tem vergonha de admitir, é agradável ser cuidada, mas... bem, acontece que o que é bom também pode ser demais.

Ffion marcou um encontro com Leo no lago, por isso deixa o Triumph estacionado à porta de casa. Está quase a passar o portão quando Elen grita atrás dela. Vira-se e vê a mãe de chinelos de quarto, descendo à pressa pelo caminho. De ambos os lados, os caules de verbena inclinam-se como esqueletos, a cor do verão passado há muito se desvaneceu. Rewilding, como Elen chama à sua abordagem à jardinagem.

— Mãe, a sério. Eu não posso dizer...

— A Glynis acabou de ligar. Tem repórteres a fazer perguntas.

— E então? — Ffion responde instintivamente com um esgar. Que idade tem ela, afinal, catorze? Vai pôr-se a choramingar a seguir por um fato de treino da Juicy Couture e recusar-se a arrumar o quarto. — Diz-lhe que vou arranjar um agente e mandar lá alguém.

— Eles estão a bater à porta, Ffi. Ela está mesmo assustada.

Ffion exala um longo suspiro.

— Está bem, eu vou agora.

— Diolch⁷, cariad.

Este é o problema de viver numa aldeola: somos o agente da polícia para tudo, desde bens perdidos até homicídio. Não que este último seja demasiado comum, por isso não admira que a imprensa ande a farejar. E Rhys é — era — o menino de ouro, claro. Ontem, o nome dele foi divulgado no Twitter, os fãs partilharam histórias de quando o viram ao vivo.

@BigCSurvivor: #RhysLloyd enviou esta partitura autografada para o nosso leilão de caridade.

@WestEndFan68: Eu pedi @RhysLloydSings para uma visita descarada aos bastidores pelo aniversário da minha mãe. Ele convidou-nos para a festa depois do espetáculo!

@Nat_Strict: Eis o incrível @RhysLloydSings o quanto ele surpreendeu a ala infantil com um concerto de Natal. RIP #RhysLloyd — eras um num milhão.

Se eles realmente soubessem.

Ffion leu cada um dos tweets que Rhys recebera durante os últimos dois anos. A equipa técnica está a par de tudo isto, ela sabe, mas queria vê-los por si própria. Verifica agora o Twitter, enquanto caminha pela rua principal até à loja de ferragens da Glynis, voltando ao último tweet abusivo que Rhys tinha recebido, na manhã da véspera de Ano Novo. É curto e direto.

@RhysLloyd5000: QUEM ME DERA QUE ESTIVESSES MORTO.

A localização da loja de Glynis seria óbvia, mesmo que Ffion não a conhecesse tão bem como a sua própria casa; mesmo que ela não tivesse passado a maioria dos fins de semana a correr para lá em cada uma das missões do seu pai, como arranjar o cortador de relva ou instalar uma máquina de lavar roupa. Não entrava lá desde que ele morrera e, à medida que se aproxima dela, os pés vão abrandando, como se tivessem vontade própria.

Há dois homens fora da loja, um com um casaco de lã preto de três quartos de comprimento e um cachecol às riscas, o outro vestindo um polar grosso debaixo de um colete acolchoado com bolsos recheados até rebentar. Este último transporta uma câmara ao ombro e um microfone peludo com um cabo comprido.

— Queremos apenas fazer algumas perguntas, Sra. Lloyd. — O Cachecol às Riscas bate à porta. — Lamentamos muito a sua perda — grita ele, como se de repente se tivesse lembrado de o dizer.

— Vamos ao diretor da escola — diz o operador de câmara. — Voltamos mais tarde.

Ffion atravessa a estrada e aponta para a placa onde se lê ar gau. — A loja está fechada hoje. Em sinal de respeito — acrescenta ela, enfaticamente.

— Conhecia Rhys Lloyd? — O repórter vai direto ao assunto, enquanto o colega pega na câmara.

— É por isso que está aqui? — Ffion franze o sobrolho. — Pensava que era por causa da vigília.

— Qual vigília?

— Na montanha Pen y Ddraig. Há um caminho que sobe do lago e, a meio, há uma pequena cabana de pedra onde Rhys costumava cantar, antes de ser descoberto. Alguém acendeu uma vela em sua memória e agora há lá centenas de pessoas. Estão a fazer uma espécie de serviço religioso esta manhã, para que as crianças possam cantar em sua memória.

Ffion fecha brevemente os olhos, com uma mão sobre o coração.

— Vai ser tão bonito.

Para dois homens que não parecem estar na sua melhor forma, até que não molengam.

Ffion dá meia-volta e dirige-se para o lago, onde Leo está à sua espera.

— Desculpa, maníaco das manhãs.

— Noitada?

Ffion passou a noite passada a ver reposições de Call the Midwife, enquanto Seren se esquivou para o quarto a ver YouTube e a mãe fez as contas das cabanas de férias, mas dá por ela a oferecer a Leo um sorriso pelo canto da boca; o tipo de sorriso que diz não gostavas de saber? É do hábito, aquela representação teatral típica; a Ffion gwyllt de há muito tempo. A comparação fá-la gelar.

— Estás bem? Parece que te vai dar alguma coisa. — Leo aponta com a cabeça na direção à casa do barco. — O que é que há para saber sobre o Steffan Edwards?

— O negócio existe aqui desde sempre. Movimentado no verão, morto no inverno, como a maioria dos lugares por estas bandas. Steff tomou o lugar do pai há alguns anos.

— Fiável?

— Completamente. — Ffion começa a caminha em direção à casa. Baixa-se para apanhar uma garrafa de vodka vazia à porta da oficina. — A não ser que tenha bebido.

Quando Steffan Edwards sénior faleceu, o jovem Steff bebeu continuamente durante cinco dias. Os habitantes locais foram bastante compreensivos, mas a gota de água deu-se quando ele vomitou na pia batismal de Emyr Williams. Encenou-se uma intervenção, e tudo o que lhe foi dito foi o suficiente para fazer com que Steffan Edwards se enfiasse de vez nos copos.

Até esta altura.

— Como estás, Steff? — cumprimenta Ffion. Os olhos do homem estão raiados de sangue, e, embora não pareça bêbado, certamente não está sóbrio.

— Estás a investigar a morte do Rhys Lloyd, não estás? Sem comentários.

— Queríamos o teu conselho, na verdade. — A lisonja leva-nos a todo o lado. — Ninguém conhece o lago melhor do que tu.

Steff para de trabalhar, mas mantém o punho apertado à volta da chave inglesa.

— A vítima foi arrastada para o molhe ontem de manhã — diz Leo. — Pensamos que ele estava na água há menos de dez horas. Se entrou pelo The Shore, poderia...

— Vítima? Aquele homem não é vítima de coisa nenhuma!

— A água poderia tê-lo levado para o cais?

Steffan não responde.

— Isto é um inquérito policial, Sr. Edwards — diz Leo.

O barqueiro olha para o lado e depois encolhe os ombros.

— Há uma corrente. Passa pelo The Shore. Se ele tivesse entrado dali, teria acabado no fundo, não no molhe.

Leo abre uma vista de satélite de Llyn Drych no iPad, e tira uma caneta digital do bolso.

— Pode mostrar-me como flui a corrente? Onde iria parar a vítima — detém-se —, onde teria de estar o falecido, para acabar aqui? — Marca o molhe com uma cruz vermelha e depois entrega a caneta a Steffan.

Este debruça-se sobre o mapa, trazendo uma brisa de álcool e suor envelhecido, e desenha uma série de linhas curvas através do ecrã.

— Teria de estar mais acima. Aqui. Ou aqui.

— Pode apontar os pontos de acesso? — pede Leo. — Qualquer lugar por onde se possa levar um veículo?

Steffan acrescenta meia dúzia de cruces à volta das margens do lago, beliscando a imagem e movendo-a para encontrar as enseadas que quer. Desenha uma enorme cruz no meio do lago.

— É mais provável que ele tenha entrado aqui.

— De barco? — pergunta Leo.

Ffion arqueia uma sobrancelha. Vejam lá o Einstein...

— Tem algum para alugar? — pergunta ela a Steff, mas já sabe a resposta. É inverno: a casa do barco só está aberta para reparações. Se Rhys foi morto num barco, não veio daqui.

— Há alguma forma de saber que barcos estavam no lago na véspera de Ano Novo? — pergunta Leo. Ffion vagueia pela sala, onde uma bancada de trabalho serve de secretária, e pega num livro A4, azul. Steffan não vê, ou não se importa.

— Não sou o guardião do lago. Não há muita gente que queira navegar nesta época do ano, mas Llyn Drych nunca fecha. Há sempre alguns barcos, num dia bom.

Cada entrada no livro azul cobre duas páginas: a data e o nome do proprietário no extremo esquerdo da folha, seguidos de um resumo do problema, e a solução de Steffan. No lado direito da folha estão as colunas relativas ao custo das reparações e à data da recolha. Ffion folheia as páginas até ao final de dezembro. Vê alguns nomes que reconhece e vários com endereços mais à frente, proprietários de barcos atracados da zona. É um registo meticuloso do trabalho, se bem que antiquado, mas tudo o que diz a Ffion é quais os barcos que não estavam no lago, não os que estavam. Tira

uma fotografia das duas páginas que cobrem o período entre o Natal e o Ano Novo e depois volta a colocar o livro no lugar.

— Obrigado pelo teu tempo.

— Se o tivesse encontrado, tê-lo-ia empurrado de volta e deixado que os peixes o comessem. — Steffan tropeça contra o barco, a chave inglesa cai sobre o betão com ruído. — Cwm Coed não perde nada sem o Rhys Lloyd.

— Ele devia estar a trabalhar nos barcos, naquele estado? — pergunta Leo, ao saírem. — De certeza que está a infringir alguma lei.

— Provavelmente.

Vão no carro de Leo até ao The Shore. Há um banco para criança no banco de trás, mas nenhum outro resíduo de crianças esperado por Ffion. Quando Seren era pequena, o carro da mãe era um repositório de roupas, passas esmagadas, migalhas de pão e brinquedos. Leo mantém o carro da mesma forma que mantém o apartamento: estritamente funcional.

— Então o teu filho não vive contigo?

— Estava a olhar para a carreira de Lloyd. — Leo contorna a pergunta. — Ele não tem feito muita coisa recentemente, pois não?

— Não faço a mínima ideia.

— Ele estava nos primeiros dez lugares do top há dez, quinze anos, mas depois tudo acabou. Não tinha nenhum papel no teatro desde há cinco anos. O seu site fala de «trabalho televisivo», mas tudo o que consigo encontrar é um par de anúncios publicitários.

— Aonde queres chegar?

O Leo encolhe os ombros.

— Talvez estivesse deprimido, ou preocupado com dinheiro.

— Suicídio?

— Talvez.

Ffion enfia as mãos nos bolsos do casaco. O suicídio teria sido bom demais para Rhys Lloyd.

À porta do número três do The Shore, o repórter que Ffion expulsou da loja de Glynis está a falar com Ashleigh Stafford, que

usa um vestido até aos pés mais adequado a um tapete vermelho do que a Llyn Drych.

— Vamos todos sentir muito, muito a sua falta. — Ashleigh enxuga uma lágrima.

O Cachecol às Riscas vira-se para falar para a câmara.

— E assim se conclui a nossa reportagem especial sobre a morte do músico Rhys Lloyd. Tenho estado a falar com Ashleigh Stafford, cujo último reality show, Stuff with the Staffords, irá para o ar no final deste ano. — Sustém um sorriso no rosto durante três segundos, depois faz um gesto que imita um corte rápido na garganta. O operador de câmara baixa a pesada câmara do ombro.

— Isso vai passar hoje à noite? — A maquilhagem e o cabelo de Ashleigh estão impecáveis.

— Deve passar.

— Ótimo! — Ela vira-se para Bobby. — Não é espetacular, querido? Que timing perfeito. Puxa o marido para casa, mas não sem que antes Ffion veja o embaraço estampado na cara dele. Fica com a impressão de que Bobby Stafford até é um bom rapaz. Que verá ele em alguém como Ashleigh?

Pergunta estúpida, pensa ela, enquanto a mulher desaparece, com um rabo em perfeita forma de pêssego... Leo caminha em direção ao repórter.

— Isto é propriedade privada.

O Lenço às Riscas olha para trás dele, para Ffion.

— Você! Obrigado por nos mandar à caça de gambozinos! Os meus sapatos estão desfeitos, e o Gav deu um esticão e ficou com uma distensão num tendão.

— Esse é que é o Gav? — Ffion olha para o operador de câmara, cuja testa brilha com o esforço feito para arrumar o equipamento. — Ele não parece nem ser capaz de se esticar por uma bolacha de água e sal, quanto mais ao ponto de magoar um tendão. Agora, como disse o meu colega, isto é propriedade privada.

— Ah, sim? Então, chame a Polícia.

O rosto de Ffion fica impassível.

— Tcham, tcham. — Retira o distintivo. — O que acham deste tempo de resposta?

Caminham pelas traseiras do The Shore. Cada casa tem o seu próprio deque, preenchendo toda a extensão da propriedade. Uma balaustrada de vidro quase invisível percorre as bordas de cada deque. Debaixo, a água é pouco profunda, rochas recortadas, visíveis sob a superfície.

Um parapeito estreito no primeiro andar de cada habitação fornece um abrigo sobre o deque inferior, com alguns centímetros de divisória coberta de cada lado, para dar privacidade aos vizinhos. Vários dos proprietários têm mesas de refeição nestas áreas descobertas, o resto dos deques dedicado às espreguiçadeiras e à disposição dos assentos para espaços de maior socialização.

Não há cortinas em nenhuma janela. O vidro é fumado, e os reflexos da ondulação do lago atravessam cada uma das portas de correr. Em contrapartida, os alojamentos refletem a imagem na água, em baixo, criando uma sensação de rodopio que inquieta Ffion. Cada deque é separado por uma abertura de cerca de um metro e vinte, umas escadas descem até pontões flutuantes partilhados entre as habitações vizinhas.

Há dois homens no terraço da casa número um, desmontando grandes quantidades de material. Ffion dirige-se rapidamente para lá.

— Pare imediatamente.

— Por favor! — Leo seguiu-a até ao interior. Ffion lança-lhe um olhar de desagrado, depois vira-se para os homens. Estão com calças de trabalho azuis e camisas polo; um logotipo da empresa bordado no peito. Markham Events.

— Detetive Morgan, DIC do Norte do País de Gales — apresenta-

-se Ffion, abrindo a carteira do distintivo. — Esta estância está a ser sujeita a uma investigação policial ativa e pode muito bem ser uma cena de crime. Esse toldo não vai a lado nenhum.

— Posso ajudar-vos? — Jonty Charlton abre as portas que dão para o seu deque. Franze o sobrolho para Ffion. — Oh, é você. O

que posso fazer por si, agente Morton?

— Detetive Morgan. Estou apenas a dizer aos rapazes que vamos precisar do toldo in situ por mais algum tempo. Só por precaução.

— A setenta libras por dia? — diz Jonty. — Não me parece. — Aponta com a cabeça na direção dos homens vestidos de azul, que olham nervosamente para Ffion.

— Ou é assim, ou é detido por se intrometer na cena de um crime. — Ffion sorri-lhe. — Quer decidir agora ou telefonar a um amigo?

— Bom, vamos, ah... — Um dos homens gesticula vagamente em direção à estrada. — Eu depois aviso o escritório de quando podem voltar, sim?

Quando se vão embora, Jonty Charlton cruza os braços sobre o peito e olha fixamente para Ffion.

— Presumo que a Polícia do Norte do País de Gales me irá compensar pelo custo adicional.

— Acho que vai depender do que encontrarmos — diz Ffion, alegremente. — Este é o meu colega, detetive Brady, dos Crimes Graves de Cheshire.

— Crimes Graves? Santo Deus. Mas é preciso mesmo tudo isso?

— Jonty, querido, fecha a porta, está um gelo aqui dentro; oh, olá! — Blythe aparece por trás do marido, a tremer dramaticamente. — Entrem, entrem! — Conduz Ffion e Leo para dentro de casa. — Há alguma novidade?

— Sim — diz Jonty secamente. — O raio do teu toldo vai levar-nos à bancarrota.

Blythe solta um guincho de raiva.

— O meu toldo? Tu é que não querias aquela gentalha a andar para trás e para a frente dentro de casa.

— E vejam lá no que isso resultou — diz Jonty. — Não houve ninguém que não viesse. — Vira-se para Leo, ignorando Ffion. — Descobriram o que aconteceu ao Rhys?

— A investigação ainda está em curso — responde Leo. Ele é como um daqueles porta-vozes que se veem nas notícias, pensa

Ffion, que fornece atualizações sem realmente dizer nada de novo. Os homens são especialmente bons nisso, dá-se conta; deve ser por terem grande prática a dizer disparates.

Ela olha em direção ao lago, embora mal se consiga avistar a água através do toldo.

— Onde estão os barcos?

— Barcos? — pergunta Jonty, como se de repente fosse para si uma surpresa encontrar-se perto da água.

— Havia aqui uns tantos no verão. — Ffion tinha-os visto, a entrar nos ancoradouros. Um pequeno veleiro, dois barcos a remos.

— Armazenámo-los na casa dos barcos durante o inverno. Caso contrário, ficariam danificados com o mau tempo. Demasiado perto das rochas.

— O Blythe Spirit é nosso. — Blythe rasga um sorriso. — Deram-me o nome por causa da peça, a de Noël Coward, conhece? Só que o meu nome é com um Y, por isso...

— O agente Morton não quer ouvir essa história, querida.

— Detetive Morgan — murmura Ffion. Ele fá-lo deliberadamente, ela poderia jurá-lo.

— Aqui está ele. — Jonty caminha até uma pequena secretária, onde há uma imagem emoldurada de um pequeno barco à vela. Jonty está ao leme, o seu filho e a sua filha em brilhantes coletes de salvamento vermelhos, aninhados debaixo dos braços da mãe. — Uma das filhas do Rhys tirou-a; é uma fotógrafa e tanto.

— E quanto aos outros barcos? — pergunta Leo.

— São apenas bacos a remos — diz Jonty com desdém. — Acho que nem sequer cheguei a ver a Dee Huxley no dela; os Northcote monopolizaram-no durante todo o verão, pelo que percebi.

— A Clemence e o filho, Caleb? — esclarece Leo. — Os do número quatro?

— Correto. Depois, claro, Rhys tem o barco verde no fim. Tinha. Meu Deus. Desculpe. O tipo da casa do barco; como é que que esse chama?

— Steffan Edwards — responde Ffion.

— Correto — diz Jonty, como se ela tivesse passado no teste. — Ele deu-lho de presente para as miúdas do Rhys, nas férias de verão.

Ffion afasta-se. Parece ser uma coisa muito estranha para o Steffan ter feito, dada a sua animosidade para com Rhys.

— Quando foi a última vez que usou o seu barco? — pergunta Leo.

— Não desde o final das férias. Dificilmente está bom tempo para velejar.

— Não na véspera de Ano Novo? — pergunta Ffion.

— Passei o dia inteiro a preparar-me para a festa, agente Morton.

Ffion morde a língua.

— A minha querida esposa encarregou-se de criar um espaço interior-exterior com temática de lagos. — Jonty coloca umas aspas imaginárias em torno da expressão. — Estou apenas aliviado por ter conseguido convencê-la a esquecer as duas toneladas de areia de praia que ela queria trazer de Abersoch.

— Teria ficado incrível — suspira Blythe.

— Foi uma trabalhadeira do caraças, isso é que foi.

— Os outros proprietários não ajudaram? — pergunta Leo. — Fiquei com a impressão de que tinha sido um esforço conjunto.

— A Yasmin esteve aqui o dia todo — diz Blythe. — Rhys desapareceu convenientemente assim que apareceu trabalho para fazer. Estávamos todos prontos por volta das cinco horas, e todos partiram para se prepararem.

— A que horas começou a festa? — pergunta Ffion, embora saiba a resposta. O convite tinha sido entregue num cartão, com letras em relevo negro e com um endereço de e-mail para as respostas.

Os residentes de The Shore têm o prazer de convidar os seus vizinhos para um convívio com bebidas e canapés

RSFF: felizanonovo@theshore.com

— Era suposto ser às sete e meia — diz Blythe. — Mas algumas pessoas apareceram antes. — Olha para o marido. — Os Lloyd chegaram aqui no preciso momento em que estávamos a deitar as miúdas, lembras-te? A que horas foi isso?

— Seis e meia? — responde Jonty. — Sete?

Blythe suspira.

— Ele consegue maravilhas com eles. A hora de dormir costumava ser a minha função, mas eram momentos absolutamente terríveis para mim. Jonty tem um toque mágico, não tens, querido?

— E como lhes pareceu o Rhys, quando chegou? — pergunta Leo. Está demasiado calor na casa, e Ffion sente um desejo avassalador de abrir as portas para deixar entrar o ar fresco do lago.

— Absolutamente bem — responde Jonty.

— Oh, querido, não estava, não! Ele estava a comportar-se de forma muito estranha.

— Em que sentido? — pergunta Leo. A pulsação da Ffion acelera.

— Bem, para começar, estava a ter uma discussão estúpida com Yasmin — diz Blythe.

Jonty suspira.

— Estava bêbado. Desde o início. E tendo em conta que o objetivo da festa era conversar com os locais...

— Não estava nada! — Blythe esboça uma careta de descontentamento. Ffion chega a pensar que ela lhe vai dar uma pisadela. — A festa era para nós; era para os donos do The Shore se divertirem. Só que o Jonty tentou transformá-la num símbolo de paz.

— Não compreendo — diz Leo.

— Digamos apenas que os locais não nos receberam bem. — Jonty sorri de lado. As unhas de Ffion cravam-se nas palmas das mãos. — Pensei que algumas garrafas de espumante e uma espreitadela à forma como os ricos vivem poderiam resolver o problema.

— E resolveu! — Blythe bate palmas. — Todos se deram bem. Vão falar sobre isso durante meses — acrescenta ela, de forma

extremamente espontânea. Até Jonty não conseguiu deixar de produzir uma expressão de embaraço.

— Quando viu Rhys Lloyd vivo pela última vez? — pergunta Ffion, sem rodeios.

— Ele estava aqui à meia-noite — diz Jonty. — Não estava?

Blythe levanta as palmas das mãos para o céu.

— Acho que sim, mas estava tudo um bocado maluco.

— Pensando bem — diz Jonty —, não sei quando vi o tipo pela última vez. As pessoas entravam e saíam o tempo todo. Sabe como é. Champanhe a fluir...O normal numa festa.

— O normal numa festa — replica Leo, quando ele e Ffion saem para a rua. — Apenas um cadáver e trinta e poucas potenciais testemunhas, todas bêbadas.

— A perícia forense vai ser um pesadelo.

— Localizar uma lista de convidados vai ser um pesadelo. Basicamente não fazem ideia de quem lá esteve, e nem todos eles vieram pela estrada. Pelo menos metade deles veio a pé pela floresta. — O telefone de Leo toca e ele olha para o ecrã. — É o chefe.

Ffion olha fixamente para o lago. Vários convidados tinham vindo de barco, disse-lhes Jonty. Num dos cais havia uma fila de barcos a motor, criando uma ponte entre um pontão e o outro.

— Sim, senhor — diz Leo. — Eu digo-lhe, chefe. — Tapa o microfone do telefone. — O inspetor quer que estejas na reunião das cinco da tarde.

— Porquê?

A boca de Leo move-se silenciosamente por um instante, antes de voltar a dirigir-se ao chefe.

— Hum, em termos de mais-valias, chefe, o que espera que ela traga para a... hum... para a mesa? — Ffion arqueia uma sobrancelha. — Certo. OK. Eu digo-lhe. Obrigado, chefe. — Desliga a chamada. — Ele diz — detém-se —, bom, não interessa o que ele disse. Tens de lá estar.

— Não, não tenho. — Ffion enrola um cigarro. — É o teu chefe, a tua reunião. Eu vejo-te na morgue.

Leo olha fixamente para ela.

— Tu és qualquer coisa, sabias?

— Vou tomar isso como um elogio.

— Não era para ser.

Ffion segue pela linha costeira, de volta à aldeia. Consegue controlar-se quando só o Leo está envolvido. Mas um inspetor e uma sala de inquérito cheia de gente? Simplesmente não pode arriscar.

⁷ «Obrigada» (N. T.)

NOVE

3 de janeiro | Leo

Após Yasmin Lloyd ter identificado formalmente o corpo do marido ontem à tarde, e o recém-nomeado Agente de Apoio à Família a ter conduzido a casa, Leo apresentou-se a Crouch, de acordo com as instruções recebidas. Não esteve lá nem cinco minutos até Crouch o mandar embora. Volta quando tiveres algo útil para partilhar.

Ffion tinha tomado a decisão correta. Leo pensa com inveja na liberdade que ela parece ter. Na teoria, as suas funções são praticamente as mesmas, mas na prática não podiam ser mais diferentes. Ffion parece trabalhar na sua zona inteiramente sem supervisão, enquanto Leo se apresenta ao serviço no início e no fim de cada dia, como se fosse um estudante, não um detetive de homicídios.

Ontem, depois da reunião, ele tinha-se sentido subitamente com coragem.

— A autópsia é amanhã ao meio-dia — dissera ele a Crouch. — Não há problema se eu trabalhar em casa de manhã?

— Foi feito um inquérito sobre as pessoas que trabalham a partir de casa — respondeu Crouch. — Trinta e nove por cento disseram que se masturbam durante o dia de trabalho.

Leo lamentou amargamente ter perguntado.

— Trabalhar a partir de casa? Ou antes um trabalhinho manual a partir de casa. — Crouch desatou às gargalhadas com tal ferocidade que lhe faltou o ar.

Não era a primeira vez que Leo considerava como seria muito mais fácil lidar com Crouch se porventura ele fosse mulher. Uma oficial do sexo feminino a fazer queixa sobre a linguagem imprópria

de um chefe masculino seria certamente tratada com atenção, nos dias que vão correndo. Será que o facto de Leo ser homem teria de fazer deste tipo de coisas aceitável? Allie acusava-o frequentemente de ser uma flor de estufa.

— Está tudo bem, então? — disse Leo. — Para contactar a morgue diretamente a partir de casa? — acrescentou ele rapidamente, antes que Crouch pudesse repetir o seu anterior gracejo. O inspetor, embora relutantemente, tinha concordado.

Como resultado, Leo conseguiu mais meia hora esta manhã do que teria conseguido numa manhã inteira no movimentado escritório em open space, com Crouch a lixá-lo sempre que podia. Leu todo o material online disponível sobre Rhys Lloyd, construindo lentamente uma imagem dele e da sua família, bem como a história de The Shore. O mal-estar da comunidade de Cwm Coed está bem documentado nos jornais locais, mas ignorado pelas revistas cor-de-rosa, promovendo o The Shore como o resort de luxo que o País de Gales tem estado à espera. A revista Hello! dedicou mais de três páginas a fotografias do interior da habitação dos Lloyd, e Leo examina a fotografia de Rhys à secretária, uma prateleira de prémios na parede por cima dele, prova do seu sucesso inicial.

Seria o perseguidor de Lloyd um fã obsessivo? Um rival invejoso? Leo tinha pedido detalhes da queixa de assédio que Lloyd fizera à Polícia Metropolitana, e o ficheiro tinha chegado logo pela manhã de hoje. Rhys Lloyd tinha recebido mensagens abusivas nos meios de comunicação social durante quase um ano antes de o ter denunciado à Polícia, cerca de seis meses antes da sua morte. Haveria alguma ligação? Leo lê a declaração, manuscrita por um agente em resposta a um incidente na casa dos Lloyd em Highgate, Londres.

O meu endereço no Twitter é @RhysLloydSings. Utilizo a conta para informar os fãs sobre digressões e lançamentos de álbuns, mas de resto não estou ativo na plataforma. A maioria dos tweets a mim dirigidos são entusiásticos, mas ocasionalmente recebo comentários negativos sobre a minha aparência, voz ou política. Estes geralmente equivalem a um ou dois tweets, que eu ignoro. Há

cerca de doze meses, reparei que estava a receber mensagens frequentes de uma conta chamada @RhysLloyd1000, e também de @RhysLloyd2000. Mais tarde, foram criadas contas com os sufixos 3000 e 4000. As mensagens começaram como relativamente inofensivas, criticando a minha forma de vestir ou a minha decisão de aceitar algum papel em especial. Aumentaram para acusações (infundadas) de nepotismo e de fraude, e começaram a assumir um tom ameaçador. Não fiz um relatório de assédio nesta fase, pois não estava preocupado com as mensagens e considerei-o um efeito secundário infeliz de ser uma figura pública.

Na noite de 28 de abril deste ano, estava a tomar uma bebida no meu clube no Soho. Regressei a casa para encontrar a minha mulher, Yasmin, num estado de aflição, por ter recebido a visita de uma estranha que ela descreveu como «louca». A mulher tinha-se referido aos nossos filhos, Tabitha e Felicia, pelo nome, e fez ameaças que deram a Yasmin — e portanto a mim — graves preocupações quanto à nossa segurança.

A campainha da porta soa. Leo ignora-a. Deve ser mais uma encomenda para as pessoas do andar de cima, que frequentemente se vão embora durante semanas e depois agem como se fosse um terrível incómodo quando Leo anda para trás e para a frente a carregar com o que quer que lhes tenham entregado durante a ausência.

Abre o depoimento de Yasmin.

A mulher era branca, de cabelo loiro e rabo de cavalo. Tinha cerca de um metro e oitenta e usava calças de ganga pretas, casaco de cabedal castanho e um boné de basebol com coisas escritas à frente. Era muito ameaçadora, e toda a situação me deixou abalada e aterrorizada.

Será que a perseguidora londrina do Lloyd o seguiu até ao The Shore para o matar? Ou será que ela esperava algum tipo de reconciliação e, em vez disso, acabou num confronto que levou à morte de Lloyd?

A campainha toca novamente, de forma mais insistente, desta vez. Relutantemente, Leo atravessa a sala e pressiona o intercomunicador.

— Sim?

— Precisamos de falar.

Leo costumava achá-la cativante, esta forma como Allie saltava os preâmbulos de conversação e chegava diretamente ao assunto principal. Estava a pensar no próximo verão, anunciara ela quando se encontraram para jantar, antes de se lançarem na ideia de passarem férias juntos. O entusiasmo tinha sido contagiante.

Pois, mas também o é a varíola, pensa Leo, ao carregar no botão que abre a porta da rua. Olha em redor, tentando ver o apartamento através dos olhos da ex-mulher. O corredor estreito com uma casa de banho imediatamente em frente à porta da frente, e duas portas de ambos os lados. À direita estão a sala e a cozinha; à esquerda, o seu próprio quarto, e o que ele tinha imaginado ingenuamente poder vir a ser o do Harris, mas que, em vez disso, se tornara num depósito para caixas, os halteres de Leo, e para qualquer outra coisa que não coubesse no pequeno armário do corredor. As paredes são creme; o tapete é uma mancha bege que esconde a sujidade. É o tipo de apartamento que consegue ser perfeitamente inofensivo, mas também completamente horrível.

— Allie? — A escadaria está silenciosa. Agarrando nas chaves, Leo desce as escadas a correr. Ele precisa de estar na autópsia daqui a pouco; não tem tempo para mais um dos dramas dela.

A ex-mulher caminha de um lado para o outro no passeio, o seu hálito forma nuvens no ar frio.

— Porque não subiste?

Allie aponta para o carro, estacionado no lugar para deficientes, adjacente ao bloco de apartamentos.

— Ao contrário de algumas pessoas, assumo a responsabilidade pelo meu filho.

— Podias tê-lo trazido. — Leo dá um passo em direção ao carro, um sorriso espalha-se-lhe pelo rosto enquanto Harris esmorece o seu através da janela.

Allie estende uma mão, firme contra o peito de Leo.

— Não quero que ele ouça isto.

Leo suspira.

— O que é que eu fiz desta vez? — Ele não tem a certeza de quanto mais tempo vai conseguir aguentar tudo isto. Há alguns meses, tinha ido a um supermercado Tesco comer uma sandes, para, três dias mais tarde, receber um aviso, entregue à sua porta por um advogado amigo de Allie, ameaçando-o com uma ação jurídica se «continuasse a assediar a cliente ou o parceiro desta». Leo nem sequer tinha visto Dominic no supermercado, quanto mais lançar-lhe o «olhar ameaçador» referido na carta, mas Allie costumava ter esta abordagem muito liberal dos factos.

Antes que ela possa responder, a porta do carro abre-se, e Harris corre a toda a velocidade para ele.

— Papá!

Leo agacha-se enquanto Harris lhe voa para os braços, depois levanta-o e rodopia-o, os braços de Harris bem apertados à volta do seu pescoço.

— Então, puto! Como é que vão as coisas?

— Eu disse-te que era para ficares no carro — interrompe Allie.

O peito de Leo contrai-se. Só teve a oportunidade de ser verdadeiramente pai durante um ano. Um ano a deitá-lo e a dar-lhe banho, a vestir Harris e a decidir o que fazer aos fins de semana. Agora, está a desempenhar as funções de pai da mesma forma prática e sem emoção que lhe é atribuída nos turnos de trabalho. Tem o sabor de um luto.

— Posso comer qualquer coisa?

— Volta para o carro, Harris. Preciso de falar com o teu pai. — Allie arranca-o de Leo, que tem de resistir ao impulso de recuar. Ser pai não é uma luta de puxa para cá e para lá.

— Vai lá, miúdo. — Leo beija o filho furiosamente na testa e deixa Allie amarrá-lo de volta ao seu assento.

— Vamos embora — diz-lhe ela, quando regressa.

— Para onde?

— Austrália.

Leo pestaneja. Um carro tinha acabado de passar no momento em que Allie falou e, por um segundo, pensou que ela tinha dito...

— Estamos fartos da Inglaterra. — Allie agita as chaves do carro.
— O Brexit, os preços das casas, a maldita chuva... O Dominic recebeu uma oferta de emprego, grandes perspectivas, e encontrámos uma casa com um anexo. A mãe e o pai vão passar metade do ano connosco, na outra metade voltam para casa.

— Não podes.

De certeza que é tão simples como isso? Legalmente, Leo tem a responsabilidade parental conjunta dos pais. A Allie não pode levar o filho para outro país.

— É uma oportunidade incrível para o Harris de poder vir a conhecer um estilo de vida completamente diferente.

— Mas não vou poder vê-lo.

— Podes usar o anexo, quando os meus pais não estiverem lá. E, quando o Harris tiver idade suficiente, pode voar por conta própria.

— Por acaso estás doida? «Usar o anexo»? O quê, nos seis meses de férias anuais que tenho? Mesmo que poupe todo o meu subsídio de férias, mesmo que passe um mês todos os anos na Austrália — maldita Austrália! —, são onze meses do ano em que não posso ver o meu filho.

— Há o Zoom.

— Por amor de Deus, Allie. — Leo passa a mão pelo rosto. — Como posso ter uma relação com o meu...

— Relação? — Allie começa agora a gritar, e Leo olha para o carro. — Tu agora mal o vês!

— Porque não me deixas! — Leo obriga-se a ficar calmo, pois a última coisa que quer é que Harris os ouça discutir. Fala calmamente. — Eu meto-te em tribunal por causa disto.

— Tenho a certeza de que eles vão ficar muito interessados em ouvir o quão dedicado tu és enquanto pai. — Allie desliza os dedos intencionalmente pelo telefone e Leo afasta-se. Ele sabe o que vem de seguida, e não quer ouvir. A porta de entrada bate atrás dele, mas não sem antes Allie carregar na tecla play para ouvir a mensagem de voz, e uma vez mais Leo foi obrigado a ouvir a banda sonora dos seus pesadelos.

O papá deixou-me aqui. Estou sozinho e está muito escuro. Tenho medo, mamã, por favor, vem buscar-me. Tenho muito medo...

Leo não precisa daquele ficheiro de som para ouvir os gritos do seu filho. Está sempre a ouvi-los. Ouve-os à noite, quando não consegue dormir; no trabalho, quando olha para a fotografia de Harris na secretária.

Ouve-os agora, ao dirigir-se para o País de Gales, com os nós dos dedos brancos premidos no volante. Tem duas opções: ou deixa Allie levar Harris para a Austrália, ou ela finalmente deixa cair a espada que colocou sobre a sua cabeça ao longo dos últimos dezoito meses. De uma forma ou de outra, vai perder o filho.

Izzy Weaver já tinha começado a autópsia quando Leo chega.

— I'm still standing — anuncia ela, inexplicavelmente.

— Bom dia — oferece Leo em troca.

— Boa tarde — contrapõe Ffion, enfaticamente. O relógio na parede marca 12h01. Izzy prossegue o cuidadoso exame do corpo de Rhys Lloyd, enquanto o rádio toca calmamente em fundo.

De que país vem o icónico trio pop A-ha?

— Da Noruega — responde Izzy.

Ah, Leo apercebe-se: era do rádio que a frase I'm still standing tinha vindo. Elton John, obviamente. 1983, caso haja um ponto bónus em oferta.

— A que horas terminaste ontem no The Shore? — pergunta ele a Ffion.

— Quem és tu, a minha mãe?

— Estava só a perguntar. — Falando de gente irritadiça. Ffion está agora de sobrolho franzido, como se pensasse que Leo estivesse a querer controlá-la, em vez de simplesmente estar a querer fazer conversa. — Já há alguma causa para a morte? — pergunta ele a Izzy.

— Paciência, gafanhoto. — Izzy examina a massa de carne que em tempos foi a cara do Rhys Lloyd. Durante alguns minutos, o único som na sala é o pequeno ruído que sai do concurso do rádio. — Tesoura de dissecação — profere Izzy e, enquanto Leo pensa

nunca ouvi falar desses — quem é o vocalista?, o assistente da patologista atravessa a sala e entrega-lha.

Izzy devolve-lha de imediato. — Tesoura de dissecação, Elijah! — Ele volta a dirigir-se ao carrinho para encontrar os instrumentos corretos e Izzy revira os olhos. — Estão a ver com o que tenho de lidar?

— Desculpe — diz Elijah, sem parecer genuíno. — Grande diferença.

— Enfim. — Izzy olha para Leo —, na semana passada, enviou o sangue errado para o laboratório, e um homem de sessenta e seis anos com falência de múltiplos órgãos voltou grávido.

Ela roda o bisturi à volta do rosto de Lloyd.

— Estes ferimentos foram sofridos antes da morte.

Ffion aproxima-se, para olhar.

— Será que foi isso que o matou? Há rochas no lago por baixo do deque; será que ele poderia ter caído em cima delas?

— Saberei assim que olhar para o interior do cérebro, mas não há fraturas faciais. Se fossem rochas, como sugere, esperaria escoriações mais difusas. O que temos aqui são lacerações mais localizadas, mais consistentes com um objeto cortante.

— Uma arma?

— Frankie Goes To Hollywood — diz Izzy para o rádio. Debruça-se sobre o rosto de Lloyd, tocando ao de leve nas lesões com um par de pinças compridas e estreitas. — Interessante. — Produz um estalido com os dedos e Elijah passa-lhe um recipiente esterilizado que retira de uma pilha no carrinho a seu lado. Leo questiona-se sobre o que será melhor ou pior: trabalhar para Izzy Weaver ou Crouch.

— O que é isso? — pergunta ele.

Izzy enrosca a tampa, depois entrega o recipiente a Leo, em cujo fundo está um pequeno ponto coberto de sangue.

— Um fragmento do que quer que tenha sido usado para dar ao seu homem um visual novo. Vou limpá-lo e dar-lhe-ei uma vista de olhos mais atenta quando terminar aqui.

Leo pega no recipiente para mostrar a Ffion. Por debaixo do sangue, brilha qualquer coisa metálica.

— E, se isso não for suficiente para atualizar a sua morte de inexplicada para suspeita — diz Izzy —, dê uma vista de olhos nisto. — Ela anda à volta da maca, onde os pés cor de cera do Lloyd se inclinam em posição de dez para as duas, apontando para o exterior de cada tornozelo. Uma ligeira marca percorre horizontalmente acima do tornozelo.

Leo começa a formar uma imagem.

— O Lloyd foi amarrado. Alguém lhe bateu na cabeça, amarrou-lhe os pés e depois atirou-o ao lago.

— Uma suposição justa. Embora não veja as mesmas marcas à volta dos pulsos, o que é interessante.

— Porque a corda não era para o amarrar — diz Ffion lentamente. — Era para fazer peso. Para o afogar. Só que a corda deve ter-se partido, ou desatou-se, ou qualquer outra coisa, e ele boiou de novo. — Ela olha para Izzy. — Alguma fibra?

— Depois de uma noite no lago? Vá lá, detetive Morgan, isto não é a Netflix. O melhor que lhe posso oferecer é uma combinação de padrões, se me trouxer a corda. Agora, vamos abri-lo, sim?

Leo nunca se irá habituar à brutalidade casual com que um corpo é aberto. A perfeita letra Y cortada através da pele e do músculo; a brutalidade da serra a despachar a abertura da caixa torácica. Mantém os olhos no relógio na parede, até Izzy começar a falar de novo.

— Bom, ele não se afogou.

Leo espreita a cavidade torácica de Lloyd.

— Como sabe?

— Cinco anos na faculdade de medicina, vários anos na histopatologia, e vinte anos como patologista forense — responde Izzy, secamente. Ffion contém o riso. — Se ingerir água, haverá uma reação das proteínas que irá preencher todas as vias aéreas e produzir espuma. Vê aqui a traqueia? — Izzy aponta. — E os brônquios? Limpos.

— Então, ele estava morto quando entrou na água?

— Correto. O lago era apenas um método de eliminação.

Leo olha para o corpo mutilado de Rhys Lloyd. O homem tinha uma imagem de impecabilidade. Tinha ido para Londres em busca

de fortuna, depois regressou com uma esposa deslumbrante e duas lindas filhas. Tinha oferecido o tempo a concertos de caridade, tinha centenas de milhares de fãs. No entanto, alguém o teria odiado o suficiente para o matar.

— E agora? — pergunta Ffion. Estão ambos no parque de estacionamento da morgue, a fumarem um cigarro. Leo lavou as mãos e despojou-se do equipamento de proteção pessoal, mas o fedor da morte ainda se agarra a ele, e o tabaco parece ser o menor de dois males.

— A cena do crime. — Leo expira um anel de fumo. — As cenas. — Vai enumerando-as com os dedos. — O local da agressão à cabeça, o barco, assumindo que ele estava num barco, e onde quer que ele tivesse entrado na água. E potencialmente pelo menos uma outra, dado que não sabemos realmente o que causou a sua morte.

Izzy Weaver recusa comprometer-se com a causa exata da morte, esperando que a toxicologia e as amostras de tecido possam dizer-lhe mais, mas fez a declaração mais importante. Rhys Lloyd não morreu de causas naturais. Crouch pode dar sinal de avanço ao prosseguimento do inquérito.

O telefone de Leo toca.

— Adivinha quem é? — Exibe o ecrã a Ffion.

Ffion encolhe os ombros.

— Não atendas.

— Ele vai continuar a ligar.

— Não vou a esse maldito briefing, está bem? Eles aborrecem-me.

— Eles aborrecem qualquer um. Ainda assim, temos de ir.

— Eu trabalho melhor sozinha. — Ffion esmaga a beata do cigarro. — Faço as minhas próprias coisas e obtenho resultados. — O zumbido quando o voicemail de Leo entra em cena. Segundos depois, começa de novo, o nome de Crouch a piscar no ecrã. Essa história de equipa... não é para mim. Eu sou como — Ffion vasculha nos seus pensamentos, depois estala os dedos —, O Mascarilha.

— Pois.

— Diz-lhe apenas que não vou. Eu própria lho direi, se não fores homem suficiente para isso.

O telefone toca novamente. Desta vez, Leo atende, falando antes de Crouch conseguir dizer uma palavra.

— Chefe, estou só a terminar aqui uma coisa, mas a detetive Morgan está aqui mesmo ao lado, vou passar-lhe o telefone. — Entrega o telemóvel a Ffion, que olha para ele.

— Estou.

Leo não sabe o que Crouch lhe está a dizer, mas um profundo rubor carmesim estende-se por todo o rosto de Ffion.

— Sim, senhor. Às cinco horas? Não há problema. Encontramo-nos lá.

Leo guarda o telefone e sorri.

— Devo selar o seu cavalo?

DEZ

Véspera de Ano Novo: 21h | Jonty

— Querido, por favor, faz qualquer coisa em relação àquele bêbado horrível; acabou de entornar vinho tinto no sofá.

Jonty está empoleirado no braço do sofá, de onde tem uma excelente vista sobre o decote de Ashleigh Stafford. Relutantemente, arranca-se dali para falar com a sua mulher.

— É uma festa, Blythe. Toda a gente está bêbada. — Toda a gente, exceto Jonty. Jonty bebe muito, mas raramente fica bêbado. Gosta do poder que acompanha o facto de ser sempre o único a recordar com precisão os acontecimentos de uma noite.

— Jonty, ele está aos gritos com a Dee. Ela tem setenta e dois anos, não é correto.

— Está bem, está bem! — Jonty deita um último e duradouro olhar para Ashleigh. — Não vás a lado nenhum. Volto num instante.

— Vou obrigar-te a cumprir essa promessa, querido.

Jonty está disposto a ignorar o sotaque Essex de Ashleigh, tendo em conta tudo o mais que está em jogo. Eles tinham estado prestes a retirar-se para um lugar um pouco mais privado quando Blythe os interrompeu bruscamente. Está em dúvida se a esposa o terá feito de propósito.

— Qual homem horivelmente bêbado? — pergunta-lhe ele. A sala está cheia de pessoas bêbadas. Ceri, a mulher do correio, está a dançar limbo debaixo de uma vassoura segura numa das pontas por Clemmie Northcote e na outra por uma mulher que chegou com quatro latas de Stella e uma garrafa de Lambrini. Não se devia ter incomodado, tinha respondido Blythe numa voz suave, fazendo-as desaparecer e colocando champanhe em seu lugar. Jonty não teria desperdiçado nenhuma bebida, mesmo rasca, mas Blythe é muito

atenta a questões de estética, e ter latas de cerveja espalhadas por todo o lado ofende-a.

— Aquele. — Blythe aponta para um homem que gesticula loucamente em frente de Dee Huxley. — O homem dos barcos.

Ao contrário dos residentes de The Shore, que pelo menos tentaram fazer um esforço relativamente ao código de vestuário, o homem dos barcos está a usar umas calças de ganga, um casaco de lã e gorro. Jonty bufa e atravessa a sala.

— Jonty, querido, já conheces o Steffan Edwards? — pergunta Dee. — Steffan, este é o Jonty Charlton, investidor do The Shore, e o nosso anfitrião esta noite. — Uma apresentação sólida; Jonty sente-se lisonjeado, embora relutante. Não compreende o que Rhys tem contra Dee. Ela é uma bêbada, claro, mas inofensiva.

— Investiu neste lugar? — Steffan esboça algo que se aproxima de um sorriso, exibindo os dentes manchados de vermelho, e Jonty recua ligeiramente.

— Sim, sou o parceiro financeiro do Rhys.

— Bem, então vá-se mas é foder. E, depois de se ter fodido, pode-se foder mais um bocado. E depois pode...

— Okaaaaay... — Jonty agarra Steffan pela parte inferior de um bíceps, que seria intimidantemente grande se o homem não estivesse demasiado bêbado para o utilizar, e impele-o em direção à saída. — Hora de ir para casa, companheiro.

— Não sou teu companheiro, merda. — Jonty empurra-o para a frente, a sala cheia como o Mar Vermelho, e Steffan a gritar bem alto, para que todos o ouçam:

— O que me resta? Merda nenhuma! — Jonty sorri apologeticamente enquanto se encaminham para a porta.

— Peço imensa desculpa por tudo isto. Sim, um pouco a mais do nosso velho amigo vino, ah ah!

— Estou arruinado, foda-se!

— Só precisa de dormir, espero eu.

— Se me encontrarem pendurado, a responsabilidade é sua; está a ouvir-me?

— Sim, eu certifico-me de que ele chega a casa em segurança.

Lá fora, o ar fresco parece fazer com que Steffan fique sóbrio. Põe-se de pé, sacode Jonty e aponta com um dedo na sua direção.

— Lixaram-me, tu e o Rhys.

Longe dos convidados, Jonty já não precisa de se fazer passar pelo simpático anfitrião. Empurra Steffan com força no peito, e o homem tropeça para trás, esbarrando nos próprios pés e caindo no caminho.

— Vá-se lixar, seu merdas.

— Diga ao Rhys Lloyd que isto ainda não acabou!

— Não estou interessado.

— Ainda não acabou!

Está mais que acabado, pensa Jonty. Bem, onde é que ele ia mesmo?

De volta ao alojamento, Ashleigh ainda está no mesmo lugar. Quando o vê, levanta-se e ajusta o vestido, que subiu o suficiente para exhibir uma nesga de cuecas. Segue-o para o corredor, e Jonty olha à sua volta para se certificar de que ninguém os observa, antes de se escapulir para a casa de banho e trancar a porta.

— Finalmente — diz Jonty.

— Estás mesmo entusiasmado, não ‘tás?

— É melhor despacharmo-nos, senão ainda alguém vai querer entrar. — O Jonty não está ali para conversas.

Ashleigh puxa o vestido para cima.

— Está bem, está bem! — Vasculha dentro da roupa interior e emerge com um saco de plástico transparente cheio de pó branco.

— É bom ter companhia, por uma vez.

— O Bobby nunca quer?

— É um chato de um conservador. Diz que já fez essa merda toda há muitos anos, depois de ter deixado o ringue. Não lhe tocaria por nada agora, diz ele. Agora são só uns malditos batidos de couve. — Ashleigh corta duas linhas, ajoelha-se na sanita e snifa a primeira de uma só vez sobre o tampo do autoclismo. Jonty demora um momento a apreciar-lhe as costas, e depois faz o mesmo.

— Eu normalmente compro a um tipo em Essex — diz Ashleigh.

— Mas arranjei esta aqui. Não é má, acho eu. O que achas? — Acho maravilhosa.

Ashleigh é uma caixinha de surpresas, pensa Jonty. O The Shore só está aberto há seis meses, e ela já encontrou um dealer. Ele abre a porta da casa de banho, e os dois saem com muito menos cuidado do que entraram.

— Avisa-me quando quiseres mandar outra abaixo, sim? — Ela planta-lhe um beijo nos lábios.

Enquanto Jonty se mistura de novo na festa, o seu renovado bom humor é apenas ligeiramente estragado ao encontrar Mia mais uma vez de pé por ali, na conversa.

— Estou a pagar-lhe para ser empregada de mesa, não para socializar — recrimina ele.

— Tecnicamente, está a pagar-me para andar a entregar canapés — diz Mia. — E já não há, por isso...

Ela afasta-se, a falar com a assistente de Rhys. Jonty quase nem reconhece a rapariga. Só a viu com roupas casuais, na sua maioria desalinhadas. Agora, está com um vestido quase tão curto como o de Ashleigh. O pescoço é alto; e as mangas, compridas; e o contraste entre o modesto top e o corte do tecido junto às virilhas é...

— Que brasa — murmura Jonty para si próprio, enquanto se dirige à cozinha, onde Rhys está a tomar o que presumivelmente pensa ser um trago de aguardente tirado às escondidas do armário. Jonty dá-lhe uma palmada nas costas, provocando em Rhys um ataque de tosse incontrolável. — Viste a menina do teu escritório, amigão? Que grande brasa, é só o que te posso dizer.

— Ela não está disponível.

— Honestamente, ela está... — Jonty produz o beijo de um cozinheiro perante algo delicioso.

— Ela está em zona proibida. É só uma criança. — Rhys enfatiza as suas palavras. Só uma criança. Coloca uma mão agarrada à bancada da cozinha para manter o equilíbrio.

— Sabes o que se costuma dizer. — Jonty dá-lhe um empurrãozinho. — De pequenino é que se torce o pepino. — Abre a boca, a gargalhada quase pronta a sair-lhe, mas Rhys deita-lhe tal olhar de nojo que amaina imediatamente o ímpeto de Jonty. — Estava só a brincar! — diz ele, exibindo as palmas das mãos, em

autodefesa. Isto é o que acontece quando as pessoas se embebedam: perdem a noção dos limites. Era apenas uma piada estúpida.

Rhys parece pronto a dizer outra coisa, e Jonty fica aliviado por ser interrompido por Tabby e Felicia, a primeira avançando com uma sandes para Rhys.

— A mãe diz que tens de comer isto.

— Não tenho fome.

— Ela disse que não te podíamos deixar sozinho até a teres comido. — Tabby revira os olhos em tom dramático.

— Pode ser uma boa ideia enfiar alguma coisa, amigo — diz Jonty. — Acomoda o estômago, e essas coisas que dizem.

— Podes, por favor, comê-la, pai? É que temos coisas melhores para fazer com o nosso tempo do que andar a passar-te mensagens da mãe.

— Come — diz Felicia, mais determinada do que a irmã. — Tens sorte de ela ainda se preocupar o suficiente contigo para te fazer alguma coisa. Tens sorte por nos preocuparmos o suficiente. — Lança ao pai um olhar furioso e depois sai disparada, gingando efusivamente, Felicia segue-a logo atrás.

— Perdeste poder no galinheiro, não é verdade, amigo? — Jonty dá uma palmadinha no ombro de Rhys, depois remove rapidamente a mão ao sentir um homem olhar para ele. Rhys murmura algo ininteligível através da sandes. Jonty distingue... tudo culpa tua. O seu bom humor, alimentado a cocaína, está a ser severamente testado. — Então, vá lá, eu não penso que...

— ... nunca te deveria ter ajudado — murmura Rhys.

Jonty já está farto. Como é que o Rhys se atreve a tentar dar-lhe lições de moral, depois de tudo o que ele fez?

— Olha lá, isso não é justo. Yasmin nunca teria descoberto se não lho tivesses contado. E, francamente, ela não é a única que está chateada contigo; eu próprio estou bastante lixado contigo, verdade seja dita.

Rhys olha para Jonty, mas o seu olhar é selvagem, desfocado. Jonty nem sequer pode ter a certeza de que Rhys consiga vê-lo, ou sequer ouvi-lo. O homem está completamente devastado. Não vai

lembrar-se de nada disto pela manhã, e Jonty não consegue resistir à oportunidade de lhe espetar ainda mais a faca.

— Não me vou atravessar com pagamentos por ti outra vez, sabes. Tive de correr com aquele tipo a quem deves, antes, e, se pensas que o vou fazer de novo, é melhor pensares outra vez. — Jonty debruça-se e aproxima-se dele, sussurrando-lhe ao ouvido. — Se fosse a ti, estava sempre a olhar por cima do ombro.

ONZE

3 de janeiro | Leo

— O teu chefe é um idiota. — Ffion senta-se na secretária de Leo, o calcanhar de uma bota descansa no puxador da gaveta inferior. Um pedaço de lama seca caiu no chão, e Leo inquieta-se por o apanhar. — Eu não o aturava.

Crouch tinha-os cumprimentado em voz alta ao passar por Ffion para lhe dizer avise-me se ele começar a encostar-se, é um cabrão de um preguiçoso.

Leo não o aguenta mais. Começou até a escrever uma vez um e-mail aos Recursos Humanos, mas, quando olhou para a lista de provocações mesquinhas de Crouch, parecia tão patética que acabou por apagá-la. Queixar-se por alguém lhe chamar cu gordo é o tipo de comportamento que era suposto ter deixado para trás na escola primária. É só uma brincadeira, não é? É que os rapazes fazem. Ouve a voz de Allie na sua cabeça. Florzinha de estufa.

— Será que ele é assim com todos? — pergunta Ffion.

— Sim. — A resposta de Leo é automática, depois reflete um instante. — Na verdade, não. Só comigo.

— Então é racista.

— Não, ele nunca usou palavras racistas. Não se atreveria.

Ffion boceja.

— Exatamente. Ele atinge-te sem razão aparente, e a única diferença entre ti e o resto do gabinete é... — Ela olha à volta da sala, onde todos os agentes têm algo em comum. São brancos.

O som de um e-mail para Leo surge no ar, aliviando-o da necessidade de continuar a conversa. Nas ruas ou numa sala de interrogatórios, a resolução de conflitos é uma coisa que faz com naturalidade, mas já a sua vida pessoal é outro assunto. Leo

chegara a trocar de ginásio para não ter de dizer ao personal trainer que detestava a bicicleta elíptica.

— Atualização da equipa técnica.

Ffion salta da secretária para espreitar por cima do ombro dele, descansando uma mão nas costas da cadeira de Leo. Encosta-se a ele por um segundo, antes de se debruçar para ler o e-mail.

— O relógio Apple de Lloyd deixou de gravar batimentos cardíacos às 23h38, o que é consistente com o relatório da patologista.

— Mas repara no seu ritmo cardíaco. — Leo aponta para a leitura, que atinge em média sessenta batimentos por minuto durante a primeira metade da véspera de Ano Novo, depois dispara para os oitenta a partir de meados da tarde, antes de finalmente abrandar e depois parar completamente. — Alguma coisa os fez disparar. Ou alguém — diz Leo.

Ffion inclina-se sobre os dados e, por um segundo, ele vê-a ficar circunspecta.

— Talvez ele tenha tido uma discussão — diz ele.

— Durante sete horas?

— Podia ter andado a dar umas quecas.

— Remeto-o, meu distinto amigo, para a minha refutação prévia.

— Então, drogas — diz Leo. — Yasmin disse que ele nunca lhes tocaria porque fazem mal às cordas vocais, mas ela não seria a primeira esposa a não fazer ideia do que o marido andava a tramar. Ou talvez alguém lhe tenha enfiado alguma coisa na bebida.

— Nesse caso — diz Ffion —, estamos a perder tempo a olhar para a gente da terra. A festa começou horas depois de os dados mostrarem um pico de ritmo cardíaco.

— No entanto, há muitos suspeitos no The Shore. Já para não falar de muitas oportunidades: duvido que muitos tenham esperado até às sete e meia para abrir o champanhe. Viste os contentores da reciclagem? Devem bebê-lo até com cornflakes.

— Granola — diz Ffion. — Iriam lá eles comer uma coisa tão vulgar como cornflakes.

— Será que todos forneceram dados eliminatórios? — Os agentes tinham sido encarregues de solicitar as impressões digitais

eliminatórias a todos os proprietários, um processo que também teria de ser empreendido com todos os convidados identificados como estando na festa.

Ffion abre o ficheiro.

— Clemence Northcote recusou a autorização para o filho.

— Recusou?

— Diz que o Caleb passou a noite com as gémeas Lloyd no Northcote, uma história confirmada pelas próprias gémeas.

Leo olha por cima do ombro de Ffion.

— Vejo que o Caleb tem antecedentes.

— Meteu-se em problemas aos onze anos por roubar lojas, depois graduou-se em roubo de pessoas. Atualmente, tem uma pena de recolher obrigatório válida por três meses e uma sentença de vigilância de dois anos, depois de ele e um companheiro terem roubado uma bomba de gasolina.

— Encantador. E os outros?

— Quanto a Bobby Stafford, são histórias do passado, tudo antes de ficar famoso, e na maior parte das vezes são coisas de violação da ordem pública. Todos os outros estão limpos. Jonty Charlton, que não tem precedentes, recusou fornecer dados eliminatórios. Não confia que nós os vamos depois destruir, blá blá blá blá. Um daqueles que se queixa de câmaras de vigilância e de cartões de identificação, mas entrega todos os dados pessoais nas compras online. Também não dá uma entrevista voluntária. Sou ou não sou suspeito, imita Ffion. E, se não sou suspeito, porque tenho de ser interrogado?

— Odeio este tipo de pessoas.

— Também eu.

— Espero que tenha sido ele.

— Também eu.

Sorriem um para o outro, e Leo pensa que é uma pena que, depois deste trabalho, tenham de seguir caminhos separados. Há muito tempo que Leo não se conectava assim com um colega.

Com ninguém, agora que pensa nisso.

Um nome na lista de dados eliminatórios chama-lhe a atenção e ele aponta para o ecrã. Seren Morgan.

— Tem alguma relação contigo?

Ffion fecha o ficheiro.

— É minha irmã.

— A tua irmã estava na festa?

— Para dizer a verdade, sou parente de pelo menos metade das pessoas desta lista, por isso...

— Diz que ela se recusou a fornecer dados eliminatórios. — À volta deles, as pessoas começam a levantar-se, e a arrumar os blocos de notas, e Leo olha para o relógio.

— Sabes como são as adolescentes — diz Ffion. — É tudo hashtag não financiar a Polícia e onde estão as minhas liberdades civis? Um pesadelo. Anda, vamos chegar atrasados.

Seguem a corrente de pessoas descendo por um corredor estreito, forrado de diplomas emoldurados. Ffion observa-os enquanto passam, e Leo espera que ela perca o interesse antes que eles...

— És tu! — Ela para abruptamente, lendo o elogio em voz alta. — Pelos seus atos corajosos e altruístas apesar de fora de serviço, resultando na apreensão de um criminoso violento.

Sem a empurrar, Leo não tem para onde ir, por isso acena com a cabeça brevemente e olha fixamente para a parede.

— Uau. Grande pinta, colega. O mais perto que já cheguei de um elogio foi com uma carta de um vereador, dizendo que eu fui uma grande ajuda na abordagem do problema das fezes de cães pelos passeios da aldeia. — Ela esboça um sorriso amarelo. — Uma merda fixe, não?

— Sim, bem... — Leo meneia a cabeça apontando para a sala de inquérito. — Devíamos...

Deram-lhe a sua própria cópia emoldurada. Leo queria esmagá-la, mas não é do tipo dramático, por isso está numa caixa na divisão que deveria ser o quarto de Harris.

Corajoso e altruísta? Não foi isso que Allie lhe chamou.

— Vão entrar ou não? — Grita Crouch. Leo e Ffion juntam-se aos outros à volta da longa e larga mesa. — Ei! — O inspetor acena com a cabeça para Leo, enquanto se dirige ao resto da sala. —

Como se faz alguém de Liverpool correr mais depressa? Enfia-se-lhe um leitor de DVD debaixo do braço!

Há uma onda de gargalhadas de boa energia à volta da sala, e que mais pode Leo fazer senão rir-se também? Sente os olhos de Ffion cravados em si.

— E esta deve ser a nossa representante galesa.

— Detetive Ffion Morgan, inspetor.

— Lamento que tenha acabado a trabalhar com o Cu Gordo.

Leo não se consegue rir, desta vez. Não se deveria importar com o que Ffion pensa dele, mas parece que se importa.

— Não te deixes abater. — Ffion sorri docemente. — Tenho a certeza de que apenas é uma questão de teres os ossos grandes.

Leo pensa que vai acabar por ouvir a resposta tardia do chefe. O silêncio estende-se e propaga-se pela sala, e Leo prepara-se para o ricochete, mas não chega.

Crouch semicerra os seus olhos para Ffion, e depois olha para o lado.

— Então, ao trabalho. — Bate no iPad com autoridade e o ecrã na parede atrás dele ganha vida com um relatório sumário da autópsia. — A causa da morte ainda não é clara, mas a patologista inclina-se para insuficiência cardíaca, provocada por agressão a partir de uma arma desconhecida. Ainda estamos à espera de um relatório toxicológico completo, mas o sangue inicial mostra níveis muito baixos de álcool.

— Isso não faz sentido, chefe — diz o detetive Parry. — As declarações das testemunhas dizem todas que Lloyd estava embriagado.

— A ciência não mente, detetive Parry. — Crouch apresenta um relatório impresso; os resultados do laboratório, presume Leo. Ele pensa na tirada depreciativa de Izzy Weaver sobre o infeliz Elijah — na semana passada enviou sangue errado para o laboratório — e espera que Izzy tenha verificado duas vezes as submissões.

— A autópsia também revelou extensos ferimentos superficiais no rosto da vítima — continua Crouch —, desferidos antes da morte. — Houve um fino corte linear na língua e um no queixo, com alguns dias, provavelmente um corte de barbear, e marcas à volta de

ambos os tornozelos, consistentes com algum tipo de corda. É provável que tenha sido amarrado a algo concebido para o manter no fundo do lago.

— Bem, isso é uma falha — diz o detetive Clements. — Há alguma hipótese de a corda ter sido arrastada pela água?

— A Equipa de Apoio está a fazer uma busca exaustiva pelas margens. Por agora, o utensílio utilizado para infligir as lesões faciais é desconhecido, por isso, se se depararem com algo que pareça provável, recolham-no e etiquetem-no. Foram encontrados vestígios de uma espécie de verniz, ou de tinta, nas feridas faciais da vítima, mas a sua proveniência não é clara.

— Poderia ter sido um atropelamento e fuga? — O detetive Thorngate olha em redor da sala, testando a ideia. — Alguém que entrou em pânico; atirou o corpo para o lago? Pode valer a pena verificar a amostra na base de dados nacional de tintas.

Ffion acena com a cabeça negativamente.

— Os ferimentos não são consistentes com traumatismos contundentes, mas vale a pena tentar.

— Ainda estamos à espera do histórico de chamadas do telemóvel do Lloyd — diz Crouch. — Mas as aplicações de encontros que utilizava incluem Tinder e Plenty More Fish. Os analistas estão a investigar ambas, para estabelecer com quem o Lloyd esteve em contacto, no caso de estarmos perante uma amante rejeitada ou de um marido ciumento.

— Que também podem estar relacionadas com a perseguidora. — A sugestão vem do detetive Walton, que se encontra a tirar apontamentos no seu bloco com a avidez de quem é novo no cargo.

Ao seu lado, Thorngate gira uma caneta entre os dedos.

— No entanto, ele poderia tê-la denunciado, se fosse alguém com quem tivesse tido um caso?

— Ele não teve muita escolha — diz Ffion. — A mulher apareceu à porta deles. — Olha para as suas notas. — Cabelo claro, louro, calças de ganga pretas, casaco de cabedal castanho, boné de basebol.

— Isso é bastante detalhado. — A caneta do detetive Thorngate foge-lhe dos dedos e ressalta para cima da secretária. — Alguma

câmara filmou?

Ffion abana a cabeça negativamente.

— A mulher tentou forçar a entrada em casa, exigindo ver Rhys. Quando Yasmin recusou, fez ameaças contra ela e as filhas adolescentes.

— Ela fez queixa à Polícia? — pergunta Crouch.

— Não — diz Leo. — O marido telefonou, quando chegou a casa. Disse que Yasmin tinha ficado em choque e que não tinha pensado bem. Obviamente, quando a Polícia lá chegou, já não havia sinal do agressor.

Crouch desenha no iPad, e um ponto de interrogação aparece no ecrã atrás dele; uma legenda diz Perseguidora.

— Aqui está o nosso primeiro suspeito. Detetive Thorngate, quero que seja a ligação entre a Polícia Metropolitana e os nossos analistas. Veja se há algum cruzamento entre as mulheres que Lloyd via no Tinder e a nossa perseguidora misteriosa.

— Sim, chefe.

— Quem está com os barcos? — Crouch olha pela sala.

— Marinheiros, chefe — surge uma resposta do fundo. Há uma explosão coletiva de gargalhadas.

— Estou eu, chefe. — O detetive Thirkell levanta uma mão. — Tenho a lista de todos os que têm licença e estou a trabalhar nisso, e a equipa da videovigilância está à procura dos reboques nas estradas que entram na zona.

— Podemos usar a equipa de busca subaquática? — pergunta o detetive Thorngate. — Talvez ainda consigamos obter alguma coisa sobre a arma.

— Talvez se tivéssemos outro corpo por lá — diz Crouch. — Mas não na hipótese de apenas encontrarmos algo que possa produzir algumas impressões digitais.

Ffion levanta um braço.

— Tenho um contacto de um operador de um drone subaquático. Gostaria que eu...

— Grande ideia, obrigado.

Quando é que Crouch dissera obrigado a Leo? Alguma vez reconheceu que ele tinha feito um bom trabalho?

— Alguma videovigilância no The Shore? — continua o inspetor.

— Vou já investigar isso, senhor — diz Ffion rapidamente. Leo sente um tremor de ressentimento. Falando em dar graxa ao chefe...

— Ótimo. E façam também uma passagem por outras eventuais câmaras. Lojas, câmaras de porta, câmaras de tablier, etc.

— Chefe!

— Às oito da manhã de amanhã, então, pessoal. — Como sempre, Crouch é o primeiro a sair pela porta.

Leo perspetiva a sua noite, o apartamento vazio e o cheiro estranho da porta ao lado, e volta-se para Ffion.

— Suponho que não queres ir comer qualquer coisa, pois não?

Assim que o diz, arrepende-se de imediato. O rosto de Ffion carrega aquele olhar: aquele que diz como posso desiludi-lo simpaticamente?

— Quero passar pelos hashtags no Instagram — acrescenta Leo rapidamente. — É mais rápido se formos dois.

Ffion encolhe os ombros.

— Claro.

Instalam-se num restaurante chinês chamado Wok this Way, deslizando para uma cabina estreita junto à porta.

— Chow mein de gambas? — pergunta Leo, analisando a lista de pratos.

— O que tu quiseses.

— Frango com limão?

— Porque me perguntas? Oh, meu Deus. — Ffion pousa a ementa dela. — Tu és desses.

— «Desses» quais?

— Um dos que partilha. Olha, não quero ser esquisita, mas se encomendar pato estaladiço, é porque quero pato estaladiço, não porque quero meio pato estaladiço.

— Tecnicamente, na verdade é metade de um...

— Tu pedes o que quiseses. Eu peço o que quiser. É assim que os restaurantes funcionam.

Trabalham enquanto comem, cada um a percorrer o Instagram no respetivo telemóvel. Uma mulher na mesa ao lado lança-lhes um

olhar piedoso, murmurando algo ao namorado. Ela pensa que ele e Ffion são um casal, supõe Leo, uma saída à noite sem nada para dizerem um ao outro.

— Isto foi publicado às onze da noite — diz Leo, olhando para uma foto de Lloyd na cozinha dos Charlton. O rosto estava vermelho e brilhante, o suor colava-lhe o cabelo à testa.

— No entanto, poderia ter sido tirada mais cedo. Alguns dos convidados terão esperado até chegar a casa para fazer o post. A rede de telefone é péssima daquele lado do lago, não consigo imaginar Jonty Charlton a distribuir a sua palavra-chave do WiFi. — Ffion mostra a Leo uma série de imagens. — Muitas estão numa ordem estranha. Clemence Northcote não tinha acabado de secar o cabelo quando a festa começou, repara, mas esta foto só foi publicada no final da noite. E vê esta dos Charlton? Há uma quase idêntica, de um ângulo diferente, mas colocada duas horas mais tarde. Temos de pedir à Informática para verificar o sinal da hora em todas elas.

Ffion para. Vira o telefone ao contrário.

— Isto é interessante.

A imagem está extremamente filtrada, mas Leo consegue ver Bobby Stafford, a falar com uma mulher com uma argola no nariz.

— Quem é essa?

— Eira Hughes. Professora da escola primária. Mas essa não é a parte interessante.

Eira está a rir-se, talvez de algo que Bobby dizia; ele tem um sorriso na cara. Ao lado deles há outro grupo de pessoas. A imagem é cortada, mas é possível ver as costas de uma mulher de leggings de cabedal preto, de costas para Stafford.

— Olha para a mão dela — diz Ffion.

Leo olha. Os dedos de Bobby estão entrelaçados com os da mulher atrás dele.

— Ashleigh?

Ffion abana negativamente a cabeça. Pega de novo no telemóvel e desloca os dedos para uma outra publicação do Instagram.

— Isto é o que Ashleigh vestia. — A mulher de Bobby está com um vestido vermelho, ajustado e curto. Ffion volta a tocar no aparelho, o polegar desliza através do ecrã, imagens movendo-se fluidamente. Ela para, e Leo vislumbra uma mulher de preto.

— É ela? Estás a reconhecê-la? — Leo olha para a fotografia para a qual Ffion está a olhar.

— Não. — Ffion desliza rapidamente. Um pouco depressa demais.

— Não é da terra, então?

— O quê?

— Se não a conheces — Leo dá por si inclinado sobre a mesa, de cabeça baixa, num esforço para chamar a atenção de Ffion —, ela se calhar é de fora da cidade. Certo?

Finalmente, Ffion olha para cima.

— Desculpa. Sim.

— Então, se a equipa técnica puxar os metadados de todos estes posts, podemos cruzá-los com os dados do relógio Apple do Rhys, para ver o que estava ele a fazer quando o seu ritmo cardíaco se tornou irregular.

— Estavas à espera que o assassino fosse o Professor Plum na sala de desenho com o candelabro?

— Nunca se sabe.

Leo percorre o feed do Instagram no telemóvel, procurando mais imagens da mulher misteriosa de preto. Há um par de fotos da Yasmin e do Rhys Lloyd no seu deque, presumivelmente tiradas antes da festa, nas quais Lloyd parece significativamente menos desgrenhado. Atrás deles, o lago é uma massa escura, um contorno de pesadas nuvens negras por cima. Talvez seja apenas porque Leo sabe que no fim da noite Rhys estará na água, e atrás dele até as luzes cintilantes penduradas ao longo da balaustrada parecem cheias de presságios.

As filhas gémeas de Rhys estão ambas no Instagram, as suas imagens cuidadosamente estudadas e fortemente editadas. O mais recente post de Tabby Lloyd é uma pungente foto do estúdio vazio do pai, a sua cadeira num ângulo como se ele tivesse acabado de sair da sala por um momento. Leo olha para a imagem, lembrando-

se das fotografias brilhantes para as quais olhou esta manhã, tentando identificar o que lhe parece diferente. Ele desejava não ter deixado a revista em casa.

— Haverá fotografias do escritório do Lloyd anteriores à sua morte?

— Yasmin exibiu todo o espaço no seu Instagram, no verão. Espera. — Ffion percorre as imagens, e toda a vida anterior de Lloyd aparece em pequenos quadrados cheios de filtros. Véspera de Ano Novo, depois o Natal, depois a vida londrina. O final das férias de verão no The Shore, depois Londres novamente, depois verão no The Shore. Ffion para. — Aqui.

Leo segura o telefone junto ao de Ffion, e debruçam-se sobre as imagens quase idênticas do estúdio de Rhys Lloyd. O quarto é pequeno, basicamente um amplo patamar entre o quarto principal com vista para o lago, e os dois quartos mais pequenos na frente da habitação. Além da secretária, mais arrumada na foto de Yasmin do que na da filha, há uma pequena poltrona, uma estante de música e um vaso com uma planta. Por cima da secretária há uma prateleira sobre a qual se encontram vários troféus e prémios.

Leo conta os prémios visíveis na fotografia de Yasmin, depois faz o mesmo para a de Tabby. Ele olha para Ffion, e a primeira peça do puzzle cai perfeita no seu lugar.

— Falta uma.

DOZE

Véspera de Ano Novo: 19h | Mia

Mia volta a pé para o The Shore, praticamente uma hora depois de lá ter saído. Esteve lá o dia todo, a preparar canapés e a ser comandada por Blythe. Quem é que sente necessidade de fazer um plano de projeto para uma festa, por amor de Deus? Umas tigelas de batatas fritas, umas quantas músicas para dançar, trazer a própria bebida, e pronto, um trabalho bem feito.

Não no The Shore. No The Shore, são bandejas de sushi e pequenos pudins Yorkshire a esconder fatias de rosbife raro. E filas e filas de garrafas com tampas de alumínio, e uma daquelas pirâmides de copos que a Mia só vê nos filmes. E um toldo, do género daqueles que se encontram nos casamentos de hotéis chiques, com espreguiçadeiras e guarda-sóis, e também uma tapete cor de areia, e isto só porque trazer areia de verdade foi justamente o ponto onde Jonty traçou os limites. Dinheiro a rodos. Gente louca.

Na maioria.

Mia não aceitou o trabalho como empregada de limpeza (e agora, aparentemente, empregada de mesa) por causa de um homem, mas foi por isso que ela ficou. É por isso que suporta a condescendência e os insultos casuais, e a sensação de ser invisível, a menos que tenha feito algo de errado. E sabe o quão louco é, e o que as pessoas diriam, e Deus bem sabe o quanto ele é despropositadamente inadequado...

Mas...

O seu coração dispara sempre que traça o caminho sobre as rochas nuns ténis que vai mudar antes de chegar ao The Shore. Na mão, balança um par de sapatos com saltos de quinze centímetros

e, muito bem, podem não os sapatos Loubo-não-sei-quê que Blythe usa, mas fazem as pernas de Mia parecer infindáveis. A lata daquela mulher, a sugerir que a Mia usasse um uniforme de empregada de mesa! Mia passou seis meses a usar uma mera roupa lavada nos encontros fortuitos com o seu amante, mas esta noite pretende impressioná-lo. Conseguiram um encontro rapidíssimo hoje cedo, e está esperançosa de que esta noite, quando todos estiverem distraídos com a festa, possam sair à socapa.

Ele não faz o género de toda a gente, ela sabe disso. Um pouco pretensioso, talvez; um pouco convencido. Mas, por baixo de tudo isso, longe do seu mundo, ele é adorável. Mia sorri para si própria. Depois da festa, ele vai saltar fora. Ele prometeu-lhe. Vai afastar-se de todas aquelas armadilhas de sucesso e vai estar com ela. — Quem precisa de dinheiro, quando se tem amor? — diz ele constantemente, e Mia sabe que ele está a falar a sério.

Porque haveria ele de mentir?

Há qualquer coisa no ar na casa de Jonty e Blythe, palavras subentendidas nas conversas, e Mia pensa de imediato (como sempre faz, quando chega ao trabalho e descobre que algo está errado) que as pessoas sabem. É claro que é egocêntrica em relação a ela, mas as pessoas apaixonadas são muitas vezes egocêntricas.

— ... a esgueirarem-se, não traz nada de bom — diz Blythe. Mia congela à porta, o seu coração a bater.

— São apenas crianças — diz Jonty. — Não te esgueiraste quando eras adolescente?

Mia relaxa. Gingando, entra na sala com toda a elegância que consegue reunir em cima daqueles saltos vertiginosos, fingindo que não sabe o efeito que provoca.

— Ding dong!

Blythe olha para o seu marido.

— Quem me dera que não estivesse sempre a dizer isso. É horrível. — Ela atira para cima de Mia com o raio da uma folha de instruções, e Mia range os dentes. No final, tudo vai valer a pena.

Os convidados locais só chegam daqui a meia hora, mas Rhys e Yasmin já por ali andam, a falar com Bobby e Ashleigh. Mia enche-lhes os copos com champanhe, e lá está novamente: aquela atmosfera estranha, como algo a puxar por baixo da superfície.

— ... disseram que eu tinha um jeito natural, não foi, querido? — está Ashleigh a dizer. — Apesar de o Bobby ser o ator.

— Podemos chamar a alguém «ator», quando se limitam essencialmente a fazer de si próprios? — diz Rhys. Sorri, como se fosse uma piada, mas os seus olhos são frios como pedra, e, embora Bobby se ria, sente-se nele uma certa dureza.

— Podemos chamar a alguém «cantor» — diz ele —, quando na essência se é apenas um idiota com um microfone?

Os dois homens encaram-se, e parece o início de todas aquelas rixas de pub que Mia já viu. Yasmin parece quase satisfeita, como se ter o seu marido espancado por um verdadeiro campeão de boxe fosse a melhor coisa de sempre. O que quer que Rhys tenha feito, deixou Yasmin bem irritada.

Ashleigh, é claro, está a milhas de tudo o que se passa.

— Devia conseguir que fizessem um reality show sobre si, Rhys. É muito fácil: seguiam-no durante uns meses, filmavam-no em casa com as crianças, iam aos ensaios e essas coisas.

— Isso presumiria que ele teria ensaios para ir — diz Yasmin, de forma ácida.

Algo se passa seriamente com aquela gente. Mia fica contente quando Clemmie e Dee chegam. Clemmie está a usar um vestido que, como ela diz a quem quer que ouça, é feito de garrafas de plástico reciclado, completo com tampas de garrafas achatadas como botões.

— Incrível — diz Mia, o que não é exatamente mentira. — E você está fabulosa, Sra. Huxley.

Dee está a usar calças de veludo preto e uma blusa branca com folhos na frente. Traz sapatos de tecido preto, brilhantes.

— Saltos raso, querida — diz ela à Mia, quando a vê a olhar. — Além disso, os sapatos de homem são muito mais confortáveis.

Supostamente, Mia teria de oferecer comida, porém nenhum dos convidados de luxo quer comer, e as belas travessas permanecem

intocadas até os habitantes locais chegarem.

— C'um caraças. Este lugar... — diz Eira, assim que entra.

— É, não é? — Mia sente uma estranha sensação de orgulho, como se vivesse ali. Por um segundo, imagina como seria se vivesse de facto. Se todo aquele dinheiro, todo aquele material, fosse dela. Talvez venha a ser, um dia.

É embaraçoso, no início. A maioria dos habitantes locais não conhece ninguém ali, e por isso ficam em grupos, conversando uns com os outros e olhando à volta. Do outro lado da casa, os donos do The Shore falam e riem-se demasiado alto, e aquilo traz a Mia a lembrança das discotecas escolares: rapazes de um lado, raparigas do outro. Apenas Clemmie e Dee fazem um esforço para receber os convidados, e lentamente os dois grupos começam a misturar-se.

— ... o mesmo traçado, sim, mas na realidade são bastante diferentes — diz Yasmin a um casal que Mia sabe perfeitamente que não se interessa minimamente por decoração de interiores. — Faça-lhe uma visita guiada, se quiser.

— Seria ótimo — diz a dupla, desesperada por sair dali.

É o início de um fluxo interminável de pessoas a navegar de uma ponta à outra do The Shore. Os pés de Mia doem-lhe, gostaria de tirar os sapatos, mas sabe que ele está a observá-la. Ainda agora ela lhe ofereceu uma nova dose e ele sussurrou-lhe ao ouvido enquanto ela se inclinava para a frente:

— Quero-te.

Ele vai encontrar tempo para ela mais tarde, ela tem a certeza. Ela só tem de ser paciente.

Alguém apagou as luzes e subiu o volume da música. A habitação palpita de calor e ruído, corpos contra corpos. Há uma corrente de ar gelada, uma vez que as portas duplas estão escancaradas, o lado esquerdo do toldo bate. Um grupo de rapazes do bar entra, dando bem nas vistas, dirigindo-se diretamente para a mesa das bebidas.

— Quem são estas pessoas? — pergunta Blythe ansiosamente a Mia. — Foram convidados?

Mia consegue ver um convite dobrado num dos bolsos traseiros de um dos homens.

— Acho que sim — diz ela. — Aquele é Gruffydd. — Aponta Mia. — E aquele é Hari Roberts, Sion Williams... — Mas Blythe não quer saber os nomes. Não se refere realmente a quem são eles? Pretende dizer aquilo que eles são? O que fazem, que tipo de pessoas são?

— Eles bebem em Y Llew Coch — acrescenta Mia. Blythe pestaneja rapidamente, parecendo visivelmente incomodada quando o grupo ocupa um canto da sala de estar. Há oito deles, todos de calças de ganga e botas de trabalho gastas, casacos atirados descuidadamente para uma pilha. Os casacos estão brilhantes de gotículas de água e Mia percebe que devem ter vindo de barco, quase de certeza diretamente do bar.

Caleb está a tentar passar despercebido pela festa. Na cozinha, abre um armário, Mia interceta-o assim que os dedos dele aterram na garrafa de brandy escondida atrás das latas.

— Se fosse a ti, não o faria.

Caleb salta.

— Raios, Mia! Não devias assustar assim as pessoas.

Mia tira-lhe o brandy da mão.

— Há uma geleira ao lado da casa, com uma quantidade de cervejas dentro. Não vão dar por falta de algumas latas.

Ele sorri.

— À nossa! — devolve ele, saindo para onde quer que o resto dos adolescentes esteja esta noite. Mia segue-o, para se certificar que não levou a geleira inteira, e o ar da noite é um sopro de alívio nos seus membros quentes e doloridos. Anda pelo exterior da tenda, escondida da vista, e tira os sapatos. Esfrega os pés descalços nas ranhuras geladas do deque.

— Desculpa — ouve um homem gritar. — Pronto, já disse. Estás feliz agora?

Mia pisca na escuridão. Nuvens escuras movem-se lentamente à frente da Lua, desorientando-a.

— Não é a mim que devias estar a pedir desculpa. — A voz de Dee Huxley é inconfundível, e Mia percebe que as vozes estão a vir do deque ao lado. Mas com quem está Dee a falar? — O que fizeste àquela mulher...

Dee deixa a frase pendurada, e Mia sustém a respiração. Dentro da tenda, as portas da casa abrem-se, uma explosão de barulho quebra-se sobre as vozes silenciosas da porta ao lado.

Que mulher?

Ouve-se um rugido vindo água, o ronco de um barco a motor, e, quando este som é cortado um momento depois, o silêncio é ensurdecedor. A jovem Seren Morgan aparece no topo da escada, desaparecendo na festa antes de Mia poder dizer uma palavra. Ela pergunta a si própria se Elen ficou mole, se condescendeu, ou se Seren contou alguma história à mãe.

Mia caminha para a borda do deque, mesmo quando Huw Ellis está a subir a escada, vindo do pontão.

— Tudo bem, Mia?

— Deverias estar aqui? — Mia gosta de Huw, mas toda a aldeia sabe o que ele pensa sobre este lugar.

— Onde está ele?

— Quem?

— O Lloyd. — Ele não espera por uma resposta e Mia segue-o para dentro, vendo-o a examinar a sala, depois entrar no corredor e abrir a porta da frente. As pessoas estão agora a dançar, os móveis foram encostados às paredes, disponibilizando mais espaço. Ela detém-se, para falar com Seren, que esconde o copo atrás das costas, como se isso fosse suficiente para esconder o facto de estar a beber, apesar dos olhos esgazeados.

— Festa espantosa, não é? — pergunta Mia.

Seren encolhe os ombros.

— Não está má. — Está toda produzida: vestido e saltos quase tão altos como os de Mia. Cabelo penteado em cachos e olhos anelados de preto. Parece perigosamente sexy, e Mia pergunta-se se Elen a terá visto sair de casa assim.

— A tua mãe está aqui? — pergunta Mia.

— A mãe, no The Shore?

Yasmin enfia-se num espaço ao lado delas.

— Seren! Viu a Tabby e a Felicia? Tenho andado à procura delas por todo o lado.

— Acho que estão a ver Netflix na casa do Caleb.

— Diga-lhes que preciso delas para obrigar o pai a comer alguma coisa.

— Hum. Está bem.

— Ele não me dá ouvidos. Coloquei uma sanduíche embrulhada em película no frigorífico; elas podem dar-lhe isso. — Yasmin olha para a Mia. — Ele está completamente embriagado, é mortificante.

Ele não é o único, pensa Mia. Agora há mais garrafas vazias debaixo da mesa do que cheias, e até Clemmie tem duas rosáceas brilhantes na bochecha enquanto demonstra o que talvez seja algum tipo de dança irlandesa. Steffan Edwards está a emborcar de novo vinho tinto, o que não vai acabar bem.

Talvez se junte a ele, pensa Mia. Tem sido relativamente abstinência até agora, sorvendo goles de champanhe entre as rondas de canapés, mas já acabou este lote. Olha para o outro lado da sala. Jonty está praticamente a babar-se para o decote de Ashleigh Stafford, e sente uma repentina explosão de raiva por ser a empregada de mesa, a empregada de limpeza, a sobra. Ashleigh faz birrinhas e arranja-se, e sacode as exorbitantes extensões de cabelo com as suas unhas caras.

Mia odeia-a mais do que alguma vez odiou alguém.

TREZE

4 de janeiro | Ffion

Ffion teve uma noite agitada, acabando por adormecer de madrugada, ao ponto de mais tarde não ouvir o despertador tocar. Não tomou banho, e o seu cabelo está uma confusão frisada. Assim que chega ao The Shore, mostra o distintivo ao agente fardado parado ao fundo da estrada. Este está a falar com dois homens, e Ffion reconhece-os instantaneamente: o repórter Cachecol às Riscas e o seu cameraman, Gav. A névoa da manhã envolve as árvores e uma leve neblina paira no ar, assentando em contas de prata no casaco do Cachecol às Riscas.

— Estes tipos andam por aí há dias — diz Ffion ao homem de uniforme. — Foram avisados, mas...

De imediato, Gav coloca a câmara ao ombro, o repórter empurra um microfone de mão em direção a Ffion.

— Agora que isto se tornou um inquérito de homicídio, a Polícia tem suspeitos?

— Vai ter de falar com o gabinete de imprensa. — Ffion fecha a porta do carro, recordando-se pela enésima vez de arranjar a janela.

— É a detetive Morgan, não é? — grita o repórter. — Da Polícia do Norte do País de Gales? Está a trabalhar com a equipa de Cheshire porque a vítima é galesa ou porque o suspeito também é? — Enquanto Ffion se afasta, ele caminha junto dela, gritando perguntas. — Uma fonte relatou uma tensão histórica entre o The Shore e a comunidade local. Pode comentar alguma coisa sobre isso? Como é a relação entre si e os seus colegas ingleses?

Ffion sai do carro.

— Que merda — desabafa. Por uma vez que seja, sente-se grata por o The Shore se situar num território protegido e exclusivo,

escondido de olhares curiosos. Fora da casa dos Lloyd, a fita azul e branca agita-se na brisa, e os investigadores da Polícia Científica, de fato branco, movem-se para trás e para a frente entre a casa e a carrinha. Atrás das habitações, o lago permanece sob uma manta de nevoeiro.

Ffion vê a farda cor-de-rosa de Mia a sair de casa de Dee Huxley e chama-a:

— Deves-me um SMS!

Mia hesita, antes de caminhar para Ffion.

— Ti'n iawn⁸?

— Nada mal. Ocupada. — Ffion aponta para a fita da cena do crime. — Recebeste a minha mensagem no voicemail no dia de Ano Novo? Sobre aquilo de dizeres que passei a noite na tua casa, se a mãe perguntasse?

— Sim. Mas qual é o problema, afinal? Porque precisas de um álibi?

— Coisas pessoais. — Ffion encolhe os ombros. — Sem drama, só não quero que o mundo inteiro se meta na minha vida.

— És uma amiga de merda, sabias. Só me envias mensagens quando precisas de alguma coisa. — Mia di-lo de ânimo leve, contudo as palavras transportam uma corrente subterrânea difícil de ignorar.

— Isso não é verdade.

— Pois, pois. — Mia afasta-se.

— Já agora, não contei a ninguém — Ffion grita atrás dela — sobre o que tens andado a fazer. — Mia para, mas não se vira, e um segundo depois dirige-se ao seu carro. Ffion morde o interior da bochecha. Ela não é uma companheira de merda. Uma companheira de merda não guardaria um segredo, pois não? Especialmente no meio de uma investigação de homicídio.

Ffion fala com o agente no exterior do alojamento dos Lloyd:

— O detetive Leo Brady está lá dentro?

O oficial verifica a prancheta, na qual os movimentos de todos estão bem anotados.

— Acabou de chegar.

Ffion dá-lhe o número de identificação policial, depois abaixa-se para passar sob a fita azul e branca e puxa o equipamento de proteção individual da caixa junto à porta da frente.

Lá em cima, Leo está a falar com a agente investigadora principal da Polícia Científica.

— Desculpem o atraso — diz Ffion.

— Muito trânsito? — A voz de Leo é abafada pela máscara, e Ffion não consegue dizer em que tipo de humor se encontra. — Os rapazes apreenderam um monte de medicamentos do armário de cabeceira do Lloyd.

— Principalmente por cima da bancada — diz a agente da Polícia Científica. — Umas receitas. Vamos levá-los para o laboratório.

— Alguma prova de cena de crime? — pergunta Ffion.

— Salpicos de sangue. Aqui, junto à secretária — indica a agente da Científica. — Foi muito bem limpo, mas também há sangue e fibras que sugerem que a vítima foi arrastada do estúdio para o quarto principal.

Ffion e Leo seguem-na, seguindo as placas no chão que ali se encontram para proteger as provas. Há mais placas na varanda, e o gradeamento metálico ostenta os vestígios reveladores do pó das impressões digitais.

A agente da Científica inclina-se e aponta para o fundo da barreira de vidro, que para cerca de trinta centímetros acima do deque da varanda:

— Há sangue na parte de baixo deste vidro. Parece que a vítima foi empurrada para debaixo dele.

No deque principal, um cone amarelo marca uma mancha em torno da qual um outro oficial de fato branco está a analisar. Leo olha para baixo.

— E foi ali que ele aterrou?

— De certeza absoluta — diz a agente. — Vamos avançar aqui, mas vai ser como procurar uma agulha num palheiro: há impressões digitais por todo o lado. A prateleira dos prémios não é assim tão má, mas não tenho a certeza de que isso seja de grande ajuda, pois

o infrator não precisaria de tocar na própria prateleira para remover um dos prémios.

— Talvez não tenha sido nada pessoal — diz Leo, ao regressarem lá fora. — Talvez alguém tenha vindo para assaltar o local. Afinal de contas, os prémios estão espalhados por todo o Instagram; e depois Rhys meteu-se no caminho.

— Então, porque não levar os outros troféus?

— Falta de tempo?

— Tiveram tempo para arrastar o corpo para a varanda, empurrá-lo para o deque e depois para o pontão, colocá-lo num barco e largá-lo no meio do lago, mas não tiveram tempo de embrulhar alguns troféus num saco?

Leo sorri.

— Admito, não é a minha melhor teoria. Vamos ver se as gravações rendem alguma coisa.

Ffion sente-se desperta.

— Isso está na minha lista. Eu vou apreendê-las.

— Já está feito. Recebi as chaves enquanto esperava por ti esta manhã.

— Eu disse que o faria!

A força da resposta de Ffion faz com que Leo levante as mãos em rendição.

— Calma. Só pensei em aliviar-te a carga, mais nada.

— Não preciso da tua ajuda.

Leo abana a cabeça.

— És difícil, sabias? Não vais a reuniões de trabalho, não fazes trabalho de equipa... — Ele bufa, deixando sair o conteúdo num fluxo lento e barulhento. Ffion não diz nada. — De qualquer modo, apreendi o disco rígido e descarreguei-o vinte e quatro horas a partir das nove da manhã da noite de Ano Novo. Há uma falha à tarde, por volta das três da tarde, onde as filmagens saltam uma hora para a frente.

— Rhys Lloyd esteve vivo durante várias horas depois disso.

— Exatamente, e parece tudo bem a partir daí, para que possamos cruzar as pessoas que chegam à festa com os convidados que já estão na nossa lista. Ver quem falta. As câmaras

estão mais bem preparadas para a estrada do que para os percursos pedestres, mas é um começo.

O telefone de Ffion toca no bolso, e ela olha para o ecrã antes de responder, contente pela distração.

— Tudo bem, chefe?

— Boas notícias — diz o inspetor Malik. — Agora que a cena do crime foi identificada como estando do lado inglês do lago, eles não têm qualquer justificação para te manter. Falei com o inspetor Crouch e persuadi-o a deixar-te ir. — Há uma alteração do tom relativamente ao inspetor inglês, sugerindo que a relutância de Crouch foi de curta duração. A impertinência de Ffion teve um grande efeito, mas, se o homem não aguenta, não devia despachar o assunto para cima do Leo.

O pensamento de Leo fá-la recordar-se das câmaras de vigilância, e o seu estômago contrai-se. Se ela não estiver a trabalhar no caso, não terá forma de saber o que foi descoberto. O quão perto estão da verdade. Ela afasta-se de Leo.

— A questão é, chefe, acho que devo ficar no caso.

— Ffion, imploraste-me que te tirasse de lá!

— Há muitas investigações locais a fazer do nosso lado da fronteira. Há várias testemunhas que preferem ser tratadas em galês — ela sabe exatamente como tocar nesta tecla —, e eu acho que vai ser uma boa experiência para mim. Trabalhar em equipa. É uma área para, hum, desenvolvimento pessoal.

Há uma longa, e algo surpreendida, pausa.

— Bem, isso eu não posso contrapor — suspira Malik. — Muito bem. Ficas. Mas, da próxima vez que me pedires um favor, temos de ver as coisas com calma.

Yasmin e as gémeas mudaram-se temporariamente para a casa da mãe de Rhys. Ffion ouve a música vinda do teto, enquanto ela e Leo se sentam no sofá de dralon de Glynis, Yasmin em frente a eles numa cadeira estreita e de costas altas. Glynis remexe tudo para fazer um bule de chá, e encontra um prato com bolachas que ninguém quer comer.

— Dach isio rhwybeth⁹? — Glynis irrompe em galês, olhando para Yasmin e mudando para o inglês. — Desejam algo mais substancial? Uma sandes, talvez?

— Estamos bem, obrigado — responde Leo.

— Quando podemos ir para casa? — Yasmin está pálida e magra, as suas longas pernas dobradas junto ao peito, como uma criança.

— Receio bem que a unidade de Investigação da Polícia Científica vá lá estar por mais dois dias — diz Ffion. Mas, se houver alguma coisa de que precise, podemos tratar de...

— No The Shore, não! Ficaria feliz se nunca mais lá pusesse os pés. Quero levar as miúdas para casa, voltar para Londres.

— Yasmin, cariad — diz Glynis —, não me leves as gémeas. Elas são a única família que me resta agora. — Tira um lenço da manga e esfrega-o no nariz.

— Preferíamos que ficasse na zona — diz Ffion —, enquanto a investigação está em curso. — Da janela, ela consegue ver para baixo o jardim traseiro de Glynis, quase inteiramente ocupado por uma casinha de madeira.

— Já foi alvo uma vez no seu endereço de Londres — acrescenta Leo. — Ainda não excluímos uma ligação entre a perseguidora do seu marido e o seu assassinato. — Tira o telefone e mostra a imagem do Instagram de Yasmin da prateleira de troféus de Rhys, fazendo zoom no prémio que suspeitam estar agora no fundo do lago. — Acreditamos que foi isto que causou as lesões faciais do seu marido. O que nos pode dizer?

Glynis olha novamente para a imagem por cima do ombro de Yasmin e soluça. Começa a mexer nas gavetas de uma grande cómoda de carvalho.

— É o prémio Rising Star Award — diz Yasmin, num tom neutro. — De 2010. Atribuído a um ator de teatro musical que se considera ter apresentado o melhor espetáculo do ano. Rhys ganhou-o com Judas, em Jesus Cristo Superstar. O último trabalho decente que teve. — Olha para a sogra, mas Glynis não reage.

— Imagino que seja uma indústria difícil — diz Leo.

— Toda a gente anda à procura do próximo fenómeno. — Yasmin puxa um fio solto no braço da poltrona. — Todos os agentes querem um grande êxito e, assim que o têm, começam logo à procura de novos talentos. O agente da Rhys mandou-o fazer anúncios de seguro automóvel, por amor de Deus.

— E, justiça seja feita, era brilhante a fazê-los — diz Glynis. — Entrega a Ffion uma fotografia reluzente. Nela, Rhys Lloyd veste um smoking preto; Ffion pergunta-se se será o mesmo com que morreu. Yasmin está vestida com um vestido comprido, decote cavado, diamantes brilhantes à volta da garganta. Estão em cima de um tapete vermelho, em frente de um pano de fundo apimentado com logotipos de patrocinadores. Uma das mãos de Rhys descansa, relaxada, na cintura da mulher; a outra agarra o pescoço de um enorme prémio.

— Muito impressionante — diz Leo.

Yasmin remexe o fio solto, enrolando-o à volta dos dedos.

— É horrível.

Ffion olha para a fotografia.

— De que é feita?

— A base é de mármore; o resto é de metal, tudo coberto com folha dourada.

Acima da mão de Rhys há uma explosão estelar de espigões de metal. Ffion arrepia-se.

— Quando foi a última vez que o viu no seu escritório?

— Na véspera de Ano Novo, acho eu.

— Viu-o realmente, então? — diz Leo.

— Bem, não. Quero dizer... não vê coisas que sabe que estão lá, pois não? Apenas supõe que estão.

Leo abre o caderno de notas.

— Pode dar-me uma lista das pessoas que estiveram naquela sala, por favor? Temos de cruzá-la com as impressões e provas de eliminação que recolhemos.

— Lamento, mas é impossível. — Yasmin pisca. — Levei toda a gente até lá. Sou designer de interiores. — O The Shore é uma parte muito importante do meu portefólio.

— Quando se diz toda a gente... — diz Leo.

— Jonty e Blythe, obviamente. Clemmie, Dee, os Stafford; a Ashleigh queria os meus conselhos sobre iluminação, embora, acreditem, tenham posto holofotes na...

— Quem mais? — interrompe Leo.

— O construtor, Huw Ellis. Tem havido problemas, e ele possui um conjunto de chaves. Tem estado por todos os alojamentos. O mesmo se aplica a Mia, a empregada. Depois, é claro, fiz visitas guiadas à festa.

— Fez visitas guiadas? — Ffion imagina-se a fazê-las à casa da mãe. Esta é a casa de banho, onde tem de se bater no cano com um martelo para que o duche se ligue. Este é o meu quarto, que ainda tem um póster dos Backstreet Boys na parede...

— As pessoas ficaram curiosas. — Lá em cima, o som da música aumenta, e Ffion percebe que é Rhys a cantar. Imagina as gémeas ouvindo a voz do pai, e engole com força. Entrega uma folha de papel a Yasmin.

— Esta é uma lista de medicamentos encontrados nas gavetas da mesa de cabeceira de cama do seu marido. Sabe qual deles ele estava a tomar?

Yasmin verifica a lista de comprimidos.

— Por vezes, ele tomava ibuprofeno, para as costas. Estes são multivitaminas; eu tomo os mesmos. Ah, e estes comprimidos para dormir eram para o jet-lag. — Ela devolve a lista. No andar de cima, a música das raparigas sobe uns decibéis, a voz elevada de Rhys fazendo os pelos na parte de trás do pescoço de Ffion eriçarem-se.

Yasmin levanta-se.

— Não suporto isto.

— Deixa-as estar — diz Glynis, mas Yasmin já está a sair da sala. Conveniente, pensa Ffion. Ela não está interessada no que Yasmin disse sobre os medicamentos, pois foram coisas banais, mas está interessada na forma como a mão da mulher tremeu ao ler a lista, e na forma intencionalmente distraída como deu as suas explicações. Algo naquela lista é significativo. Ffion olha para Leo e sabe que ele está a pensar o mesmo.

Lá em cima, a voz de Rhys corta, a meio da nota.

— Estou sempre a esquecer-me — diz Glynis em voz baixa. — Depois volta tudo e... — Lágrimas assomam-se sobre as pestanas.

— Deve ser muito difícil para si — diz Leo. — Lamento se estamos a tornar tudo mais exigente, fazendo todas estas perguntas. Só queremos saber o que aconteceu ao seu filho. Ele alguma vez lhe falou sobre o caso de assédio?

— Sim, eu estava muito preocupada com a Yasmin e as miúdas.

— Não com o seu filho?

— Desculpe?

— Disse «a Yasmin e as miúdas». Estava preocupada com o Rhys?

— Claro que estava preocupada com ele!

— Ele recebeu uma série de mensagens abusivas na Internet — diz Ffion. — Tem alguma ideia de quem as poderia ter enviado?

— Nenhuma.

— Ter-se-ia Rhys envolvido com alguém?

As mãos de Glynis estão a tremer. Olha nervosamente para o teto. Não há sinal de Yasmin.

— Sra. Lloyd?— pergunta Leo.

— As pessoas da terra ficaram muito aborrecidas quando o The Shore foi construído — acaba por dizer. — Com Rhys, e comigo também. Tem havido muitos sentimentos de mal-estar.

— Tem dado por si presa no meio de tudo — diz Ffion. É uma afirmação, não uma pergunta, mas Glynis responde-lhe na mesma.

— Sim, tem sido muito desagradável. — A sua voz racha.

— Então, porquê fazê-lo? — pergunta Leo. — Porquê deixar o Rhys desenvolver a terra, se havia tanta resistência a isso, localmente?

— A terra foi passada para Rhys no testamento do meu marido.

— Glynis encolhe os ombros com indiferença, depois desvia o olhar para o colo. — E, além disso, o meu filho sabia ser muito persuasivo.

Ffion olha para fora, pela janela. Há dias que a meteorologia anda a prever neve, e um pequeno floco testa as águas, à deriva na rua principal.

— A culpa é minha — diz Glynis. Ela segue o olhar de Ffion, olhando para fora pela janela, falando mais para si do que para Ffion e Leo. — Eu estraguei-o. Eu adorava ter uma grande família, mas isso não aconteceu, e por isso despejei tudo o que tinha no Rhys. Ele habituou-se a fazer tudo o que queria.

Leo inclina-se para Glynis.

— O seu filho alguma vez fez mal a alguém? Alguma vez a magoou?

— Não! Ele nunca... — Abana negativamente a cabeça, uma e outra vez.

— Mas intimidou-a? Ele era um rufia?

— Não! Pare com isso! Ele não era...; quer dizer, na escola, talvez, quando criança, mas... — Glynis começa a chorar de novo, lágrimas escorrem pelas maçãs do rosto.

— Sinto muito — diz Leo.

Ffion sente uma onda de raiva. Porque é que Leo tem de ser tão patético? Ele está a fazer o seu trabalho; não deveria ter de pedir desculpa por isso.

— O que quer dizer quando diz que ele era um rufia na escola?

Ela acha que Glynis não vai responder, mas a mulher fica de pé e caminha para a janela.

— Agora é uma arrecadação — diz Glynis, olhando para a casa de verão —, mas, durante anos, foi o espaço de música de Rhys, e onde passava tempo com os amigos. Os adolescentes não querem estar com os pais em cima deles, pois não?

Ffion não responde. Olha à volta pela sala, para as fotografias de Rhys em rapaz, depois como homem, e depois visualiza a fotografia do cadáver no local de trabalho de Izzy Weaver.

— Eu devia ter sido melhor mãe — diz Glynis. Ainda está a olhar pela janela, e é como se se tivesse esquecido de que Leo e Ffion estão ali. — Ver como estava, preocupar-me.

— Sra. Lloyd — Leo franze o sobrolho —, o seu filho fez alguma coisa quando estava na escola? Alguma coisa má?

Glynis dá um pequeno abanão, afastando-se da janela. Olha de relance para Ffion.

— Houve um aborrecimento com uma rapariga local. Ceri. Sinto-me péssima com isso, olhando para trás, mas...

Ffion interrompe.

— Ceri Jones?

— Ela ficou muito perturbada, disse a escola. Rhys provocou-a, mas tenho a certeza de que não foi a única. Algumas crianças são mais atrevidas do que outras, não são?

Ffion não confia em si mesma para responder.

— O que aconteceu? — pergunta Leo, mas Glynis está a abanar a cabeça, agitada à volta da mesa, a levantar o chá e os pratos de bolachas.

— Não me lembro mesmo. Já foi há muito tempo. Sabe como são as crianças.

Há um rangido vindo lá de cima, a tensão na voz de Yasmin é facilmente audível. Leo olha de relance para o lugar de onde vem o som.

— Como foi o casamento do seu filho?

— Eles pareciam felizes.

— Ele era bom pai?

— O Rhys adorava aquelas miúdas. — A voz de Glynis quebra-se. — Elas nunca precisavam de fazer nada, e Yasmin também não. Ele dava-lhe uma generosa mesada.

— O que irá ela fazer agora? — pergunta Leo.

Glynis dobra o lenço num perfeito quadrado e pressiona-o entre as palmas das mãos antes de responder:

— Yasmin é a única beneficiária da apólice do seguro de vida de Rhys. — Enfia o lenço na manga e depois encontra diretamente o olhar de Leo. — Ela vai ficar melhor agora do que quando ele estava vivo.

⁸ «Tudo bem?» (N. T.)

⁹ «Querem alguma coisa?» (N. T.)

CATORZE

4 de janeiro | Leo

— Quem é a Ceri Jones? — Leo olha para as lojas enquanto caminham na rua principal. Ainda não reabriram depois do Natal, as janelas estão escuras e as caixas vazias.

— A mulher do correio. — Ffion avança rapidamente, o corpo tenso de fúria. — Eles sempre o disseram; e durante todo esse tempo o Rhys...

— Ffion, não estás a fazer qualquer sentido.

Ffion para. Enfia as mãos nos bolsos.

— Ceri viveu aqui sempre. Tem quarenta e poucos anos. Tinha acabado de sair da escola secundária quando eu lá cheguei, mas as pessoas ainda falavam dela.

— O que é que ela fez?

— Teve uma overdose dentro de um anexo. O contínuo encontrou-a e levou-a para o hospital. Era suposto ir para a faculdade de arte, mas desistiu. Agora, é a empregada dos correios.

— Por causa do Rhys Lloyd?

— É a primeira vez que ouço falar disso. Só sei da overdose porque a minha mãe me sentou e me disse que não havia qualquer problema em se ser gay, heterossexual, fosse o que fosse; sim, porque esta não é, de todo, uma conversa estranha para se ter quando se tem doze anos... E que, se alguém na escola alguma vez me fizesse mal, eu devia contar-lhe imediatamente.

— A tua mãe parece fixe.

— Tem os seus momentos. — Ffion começa a andar novamente.

— A frase oficial relativamente a Ceri era que ela estava a lutar para se reconciliar com a sua sexualidade.

Há uma pausa antes de Leo falar:

— Ela estava na festa.

Ffion olha para ele.

— Ceri não é uma assassina.

— Pode ser.

— Porque foi vítima de bullying, quê, há trinta anos? Isso não é um motivo para assassinio. Não é como o dinheiro.

— Achas que foi Yasmin que o fez? — pergunta Leo.

— Viste como ela ficou nervosa por causa da lista de medicamentos? Apostava bom dinheiro em como a toxicologia vai mostrar níveis elevados de comprimidos para dormir. Acho que Yasmin gostava de estar casada com uma estrela em ascensão. Assim que ele se queimou, começou a mandá-lo abaixo por causa do dinheiro.

— Mas porquê agora? Ela herdaria mais, assim que o resto do The Shore estivesse construído.

— Só se ela for beneficiária nisso. Jonty Charlton é o sócio financeiro, lembra-te.

— Tenho a certeza de que ele vai ficar encantado por voltar a falar connosco.

Jonty Charlton não está encantado. Olha para Leo e Ffion como se tivessem sido dragados do fundo do lago.

— Também estão a assediar os outros residentes do The Shore, ou esse prazer está reservado para mim e para a minha mulher?

— Não discriminamos — diz Ffion alegremente, dando um passo para o interior da casa, por isso Jonty não tem escolha senão recuar.

— Isto está realmente a tornar-se bastante cansativo, sabia? Pensava que a incompetência era uma qualidade particular da Polícia Metropolitana, mas é, claramente, endémica.

— Disse-me que este lugar seria uma mina de ouro quando estivesse terminado — diz Ffion. — Quem fica com essa mina de ouro, agora que Rhys está morto?

Jonty parece um pouco surpreendido.

— Ah... Yasmin vai herdar quase todas as ações do Rhys.

— Quase? — interroga Leo.

— Ele era dono de cinquenta e um por cento do negócio. Eu tenho quarenta e nove por cento. O nosso acordo era que, em caso de morte do Rhys, dois por cento do negócio seriam passados para mim.

— Fazendo de si o sócio controlador? — diz Ffion.

Jonty acena com uma mão, como se o seu ponto fosse discutível.

— Significa simplesmente que, se o Rhys escolhesse passar as suas ações para outra pessoa, a integridade do The Shore seria mantida.

— Porque é que o Rhys tinha as ações de controlo se foi você que investiu o dinheiro todo?

— Gerir um negócio é um pouco mais complicado do que emitir uma multa de estacionamento, detetive. — Jonty ri-se. — Eu tinha o dinheiro, mas o Rhys tinha o terreno. A maior parte da parcela era propriedade de um agricultor inglês. Não havia autorização de planeamento e nenhuma probabilidade de a obter, por isso o Rhys comprou-a por um preço muito baixo.

— Mas a terra que herdou do pai já lá tinha um edifício — diz Ffion, lentamente —, portanto havia um precedente.

— Não é apenas uma cara bonita, hã? — exclama Jonty. Ffion olha fixamente para ele, impassível. — É por aí, sim. Um pequeno pedaço de terra, mas sem dúvida inestimável. Continuava a ser uma batalha, mas, como já havia uma espécie de estrutura na floresta, acabámos por poder fazer com que as autoridades compreendessem o sentido.

— O negócio estava a correr bem? — Leo pensa ser possível que Ffion vá, realmente, implodir.

— Os alojamentos tornaram-se mais difíceis de vender do que o previsto. Tivemos de baixar o preço e, mesmo assim, nada mudou. Não oferecemos planos de pagamento nem aceitamos hipotecas, somos estritamente de topo, pelo que foi complicado encontrar o lugar certo no mercado. No final, contratámos uma empresa de relações públicas para criar uma campanha em redor do The Shore. Influenciadores pagos, tweetando sobre como o lugar era incrível,

quando ainda estava era um estaleiro de construção; esse tipo de coisas...

— Parece altamente antiético — diz Leo.

— Todos o fazem. E funcionou. Foi assim que conseguimos a Ashleigh Stafford. Demos a entender que havia uma lista de espera, que os candidatos estavam a ser analisados... — Jonty parece vaidoso. — A verdade era que eu e Rhys tínhamos ficado com um alojamento cada um em vez de ações, e os outros três estavam vazios. Ashleigh era mesmo aquilo de que precisávamos; e agora passou tudo a ser um verdadeiro boca a boca. Uma vez construídos os outros três alojamentos, poderemos vendê-los pelo triplo.

— O senhor e Rhys estiveram sempre de acordo sobre os assuntos de negócios? — pergunta Ffion.

— Praticamente. — Jonty pestaneja várias vezes numa sequência veloz.

— Tem a certeza disso?

Ele sopra.

— Olhe, sim eu estava um pouco chateado com ele antes de morrer, está bem? Alguém vai acabar por lho dizer, por isso, aqui tem, estou a dizer-lho já. Tivemos um pequeno problema de tesouraria no ano passado e tivemos de mandar os construtores embora. O Rhys contratou um sujeito local, Huw Ellis, para terminar o trabalho, e eu paguei um conta de trinta mil. Só que o Rhys gastou o dinheiro, e o construtor ainda precisa de ser pago.

— E ainda lhe devem trinta mil? — pergunta Leo.

— Bem, sim. Não é uma fortuna, eu sei. Mas, com um construtor também em pé de guerra, percebe-se porque estaria eu um bocadinho chateado.

— Imagino que Huw Ellis também esteja bastante chateado. — A voz de Ffion é seca. Leo não a censura. Depois de quase dez anos na Polícia, o seu salário líquido é uma fração inferior a trinta mil por ano. Pode não ser uma fortuna para Jonty Charlton, mas é-o para a maioria das pessoas.

— Ele tentou atacar-me, na festa — afirma Jonty. — Não conseguiu nada com o Rhys, por isso veio atrás de mim, o... —

Detém-se. — Tudo isto parece bastante irrelevante agora, não é verdade? Agora que o pobre e velho Rhys se foi embora.

Pelo contrário, pensa Leo, parece de facto muito relevante.

Lá fora, ele está prestes a sugerir a Ffion que vão até um café comparar apontamentos, quando ela anuncia que tem de se ir embora.

— Mas estamos no meio de um trabalho.

— Tenho coisas para fazer. — Ela fecha o casaco volumoso e exhibe um sorriso pouco convincente. — A Mascarilha, lembras-te?

— Acho que é mais A Molengona — murmura Leo. Decide que, apesar disso, vai buscar um café, e dirige-se a pé para a aldeia. A investigação é um emaranhado de fios dentro da sua cabeça, e ele vai puxando cada um, tentando dar-lhe sentido. Tanto Jonty Charlton como Yasmin Lloyd ganham financeiramente com a morte de Rhys Lloyd. Ambos tinham um motivo, mas será que tiveram a oportunidade? Ambos figuram em imagens no Instagram publicadas ao longo da noite, dando a impressão de que mal saíram da festa. A equipa técnica ainda não recuperou os metadados que poderiam permitir conceber uma linha temporal mais fiável, e Leo pergunta a si mesmo se isso irá mostrar que Jonty ou Yasmin estiveram ausentes o tempo suficiente para matar Rhys e livrar-se do corpo.

Quando Leo chega à rua principal, uma adolescente com caracóis vermelhos caminha na sua direção. Não pode haver engano naquele cabelo, nem na expressão teimosa formada pelo conjunto do seu maxilar. Leo para.

— É a Seren, não é? A irmã de Ffion? — A rapariga olha para ele com desconfiança. — Leo Brady. — Ele mostra o seu distintivo. — Estou a trabalhar com a Ffion no caso do assassínio no The Shore.

— Sorte a sua.

— Gostaria de saber se poderia reconsiderar dar impressões digitais.

Seren olha para ele com uma expressão vazia.

— É voluntário — diz Leo. — Está no seu direito de dizer não; só que é incrivelmente útil podermos conseguir excluir pessoas.

— Impressões digitais? O que lhes acontece a seguir?

— São apagadas. Não podem ser usadas para nada exceto neste caso. — Ffion deve ter-lhe explicado tudo isto?

— Não. Mas não me importo de o fazer. Na verdade, é bastante fixe. Nunca estive envolvida numa investigação de homicídio.

— Obrigado por mudar de ideias. Agradeço-lhe por isso.

Seren encolhe os ombros.

— Em primeiro lugar, ninguém me perguntou nada, mas tanto faz. Posso... — Ela gesticula vagamente na rua.

— O quê? Oh, sim, claro. Obrigado. — Leo observa-a a andar, a sua mente a trabalhar em excesso. Seren Morgan estava na lista dos dados eliminatórios como tendo apresentado uma recusa, e só há uma explicação para a discrepância.

Ffion mentiu.

QUINZE

Véspera de Ano Novo: meio-dia | Yasmin

Yasmin Lloyd vai divorciar-se do marido. Se querem que ela seja completamente honesta (o que raramente é), há muito tempo que não queria estar casada, mas as coisas chegaram agora a um ponto crítico. Foi totalmente traída pelo marido e, embora aprecie a ironia disso, pura e simplesmente não pode ficar com ele nem mais um minuto.

Só que tem de o fazer. Yasmin não é um monstro, e sabe que, quando ela e Rhys se separarem, isso vai atingir fortemente Tabby e Felicia. O mínimo que pode fazer é deixá-las apreciar a festa desta noite. Como as raparigas gostam de dizer: não há mais nada que se possa fazer por estes lados, e seria cruel arruinar as celebrações anunciando, na noite de Ano Novo, que os seus pais se estão a separar.

Yasmin olha para fora da varanda do quarto. Um barco solitário navega preguiçosamente na água, e um bando de pássaros mergulha para pescar. Na margem oposta, alguém está empoleirado num banco, a pintar ou a desenhar. Yasmin suspira. Já não vê a beleza no lago, ou nos contornos afiados das montanhas circundantes. Já não se preocupa com o reflexo das árvores; nem com os alojamentos, espelhados na água prateada. A novidade do The Shore desapareceu quando as noites se alongavam, e os deques já não eram beijados pelo sol. Pensa com melancolia nas vilas toscanas e nas praias das Caraíbas.

Yasmin volta para dentro e fecha a porta, caminhando através do estúdio de Rhys em direção às escadas. Na secretária dele está uma pilha de correio pronta a ser enviada aos fãs de todo o mundo. Yasmin arruma o correio numa pilha direita, compõe a cadeira e

apanha uma manta que supostamente é colocada artisticamente sobre um braço da cadeira, mas na qual Rhys insiste em sentar-se, amarrotando-a. Ela afasta-se e olha a sala de forma analítica, orgulhosa do seu trabalho como designer no The Shore, ansiosa por mostrá-lo aos convidados da festa de hoje à noite. Se ao menos fosse possível pegar na pousada e colocá-la num sítio mais interessante... Deve haver lagos nos condados à volta de Londres, não?

Endireita as cortinas à procura da simetria. No exterior, o marido está a falar com Dee, e Yasmin pode dizer pela postura dele que lhe apetece fugir dali. Poderia salvá-lo, pensa ela, ao descer as escadas, mas porque deveria fazê-lo, depois do que ele fez? Ajusta as almofadas da sala de estar e vira a disposição da mesa, de modo que fique de frente para a porta. É engraçado como todos os alojamentos são iguais, e mesmo assim parecem tão diferentes. Pense-se na casa dos Charlton: Blythe fala muito de estética, mas a mulher não tem olho nenhum para as cores.

Yasmin tira uma garrafa de brandy da cozinha. O agente da Rhys envia-lhe uma extraordinariamente cara todos os Natais, que Rhys abre na noite de Ano Novo para lhe trazer sorte para o ano seguinte. Yasmin junta-se sempre a ele. A carreira de Rhys precisa de mais do que de um copo supersticioso, mas aquele brandy é excelente.

Quando Yasmin sai, Rhys caminha em direção ao lago com o telefone preso ao ouvido, e Dee não se encontra em lado nenhum. Yasmin consegue imaginar como terá corrido a conversa.

Lamento, Dee, mas tenho de telefonar à minha agente.

Oh, claro, querido, não quero ser eu a impedir-te.

Rhys está sempre a sair de situações sociais monótonas, fabricando chamadas urgentes com Fleur. Ela vê-o agora, através das árvores, a andar na pequena enseada e a falar furiosamente ao telemóvel. Será que não percebe que Dee voltou para dentro, e que o seu pequeno teatro está a ser desperdiçado?

— Yasmin, onde anda o maroto do teu marido? — pergunta Blythe, no momento em que Yasmin se junta aos outros na casa dos Charlton. — Jonty precisa de ajuda para colocar mais luzes.

— Não estamos unidos pelas ancas — diz Yasmin com veemência. Ela acaba de encher o balão que tinha deixado a meio e que alguém, assim o esperava, poderia ter terminado durante a sua ausência. Em privado, pensa que os balões estão terrivelmente fora de moda, mas Blythe mandou entregar uma centena, com o logotipo do The Shore, verde e esbranquiçado, colocando Yasmin a cargo da criação de um arco.

— Aquela tenda é um raio de um mamarracho — murmura Jonty. Yasmin não podia estar mais de acordo.

— Emoldura o lago — diz Blythe.

Jonty irrompe pelas portas de vidro com uma caixa de luzes.

— Impede que se veja o maldito lago!

A rapariga da terra está nos canapés. Chegaram numa carrinha Fortnum & Mason há meia hora, e a Mia está a transferi-los das caixas para as bandejas. Blythe deu instruções estritas a todos os proprietários das habitações para limparem os frigoríficos, a fim de permitir o armazenamento. Trata-se verdadeiramente de uma operação militar.

— Imagine se ninguém vier! — diz Yasmin. Ri-se, para mostrar que é apenas uma piada, mas já é demasiado tarde para o esgar de pânico que atravessa o rosto de Blythe perante a perspectiva de tal embaraço social.

— Claro que vêm. — Bobby está a transportar as bebidas com uma evidente falta de pressa. Está provavelmente a evitar Ashleigh, que tem estado conspicuamente ausente durante os preparativos da festa. — Todos vão querer bisbilhotar a gente chique.

— Então, ninguém te vai incomodar — murmura Jonty. Ele acendeu o recuperador de calor, mas, a cada cinco minutos, Mia tira mais comida, ou Jonty entra para vir buscar mais luzes, e uma explosão de gelo sopra pela habitação. Acima do lago, nuvens espessas asseguram a promessa de neve.

— Onde está o Rhys? — Yasmin está dividida entre não querer estar perto do marido e ressentir-se pelo facto de estar a rebentar malditos balões enquanto ele se afasta para fingir telefonemas. Terá voltado para o escritório, sem dúvida, estragando tudo, pelo que ela terá de arrumar de novo antes de as pessoas chegarem. Depois do

divórcio, ela voltará a ocupar o escritório em casa. Talvez se dedique à arte: seria um estúdio espantoso, e Yasmin poderia arranjar um daqueles cavaletes antigos como peça central.

Será que Rhys a deixará ficar com a casa? Yasmin sente frio só de pensar em perdê-la. Ela é a mãe das gêmeas, pelo que certamente ele não lhes iria tirar a casa? Assim que as férias acabarem, precisa de um advogado. Tem uma desagradável suspeita de que Rhys irá regatear cada centimo.

Clemmie está na mesa das bebidas, levando as garrafas que Bobby e Caleb despejam no balcão da cozinha e organizando-as em filas arrumadinhas. Yasmin retira o brandy do Rhys assim que Clemmie o vê.

— Desculpe, este é apenas para uso pessoal. — Sorri; depois, vira-se para Blythe: — Querida, posso guardar isto algures?

— Aqui, vou escondê-lo atrás das latas. — Blythe põe o brandy num armário. — Não consigo imaginar ninguém a dar com ele atrás do grão-de-bico no meio de uma festa.

— Eu não apostaria muito nisso — diz Jonty. — Alguns deles provavelmente nem sequer sabem viver dentro de uma casa. — Ri-se raivosamente, e Yasmin repara no olhar que Mia deita sobre ele do outro lado da sala. Também repara noutra coisa: Mia espera que Jonty olhe na sua direção, depois discretamente gesticula para o próprio pescoço, apontando para o colarinho de Jonty. Jonty afasta-se, depois olha para baixo e coloca uma mão sobre a mancha de batom na sua camisa, antes de sair da sala, agradecido. Que cliché. Yasmin pergunta a si própria se Blythe terá reparado. Talvez não se importe; nunca se sabe como são os casamentos das pessoas por detrás da máscara.

Yasmin demora três horas a encher todos os balões e a arranjá-los de forma satisfatória para Blythe, vendo o progresso dificultado pelas exigências de carregar isto e ou de mover aquilo, pelo importas-te de vir aqui para ir buscar mais queijo? Sorri contrafeita a este último pedido, achando que seguramente a empregada poderia tratar daquilo, porém enfia os sapatos e veste o casaco.

Quando chega ao corredor, ouve o motor de um carro a trabalhar furiosamente. Quando abre a porta da frente dos Charlton, o carro já está a desaparecer ao virar da esquina, deixando uma nuvem negra de fumo de escape no rasto. Como se isso não fosse suficientemente extraordinário, afinal isto é o The Shore, e não um antro qualquer, o seu marido está de joelhos no meio da estrada.

Por um segundo, ela esquece o que ele fez, e que o odeia por isso. Esquece que está inquieta, frustrada com a sua falta de sucesso. Esquece que lhe pediu o divórcio. Corre para ele, em pânico, aos tropeções de pânico.

— O que aconteceu? — Ele olha-a sem palavras. Será que está a ter um ataque cardíaco? — Quem estava naquele carro?

A pergunta parece galvanizar Rhys. Põe-se rapidamente de pé, mas ainda sem responder, e agora Yasmin está irritada. Obviamente que ele não está a ter um ataque cardíaco; ela quase torceu o tornozelo sem uma boa razão.

— Ninguém. Não é nada.

É a gota de água. Ninguém afasta-se numa nuvem de fumo de escape, e nada acaba de fazer ajoelhar um homem adulto. Yasmin não queria perturbar as raparigas na noite de Ano Novo, mas não pode, simplesmente, manter esta charada, nem mais um momento.

— Eu quero o divórcio — diz ela. — Acabou.

Yasmin afasta-se sem olhar para trás. Já não quer saber do que as pessoas pensam. Nem sequer se importa com aquilo que provocou aquela reação extrema por parte de Rhys, ou com quem. Só se preocupa, como tem feito durante a maior parte da sua vida, com ela própria.

DEZASSEIS

4 de janeiro | Ffion

— Acho que isto não é uma visita social. — Huw Ellis inclina-se sobre o andaime, um fato de trabalho de alta visibilidade esticado por cima de tantas camadas de roupa que parece ter o dobro do tamanho. Ele é pequeno, mas rijo, o tipo de homem que pode facilmente ser subestimado numa luta de bar.

— Preciso de ter uma conversa contigo. Podes descer?

Ffion tinha percorrido a cidade até ter encontrado a carrinha branca de Huw estacionada num beco. Ele está a trabalhar em cima de um andaime de dois andares, com outros três tipos, um dos quais deu um assobio de piropo que se transformou em tosse quando percebeu quem era a visitante do estaleiro.

— Se queres falar comigo, sobe.

— Para de brincar, parvalhão. Isto é um assunto sério. — Um capacete cai-lhe aos pés. Ela suspira e coloca-o, amassando o cabelo, antes de subir a escada sem velocidade nem graciosidade.

No topo, Huw apoia um pé contra uma pilha de mosaicos.

— Não te vejo há algum tempo.

— Tenho andado ocupada — diz Ffion, olhando para os telhados. Llyn Drych é espetacular daqui de cima. A água cintila ao sol do inverno, nuvens arrastam-se em direção à aldeia, como se apressadas a fugir do dragão da montanha que paira sobre ela. No extremo do lago, as espirais de fumo da pequena cabana em que Angharad Evans vive com os seus animais resgatados. Toda a vida de Ffion está aqui, disposta numa manta de retalhos de floresta verde e de ardósia cinzenta, e do azul prateado espelhado do lago Llyn Drych.

— A investigação do homicídio, não é? — Huw procura o olhar de Ffion. — Como é que isso está a andar?

— Estiveste na festa de Ano Novo no The Shore.

— Eu e metade de Cwm Coed. Estás com bom aspeto.

— Porque é que foste?

Huw põe uma mão no andaime. Tem a pele bronzeada e áspera, os dedos marcados por anos de trabalho. Nunca usa luvas no trabalho, mesmo no pico do inverno.

— Vem para casa, Ffi — diz ele suavemente. — Tenho saudades tuas.

— Odeias esse tipo de festa. — Ffion pisca com força. O frio está a fazê-la lacrimejar. — Conversa fiada e champanhe. Canapés finórios. Porque é que foste?

— Não sejas assim.

— Foste tentar recuperar os trinta mil que o Rhys te devia? — Ffion examina o rosto do marido para ver se acertara no alvo, mas ele olha-a com tal intensidade que tem de se virar.

— Ffi.

— Já passámos por isto.

— Amo-te — diz Huw, silenciosamente, mas com força, e Ffion olha para o lago e deseja estar na água, a correr contra o vento. — Eu faria tudo para que as coisas voltassem a ser como eram.

— Por favor, não tornes isto mais difícil do que já é. — Ffion não quer parecer zangada, mas as palavras saem-lhe cortadas e duras. — Só aqui vim porque a coisa está a complicar-se para ti. Trinta mil, Huw! Porque não me disseste?

— Fica um pouco difícil fazer isso quando te esforças tanto para evitar esbarrares comigo.

Ffion ruboriza. Não se dera conta de que tinha sido tão óbvio.

— Deves saber que estamos a processar as impressões digitais da cena do crime. Se as suas forem encontradas no escritório do Rhys...

— Claro que vão lá estar! — Huw ri-se. — Ffi, eu trabalhei lá. Janelas equipadas, acabei o soalho. Lidei com os problemas depois de todos se terem mudado para aquele sítio. Ainda tenho as chaves do local.

— Achas que ainda deverias ter as chaves se não estás a trabalhar no The Shore?

— Eles podem reavê-las quando me pagarem os trinta mil. E, já que ouvi que a Yasmin Lloyd vai ter um pouco de sorte, isso não deve ser um problema agora.

— Onde ouviste isso?

Huw, a única pessoa em Cwm Coed que consegue igualar Ffion em teimosia, tamborila os dedos num dos lados do nariz. Olham um para o outro e, por uma vez, é Ffion quem desvia primeiro o olhar.

— É melhor eu ir.

— Tenho estado a pensar.

— É suposto ir-se a um médico antes de se iniciar novas atividades.

— Podíamos tomar uma bebida um dia destes. Como antes de nos casarmos. Sem pressão, sem conversas fofinhas, apenas uma bebida. Ver como correm as coisas.

O vento atira o cabelo de Ffion para os olhos e Huw levanta-se para o empurrar para trás, um gesto no qual, há um ano, Ffion dificilmente teria reparado. Afasta-se apressadamente, esquecendo-se de onde estão, e sente a expressão alarmada no rosto dele enquanto se agarra ao andaime.

— Céus, Ffi. Serei um estupor assim tão grande?

— Não és um estupor. — É ela quem tem a culpa, foi ela que terminou as coisas. Enfia as mãos nos bolsos para se impedir de o agarrar. Prometeu a si mesma não lhe fazer mais mal do que já fez, mas ele continua a amá-la, e isso é sempre muito tentador.

— A bebida, então? Vou sair com o pessoal do resgate de montanhas esta noite, mas...

Ffion tira o capacete e entrega-lho.

— Talvez quando este trabalho estiver terminado.

Ela tem cinco chamadas perdidas de Leo. Apaga as notificações e põe o telefone em silêncio, depois senta-se no carro e percorre os e-mails. Os analistas de crime analisaram profundamente as aplicações descarregadas no telefone do Rhys, e Ffion abre o anexo. A maioria das aplicações são-lhe familiares — um rastreador

de fitness, redes sociais, várias plataformas de compras — e há várias aplicações musicais listadas, incluindo afinadores de instrumentos e uma de aquecimento vocal. É estranho ver a vida de alguém listada desta forma, as suas prioridades e privilégios categorizados em pastas e atalhos. Ffion imagina a própria pegada digital em exposição: edição de fotos e cupões de piza, velocidade do vento e aplicações de observação de estrelas.

O detetive Thorngate, da equipa de Crouch, foi encarregado de analisar as várias aplicações de encontros utilizadas por Rhys, algumas das quais apagadas do telefone várias semanas antes da sua morte, mas Ffion está curiosa sobre as outras aplicações. O Número 36 está listado como o número de um clube só para sócios.

Eu estava a tomar uma bebida no meu clube no Soho, disse Rhys na sua declaração, a respeito da noite em que a mulher desconhecida visitou a sua casa, ameaçando Yasmin.

Será o Número 36 o clube do Soho? Uma quantidade limitada de dados foi recuperada da aplicação e está registada por baixo da lista. Rhys fez aí reservas na maior parte das semanas, até junho do ano passado, quando a filiação terminou. Falta de dinheiro? Talvez Rhys estivesse a começar a sentir o aperto, sem que o trabalho chegasse.

Ffion googla o clube. O Número 36 não aparece em lado nenhum, e não há nada nas redes sociais. O investigador no caso de assédio do Rhys está listado na declaração digitalizada que Leo partilhou com ela, e Ffion dispara um rápido e-mail, perguntando-lhe o que sabe sobre este clube. Sente que há qualquer coisa de esquivo. Mesmo que o Número 36 esteja preso na Idade Média, hoje em dia todos os negócios têm algum tipo de presença online, não é verdade?

A menos que não queira ser encontrado.

DEZASSETTE

5 de janeiro |Leo

Leo está a tratar de um assunto pessoal no horário de trabalho. É uma ocorrência de tal modo sem precedentes que sente a pulsação acelerada, perguntando-se a si próprio se Ffion «A Mascarilha» Morgan trabalha neste estado constante de stress, alimentado por adrenalina e cafeína, e se isso a incomoda. Suspeita que não.

Está à porta do que costumava ser a sua casa, um moradia de três quartos numa propriedade respeitável em Chester. Allie — ou, mais provavelmente, Dominic — pintou a porta da frente de preto brilhante, e um sinal de Vende-se está espetado no relvado da frente. Após o divórcio, Allie tinha extorquido Leo, deixando-o sem o suficiente para recomeçar, especialmente sempre que se é faturado através de débito direto mensal, por insistência de Allie...

— Desisti da minha carreira para tomar conta do Harris.

— Oh, vá lá — tinha-lhe dito Leo. — Dificilmente se tratava de uma carreira. — Arrependeu-se assim que o disse, sabendo que encontraria mais um registo no pequeno livro negro de Allie sobre os seus erros. Antes de Allie engravidar, tinha sido gerente de um escritório numa empresa de mudanças. Tinham-lhe oferecido um trabalho a tempo parcial, mas declinara, colocando Harris no berçário a tempo inteiro assim que este fizera os seis meses e passando o dia em aulas de fitness.

Agora está em roupa de ginástica, respondendo à porta em leggings cor-de-rosa e num top a condizer, uma faixa apertada de licra à volta do cabelo.

— O que é que queres?

— Posso entrar? Está um gelo, aqui fora.

Allie hesita, depois suspira e caminha para dentro. Leo segue-a até à cozinha. Uma pilha de convites, de cor creme, repousa num dos lados da mesa; os envelopes correspondentes, do outro. No centro, encontra-se uma folha de cálculo impressa, na qual Allie assinalou alguns dos nomes.

— Convites de casamento — diz Allie. Senta-se e puxa um da pilha, verificando a lista e escrevendo um nome através do convite, antes de o deslizar para dentro de um envelope e de lamber o selo.

O coração de Leo há muito que deixou de sofrer, por isso ignora a falta de tato da ex-mulher, e senta-se em frente a ela.

— Por favor, não leves o meu filho embora. — Passou a maior parte da noite acordado, a ter esta conversa na cabeça.

— Não vou «levá-lo embora». — Allie agita os dedos no ar, desenhando aspas invisíveis. — Estou a dar-lhe oportunidades. Este país é um buraco de merda.

— Para um lugar mais perto, então. — Um tom de desespero alastra na voz de Leo. — França. Espanha. — Não quer que o filho vá a lado algum, mas, pelo menos, se estiver na Europa, Leo poderá visitá-lo mais vezes.

Allie franze o nariz.

— Ninguém lá fala inglês. — Lambe outro envelope e depois enrola a língua no interior da boca. — Porque é que os cortes de papel doem tanto? De qualquer modo, está tudo arranjado. Dominic vai ser chefe de departamento numa grande escola secundária, e há uma escola primária no local, para onde ele pode levar o Harris com ele.

— Uma merda é que pode! — Leo prometeu a si próprio que não perderia a calma hoje, mas é isso ou ceder aos soluços que lhe sobem ao peito, e não dará a Allie a satisfação de o ver chorar.

— Vês? É isto o que quero dizer. Volta e meia dou-te outra oportunidade, para depois tu dares sempre cabo dela. Não é aceitável, Leo. Para ser honesta, penso que o Harris estaria melhor sem ti na sua vida. És uma má influência.

— Eu amo-o.

— Colocaste-o em perigo! — Aí está ele. O trunfo de Allie. — Ele estava aterrorizado, Leo! Só Deus sabe as cicatrizes mentais que

lhe terão ficado. Quando penso na sua pequena voz no fundo do telefone... — Põe uma mão na boca, lágrimas de crocodilo espremidas dos olhos fechados. Leo não diz nada. O que pode dizer que ainda não tenha dito antes?

Ele estava a levar Harris de volta a Allie quando aquilo aconteceu. Juntamente com a maioria dos colegas, tinha passado grande parte da semana à procura de Kieron Tackley, um pedófilo de sessenta e cinco anos com contactos suficientes para que a carrinha que o levava para a prisão tivesse sido intercetada. Em vez de enfrentar um julgamento, Tackley andava agora a vaguear pela cidade, e cada dia que passava punha em risco outra criança.

— Who let the dogs out? — cantava Leo a canção que passava na rádio.

— Who, who, who, who, who? — viera a resposta do banco de trás. Quem queria saber das rimas infantis da canção Wind the Bobbin Up, se eram os Baha Men quem punha o Harris a dançar como ninguém.

Kieron Tackley estava parado junto a uma paragem de autocarro. Cabeça para baixo, capuz para cima, mas, definitivamente, era Tackley. Leo desligou a música, encostou-se atrás de um carro estacionado e pegou no rádio da polícia.

— Puseste o trabalho à frente do teu próprio filho — diz Allie agora. — Acho que é bastante óbvio quais são as tuas prioridades, e elas não estão com o Harris.

Leo dirige-se para a saída. Que hipóteses tem ele?

— Espera!

Vira-se, e Allie atira-lhe um envelope.

— Aqui tens. Poupas-me um selo.

Ffion sai do seu carro assim que Leo estaciona na morgue de Bryndare. Não espera por ele e, quando o detetive se aproxima, já está com Izzy Weaver. Leo tem a nítida impressão de que Ffion está a evitar ficar sozinha com ele. Pergunta a si próprio se Seren lhe contou sobre o seu encontro na Cwm Coed High Street.

— Deduzo que estejam a apostar que a mulher o está a matar com os seus próprios comprimidos para dormir? — diz Izzy, ao

juntar-se a eles na morgue. O técnico, Elijah, está a arrumar as coisas de uma autópsia anterior.

— É apenas um palpite — diz Ffion. — Ela ficou bastante estranha quando lhe mostrámos a lista de medicamentos.

— Bem, não posso comentar sobre a esposa, mas a toxicologia não mostrou vestígios dos comprimidos, receio bem, por isso, detetive Brady, pode reclamar o seu dinheiro.

— Tem a certeza?

Izzy lança a Ffion um olhar fulminante.

— De facto, não há qualquer medicamento. O seu homem era relativamente saudável.

— Então, porque morreu ele?

— Por muito que nós, patologistas, gostemos de pensar que somos Deus, as autópsias são muitas vezes mais eliminação do que diagnóstico: estreitar os sinais clínicos até que apontem para uma coisa. — Izzy tira os óculos e prende-os à parte de cima da bata. — Neste caso, a agressão em si parece grave, mas, de facto, é relativamente superficial. Não há contusões cerebrais, nem hemorragia subaracnoídea ou subdural. Não o suficiente para o matar, mas o suficiente para provocar o ataque cardíaco que se revelou fatal.

— As testemunhas dizem que ele estava completamente fora de si na festa — diz Ffion. — Todos assumiram que ele estava bêbado.

— Isso encaixaria com as fases iniciais da insuficiência cardíaca, especialmente em pacientes saudáveis. Sabemos pela aplicação de saúde do seu relógio que o pulso esteve errático durante a maior parte da tarde, tornando-se perigosamente lento durante a noite. Essa queda na pressão sanguínea, por si só, poderia ter desencadeado sintomas de confusão.

— E vômitos? — perguntou Leo. — Uma testemunha viu-o vomitar do lado de fora.

— Não é invulgar.

— Perguntem se tinham canapés de cogumelos na festa — diz o técnico. — E quem os fez. — Tal como Izzy, Elijah está de bata descartável, com sacos de plástico azuis por cima dos sapatos. Usa pequenos óculos redondos, o cabelo comprido puxado para um

pequeno rabo de cavalo alto. — Metade de um chapéu-da-morte mata qualquer um em cerca de dez horas.

— Elijah está a meio de uma licenciatura em toxicologia — diz Izzy. — O que, pelos vistos, faz dele um especialista.

— Os sintomas encaixariam — diz Elijah, timidamente, ignorando a picada.

— Mas o envenenamento por cogumelos de chapéu-da-morte também causaria insuficiência renal e hepática, e não encontrei nada disso no nosso amigo... — Izzy vira-se para Ffion e Leo, desvalorizando claramente Elijah. — Praticamente todos os venenos deixam a sua marca. Os corrosivos queimam o trato digestivo, o paracetamol aparece como icterícia no branco dos olhos, o arsénico dá ao revestimento do estômago uma textura aveludada.

Leo sente-se um pouco enjoado. Sente pena de Elijah, que voltou à sua arrumação, e interroga-se se o técnico não se importa realmente com a rudeza de Izzy, ou se está calmamente a conspirar um plano para a sua destruição. Por vezes, quando Crouch está a ser particularmente desagradável, Leo imagina o seu chefe a cair de uma grande altura, ou afligido por uma diarreia incontroável.

— Izzy Weaver é um bocadinho demais, não é? — diz ele, depois de saírem da morgue e de se encontrarem em segurança, fora do alcance dos ouvidos.

Ffion encosta-se ao seu carro.

— Eu gosto dela.

Leo verifica os e-mails. O Twitter forneceu finalmente os endereços IP anexados a alguns dos tweets ameaçadores que Lloyd recebera, e Leo está à espera de resultados sobre o rasto. Teria a perseguidora de Lloyd viajado de algum outro lugar para confrontar Yasmin na casa da família, ou será que ela vivia em Londres? Se ela assassinou Lloyd, como é que chegou ao The Shore? A perseguidora misteriosa ainda é a sua principal suspeita e, quanto mais cedo a identificarem, melhor. Podem até encontrar as suas impressões digitais no local do crime. O pensamento fá-lo recordar-se de Seren Morgan.

— Encontrei a tua irmã — começa, mas Ffion fala por cima dele.

— Os da Metropolitana têm andado a investigar o clube do Rhys. Número 36. Têm recolhido informações medianamente importantes ao longo de vários anos; e adivinha? — Ffion dá uma passa no cigarro dela. — É um bordel. — Sopra uma lenta baforada de fumo. — Um bordel topo de gama, seja lá o que isso for, mas, ainda assim, um bordel. Estão a organizar uma operação neste preciso momento.

— Achas que Yasmin sabe?

Ffion esmaga a beata do cigarro com o calcanhar da sua bota.

— Que o marido dela era um cabrão?

Leo não sabe bem o que dizer. Atualiza a caixa de entrada e lê o e-mail recebido com um sorriso lento. Olha para Ffion.

— Acho que acabámos de encontrar a perseguidora de Lloyd. — Leo toca no número no fundo do e-mail e coloca a chamada em alta voz.

— Pensei que não demoraria muito tempo a voltar a contactar-me. — Gwen, da equipa técnica da Criminalidade Maior, parece satisfeita consigo própria.

— Tenho a Ffion Morgan comigo — diz Leo. — Fala connosco e diz-nos o que tens.

— Em outubro do ano passado, alguém enviou um tweet abusivo para a conta da vítima, e olha só: o endereço IP é de um café na Cwm Coed High Street.

Leo e Ffion olham um para o outro. A perseguidora do Lloyd é da terra.

— Isso por si só não nos diz nada, pois o telemóvel é indetetável, mas a maioria dos criminosos traz consigo os seus próprios telefones, bem como um gravador, por isso olhei para ver quantos outros dispositivos foram registados pela rede WiFi ao mesmo tempo. — Gwen faz uma pausa para poder dar mais suspense.

— E? — dispara Ffion.

— Apenas um. Um outro telefone móvel, mas desta vez um de contrato.

O pulso de Leo acelera.

— Registado em nome de quem?.

O triunfo de Gwen é perfeitamente audível:
— Yasmin Lloyd.

DEZOITO

27 de dezembro | Ceri

O The Shore é a última paragem na rota postal de Ceri. Ela deixa o motor ligado, o noticiário do meio-dia no rádio, e abre as portas traseiras da carrinha. Mais roupas para Ashleigh Stafford, que franze o sobrolho às encomendas sempre que Ceri as vai entregar.

— Devia haver uma da ASOS.

— Isso é tudo o que tenho. — Ceri pergunta-se se Ashleigh faz alguma coisa mais com o seu tempo no The Shore, além de compras online. No verão, quando o casal passou todo o mês de agosto aqui, Ceri entregou pacotes todos os dias. Ashleigh nunca disse obrigado uma única vez, mas, numa ocasião, quando Ceri tinha escalado todo o caminho com uma pilha de caixas, Bobby Stafford pusera-lhe uma nota de vinte na mão.

Jonty e Blythe Charlton, no número um, raramente têm correio.

— Vai tudo para a casa principal — explicou Blythe no verão. Ceri, com quarenta e poucos anos, celebrava ter finalmente adquirido uma casa de dois quartos, com uma hipoteca que aos setenta ainda estará a pagar. É assim que vive a outra metade.

Ela tem uma pilha de correio para o número quatro. Está intrigada relativamente a Clemence Northcote e ao filho. Entregou-lhes todos os seus cartões de Natal, e várias contas para pagar, e hoje tem um envelope castanho da Direção Geral de Trânsito, o que não deixa de ser uma coisa estranha para se entregar numa casa de férias. Um pacote gordo é demasiado grande para caber pela porta, por isso ela toca à campainha. Caleb responde, bocejando tão amplamente que Ceri consegue ver-lhe as amígdalas. Ele coça o cóis do elástico da cintura, que medeia as calças do pijama de

uma camisola de capuz desbotada, de uma banda da qual Ceri nunca ouviu falar.

— Faz favor — diz ele, sem ser realmente uma pergunta.

Ceri entrega-lhe o correio. O rapaz cheira a canábis e a sono, mas isso é preferível à Chame-me-Clemmie, cuja insistência em querer conversar, com dificuldade, em galês já fez com que Ceri chegasse atrasada para picar o ponto em mais do que uma ocasião. Pergunta a si própria se Clemmie sabe que o filho fuma erva, ou que foi visto na encosta da colina a apanhar cogumelos psicadélicos, que por ali crescem desde que Ceri andava na escola.

Há apenas um postal para o número dois. Ceri poderia enfiá-lo através da caixa de correio, mas tem uma simpatia por Dee Huxley, e gosta de a ver.

— Ceri, querida, está menos um grau. — Como sempre, a Sra. Huxley está de chinelos, com várias camadas por baixo do casaco. Ceri olha-lhe para os joelhos nus e sorri. Elas fazem alguma variação nesta troca de palavras na maioria das manhãs, mas será preciso mais do que a ameaça de neve para fazer Ceri desistir de andar de calções.

— Como está, Sra. Huxley?

— Ainda viva, o que é um bom ponto de partida para qualquer dia, penso sempre.

— Pensei ter-lhe dito para usar isto? — Ceri sacode a corrente da porta, que pendura inutilmente na moldura. — Eu posso ser alguém que vem atrás do seu dinheiro.

— Eu dava-lhe logo uma paulada se tentasse. — Ela levanta a bengala e bate com ela no chão, e depois ri-se da expressão de Ceri.

No número cinco, Ceri retira o pacote marcado para os Lloyd. Se pudesse, deixava-o à porta, mas o grande envelope acolchoado marcado com o endereço da agência dele tem de ser assinado. Com aviso de receção! Um monte de envelopes endereçados carimbados, à espera do autógrafo de Rhys. Ceri nunca viu nada tão ridículo.

Talvez uma das gémeas abra a porta. Ou Yasmin. Ceri não gosta muito de Yasmin, mas é sem dúvida o menor de dois males. Os

Lloyd têm uma daquelas campainhas com uma câmara ligada, por isso, se estiverem a preguiçar no deque, podem ver se vale a pena levantar-se para quem quer que esteja à porta. No início do verão passado, Ceri tocou a campainha e foi saudada pela voz incorpórea de Rhys.

— Encomenda para si.

— Poderia colocá-la lá em cima no escritório? A porta está aberta. É uma surpresa para Yasmin, não quero que ela a veja.

— Grande merda — murmurou Ceri, empurrando a porta da frente. — De que morreu a sua última escrava? — Ela reparou nos sapatos junto ao tapete e manteve-se calçada, desejando que estivessem mais lamacentos. As escadas viravam a meio caminho, e viu o escritório no cimo. Todas as portas do quarto estavam abertas, o calor sufocante. Uma pilha de folhas de música, presa à secretária por uma caneca vazia, enrolada na brisa que vinha da varanda do quarto principal. Ceri colocou o pacote na poltrona, coberta com uma manta tão suave que teve de fazer um esforço para não a encostar ao rosto. Passou uma mão sobre a mesa de mogno polida e pensou na porcaria da mobília que tinha em casa. Na parede, impressões genéricas emolduradas, penduradas num quarteto perfeito. Ceri absorveu tudo, movendo-se silenciosamente pelo pequeno espaço, com os dedos passando ligeiramente sobre ornamentos artisticamente colocados.

Olhou para o quarto principal, pensando como seria incrível acordar com aquela vista, como se sentaria a pintar na varanda durante todo o dia. Depois, avistou o espelho a todo o comprimento na parede e gritou.

Rhys estava deitado na cama, os lençóis empurrados para um lado e uma mão descansando ociosamente na coxa nua.

— És tu, Ceri? — Chamou-a enquanto ela descia as escadas a correr, como se não a tivesse estado a observar, como se não tivesse acabado de fazer contacto visual com ela, não tivesse acabado de sorrir-lhe, como que dizendo Não me consegues resistir, pois não?

Mais tarde, Ceri queixou-se ao chefe.

— Nunca devias ter ido a casa dele — disse ele. — Foste lá para cima, Ceri. O que pensavas que ia acontecer?

— Bom dia — diz Rhys agora, ao abrir a porta.

Ceri não olha para ele. Entrega-lhe o envelope cheio de correio de fãs e olha para a máquina enquanto ele assina o nome com uns floreados demasiado grandes para o ecrã. Pensa nos nomes que ele lhe chamou, quando ela tinha doze e ele idade suficiente para saber que não era correto. Pensa no vai e vem constante de abusos sempre que o via, no desenho obsceno no seu cacifo. Pensa em como foi toda produzida, cheia de nervosismo, para conhecer a rapariga de quem gostava, apenas para encontrar Rhys e os seus companheiros quase a mijarem-se de tanto rir. Águas passadas não movem moinhos, costuma Ceri dizer, se alguém da escola alguma vez o menciona.

— Tenho algo para ti, na verdade. — Rhys tosse. Ele nunca mencionou aquele dia em que ela o viu na cama. Nunca sequer se referiu a ele. Ceri pergunta-se se Rhys é um daqueles que só fala e não usa calças, demasiado assustado de humilhação para tentar qualquer coisa que não consiga explicar como um acidente. — Eu vou buscá-lo.

Ceri espera à porta, pensando que poderia ser uma dica, embora Yasmin já lhe tenha dado um cartão de Natal com um cartão presente da Primark.

Rhys regressa com uma pilha de cartões cremes.

— Vamos ter uma festa de Ano Novo. Pensei convidar algumas pessoas da aldeia. — Pigarreia novamente.

— Tu estás... — Ceri está incrédula. — Estás a convidar-me para a tua festa?

Rhys cora ligeiramente.

— Bem, se quiseres. Mas, na verdade, perguntávamo-nos... Quer dizer... Escrevi uma lista. De pessoas que poderiam gostar de vir. — Entrega-lhe uma lista impressa com cerca de vinte pessoas.

Cai-lhe a ficha. Ceri é a mulher do correio, portanto entrega-lhe o correio. De graça. Rhys Lloyd tem cá uma lata. Ela olha fixamente para os convites e quer dizer-lhe onde enfiá-los, só que lá dentro

ainda é a rapariga de catorze anos que uma vez se atirou às urtigas para evitar a crueldade de Rhys; ainda a adolescente a quem fizeram odiar-se tanto que engoliu todos os comprimidos de paracetamol a que conseguiu deitar mãos.

Ceri aceita os convites.

Depois de deixar a carrinha no trabalho, caminha através da aldeia em direção a casa. Glynis está a limpar as montras da loja. Pergunta como está Ceri, como sempre faz, de uma forma tão intensa e insistente que a deixa desconfortável, como se a verificação do bem-estar de Ceri negasse agora o que o seu filho fez.

— Eles vão dar uma festa no The Shore. — Ceri retém os convites de cor creme.

— É bom que estejam a convidar pessoas da aldeia — diz Glynis, num tom defensivo.

— É, sim. — Águas passadas não movem moinhos, pensa Ceri, à medida que avança. Olha para a lista de pessoas que Rhys e os amigos consideram dignas de convite. Empresários, membros do Rotary, o vigário e a esposa. Um historiador local; um apresentador de televisão com uma casa de família nas proximidades. Será que Rhys gosta mesmo destas pessoas ou é tudo apenas para o espetáculo? Ceri folheia os convites com o polegar, trabalhando mentalmente numa rota para os entregar.

O que está ela a fazer?

Sente uma onda de raiva por mais uma vez ter permitido que Rhys Lloyd lhe enchesse o tempo e a cabeça. Empurra a porta do bar Y Llew Coch. Os clientes habituais da hora de almoço sentam-se no banco da janela, tudo velhos rapazes com cervejas nas mãos e anos de memórias acumuladas, e também um par de caminhantes a devorar salsichas e batatas fritas. No bar, Huw Ellis está a falar com Steffan Edwards.

Ceri acena com a cabeça aos homens.

— Iawn. Tudo bem?

— Tudo bem, Ceri? — diz Huw. Por hábito, ela olha de relance para a bebida de Steffan, mas, tal como Huw, ele bebe apenas um

café. Steffan não se apercebe, está concentrado na conversa com Huw, e Ceri bate com a pilha de convites no balcão.

— Posso pegar num papel destes? — pergunta a Alun, atrás do bar.

Ele pega num convite e lê-o.

— Eles não esperam seriamente que alguém daqui vá, pois não?

— Glynis Lloyd vai. — Ceri rabisca uma nota no pedaço de papel que Alun lhe dá.

— Com instrutores — diz Steffan a Huw, ao lado dela.

Alun abana a cabeça.

— Que vergonha para ela. Quando ela sabe muito bem que o Jac queria que Ty'r Lan fosse deixada em paz. Até colocou isso no testamento. O homem deve estar a virar-se na sepultura.

— Porque não disse ele nada? — pergunta Steff, mas Ceri está farta do The Shore, farta dos recordes batidos pelos habitantes locais e dos gajos do pub. Sai do bar, deixando os convites no balcão, com a sua nota em cima.

Convite para todos, lê-se. Bar aberto.

Ceri cotuma dizer às pessoas que águas passadas não movem moinhos.

Não podia estar mais longe da verdade.

DEZANOVE

5 de janeiro | Ffion

Assim que Ffion e Leo chegam ao The Shore, Bobby Stafford corre para eles.

— Descarreguei as filmagens da minha câmara da porta da frente — diz ele, ao aproximar-se. — Não sei se é útil, mas Rhys passou pela nossa porta por volta das dez e meia na véspera de Ano Novo.

— Obrigado. — Leo pega na pen USB.

Ffion já se está a afastar, com a atenção atraída por um movimento nas árvores. caminha nessa direção, Leo alguns passos atrás, e encontra Caleb Northcote à espreita à beira da água, um camisola com capuz enfiado até à cara. Atira um cigarro para a vegetação rasteira atrás dele.

Ffion olha-o com desconfiança.

— O que estás a fazer aqui, a esconderes-te?

— Não me estou a esconder. Pensei que vinham prender o Bobby.

— Devemos? — diz Leo.

— Ele é fixe, é. Está a ensinar-me a lutar. — Caleb desloca o peso, os olhos a observarem em volta, como se à procura da saída de emergência. O rosto apertado e ansioso.

Ffion pensa no olhar que se tinha cruzado entre Felicia e Tabby, quando ouviram que Rhys estava morto.

— Andas muito com as gémeas Lloyd, certo?

— Acho que sim.

— Como é que elas se davam com o pai?

— Não sei — diz automaticamente, mas depois: — Eles tiveram uma discussão.

— As gémeas?

— O Rhys e a Yasmin. A Felicia e a Tabby ouviram-nos discutir na véspera de Natal. A Tabby disse que foi coisa feia.

— Sobre o quê?

Caleb encolhe os ombros.

— Pergunte-lhes. — É demasiado esperto para falar, pensa Ffion, mas demasiado bem educado para se ir embora.

— Então, onde é a tua casa? — pergunta Leo.

— Aqui.

— Antes daqui.

— Londres.

— Gostas?

Caleb encolhe os ombros. Depois, após um momento, diz:

— A minha mãe não gosta.

— Como assim?

— Não gosta dos meus amigos.

Leo acena com a cabeça.

— Isso é uma espécie de dado adquirido, para ser honesto. Não é suposto as mães gostarem dos nossos amigos. O meu filho só agora começou a escola, e alguns dos seus colegas de turma são um bocado duvidosos.

Caleb ri-se, um som que parece surpreendê-lo até a ele. Olha para Leo.

— Eu também não gosto muito deles. — Pega numa pedra e lança-a de uma mão para a outra.

— Arruaceiros? — diz Leo. O rapaz acena com a cabeça.

— Não estás propriamente limpo — diz Ffion. Ela gostaria de o avisar, pois Seren mencionara-o em conversa demasiadas vezes para que não houvesse ali alguma coisa, mas melhor do que ninguém ela sabe que deitar lenha para a fogueira é fazer com que alguém acabe por queimar-se a si próprio. Dizer a um adolescente para não fazer algo é uma forma segura de o fazer acontecer.

— Sei que não vai acreditar em mim, mas eles obrigaram-me a fazer todas essas coisas. — Caleb esfrega os ténis no chão. — Não estou a tentar arranjar desculpas. Tipo, eu sei que podia ter dito

não, eu sei que o fiz. Cometi o crime, tenho de cumprir a pena, blá, blá, blá.

— À medida que fores envelhecendo, vai ficar mais fácil defenderes-te — diz Leo.

— Foi por isso que a mãe ficou com este lugar. — Caleb acena com a cabeça em direção ao The Shore. — Viu-o online e ficou, tipo, obcecada por isto. Ninguém por perto para ser uma má influência. — Caleb imita perfeitamente a voz de Clemmie Northcote.

— Maneira dispendiosa de começar de novo.

Caleb encolhe os ombros. O som de uma mensagem ecoa-lhe no telefone.

— Tenho de ir.

— Novo começo, o caraças — diz Ffion, assim que ele desaparece. — A minha irmã conta que ele está a fornecer canábis a metade do décimo primeiro ano. — Ela boceja. — Devia mesmo fazer alguma coisa quanto a isso, suponho eu.

— Acho que ele é um bom rapaz. No fundo. — Leo atira um meio sorriso. — Faz-me lembrar de como eu próprio era naquela idade.

Ffion resfolega.

— A mim ele faz-me lembrar da maneira como tu és agora. Aprendes a defender-te à medida que envelheces, é? Não vi muitas provas disso quando o teu inspetor te estava a chatear.

Leo começa a caminhar de volta em direção aos alojamentos.

— Vais fazer agora a descrição completa da tua personagem assassina, ou vamos mesmo prender a Yasmin Lloyd?

— Agora que falas nisso, tens o terrível hábito de... — Ffion corta, enquanto Leo para e fica impávido a olhar para ela. Ela sorri. — Oh, está bem. Vamos prender a Yasmin Lloyd.

Na habitação dos Lloyd, Tabby vai tocando melodias lúgubres ao piano, enquanto Felicia se ajoelha à mesa de café de vidro, rodeada de fotografias do pai.

Yasmin suspira.

— Eu disse-lhe para não o fazer. Só a vai fazer sentir-se pior.

— Tenho de o fazer — chora Felicia, enquanto vai trabalhando na correspondência do pai. — Os fãs do pai estão arrasados, ele gostaria que respondêssemos. — Em cada resposta, Felicia inclui uma declaração impressa. Ffion pega numa.

Sentimos uma profunda mágoa de luto pela perda de Rhys Lloyd, um marido e pai amoroso.

Felicia enfia uma fotografia assinada num envelope juntamente com a declaração, e lambe o envelope. Uma lágrima gorda cai sobre a morada enquanto ela a acrescenta à pilha a ser despachada.

— Precisamos de falar consigo — diz Leo. — Há algum lugar onde as raparigas possam...?

— Tudo o que tiver para dizer, pode dizê-lo aqui — diz Yasmin. — Não pode ser pior do que ser informada da morte do pai.

Ffion encolhe os ombros.

— Yasmin Lloyd, prendo-a por suspeita de perseguição e assédio a Rhys Lloyd. — Enquanto Ffion recita a advertência, Felicia rebenta em novas lágrimas. Yasmin nada diz.

Tabby deixa bater a tampa do piano, o som ecoa através da casa.

— Não a pode prender, é contra os seus direitos civis. Vou chamar a equipa jurídica do papá.

A equipa jurídica do Rhys, composta por vários advogados contratados e um perito em propriedade intelectual, acaba por ser tão útil a Yasmin como um saco de chá à prova de água. É-lhe atribuído o advogado de serviço, que ouve o sumário depoimento de Ffion sem expressão, e depois retira-se para consultar a cliente.

— Não achas que é um pouco macabro? — diz Leo. — Receber uma fotografia assinada de Rhys Lloyd uma semana depois de ter sido assassinado? — Estão à espera no corredor fora da custódia, comendo o conteúdo da máquina de venda automática.

— As pessoas são esquisitas. — Ffion vasculha no pacote de batatas fritas, apanhando os bocados partidos na boca. — Nunca compreendi o objetivo dos autógrafos, de qualquer maneira.

— Alguns valem muito dinheiro.

— Não quando os estás a dar a toda a gente que queira um. — Ela dobra o pacote num triângulo. — Devia haver cinquenta só naquela pilha, e Ceri acha que entrega um lote todas as semanas. Isso é uma porra de um monte de fotos assinadas. — Ela olha para o Leo. — Que foi? Estás com a tua cara de tive uma ideia.

— Não, acabei de juntar dois mais dois, só isso. Lloyd tinha um corte na língua, lembras-te? Estava no relatório da autópsia, com um corte de barbear, e os ferimentos na cara.

— E?

— Eu estava em casa da minha ex-mulher no outro dia quando ela enviava os convites de casamento. Ela lambeu um envelope e cortou a língua. Lloyd provavelmente fez a mesma coisa, respondendo ao seu correio de fãs.

— Tu tens uma relação estranha com a tua ex.

— Não tenho sequer a certeza de ter algum tipo de relação com ela. Se tivesse, talvez houvesse uma hipótese de ver realmente o meu filho.

O telefone de Ffion toca e ela atende a chamada com satisfação. A angústia nas relações faz-lhe comichão.

— Detetive Morgan.

— Daqui é o sargento Dewing, do Departamento de Investigação Criminal do Soho. Fizemos uma rusga ao Número 36.

— O que encontraram?

— Dois banqueiros, um político e a cara ruborizada de um juiz do Supremo Tribunal. As pessoas que dirigem o espetáculo vão demorar mais tempo a ser localizadas, mas algumas das trabalhadoras do sexo estão a cantar como canários.

— Alguém conhece Rhys Lloyd?

— Porque acham que estou a telefonar? Os seus analistas dizem que a filiação dele terminou em junho, certo? Bem, no dia anterior, foi-se com toda a força à namorada habitual, deixando-a com um maxilar partido e as cordas vocais demasiado magoadas para falar. Parece que Lloyd tinha uma propensão para sexo bruto, algo que o Número 36 indulgenciou sempre, até que ele agrediu por lá uma mulher de tal forma que esta teve de ir parar ao hospital.

Ffion sente uma onda de náuseas. Imagina a mão de Rhys à volta de uma garganta magra. Hematomas. Ossos partidos.

— Parece que ele tinha uma obsessão qualquer por uma rapariga em particular — diz o Sargento Dewing. — Até lhe deu o cartão de visita e sugeriu que se encontrassem em privado, algo que o Número 36 proíbe expressamente. Não foi relatado na altura, por razões óbvias, mas algumas das outras raparigas tiraram fotografias. Aviso-a, são bastante explícitas.

Não pode ser pior do que qualquer outra coisa que ela tenha visto.

— Detetive Morgan?

— Pode enviar por e-mail o que tem? Temos a mulher dele sob custódia.

— É para já.

— Onde estava essa mulher na véspera de Ano Novo? — pergunta Leo, assim que Ffion o informou.

— Fora do país. Voou de regresso no dia três. — Ffion sente a cabeça leve, como se não dormisse há dias. — Estão a investigar os contactos dela, para ver se algum esteve recentemente no Norte do País de Gales. — Ela atualiza a caixa de entrada, à espera de que o e-mail da Polícia Metropolitana apareça; as fotografias que não quer ver. Imagina Rhys a voltar para casa após a agressão, beijando a mulher, as filhas. — Que sacana — diz ela.

— Imagino que Yasmin sinta o mesmo — diz Leo, começando a caminhar de volta para a zona da custódia. — Assumindo que ela sabe.

— Pensei que ele estava a ter um caso — diz Yasmin. Ela pisca rapidamente, os olhos fixos na mesa entre eles. — Nunca imaginei que estivesse a visitar um — respira profundamente —, um bordel.

Leo empurra uma folha sobre a mesa.

— Esta é uma impressão das comunicações maliciosas que o seu marido recebeu no Twitter ao longo dos últimos dezoito meses. — Ao lado do documento, coloca um saco de plástico contendo um

telemóvel, um dos dois encontrados na mala de mão de Yasmin. — Comunicações que fez a partir deste dispositivo.

Yasmin olha de relance para o advogado, que acena com a cabeça.

— Sim, mas eu não enviei as primeiras — diz ela, apontando para a primeira meia dúzia de tweets, que troçam da carreira decrescente de Rhys. — Estes. Não sei quem os enviou, mas deixaram o Rhys realmente perturbado.

— E queria continuar a perturbá-lo? — Ffion pergunta sem rodeios. Yasmin Lloyd é uma pessoa complicada.

Yasmin levanta o queixo, os lábios comprimidos.

— Acreditava que Rhys estava a ter um caso. Pensei que, se o fizesse pensar que os tweets estavam ligados, poderia assustá-lo o suficiente para parar.

— E a mulher que veio a sua casa em Londres, fazendo ameaças? — diz Leo.

Há uma longa pausa.

— Não houve mulher nenhuma. Eu... eu menti à polícia.

Leo anota a hora da admissão no bloco.

— Vou também prendê-la por prestar falsas informações e por tentar perverter o curso da justiça. Permanece sob detenção.

— Lamento, a sério que lamento. — Yasmin retorce as mãos no colo. — Pensei que ele estava a ter um caso, eu estava confusa.

— Fez o seu marido pensar que tinha uma perseguidora. Prestou um falso depoimento à Polícia. — Ffion inclina-se para a frente, falando lenta e deliberadamente. — Deixou as suas filhas adolescentes acreditarem que estavam em perigo.

— Eu...

O solicitador tosse. Há uma breve troca de olhares, depois Yasmin reorganiza as expressões faciais em algo que se aproxima da contrição.

— Tenho sofrido com ansiedade e depressão. Tenciono procurar ajuda.

Quer, sobretudo, evitar uma condenação por motivos de saúde mental, pensa Ffion.

— Manipular o seu marido ao ponto de o fazer questionar a realidade aliviou os seus sintomas, foi isso?

Yasmin cora.

— Qual é o valor da apólice de seguro de vida do seu marido? — pergunta Leo.

O advogado franze o sobrolho.

— A minha cliente foi presa por assédio. Não tenho a certeza de ver a relevância de...

— Um milhão e meio — diz Yasmin de forma equilibrada. Todos a olham fixamente. — Não que isso torne nada disto mais fácil. — Ela torce as mãos e Ffion semicerra-lhe os olhos. Mas vai ajudar, certo?, pensa ela. Rhys valia mais morto do vivo.

— Como é que eles calculam esse valor? — questiona ela.

— Ganhos potenciais, suponho eu. Royalties e assim por diante. Rhys fez a apólice há anos. Nunca pensámos que iríamos precisar dela. — As palavras de Yasmin transformam-se num soluço.

O advogado tira um pacote de lenços de papel da pasta.

— Sente-se suficientemente bem para continuar?

Yasmin acena com a cabeça, enxugando as lágrimas com um lenço de papel.

— Estou bem. — Olha para Ffion, talvez notando o ceticismo na expressão desta. — É para as meninas, claro. O dinheiro do seguro. As suas propinas escolares, o seu futuro. Vai ser difícil para elas, agora que só me têm a mim.

Quando o pai de Ffion morreu, a mãe tinha-se lamentado durante uma semana. Uma semana para se abraçar às velhas camisolas, para chorar até os olhos lhe ficarem secos. Depois, arrumou as coisas e recompôs-se. Tinha um bebé recém-nascido para cuidar; uma adolescente às voltas fora de controlo. Elen Morgan não tinha tempo para luto.

— As gémeas parecem ter uma boa relação com a avó — diz Leo. — Tenho a certeza de que isso será um grande conforto.

Yasmin funga.

— Glynis pensava que o Rhys não fazia nada mal. Elas têm isso em comum, suponho.

— Você e a Glynis dão-se bem? — pergunta Ffion.

— Melhor desde que o meu sogro faleceu. O Jac e o Rhys tiveram muitos confrontos. Isso causou fricção entre nós os quatro.

Leo aponta qualquer coisa no papel.

— Quando é que ele morreu?

— Há dois anos, embora já estivesse de partida um ano antes. Demência. Não que Glynis alguma vez o tenha admitido. É muito reservada. Orgulhosa, sabe?

— Como era o seu casamento? — pergunta Leo.

— Era... bom.

— O seu marido estava a pagar a trabalhadoras do sexo — diz Ffion sem rodeios. — Eu não chamaria a isso bom. — Ela pega no saco plástico de provas que contém o telemóvel. — Comprou este descartável numa tentativa de enviar tweets indetetáveis para assediar o seu marido, certo?

— A minha cliente já admitiu que...

— Mas usa este telefone para outra coisa, não é? — diz Ffion, observando a cor esvair-se do rosto de Yasmin. — Há quanto tempo tem um caso com Jonty Charlton?

VINTE

5 de janeiro | Leo

O telefone descartável que Yasmin usou para enviar os tweets venenosos a Rhys é um Nokia deslizante, suficientemente fino para cair pelo forro da sua bolsa, que foi precisamente onde Leo e Ffion o encontraram. O telefone não tinha código de acesso, e havia apenas um número guardado nos contactos: Jonty Charlton.

A sequência de mensagens de texto guardadas era uma mistura de logística — vejo-te no gerador às 6h30; sentimento — tenho tantas saudades tuas, docinho de abóbora; e imundície pura — quero sentir-te a latejar...

— Não! Não aguento isto. — Ffion tapa as orelhas com as mãos.

Leo levanta o olhar da lista de mensagens que esteve a ler, e sorri.

— Não gostas da minha conversa excitante?

— Não quando tenho de imaginar Jonty Charlton e Yasmin Lloyd a fazê-lo atrás dos barracões de bicicletas do The Shore.

De facto, tinham-no feito lá. Leo encontra a mensagem de texto relevante e lê-a.

— Podes inclinar-te e eu estaciono o meu...

— Para! Isso dá-me vontade de lavar os ouvidos com lixívia.

— Não a tinha por puritana, Sra. Morgan.

— Sabe bem que não sou puritana, Sr. Brady.

Por um segundo fecham os olhos, e Leo sente o mesmo choque elétrico que sentiu na noite de Ano Novo. Algures no escritório, a impressora começa a trabalhar.

— Então — diz Leo, após um instante, porque concentrar-se no trabalho parece ser o caminho mais fácil neste momento —, Yasmin herda o seguro de vida do marido e Jonty Charlton torna-se o sócio

controlador do The Shore. É um motivo bastante sólido para se desfazerem de Lloyd. Vou dizer a Crouch que queremos prender a Yasmin por homicídio. Podemos aguentar o Charlton até ouvirmos o que ela tem a dizer.

Perante a revelação de que a sua cliente não revelara um caso com o sócio de negócios do seu marido, o advogado de Yasmin interrompera a entrevista para uma consulta, que já dura há mais de uma hora. Leo e Ffion voltaram para o escritório, onde Ffion ocupou a secretária em frente à de Leo e está agora a rabiscar num pedaço de papel.

Leo abre o portátil para enviar uma mensagem ao inspetor, que já deixou o escritório por hoje. Lembra-se das imagens da câmara da porta que Bobby Stafford lhe deu anteriormente, e, enquanto espera por uma resposta de Crouch, insere a pen e faz duplo clique no ícone da drive. As câmaras do The Shore mostram Lloyd por volta das dez e meia da noite de Ano Novo, cambaleando no meio da estrada para ir vomitar nos arbustos, mas, assim que regressa ao caminho pedestre, está frustrantemente fora da imagem. Talvez a câmara do Bobby mostre alguma coisa nova. Melhor ainda: ajudará a preencher o espaço em branco deixado pela falha experimentada pelas câmaras da estância de férias, que sucedeu anteriormente nesse dia. Além de Lloyd, apenas Jonty Charlton teve acesso à câmara de vigilância. Poderia ele ter mexido deliberadamente nas filmagens para cobrir o seu rasto? Ou o da sua amante?

— Talvez não tenha sido premeditado — diz Leo, pensando em voz alta. — Várias testemunhas dizem que os Lloyd tiveram uma discussão doméstica, antes de a festa começar. — O software carrega e o ecrã mostra o McLaren amarelo brilhante de Bobby Stafford, estacionado no exterior do alojamento. — As coisas aquecem, Rhys vai ter com a mulher e ela agarra o prémio para se defender. Ele morre, ela entra em pânico e chama o amante para se livrar das provas.

— Mmm. — Ffion acrescenta bigodes ao gato que está a desenhar num papel, que Leo percebe agora ser o verso de um depoimento de uma testemunha. Ele olha para ela por cima do portátil. Talvez tenha feito confusão sobre a história das provas e

impressões digitais de Seren; ou Seren tenha realmente mudado de ideias. Ffion pode navegar às vezes perigosamente, mas na realidade não mentiria.

O telefone da secretária toca e ele carrega no altifalante, respondendo com um distraído «detetive Brady», enquanto navega pelas filmagens da câmara da porta.

— Olá, é o Elijah. Elijah Fox. Da morgue? Apesar de agora estar em casa, porque, bem, seja como for, hum...tem um minuto?

— Avance, Elijah. Estou aqui com a Ffion.

— O que acontece com a toxicologia — diz Elijah —, é que tem de saber-se a razão pela qual se está a testar. E, sem um orçamento ilimitado, o laboratório nunca vai testar especulativamente centenas de venenos apenas para eventualmente encontrar vestígios de um.

— Certo. — Leo consegue distinguir os carros de cada lado do alojamento dos Stafford, bem como o estacionamento dos visitantes do lado oposto do passeio. Move o cursor para as duas da tarde, mais ou menos para quando o sistema de câmara de The Shore avariou, e reproduz as filmagens ao triplo da velocidade.

— Então... eu levei algumas amostras para casa.

— Fizeste o quê? — Leo olha para Ffion, cuja boca permaneceu aberta.

— Não faz mal, não me importo de fazer coisas destas no meu tempo livre. Não tenho namorada, nem nada do género.

— Imagino porquê... — diz Ffion, num sussurro.

— Pensei para comigo: o que estaria prontamente disponível para um assassino no Norte do País de Gales? Não vale a pena testar a batracotoxina quando o sapo golden dart mais próximo está a cinco mil milhas de distância, certo? — Ele ri-se, num tom agudo e, para os ouvidos de Leo, um pouco maníaco. Deveria um técnico da morgue estar a recolher amostras de sangue em casa? Será que Izzy sabe disto? No seu computador portátil, aparece Caleb a atravessar a entrada da casa.

— Beladona, por outro lado... aconite, cianeto de caroços de fruta... As pessoas ficariam espantadas por saber como pode ser

letal o seu próprio jardim. E depois atirei-me ao assunto. — Elijah soa triunfante. — Ricina.

— Ricina? — diz Leo, tentando lembrar-se da lista de medicamentos apreendidos no quarto do Lloyd. Era tudo coisas de venda livre. Será a ricina um ingrediente legítimo? Se Yasmin lhe deu algo na festa, isso explicaria a sua reação quando lhe mostraram a lista. — Mas quer dizer um guarda-chuva com ponta envenenada, tipo uma operação do KGB com ricina?

— Chove muito no Norte do País de Gales — diz Ffion, rindo-se. — Encaixariam perfeitamente.

— *Ricinis communis* — diz Elijah. — É daí que vem. É bastante popular. O Monty Don tinha-o no seu programa *Gardener's World*.

Mas Leo já não o está a ouvir. Está a olhar para o ecrã do portátil, onde as imagens da câmara da porta de Bobby Stafford mostram um carro estacionado na zona dos visitantes do The Shore durante trinta minutos na tarde do assassinio de Rhys Lloyd.

O carro de Ffion.

VINTE E UM

5 de janeiro | Ffion

— A ricina é algo um pouco exótico para Cwm Coed — diz Ffion, assim que Leo termina a chamada. — Somos mais do estilo um-par-de-charros-depois-do-trabalho-e-uma-linha-ao-fim-de-semana. — Ela pensa novamente em Caleb a traficar droga para os adolescentes de Cwm Coed, e pergunta-se se prendê-lo iria fazer com que Seren o tirasse da cabeça, ou, pelo contrário, torná-lo mais apelativo. Nunca deve subestimar-se o fascínio de um mau rapaz, pensa ela, com um arrepio. Olha para cima e encontra Leo fixado nela. — Que foi?

— Tem havido muito crime no The Shore desde a sua abertura?

— Só o grafito no letreiro.

— Quem lidou com isso?

Ffion encolhe os ombros.

— A polícia de vigilância do bairro, acho eu. Porquê?

— Não estiveste lá em assuntos oficiais, então?

Leo está a olhar para ela, e os pelos na nuca de Ffion começam a eriçar-se. Ela sacode a cabeça de uma forma que tanto pode ser um aceno ou um abanão.

— Que tal a título pessoal? — A voz de Leo é dura.

Ffion obriga-se a respirar normalmente, percorrendo com a caneta os contornos do gato que já tinha rabiscado, sentindo um tremor na mão normalmente firme. Ele não sabe. Ele pode julgar que sabe, mas não sabe...

Leo gira o portátil uns oitenta graus e empurra-o com força na sua direção.

Ele sabe.

— Oh, certo. — Ffion força uma gargalhada. — Eu estava lá na véspera de Ano Novo. Dizia-se que ia haver fogo de artifício e os habitantes locais estavam irritados por causa disso.

— E isso é um trabalho do Departamento de Investigação Criminal?

— Eu estava na zona. Pensei ajudar. — Ffion olha para cima, mantendo o olhar desafiador.

— E não pensaste em mencioná-lo?

— Esqueci-me.

— Esqueceste-te de que tinhas estacionado à porta da casa de uma vítima de homicídio, no dia em que ele morreu?

— Tive uma data de coisas na minha...

— Por amor de Deus, Ffion! — Leo bate com as palmas das mãos na secretária. — Mentiste sobre a tua irmã ter recusado partilhar dados eliminatórios. Mentiste sobre teres ido ao The Shore na véspera de Ano Novo.

— Eu não menti...

— Por omissão. E, por favor, diz-me que não destruístes realmente provas de videovigilância para esconderes o facto de teres lá estado?

— Eu posso explicar. — Não pode, mas precisa de ganhar tempo, porque tem de haver uma saída para isto. Pensa em Yasmin Lloyd, culpando a saúde mental deficiente pelas suas ações de merda. — Tem sido um ano difícil. O meu casamento acabou e Seren não reagiu bem. Ela dava-se bem com o Huw. Via-o como uma espécie de figura paternal, suponho eu. — Enquanto fala, percebe que não está longe da verdade. Seren tinha ficado devastada pela separação, incapaz de compreender por que razão Ffion se tinha afastado.

Leo está a franzir o sobrolho, e por um momento Ffion pensa que ela o distraiu com sucesso.

— Quem? — diz ele.

— Pronuncia-se Huw. Como se houvesse um «y» após o «h». — Mexe a língua para...

— Não me lixes, Ffion. Huw quê? Qual é o apelido dele?

Ffion subestimou Leo. Ela olha para o lado.

— Ellis.

Há uma longa pausa.

— És casada com um dos nossos suspeitos de homicídio?

— Separada.

— Consigo perceber porquê.

A raiva inflama-se dentro de Ffion.

— Diz o homem que nunca vê o filho.

Ela lamenta tê-lo dito no mesmo instante em que o dispara. A dor nos olhos de Leo transforma-se em raiva.

— Que vi eu em ti?

— O sentimento é inteiramente mútuo.

Ouve-se um som de porta.

— Hum... peço desculpa. — Um agente de custódia está desconfortavelmente de pé na entrada da porta. — Yasmin Lloyd está pronta para o interrogatório.

Se as cadeiras na sala de interrogatório não estivessem fixas ao chão, Ffion teria a certeza de que Leo se afastaria ainda mais. Para já, sente a tensão a sair dele em ondas, ao mesmo tempo que prende Yasmin por suspeita de homicídio.

— Isto é ridículo. — Yasmin, por sua vez, olha para Ffion e Leo.
— Eu não matei o meu marido.

— Há quanto tempo tem uma relação com o Jonty Charlton? — pergunta Leo.

Faz-se uma longa pausa, antes de Yasmin responder:

— Seis meses. Começou no verão, quando o The Shore abriu. Foi apenas por diversão, embora o Jonty, claro, se tenha apaixonado por mim. — Um pequeno sorriso nos cantos da boca sugere que ela vê tal ocorrência como inevitável.

— É uma forma elegante de celebrar o sucesso do seu marido — diz Ffion neutralmente.

O advogado tosse.

— Está aqui para entrevistar a minha cliente ou para debater a sua moralidade?

Ffion ignora a interrupção.

— Quem sabia que estava a ter um caso?

— Ninguém. Fomos muito cuidadosos.

— Nem sequer Rhys?

— Absolutamente, não.

— Como pode ter tanta certeza? — pergunta Leo.

— Porque, se ele tivesse descoberto, ele teria... — Yasmin interrompe. Um rubor feio move-se do pescoço para a cara como uma maré crescente.

Leo rompe o silêncio:

— Blythe Charlton diz que você e Rhys estavam a discutir, antes da festa da passagem de ano.

— Fiquei chateada com ele, só isso. Ele tinha estado a beber o dia todo. A certa altura, encontrei-o de joelhos no meio da estrada, estava totalmente fora de si. — Yasmin abana a cabeça. — Muito embaraçoso.

— Interessante — diz Leo, e a pulsação de Ffion acelera, mas Leo pega no relatório da patologia —, porque os resultados toxicológicos sugerem que havia muito pouco álcool na corrente sanguínea do seu marido. Será que ele tomou mais alguma substância nesse dia?

— Rhys não consumia drogas.

— Deixe-me reformular a frase — diz Leo. — Deu ao seu marido alguma substância no dia da festa?

Os olhos de Yasmin arregalam-se.

— O que está a sugerir? Que droguei o meu marido?

— Mostrámo-lhe uma lista de medicamentos apreendidos no seu quarto — diz Ffion. — A sua reação sugeriu que tinha algo a esconder.

— Não sei do que está a falar. — Lá está de novo: o mesmo olhar de pânico que tinham visto na casa de Glynis.

Leo inclina-se sobre a mesa.

— Drogou o seu marido?

— Não!

— Ele foi morto no seu escritório — prossegue Leo. — Um lugar, tal como a senhora própria reconheceu, onde entrou várias vezes, durante a festa.

— Com dezenas de convidados! — Yasmin dá uma gargalhada sem vontade. Olha para a porta, como se estivesse a considerar sair, como se estivesse livre para o fazer. Um bem visível reflexo de suor expande-se pela testa.

— O que sabe sobre ricina? — pergunta Ffion.

Pela primeira vez na entrevista, Yasmin parece genuinamente confusa.

— Nem sei o que isso é.

— É uma droga — diz Ffion. — Preparada a partir de uma planta de jardim bastante disponível e altamente tóxica. Uma pequena quantidade pode causar a falência do corpo, e a ocorrência da morte algumas horas mais tarde. — Bendita Wikipédia.

— Eu nem saberia como comprar a droga, quanto mais como prepará-la. Não me movo nesses círculos. — Yasmin olha desesperadamente para o seu advogado. — Sou designer de interiores; tenho amigos respeitáveis. Tenho um cartão do National Trust.

— A que horas viu o seu marido pela última vez, na noite da festa? — interroga Leo.

— Não tenho a certeza. Eu disse às gémeas para lhe darem uma sandes, numa tentativa de o tornar mais sóbrio. Vi-o comê-la, por volta das nove e meia ou dez, mas não tenho a certeza se o vi depois disso.

— As câmaras dizem-nos que Rhys caminhou da casa dos Charlton para a sua, pouco depois das dez e meia da noite. — Leo carrega no play, e quatro pares de olhos assistem a Rhys Lloyd cambaleando pela entrada de The Shore. O olhar de Ffion perde-se na imagem, fazendo com que o ecrã se torne demasiado pixelizado para tornar clara a figura de Rhys. — Seguiu-o?

— Bem, presumivelmente o detetive... — Yasmin sublinha o título — ver-me-ia na câmara se eu o tivesse feito. Mas não irá ver, porque eu não assassinei o meu marido.

— As câmaras são fáceis de evitar — diz Ffion — se souber que estão lá. — Ela não olha para Leo. Se ao menos tivesse pensado nas câmaras; se ao menos tivesse ido a pé ao longo da costa em

vez de conduzir, em vez de estacionar mesmo à vista da merda das câmaras.

— As tensões entre si e o seu marido são anteriores à véspera de Ano Novo, não é verdade? — pergunta Leo.

— Não sei a que se refere. — Yasmin pestaneja rapidamente.

— Tiveram uma discussão na véspera de Natal, não foi?

— Como é que...

— De que se tratava?

— Não me lembro.

— Oh, acho que se lembra — diz Leo.

— Bem, eu não — diz Yasmin firmemente, mantendo finalmente a compostura. — E eu não vejo a relevância. OK, pronto eu e o Rhys não tínhamos um casamento perfeito. Quem o tem? Na verdade, estava a planear deixá-lo. Mas isso não significa que o tenha matado.

O advogado de Yasmin intervém:

— De acordo com a sua declaração de divulgação, detetive Brady, o relógio do Sr. Lloyd mostra que o coração dele parou às 23h38. A minha cliente esteve na festa até depois da meia-noite

— Ela podia ter-se escapulido — diz Ffion. — Ninguém teria reparado.

— Eu estava a cantar. — Yasmin arregala subitamente os olhos. — De facto, posso prová-lo! — Estica a mão para o bolso, antes de emitir um som de frustração com os lábios. — Preciso do meu telemóvel; do meu principal, quero dizer. Dei-o a alguém para me gravar. Ia publicar no Instagram Stories pela manhã, só que... — suspira — bem, obviamente não o fiz. Mas o vídeo comigo a cantar estará no meu telefone, juntamente com a hora a que foi gravado.

— Uma canção não é um álibi, Sra. Lloyd — diz Leo.

— Eu cantei praticamente todas as partes de Wicked; bem, as partes da Glinda, obviamente; e a maior parte de Mamma Mia. Pediram-me vários bis. Devo ter estado lá em cima durante meia hora.

— O Jonty Charlton estava a observá-la? — pergunta Ffion.

— Imagino que sim. O homem está apaixonado. — Yasmin esboça um sorriso manhoso. — Há um limite para a quantidade de

tangas tântricas que um homem consegue aguentar.

— Ele está a planear deixar a mulher?

— Ele fá-lo-ia, se eu lho pedisse.

— A sério? — diz Ffion, com descrença intencional.

Yasmin parece ofendida.

— É claro que o faria. O Jonty faria qualquer coisa por mim.

Ffion sorri.

— Verdade?

Tarde demais, Yasmin apercebe-se do seu erro.

— Qualquer coisa, não, o que queria dizer...

— Os Charlton têm um barco, não têm? — pergunta Leo.

— Sim, mas...

— O Jonty é um marinheiro experiente. Poderia facilmente manejar um barco no escuro.

— Eu...

— Você está na câmara, a cantar, quando o seu marido morreu — diz Leo. — Mas poderia facilmente ter envenenado Rhys mais cedo nesse dia. A ricina demora várias horas a entranhar-se no corpo.

— Isso é absurdo!

— E, de facto, ninguém se lembra de ter visto Jonty entre as onze da noite e as primeiras horas do Dia de Ano Novo. Duvido que ele vá estar em qualquer filmagem do seu pequeno concerto. Onde é que ele estava?

— Vai ter de lho perguntar.

— Isso — diz Leo — é uma excelente ideia.

Yasmin solta um suspiro de alívio.

— Será que isso significa que posso ir?

— Está presa por homicídio — diz Ffion. — Não vai a lado nenhum.

VINTE E DOIS

Dia de Natal | Clemmie

Clemmie Northcote não pode acreditar que esta é agora a sua vida. São nove da manhã no dia de Natal e, em vez de olhar para o bolor no canto da kitchenette, olha para um lago plano e calmo. A montanha Pen y Ddraig está coberta de neve, e a floresta brilha com a geada. Em vez do ruído do contrabaixo do andar inferior e do sobe e desce das discussões do andar de cima, ela ouve... nada.

A habitação é quente e acolhedora, graças ao recuperador de calor que pretende manter a trabalhar durante todo o Natal. Ao contrário dos outros residentes do The Shore, que contribuíram com dinheiro para uma entrega de toros secos para a salamandra, já cortados no tamanho correto para caber no espaço do forno, Clemmie vasculhou a floresta em busca de madeira grátis, que Caleb cortou e empilhou no deque, debaixo de uma lona, da qual os Charlton, sem qualquer dúvida, se irão queixar.

No frigorífico está um peru do Aldi, com todos os enfeites, e Clemmie gastou uma extravagância numa garrafa de prosecco, para ela, e quatro latas de cerveja de baixo teor alcoólico, para Caleb. Não quer pensar no Natal passado, mas é difícil não fazer comparações. Com o processo judicial pendente, Caleb tinha saído na véspera de Natal e só regressou nas primeiras horas da manhã seguinte. Clemmie tinha passado o dia por conta própria, perguntando-se quando deveria servir o jantar. Caleb tinha saído do seu buraco à noite, as suas pupilas pareciam piscinas sem fundo, mal dando pelos presentes que Clemmie, depois de ter poupado durante meses, lhe tinha comprado.

Às dez da manhã, decide que não pode esperar mais. Abre a porta do quarto de Caleb, apercebendo-se, ao fazê-lo, de que o filho até tem um odor diferente aqui. Senta-se na beira da cama dele, vendo-o dormir. O seu lindo menino. Quão perto ela esteve de o perder.

No instante em que Clemmie viu o anúncio do The Shore, sentiu uma ligação física. Aquilo chamava por ela. Não era apenas o local, a vista, as belas habitações. No The Shore, Caleb faria amizade com um tipo diferente de pessoas, uma classe diferente. Clemmie odeia a ideia de classe, mas não se pode lutar contra isso. Os antecedentes são importantes, e Clemmie sabia que, a menos que fizesse algo radical, Caleb iria ser arrastado ainda mais para o meio de problemas.

— Mãe, para de olhar para mim — resmunga Caleb.

Clemmie transborda de alegria festiva.

— O Pai Natal veio cá a casa! — diz ela, com uma risada.

Caleb relutantemente senta-se, esfregando os olhos.

— És tão idiota — diz ele, dessa forma peculiar que os rapazes têm de mostrar afeto. Desce as escadas e Clemmie sente-se repentinamente nervosa, preocupada em saber se ele vai rir-se, ou antes pensar que ela é estúpida, quando vir o que ela fez.

Clemmie ficou acordada até muito tarde ontem à noite, a beber vinho e a fazer grinaldas de papel para pendurar no quarto. A velha meia de Natal de Caleb, uma que ele tinha antes de ter ficado demasiado velho para surpresas, está pendurada na salamandra, cheia de pequenos e tontos presentes que Clemmie foi preparando ao longo de todo o ano. Estão embrulhados. Ela pediu emprestada uma pequena árvore à floresta, mantendo-a num vaso e jurando replantá-la após a Noite de Natal. Está coberta com todas as decorações que ela e Caleb fizeram juntos, antes de a adolescência ter chegado e de o ter transformado em alguém que ela mal reconhecia.

— É uma tolice, eu sei — diz agora Clemmie. — És demasiado velho...

Não consegue terminar, porque Caleb lança os braços à sua volta, esmagando-lhe o rosto com o ombro.

— Está fantástico, mãe. Feliz Natal.

Comem bacon com ovos ao pequeno-almoço. Clemmie ouve vozes num dos deques; o rosnar de um motor enquanto alguém leva um barco para o lago. Na noite passada, já tarde, Blythe colocou uma mensagem no grupo do WhatsApp do The Shore para dizer que haveria uma trupe a nadar ao meio-dia. Clemmie pergunta-se se o entusiasmo do grupo será tão aparente esta manhã. Tanto quanto ela sabe, é a única residente de The Shore que nada em qualquer altura, exceto nos dias muito ensolarados; porém, um pouco antes das onze horas, há risos lá fora.

Clemmie pisa o deque em fato de banho.

— Feliz Natal!

Ouve-se um coro a devolver o voto, «Feliz Natal!», e, enquanto Clemmie atravessa o espaço para se juntar ao bando, sente aquele glorioso sentimento de pertença.

Os Stafford devem ter chegado tarde na noite passada, ou cedo esta manhã. Ashleigh está com um casaco de pele até ao chão e, a menos que esteja a esconder um biquíni por baixo, não parece estar a planear juntar-se. Bobby, por outro lado, está aos saltinhos sobre o deque num par de boxers cobertos com ramos de azevinho e a beber um Bloody Mary, com um talo de aipo a espetar-se-lhe nos olhos de cada vez que dá um gole.

— Não saias daí — diz Ashleigh.

Bobby pousa o copo.

— Hoje não, está bem?

— Com a bebida. — Ela ergue o telefone, acenando com a mão livre para que ele se mova através do deque. — Aí. Inclina-te contra o corrimão e...

— Podemos ter um dia sem pensar no raio do Instagram? — rebenta Bobby, instala-se um silêncio embaraçoso enquanto Ashleigh volta para o alojamento.

— Pensei que ias filmar o mergulho.

— Para quê, se não o vamos pôr online? — grita Ashleigh virando a cabeça por cima do ombro.

Os Lloyd estão todos vestidos com roupões. Clemmie apanha Caleb a olhar para as gémeas, e suprime um sorriso. Rapazes, não é? Não consegue imaginar que Caleb seja exatamente o que Rhys tivesse em mente para as suas princesinhas, mas nunca se sabe. Por um momento, Clemmie imagina os convites para o casamento dos Northcote-Lloyd; ou seria Lloyd-Northcote?

Yasmin está em profunda conversa com o marido, e não parece feliz.

— Não, não consigo seguir em frente! — Nenhum deles percebeu que Clemmie está mesmo atrás deles.

— Isso é uma reação muito exagerada, Yasmin.

— Podias tê-la matado! — sussurra ela, e depois os seus olhos arregalam-se de horror ao reparar em Clemmie. Desdobra-se num largo sorriso. — Feliz Natal, querida Clemmie. Isto não é tudo maravilhoso?

— Maravilhoso. — O coração de Clemmie está acelerado. Recom-

põe-se. O contacto de Caleb com o submundo do crime tende a fazê-la pensar nos piores cenários.

Jonty Charlton deixou descair o roupão dos ombros e está a falar alto sobre o facto de o tempo não estar realmente nada frio. A mãe de Rhys, Glynis, tem estado a tomar conta dos jovens Woody e Hester Charlton, que, à menor oportunidade, se lançaram destemidamente à água. Clemmie aproveita para usar o vocabulário festivo que aprendeu especificamente para os dias de hoje:

— Nadolig Llawen¹⁰, Sra. Lloyd!

A mulher mais velha está a olhar para o lago, os olhos brilhando.

— Passei o meu primeiro Natal como mulher casada neste mesmo lugar.

— No The Shore?

Glynis emite um som de reprovação.

— Em Ty'r Lan. A casita do meu marido estava mesmo aqui. — Ela olha para baixo, como se a casinha pudesse ter escorregado

entre as tábuas de madeira do deque.

— Imaginem — diz Clemmie, já com o galês esgotado, agora já passaram da conversa de circunstância. — Se ele a pudesse ver agora, hem?

— De facto — diz Glynis comprimindo os lábios.

— Estão todos prontos? — Dee Huxley, que, muito sabiamente, se mantém em terra firme, acena com a máquina fotográfica e enfia todos os nadadores num grupo para tirar uma fotografia. Um a um, descem a escada até ao pontão, ficando os apoiantes inclinados na balaustrada em cima, preparados para a partida.

Rhys desce primeiro, depois Bobby. Clemmie espera um momento no degrau superior, enquanto Dee tira uma fotografia.

— Desculpa, querida, pestanejaste. Vamos tentar novamente.

Mais abaixo, Clemmie tem a certeza de ouvir palavras furiosas, e toda a gente está a exortar Dee a despachar-se, está um gelo! E, quando Clemmie desce a escada, nem Bobby nem Rhys dizem nada. Ela varre o assunto da sua mente. É dia de Natal, e recusa-se a estar ansiosa. Não este ano.

Caleb dá um salto de corrida e faz uma bomba na água gelada, e o coração de Clemmie congela até o ver novamente rebentar à superfície, com um O formado na boca, de choque. Exibe-se às raparigas, que mergulham os dedos dos pés na borda do pontão e guincham. Clemmie desliza, habituada à temperatura, e nada em círculos, balançando sempre os dedos das mãos e dos pés.

— Estão todos loucos! — grita Blythe, lá de cima.

— Maravilhoso! — diz Dee. E tira uma fotografia. Todos estão na água agora, e os olhos de Clemmie brilham. Que lugar incrível. Que Natal espantoso.

Mais tarde, quando o peru está no forno, e Caleb está a configurar o telefone novo que Clemmie lhe comprou no Natal, esta vai lá fora para buscar mais lenha. Está a substituir a lona quando Rhys atravessa o seu próprio deque, salta para o deque dos Stafford e, depois, atravessa para o dela. Clemmie pergunta-se se

quererá ele falar com ela sobre o que ouviu esta manhã, será que ela está prestes a ser incluída no círculo de confiança Lloyd, e sente um arrepio misto de medo e de excitação.

— Preciso que pague o montante da totalidade do alojamento.

Clemmie pestaneja.

— Não posso.

— As coisas estão um pouco apertadas, financeiramente. Desculpe.

Ele não parece minimamente arrependido.

Quando Clemmie pediu informações sobre o The Shore, tinha sido claramente informada de que não havia planos de pagamento disponíveis. As casas deviam ser compradas na totalidade, em pagamento adiantado. Sempre otimista, Clemmie tinha tentado outra via, contactando diretamente Rhys e apelando-lhe ao bom coração. A resposta tinha continuado a ser negativa, mas, várias semanas mais tarde, Rhys tinha-lhe telefonado.

— Não pode ser através de um acordo oficial — disse ele. — Mas, se guardar tudo isto para si, eu ajudo-a.

Se Clemmie conseguisse avançar com uma boa entrada, Rhys permitir-lhe-ia pagar o resto em prestações mensais. Não era fácil de conseguir. O apartamento de Clemmie no Sul de Londres levou meses para ser vendido e a receita chegou mesmo à justa para o depósito de entrada. O contrato do The Shore era inequívoco relativamente ao assunto das residências principais — os proprietários não poderão viver no The Shore durante todo o ano, e devem manter um domicílio principal —, mas não parecia haver nenhum processo que o controlasse. Tanto quanto Clemmie sabia, nenhum dos outros proprietários tencionava ficar no The Shore mais do que algumas semanas por ano; como poderiam saber se Clemmie e Caleb nunca saíssem de lá?

O outono tinha sido um desafio. O The Shore tinha fechado para mais trabalhos de construção depois do verão, e Clemmie e Caleb passaram semanas a andar de casa de amigo para casa de amigo, à espera. Ficou aliviada quando o grupo de WhatsApp dos residentes anunciou que a obra estava concluída. Não haveria mais

encerramentos. Clemmie e Caleb voltaram a mudar-se, e tudo era perfeito.

Até agora.

— Não lhe posso dar o dinheiro — diz Clemmie. — Eu não o tenho.

Faz-se um longo silêncio. Rhys suspira.

— Então temos um problema, não temos?

Do número cinco, Yasmin pede a Rhys para vir trincar a carne. Sem palavras, ele volta para trás, deixando Clemmie ao frio, o brilho tinha desaparecido bruscamente do seu Natal.

Que vai ela fazer? Não tem quatrocentas mil libras, e o seu nível de rendimentos não lhe permite obter tal crédito. Vendeu o apartamento. Já não tem onde viver e, além disso, Clemmie não quer sair. Depois de ter passado dois anos permanentemente aterrorizada com o que poderia encontrar de cada vez que lhe batiam à porta, Caleb voltou finalmente para ela. Ela não quer voltar ao passado. Ela vai manter a sua nova vida.

Custe o que custar.

VINTE E TRÊS

6 de janeiro | Leo

Na manhã seguinte, Leo vai diretamente para o escritório de Crouch.

— Chefe, vamos precisar de uma extensão no processo da Yasmin Lloyd.

— Tiveste-a sob custódia todo o dia de ontem. O que andaste a fazer? Tenho estado a defender-me de queixas da comunidade desde que cheguei.

— Porque prendemos a esposa?

— Porque não a acusaste. — Crouch coça o nariz. — Rhys Lloyd é um herói local. Quando casou com uma mulher inglesa, parece que alguns dos habitantes locais ficaram desiludidos. Agora, sentem que tinham razão. Ela foi sempre mal recebida.

— Infelizmente, o álibi de Yasmin confirma-se — diz Leo. — Vimos os vídeos no telefone dela e, na altura da morte de Rhys Lloyd, estava a dar um concerto improvisado na festa. Mas, se conseguirmos perceber o envolvimento de Jonty Charlton, podemos constituir um processo de conspiração. Eu também gostaria de o prender.

— E agitar outro ninho de vespas? Não quero outro suspeito inglês atrás das grades até estar cem por cento certo de uma acusação.

— Mas...

— Percebeste?

— Sim, senhor.

A viagem para o The Shore é três vezes mais longa, com Ffion, por lá, à sua espera. Uma dúzia de vezes, ontem à noite, Leo tinha

composto uma mensagem de texto, acabando sempre por apagá-la, sem saber o que dizer. Está tão zangado com ela, mas é mais do que isso, é mais complicado. Sente-se traído. Eles tinham alguma coisa entre eles, não tinham? Uma ligação.

Claramente, ele tinha feito uma má leitura da situação.

Por uma vez, Ffion chegou antes dele. Está encostada ao Triumph, um cigarro entre os dedos. Acena com a cabeça quando ele chega. Fora do número dois, Dee Huxley está a enfiar papel de embrulho bem dobrado para uma caixa de plástico.

— Desculpem os meus chinelos — diz ela. — Acabo de me lembrar de que a carrinha da reciclagem chega hoje. Como está a correr a investigação do homicídio?

— Estamos a seguir várias linhas de investigação — diz Leo, cuidadosamente.

— Que coisa terrível. — Dee volta para dentro.

Ffion funga.

— És mesmo o Sr. Institucional, não és?

— Alguns de nós gostam de seguir as regras.

— Todo a gente sabe que prendemos a Yasmin Lloyd, dificilmente pode ser considerado um segredo.

Leo para de andar. A carrinha da reciclagem chega hoje.

— Lembras-te de que houve uma tentativa de assassínio com ricina na Casa Branca?

— Vagamente.

— Enviaram-na pelo correio. Sabemos que Lloyd estava no escritório na véspera do Ano Novo, antes da festa: e se ele abrisse um envelope contendo um pó nocivo? Yasmin poderia facilmente tê-lo enfiado na pilha de correio dos fãs.

Ffion olha fixamente para ele, e Leo sente-se estúpido.

— Eu sei que é um tiro no escuro.

— Não, eu... — Ffion abana a cabeça, reticente. — Podes estar perto de chegar a algum lado. — Ela começa a caminhar em direção ao alojamento dos Lloyd. — Pode ser que tenhas sorte e convenças o Crouch a desperdiçar o orçamento para investigações forenses num palpite. — Ela ri-se e, por um segundo, Leo ouve Allie no seu tom desdenhoso.

Ele toma uma rápida decisão.

— Não lhe vou dizer. Vou metê-lo no orçamento de algum código já existente.

— Oh, que rebelde.

Leo consegue ouvir o sorriso na voz dela, e sente-se aborrecido por sentir um sorriso a querer esboçar-se no próprio rosto.

— Vai-te mas é lixar, Morgan.

— Não tens hipótese — diz ela —, não te consegues livrar de mim.

Não há muito correio na caixa de reciclagem do Lloyd. Alguns envelopes entregues em mão, como cartões de Natal de outros residentes de The Shore, talvez, mas Leo assume que a maior parte do correio da família vá para o endereço de Londres. Há dois grandes envelopes almofadados na caixa, e ele reconhece um deles, do correio de fãs a que Felicia estava a responder quando prenderam Yasmin. Cada envelope almofadado está etiquetado com o endereço do The Shore, e tem uma morada de retorno da agência de talentos de Lloyd: Tuttle, Whyte & Associates. Há uma pilha de envelopes rasgados e abertos enfiados em cada um deles. Colocam todo o correio num saco de plástico selado, e Ffion pede a um agente de segurança pública para o levar diretamente para o laboratório.

— Vão testá-lo assim que puderem — diz Leo, desligando o telefone.

Ffion parece estar relutantemente impressionada.

— Justiça te seja feita. Nunca pensei que conseguisses passar essa.

Nem Leo.

— É melhor falar com o inspetor Crouch — disse o investigador da Polícia Científica quando Leo lhe deu a ordem para o submeter.

— Está fora das atribuições da...

— Ele hoje está em reuniões — disse Leo, cruzando mentalmente os dedos. — Mas seria um golpe de sorte se encontrássemos ricina, certo? Primeira página dos jornais nacionais, suponho eu.

Fez-se uma longa pausa antes da intervenção do investigador.
— Está bem. Deixe-o comigo.

—

— Se não conseguirmos um resultado hoje — diz Leo agora —, teremos de obter autorização para manter Yasmin mais doze horas. Não podemos correr o risco de interferência de testemunhas, caso a ponhamos em liberdade.

— Ótimo — diz Ffion. — É tudo a dobrar em mais um dia de folga passado a trabalhar.

— Prefiro ter o fim de semana de folga. Tive de cancelar o encontro com o meu miúdo. — Leo tenta manter a amargura longe da voz, mas consegue sentir os olhos de Ffion nele. — A minha ex vai mudar-se para a Austrália com o seu novo parceiro — diz ele, de seguida. — Vão levar o Harris.

— Eles não podem fazer isso.

— Teria de os levar a tribunal, para os impedir.

— Então leva-os a tribunal.

— Não posso. — Leo sabe que Allie iria telefonar para os Serviços Sociais imediatamente, preparando a gravação dos gritos de Harris para ser tocada em tribunal.

— Claro que tu...

— Não é assim tão simples.

— Tu és o pai da criança. Tens direitos.

— Esquece isso. Nem sei porque é que te disse. — Porque ele nunca o tinha dito a mais ninguém, dava-se agora conta. Disse-o porque precisava de falar.

Jonty Charlton não quer falar. Olha para eles e começa a empurrar a porta.

— Se não tiverem um mandado...

— Yasmin diz que você vai deixar a sua mulher por ela — avança Ffion. — Isso é muito querido.

Jonty paralisa, a boca ligeiramente aberta.

— Quem é, querido? — Blythe surge no corredor. — Oh, olá, agentes! — Uma faixa de estômago bem definida está ligeiramente visível por baixo de uma T-shirt cortada e de um casaco de cardigã folgado. As volumosas calças roxas pendendo-lhe até algures à volta dos joelhos. — Como podemos ajudar?

Ffion sorri.

— Eu estava mesmo agora a dizer ao seu marido que...

— Não! — O grito de Jonty tem mais som do que letras. — Eles ainda não tinham, ou seja — aclara a garganta —, se houver algo em que eu possa ajudar, terei todo o prazer em acompanhá-los até à esquadra.

— É muito amável da sua parte — diz Leo. — Mas só queríamos esclarecer onde estava exatamente às onze e meia da noite de passagem de ano. O seu depoimento é um pouco vago.

— Onde eu estava? — Jonty engole e olha de relance para Blythe.

— Sim. — Ffion passa um dedo ocioso ao longo da ombreira da porta. — Perceba, é que não está em nenhuma foto tirada nessa altura, e não estava com Yasmin Lloyd, embora eu compreenda que passe muito tempo com...

— Eu estava a snifar cocaína com Ashleigh Stafford. — As palavras de Jonty saem-lhe apressadas, demasiado altas e demasiado rápidas. — Havia demasiada gente a entrar e a sair da casa, e Ashleigh não queria partilhar, por isso fomos a casa dela. Fizemos umas linhas, vimos uma porcaria qualquer na televisão, conversámos um bocado sobre tudo e sobre nada.

A boca de Blythe cai, aberta.

— Cocaína? Oh, Jonty! Como pudeste?

— Vamos precisar de verificar isso com a Sra. Stafford, é claro — diz Leo.

— Claro, claro, mas era aí que eu estava. — Jonty olha para Blythe, que está quase em lágrimas. — Anima-te, Blythe, antes isso que heroína.

— Mais uma coisa — diz Ffion. — Levou um barco na véspera de Ano Novo?

— Não. — Aqui, Jonty parece estar em terreno mais firme. — Eu disse-lhe, o Blythe Spirit não entra na água durante o inverno. Os únicos barcos aqui eram barcos a motor pertencentes a alguns dos hóspedes que vieram da aldeia. Eu não poderia ter tirado um, mesmo que quisesse. Dei uma olhadela durante a festa, porque me apetecia muito andar num, porém nenhum tinha as chaves na ignição.

— Está a pensar em trocar o Blythe por algo um pouco mais veloz? — diz Ffion.

— É Blythe Spirit — corrige Blythe.

— Claro que sim. Desculpe.

— Mas havia um barco no lago — diz Jonty. — Lembro-me de o ter visto. Era bastante diferente: casco verde, velas vermelhas. — Volta a pôr uma mão na porta. — É tudo?

— Muito bem — diz Leo. — Conversaremos sobre a sua relação com Yasmin noutra altura — acrescenta ele, mesmo quando a porta se está a fechar.

— Qual relação? — ouvem, enquanto caminham pelo caminho; a voz de Blythe incaracteristicamente estridente. Leo sente uma lasca de culpa, mas conclui que é melhor que Blythe saiba a verdade.

Ffion não diz nada durante algum tempo. Então:

— Bem, isso não foi conversa de Sr. Institucional.

— Talvez eu não seja tão previsível como pensas. Vamos verificar o álibi do Charlton?

— Sim, ele deu cabo de toda a minha reserva, por acaso. — Ashleigh Stafford parece ignorar as consequências de admitir a atividade criminosa. — Um daqueles tipos que só o faz «socialmente», sabe? — Ela agita os dedos no ar, como aspas à volta da palavra. — O que é apenas mais uma forma de dizer: vou aproveitar-me dos outros sempre que me apetecer consumir.

— Quantas vezes saíram juntos, durante a festa? — questiona Leo.

— Só Deus sabe. Tipo, seis? Oito? Quer dizer, da última vez nem nos demos ao trabalho de voltar entre solavancos, apenas ficámos aqui pendurados durante uma hora ou assim.

— A que horas foi isso? — pergunta Ffion.

— Meia-noite e meia? Ele estava definitivamente aqui à meia-noite, porque nos beijámos um pouco. — Ela sorri. — Não significa nada, pois não? Não na véspera de Ano Novo.

— Bobby deu-nos as filmagens da câmara da sua porta — diz Leo.

— E?

— Então, não estão lá.

— Nem poderíamos estar. Atravessámos o deque e entrámos através das portas de correr.

— Alguém vos viu? — diz Ffion. — Alguém que pudesse confirmar essa história?

Ashleigh morde o lábio, depois ilumina-se.

— Alexa! Andávamos a meter-nos com ela, a fazer perguntas estúpidas. — Tira o telefone e abre uma aplicação, tateando habilmente pelo ecrã antes de premir o play. — Vê? Onze e cinquenta e dois.

A gravação toca. Alexa, porque é que a água está molhada?

Ashleigh ri-se. — Eu estava mesmo mocada. — Pressiona a gravação seguinte, e a voz de Jonty Charlton soa. Alexa, como se diz, em galês, enfiar um alho-porro na tua — Ashleigh para a gravação. — Ele estava ainda mais mocado. — Ela franze a testa ante a lembrança. — Duas gramas de cocaína foram-se, assim, sem mais nem menos. Tenho de falar com o Caleb sobre o... — Enruga o nariz. — Esqueça o que eu disse.

Caleb Northcote é o traficante de Ashleigh? Leo olha para a casa de Clemmie e visualiza Caleb a atirar pedras à beira do lago esta manhã. Tinha sentido pena dele; acreditava verdadeiramente que o rapaz queria endireitar-se.

Haverá alguém no The Shore que seja o que pareça ser?

VINTE E QUATRO

Véspera de Natal | Blythe

Como é véspera de Natal, Blythe deixou Woody e Hester acordados até tarde para comer com os adultos. Eles têm sido encantadores, mas já passou muito da hora de dormir e Blythe sente que Yasmin e Rhys não estão completamente seduzidos pelos membros mais jovens da família Charlton. Aparentemente, é aceitável que Felicia e Tabby estejam coladas aos telefones durante o que foi (mesmo que seja a própria Blythe a dizê-lo a si mesma) uma refeição verdadeiramente soberba, mas já a interpretação de Hester do Jingle Bells é intolerável.

— Se não fores dormir — diz Yasmin —, o Pai Natal não virá.

— Também conhecido por «Vai-te lixar» — diz Rhys, em surdina, a Jonty, que explode em gargalhadas.

— Podes crer!

Blythe olha para o marido. Ela costumava pensar que Jonty era um excelente pai: brinca com as crianças, leva-os ao teatro de pantomina e ao jardim zoológico e até é conhecido por participar na corrida do infantário, onde é bajulado pelo clã de mães. Em casa, têm uma ama residente, que também os acompanha à casa em Cotswolds e nas férias à Toscânia.

Tornou-se muito evidente para Blythe que Jonty é apenas um excelente pai, mas nas suas próprias condições. Aqui no The Shore, onde a configuração dos quartos não permite uma ama (não há uma segunda sala de estar; para onde iria ela à noite?), Jonty tem sido nitidamente relutante.

— O The Shore precisa de uma creche — disse ele, no verão. Estavam lá há três dias. — Vou dizer ao Rhys para o ter em conta no orçamento.

Há, de facto, apenas um elemento de parentalidade em que Jonty se distingue. Blythe supõe que deveria ser grata por pequenas misericórdias.

— Jonty, querido — diz ela agora —, poderias ir deitar as crianças? És muito melhor nisso do que eu.

— Mas nós não estamos cansados! — Woody sprinta à volta da mesa de jantar, e Hester corre atrás dele, tropeçando no tapete e caindo de cara no chão. Ela solta um grito que soa a uma sirene antiaérea.

Jonty levanta-se.

— Vamos lá, suas pestes.

A hora de dormir tornou-se o domínio de Jonty. Woody e Hester, que sempre foram um pesadelo para acalmar, vão agora mansamente para a cama com uma chávena de leite quente e uma história, e adormecem em dez minutos. Blythe tentou imitar a mesma rotina, mas falta-lhe o toque mágico de Jonty.

— Será que as crianças vão ficar acordadas na véspera de Ano Novo? — O tom aparentemente casual de Yasmin tem um toque implícito de desagrado.

— Não se preocupe — diz Blythe. — Estamos a planear fazer um evento só de adultos, não estamos, Jonty?

— Absolutamente correto. Miúdos na cama às sete, e acho que a Clemmie ofereceu o seu espaço para os não tão pequenos.

— Por que motivo não podemos estar na festa? — queixa-se Tabby.

— Não me passou pela cabeça que quisesses estar connosco, os velhos. — Jonty sorri, e Tabby não o contradiz.

— E tens a certeza de que não te importas de ser anfitrião? — pergunta Yasmin.

Blythe sorri docemente.

— A sério, não nos importamos.

Desde que a festa foi sugerida, Yasmin tem assistido a anfitriã, desesperada por mostrar as suas capacidades de designer de interiores, ainda que os aldeões provavelmente pensem que Antropologia é uma opção rasca na faculdade local.

— É que, sendo as crianças tão novas... — Yasmin toma um gole de vinho.

— Vão ficar aconchegadas na cama. Ninguém vai pensar sequer que temos alguma em casa. — No seu quarto de brinquedos, em casa, Blythe mantém uma rigorosa paleta de cores de madeira preta, branca e natural, o que é muito mais desafiante do que Jonty pensa. Ela permitiu que Woody e Hester trouxessem cada um três brinquedos para guardar no The Shore, que ela esconde dentro do pufe quando não são necessários.

— Se Jonty e Blythe estão contentes por os receber — diz Rhys —, acho que os devemos deixar.

— Obrigado, Rhys. — Blythe simpatiza, como se espera, embora ela saiba precisamente porque é que Rhys está tão interessado em não ter a festa centrada no número cinco: isso significaria ter de deitar a mão ao bolso. Assim, Jonty, sempre pronto a mostrar a sua generosidade, declarou que o bar Charlton está à inteira disposição.

— De facto, deveríamos convidar alguns dos locais. — Os lábios de Rhys estão manchados de vinho do Porto.

— Haverá algum? — Yasmin ri-se.

Blythe já não está a sorrir. Que lata! É evidente que Rhys só quer exhibir-se para a aldeia, e com o dinheiro de outra pessoa.

— Não tenho a certeza se Jonty vai querer...

— O que é que eu não quero? — Jonty regressa descendo as escadas.

— Todos e mais alguns a chegar de Cwm Coed — diz Yasmin com veemência. — Eles não são o nosso tipo de pessoas, Rhys, tu sabes disso.

— É muito importante ter uma representação diversificada dentro do nosso círculo de amizade. — Blythe leu isto no The Guardian. Ela não tem a certeza absoluta de querer amigos diversificados, pois está perfeitamente feliz com os que tem, mas é bom mostrar vontade. Contarão os galeses como grupo étnico minoritário?

— É uma grande seca, sem dúvida — diz Jonty —, entreter as massas, mas precisamos de os ter do nosso lado. A vista é ótima, mas as pessoas querem mais do que isso de uma segunda casa.

Querem vaguear pelas lojas e conversar com os locais. Querem comunidade.

— Está decidido, então — diz Rhys. — Vou elaborar uma lista do tipo certo de pessoas.

Yasmin inclina-se para Blythe.

— Há alguma coisa que possamos fazer para ajudar na preparação da festa? Decoração, talvez?

Blythe salta.

— Está tudo tratado, querida. A tenda monta-se no dia trinta, e as cadeiras de deque chegam no mesmo dia. Ainda estou a avaliar o preço da areia...

— Sem a maldita areia ! — diz Jonty.

— E já me perguntei que tipo de característica deve ter a água, para acompanhar o tema da praia.

Jonty pousou o copo com um estrondo.

— Há um maldito lago lá fora! — Olha para Rhys. — Mulheres, não é? Tudo isto, e ainda vamos ter de fazer conversa de sala com os agricultores.

— A Chame-me-Clemmie vai entretê-los. — Rhys solta uma gargalhada pelo nariz, e todos se riem.

Blythe bate palmas, como uma criança.

— Isso faz-me lembrar de uma coisa! Os locais fazem um mergulho no dia de Ano Novo, e tinha pensado que seria divertido participar, só que perguntei à rapariga do quiosque sobre isso e... — Blythe fecha os olhos por instantes, e depois expira: — Bem, digamos que é um grupo fechado. De qualquer modo — ela olha à volta da mesa —, pensei que podíamos começar a nossa própria tradição. O mergulho do dia de Natal do The Shore! O que acham, meninas? O Caleb vai mergulhar. Mas eu aplaudo-vos do deque; não posso deixar que as minhas linhas dos meridianos fiquem frias.

Felicia não levanta os olhos do telefone.

— lá, como quiserem.

— Tabby?

— Pode ser.

— Rhys?

— Mal posso esperar — diz ele, com clara falta de entusiasmo.

Blythe está encantada. Envia uma mensagem ao grupo de WhatsApp The Shore e vai assinalando os polegares para cima à medida que chegam. Dee Huxley envia uma resposta totalmente pontuada, completa e assinada com uma simpática despedida de melhores cumprimentos. Abençoada. Blythe não tinha sentido grande alegria na chegada de uma septuagenária como vizinha, mas Dee é jovem de coração, e muito elegante para a idade. Ela também tem feito uma série de comentários mauzinhos sobre Rhys, o que Blythe acha secretamente delicioso.

— Os Stafford estão cá pelo Natal? — pergunta Yasmin.

— Tenho a impressão de que isso é um ponto de discórdia — diz Jonty. — Ashleigh gostou do Dubai; Bobby queria estar no The Shore.

— Acabaram de aterrar em Gatwick — diz Blythe, segurando o telefone ao alto. Estuda a reação de Jonty, mas não há sequer um pestanejar. Ele não anda a comer a Ashleigh, sendo assim. Ou é melhor mentiroso do que ela pensa. Já vasculhou os bolsos dele com pormenor forense e não encontrou nada incriminatório, mas em duas ocasiões apanhou o rasto do perfume de uma mulher nas suas roupas. No verão, ele levou o pequeno barco para o lago na maior parte dos dias, desaparecendo por vezes durante horas. Não é um lago assim tão grande, pelo amor de Deus.

Nessa noite, quando Jonty está na casa de banho, Blythe volta a procurar nas suas coisas. Cheira-lhe os casacos, pendurados no quarto de vestir, e abana as calças que ele deixou em cima de uma cadeira. Desliza uma mão por baixo do lado dele o colchão, e abre-lhe as gavetas da mesa de cabeceira. Quando está prestes a desistir, encontra qualquer coisa. Não é um segundo telefone, nem cartas incriminatórias. Nada que ver com um caso, de facto.

Ela encontra um envelope, dobrado em quatro, contendo um pó esmagado e granulado.

VINTE E CINCO

6 de janeiro | Ffion

Depois de terem deixado Ashleigh, Ffion enrola um cigarro sem vontade.

— Sei a quem pertence o barco com as velas vermelhas.

Leo olha para ela.

— A quem?

— A Angharad Evans. Ela vive no final do lago. É uma pessoa um pouco estranha.

— O tipo de pessoa estranha que oferece o barco para ser usado para se livrarem de um corpo?

Ffion abana a cabeça.

— Não encaixa. Pensamos que Yasmin envenenou Rhys, e que convenceu Jonty Charlton a deixá-lo inconsciente e a limpar a cena do crime, certo? Mas foi Jonty quem nos disse que viu um barco com velas vermelhas. Ele dificilmente o teria feito se ele próprio tivesse usado o barco. — Acende o cigarro. — Além disso, a Angharad detesta o The Shore. Melhor dizendo: odeia mesmo.

Leo encolhe os ombros.

— Então talvez ela seja o nosso Plano B. Será que ela podia ter matado Rhys?

— A Angharad não é uma assassina. No entanto, costumávamos chamá-la bruxa, quando eu era criança; e, se a visses, tinhas de ficar apoiado só numa perna, e depois tocar no cotovelo esquerdo, para quebrar a maldição. — Ffion ri-se, mas Leo não está a sorrir.

— Devíamos falar com ela.

— Porque eu pensava que ela era uma bruxa quando tinha sete anos?

— Porque a equipa falou com todos os que têm licença de barco, e não me lembro de o nome de Angharad Evans aparecer.

— Ela não precisa de uma, uma vez que a sua cabana tem direitos de amarração. — Ffion consegue ver a mente de Leo a funcionar. — OK! Eu levo-te até lá. Gostas de andar de barco?

— Nem por isso. — Leo percebe a expressão de Ffion. — Meu Deus, estás a falar a sério.

— O sítio onde ela mora é difícil de se chegar por estrada.

— Difícil, ou impossível?

— Bem, simplesmente difí...

— Então, vamos de carro.

No caminho, Ffion olha para fora da janela, vislumbram-se reflexos do lago por entre as árvores.

— Então não te interessas por barcos?

— Não tenho nada contra barcos; é de água que não gosto. A menos que seja num copo, ou a vê-la com os pés em terra seca.

Ffion ri-se.

— Registado.

A estrada corre ao longo de Llyn Drych. É mais direita do que o lago serpentino, e reflexos prateados mergulham para dentro e para fora do alcance da vista enquanto Leo conduz. Ffion vê-o a olhar para ela quando pensa que ela não está a ver, a tentar decifrá-la. Se a tivesse denunciado por destruir provas de videovigilância, ela já teria tido notícias dos Assuntos Internos. Significará isso que está a salvo?

Ela aponta para uma estrada de uma só via, levando-os através das árvores.

— Para aqui. — Estão no fim do lago, agora, a mais de um quilómetro e meia da aldeia; a floresta densa e escura. Um quilómetro acima, o caminho está bloqueado por uma árvore tombada. Caiu formando um ângulo, com árvores do lado oposto, metade das raízes ainda no chão.

Leo para o carro, e Ffion sai.

— Vamos, a partir daqui é a pé.

— Há quanto tempo está assim? — pergunta Leo. A floresta cresceu à volta do tronco caído, novos ramos formados verticalmente, impávidos aos danos causados por baixo.

— Desde que me lembro. Está na terra da Angharad, por isso cabe-lhe a ela removê-la, mas a minha mãe diz que ela gosta disto assim.

Faltam dez minutos para chegar à clareira em que fica o lugar de Angharad, um fino rasto de fumo saindo da chaminé. Leo para de caminhar, observando o campo.

— É uma coisa e tanto, não é? — diz Ffion. Arrepia-se e abraça-se, a mão direita agarrando-se ao cotovelo oposto. Leo olha para baixo para ver o pé de Ffion a pairar por cima do outro. Ela apanha-o a olhar. — Velhos hábitos.

— Ela vive sozinha?

— Agora vive. A minha mãe diz que ela teve um desgosto de amor nos anos sessenta. Descobriu que o marido era bígamo. — Sorri. — Era o tema de conversa da cidade, como podes imaginar.

À volta do pequeno chalé de pedra encontram-se vários galinheiros, alojando aves de diferentes tamanhos. Uma série de capoeiras contendo coelhos; outro recinto tem pequenos abrigos em madeira para porcos-espinhos. E, numa das grandes gaiolas sob as árvores, está algo que se parece preocupantemente com um lobo.

— A raposa prateada — diz Angharad, quando eles já estão sentados na sua pequena cozinha. — Tida como animal de estimação, depois abandonada quando os donos se aborreciam.

— Estava a tentar orientar-me enquanto conduzíamos até aqui — diz Leo. — Estamos na ponta do lago, certo? Será que isso coloca esta casa no País de Gales ou em Inglaterra?

— Sobretudo no País de Gales, embora uma pequena parte esteja tecnicamente em Inglaterra.

— Que interessante. Qual parte?

— Ty bach — diz Angharad.

— A casa de banho — traduz Ffion, sorrindo.

É evidente que Leo não tem a certeza se elas estão a brincar. Olha à volta da cozinha de Angharad, uma pequena sala, com vigas

escuras e paredes de pedra expostas. Prateleiras estreitas albergam dezenas de frascos de boticário castanhos, cada um com uma etiqueta escrita à mão. *Rhus tox.*, *Calendula*, *Podophyllum*...

Leo lê em voz alta:

— *Beladonna*?

— Bom para a febre.

Ffion deve ter feito um som, porque Angharad olha para ela com cansaço.

— Ffion pensa que o herbalismo é, como é que dizia a tua mãe?, um monte de tretas velhas.

— Sem ofensa, Angharad, mas, se tenho uma dor de cabeça, prefiro enfiar um ibuprofeno a mastigar umas pétalas.

— Usei *arnica* depois de ter torcido o meu joelho — diz Leo. Angharad parece envaidecer-se.

Ffion tem uma ideia.

— Sabe alguma coisa sobre *ricina*?

— *Ricinis communis* — diz Angharad. — É de onde vem o óleo de rícino. A planta é muito popular. Houve uma série de plantações por aí depois de Efan Hughes ter ganhado o primeiro prémio no festival hortícola. Um arbusto bonito. Mortífero nas mãos erradas, claro.

Leo está a olhar para as filas de frascos, a ler as etiquetas, e Ffion sabe o que ele está a pensar. Mas ela já verificou, e não há nenhum etiqueta de *ricina* nas prateleiras de Angharad.

— Soube que tem um barco com velas vermelhas — diz Leo. — A maioria dos proprietários com quem falámos tira os barcos da água durante o inverno. Não faz o mesmo?

— Como é que eu chegava à aldeia sem barco? — Angharad fala como se a resposta fosse óbvia. — Não tenho carro. O meu barco está com o Steffan neste momento, para reparações, e tive de guardar mantimentos para o caso de ele ter de ficar com o barco durante alguns dias.

— Está danificado? — pergunta Leo.

— Culpa minha. Normalmente mudo-o para um ancoradouro no lago quando há mau tempo, mas há alguns dias deixei-o amarrado ao meu pontão e o casco foi danificado.

— Onde estava o barco na véspera de Ano Novo? — pergunta Ffion.

— No ancoradouro do lago. Tenho um pequeno barco a remos que levo até ele e deixo amarrado no seu lugar.

Leo olha pela janela, para onde o lago pode ser visto apenas através das árvores.

— Será que o barco precisa de chaves? Quer dizer, alguém poderia levá-lo?

— Se souberem velejar. Eu tranco a guarida, que é a pequena cabina, mas é um barco à vela, não é uma taberna. Há um pequeno barco a motor que raramente uso.

— Alguém mais o usa? — pergunta Ffion.

— Mais ninguém. — Angharad parece indecisa por decidir se deve partilhar uma coisa. Ffion espera. — Antes do Natal, dei umas aulas de vela a um jovem rapaz do The Shore, Caleb. — Emite um som de reprovação com os lábios. — Devo estar a ficar mole depois de velha. Tinha jurado não voltar a pôr os pés naquele lugar.

— Então, como... — começa Ffion, quando se torna claro que Angharad terminou.

— Eu estava a pescar, teria sido em outubro, e vi que uma nadadora estava em apuros. Resgatei-a e levei-a de volta para a costa.

— Clemence Northcote — disse Leo.

Angharad anuiu.

— Ela estava interessada em que ele aprendesse a velejar. Fiquei com a impressão de que era uma daquelas mães insistentes. Saíram comigo algumas vezes, mas era óbvio que o rapaz não estava interessado. — Angharad expressa um olhar de conhecimento. — Já o vira algumas vezes nos campos da quinta de Lowri, a apanhar cogumelos, por isso diria que prefere procurar o entretenimento noutro lugar.

Ffion sabe exatamente que tipo de cogumelos crescem perto da quinta de Lowri.

— Alguém mais do The Shore esteve no seu barco? — pergunta Leo.

— Claro que não. Já os conheceu? Raramente encontrei pessoas tão desagradáveis. Tudo ali está podre até à medula.

— Soube que alguns dos habitantes locais se opunham ao resort — diz Leo.

— Todos eles, não achas, Ffion?

— As pessoas não gostam de mudanças — diz ela, diplomaticamente, embora saiba que a Angharad está certa. Ninguém em Cwm Coed queria que o The Shore fosse construído.

— Cuidado que não se pode andar à chuva sem se molhar, Ffion Morgan. — Angharad olha para ela com atenção. — Sabes muito bem o que as pessoas pensam sobre o The Shore. E sobre o Rhys Lloyd.

Ffion mantém a boca fechada.

— Não gostava do Lloyd? — pergunta Leo.

— Não gostava nem deixava de gostar...

— Cuidado com essa chuva — diz Ffion em voz baixa.

— Mas sei que ele agiu deliberadamente contra a vontade do pai. Nunca desejaria mal a outro ser humano, mas vou dizer o seguinte — Angharad inclina-se para a frente, e Ffion sente um súbito arrepio —, o destino tem sempre forma de alcançar as pessoas.

VINTE E SEIS

Outubro | Rhys

No verão anterior, quando Rhys levou pela primeira vez a família ao The Shore, Tabby e Felicia tinham passado a longa viagem a finalizar os planos para os seus quartos, a discutir métodos de bronzamento e a sussurrar sobre os rapazes que poderiam encontrar. Yasmin tinha falado sem parar, especulando sobre como seriam os outros donos. A viagem de quatro horas de Londres ao Norte do País de Gales tinha sido excitante, preenchida pelo desconhecido, o sol a bater no carro até parecer que o calor lhes corria pelas veias.

Agora, as gémeas sentam-se amuadas no banco de trás, enquanto Rhys conduz a família até ao The Shore para as férias de meados de outubro. Quando atravessam a fronteira galesa, chuveira no para-brisas, e quando chegam a Cwm Coed a chuva é já torrencial.

No The Shore, as luzes exteriores não se acenderam, e o local parece frio e pouco convidativo. As letras gigantes de madeira na entrada da estância de férias foram novamente vandalizadas: um W vermelho pintado sobre o S, levando a que se leia The Whore¹¹. Mais acima, os esgotos transbordam, e um rio corre pelo alcatrão recentemente colocado até neles desaguar.

— Venham ao País de Gales, diz ele! — O sarcasmo escorre das palavras de Tabby.

— Vai ser divertido, diz ele! — As gémeas abrigam-se sob um beiral, enquanto Yasmin abre a porta, e Rhys transporta as malas para o alojamento, mais encharcado a cada viagem.

No interior, a estalagem está fria e pouco acolhedora. O construtor arrastou lama pelas escadas e pelos quartos, mas as

janelas parecem agora estar estanques, o que é realmente bom, porque a previsão para a semana é sombria.

Rhys sente um nó duro de tensão no peito. Jonty tinha-lhe dado mais alguns milhares, e desta vez gastou-o mesmo no The Shore. A entrada é agora uma elegante estrada preta, e está aborrecido por Bobby Stafford, que tanto se queixou dos buracos, não estar aqui para a ver.

O grupo de WhatsApp do The Shore tinha ficado em silêncio após o verão, limitado ao lembrete mensal de manutenção automatizada, e à mensagem ocasional de Clemmie, com uma ligação a algum artigo noticioso local. No entanto, nos dias que antecederam as férias de outubro, houve uma enxurrada de mensagens.

Clemmie Northcote: Alguém precisa de mim para pôr leite no frigorífico? Caleb e eu seremos os primeiros a lá estar, acho eu! x

Dee Huxley: Caros vizinhos, estou muito ansiosa por passar alguns dias no The Shore. Os meus melhores cumprimentos, Dee Huxley.

Ashleigh Stafford: Eu e Bobby estamos em Barbados durante um mês — no local do espetáculo dele! Confiram a hashtag e deem-nos alguns likes ;-) xxx

Jonty Charlton: O engenheiro precisará de ter acesso ao gerador na terça-feira.

A quinzena avizinha-se sombria para Rhys. Os Charlton estão na Toscânia durante as férias, e Rhys preferia comer o seu próprio braço a ter de passar o tempo com a Chame-me-Clemmie. Lamenta amargamente aquele pequeno arranjinho que fez com ela. Jonty tinha estado a pressionar Rhys para conseguir que os primeiros alojamentos fossem vendidos, dizendo-lhe que os financiadores precisavam de ver o projeto a funcionar. Clemence Northcote não era nem a proprietária criativa e amiga dos media que Rhys tinha

em mente para o The Shore, nem a compradora preferida de Jonty, mas estavam necessitados e não podiam ser esquisitos.

— Deixa-a ficar com a casa — disse Jonty. — Precisamos de vender esta primeira parcela, criar um burburinho sobre o local.

Mas Clemmie não tinha dinheiro para isso.

— Se ela a quiser muito, encontrará o dinheiro — disse Jonty, com a confiança de alguém que tem sempre algum de lado para um azar ou para um provável investimento. — Fecha o negócio, amigo; ou será que não és talhado para fechar negócios?

Aterrorizado por Jonty encontrar uma forma de o afastar da sociedade, Rhys tinha elaborado um plano. Já tinha confirmado que os bens de Clemmie não eram suficientes para que um empréstimo pessoal fosse uma opção, mas e se Rhys contraísse um empréstimo? Então, ele passaria o dinheiro a Clemmie, que compraria o alojamento e far-lhe-ia pagamentos mensais. Acrescentando um pequeno extra pelo seu aborrecimento, é claro.

— Faria mesmo isso por mim? — tinha-lhe perguntado Clemmie. Tinham-se encontrado, para evitar que ficasse alguma prova em papel. Ela tinha começado a chorar. — Não lhe posso dizer o quanto isso significa para mim.

Assim, Clemmie tinha o seu alojamento, Rhys tinha a sua venda, e Jonty deixava de ser o sabichão.

Mas agora Rhys tem os seus próprios problemas financeiros.

Ele carrega a última das malas e deixa-a a escorrer no chão do corredor. Yasmin e as gémeas arrastam-se, taciturnas, para o sofá, rostos fechados como os trovões ameaçados pela previsão desta semana. O aquecimento está no máximo, mas Yasmin arrepia-se enrolada na sua manta de caxemira.

— Vou para a cama — declara ela.

— Eu também — diz Tabby.

— E eu. — Felicia levanta-se. São nove da noite.

Rhys serve-se de um brandy e fica junto às portas de correr, a olhar para a escuridão do lago. Talvez devessem ter esperado até de manhã para fazer a viagem. As raparigas estão cansadas, o trânsito estava mau. Abre as portas de correr, rígidas de desuso, e caminha até ao deque, abrigado pela varanda de cima. Yasmin está

ao telefone, na sua voz baixa e no seu tom neutro. No escuro, o deque desaparece na água invisível, uma terra negra sem início ou fim. Apenas o som das ondas a bater nas rochas diz a Rhys que o lago está lá por inteiro. Esvazia a bebida. Tudo parecerá melhor pela manhã.

Se Yasmin e as gémeas estavam ontem de mau humor, nada se compara ao de agora. Tabby e Felicia caminham à volta do alojamento, abrindo e fechando o frigorífico, declarando que morrerão se tiverem de ficar ali mais um minuto.

O seu mau humor transmite-se a Rhys.

— Se alguma de vocês pegou na minha escova de cabelo — grita ele —, por favor, devolva-ma. E mais uma coisa: Yasmin, é realmente necessário deixar tanto cabelo no chuveiro? Ainda cá está desde o verão.

— Então traz para cá a empregada — riposta Yasmin. — Ela está agora na casa dos Stafford. O carro dela está lá fora.

— O Bobby e a Ashleigh têm um duche no exterior na sua villa em Barbados — diz Tabby. — Vi ontem no Insta.

— Talvez pudéssemos encurtar as férias? — diz Yasmin. — Um fim de semana grande, em vez de...

— Não são férias — ruge Rhys. — Esta é a nossa segunda casa! O plano sempre foi passar o tempo em Londres e o resto aqui. — Não tinha Yasmin andado a chateá-lo durante anos em relação a ter outro lugar? A falar sobre a casa dos Charlton em Cotswolds até ele ter pesadelos com a maldita planta das divisões?

— Mas olha para aquilo, Rhys. — Ela vira-se para o lago. A chuva embate nas janelas, inundando o deque mais depressa do que a drenagem permite afastar. O céu é escuro e temperamental, a superfície do lago perigosamente alta. — Vai ser assim durante toda a semana.

— Isso do mau tempo não existe — Rhys não tem a certeza de quem está a tentar convencer —, só há roupa inadequada. Vamos embrulhar-nos e fazer para um passeio revigorante.

— Não vou lá para fora com este tempo, pai. E podes, por favor, fazer algo em relação ao WiFi? Está tão lento. Ugh. Odeio este

lugar.

Tabby bate com os pés até ao andar de cima, Felicia segue-lhe o rasto. Yasmin leva o café para o sofá e cai em frente de um reality show australiano. Rhys olha para as imediações da casa. Se estivesse em Londres, poderia sair para tomar um café, mas não tem qualquer vontade de beber um Nescafé em louça lascada no único estabelecimento de Cwm Coed.

Todos os proprietários dos alojamentos receberam galochas à medida quando se mudaram para lá (um belo toque de relações públicas, pensou Rhys, até ver a conta), pelo que agora pega num par e vai buscar o casaco impermeável ao armário do corredor. Mais vale ir dar um passeio.

Quando sai, a chuva corre-lhe imediatamente pelo pescoço. Repara num carro branco com letras cor-de-rosa estacionado no exterior da casa vazia dos Stafford. Sbic & Sban. Rhys hesita por um momento, depois volta para o corredor, abre o armário baixo junto à porta e desengata o molho de chaves-mestras.

Dentro da casa dos Stafford, há música a tocar vinda da cozinha. Mia canta por cima do zumbido do aspirador e Rhys atravessa o pequeno salão, permanecendo de pé na entrada do espaço principal da sala.

Mia abana o rabo enquanto canta, empurrando o aspirador para debaixo da mesa de jantar. Rhys sorri. Pergunta-se se ela o terá visto entrar; se esta atuação é exatamente para ele. As suas suspeitas são confirmadas quando ela solta um grito de falsa surpresa.

— O que estás aqui a fazer?

Ele caminha na direção dela, um sorriso malandro nos lábios.

— Esperava que pudesses fazer um servicinho às minhas necessidades.

Mia vira-se para esconder os rubores, e Rhys excita-se. Ela usa calças de ganga, os pés em meias de ginástica cor-de-rosa, combinando com a túnica, os bolsos recheados de panos de pó.

— Eu devia estar a limpar. A Ashleigh tem uma pancada com as traças.

Rhys está agora atrás dela, a respiração dele no pescoço e os dedos percorrendo-lhe levemente os braços.

— Não — diz ela suavemente, tremendo sob o seu toque.

— Está tudo bem, a costa está livre.

Mia geme. Eles podem foder aqui, pensa Rhys. Na cozinha, em frente à vasta extensão de água, a chuva ataca as janelas. Depois vão para cima e fodem na cama dos Stafford, porque ele sabe que isso a vai excitar. Move-lhe uma mão para os seios, depois desliza-a para cima, acariciando-lhe o pescoço, enfiando-lhe os dedos na boca, para que ela os possa chupar.

— Quero-te — geme Mia, através de uma boca cheia com os seus dedos, e, oh, Deus, Rhys também a quer, mas a sua atenção é atraída por um movimento lá fora, no deque. Ele e Mia afastam-se, o coração de Rhys a bater furiosamente. Será que Yasmin o está a espiar? Ou, Deus disso nos livre, será que uma das gémeas o viu com Mia?

— Eu devia... — Mia afasta-se, gesticulando para o aspirador. Rhys sabe que o momento já passou e, além disso, a sua pila assustou-se até à submissão, recuando por entre as pernas.

— Isto é para continuar! — diz ele, com mais convicção do que, de facto, sentimento. Corre de volta ao número cinco, onde Yasmin ainda está no sofá, aninhada num cobertor. A música chega do andar de cima; o barulho de pancadas de Tabby e Felicia a praticar a última dança do TikTok. Rhys relaxa. Foi um pássaro que ele viu, talvez, ou a sombra de uma nuvem, a correr através do deque. O segredo deles está a salvo.

Chove a cântaros durante três dias. A casa, que parecia tão espaçosa nas plantas, é claustrofobicamente pequena. As raparigas passam o dia nos quartos; Yasmin amontoa-se em frente à salamandra com o cartão de crédito de Rhys, encomendando acessórios para a casa, que chegam no dia seguinte, enchendo o minúsculo salão com caixas achatadas e plástico com bolhinhas.

— Tenho de mostrar-te o nosso quarto — diz ela a Glynis, que veio almoçar. — Redecorei-o completamente.

Rhys, que estava a planear uma sestazinhas no sofá, vê-se constantemente solicitado para ajudar a mãe a subir as escadas, apesar de Glynis estar em forma e saudável e usar as escadas da sua própria casa sem problemas. Rhys sabe que isto se deve ao facto de não ter reparado na redecoreação de Yasmin, que, constata agora, não passou da adição de novas almofadas e de mudança de um candeeiro de um lado da sala para o outro.

— E o armário do Jac; não ficou bonito no escritório do Rhys? — pergunta Yasmin, quando eles voltam a passar.

— Perfeito — diz Glynis, tocando com a mão nas gavetas maltratadas. Rhys acompanha a mãe até baixo antes que ela possa ficar com os olhos enevoados por causa de Ty'r Lan, um barracão glorificado do qual Rhys se lembra apenas como uma cabana de armazenamento de artigos de pesca, e com mobília para a qual os seus pais não tinham espaço em casa. Era muito diferente do The Shore, que, apesar da sombria chuva de outubro, é de cortar a respiração.

As nuvens finalmente despontam no final da semana. E porque estão de férias, e porque o The Shore transporta as memórias do verão, toda a gente anda a passear lá fora, enfiada em casacos e com cobertores sobre os joelhos, mas mesmo assim lá fora. Apesar de junto dos edifícios se estar abrigado, o vento é forte e as ondas rebentam com espuma branca. O lago está bem cheio, as árvores à volta da linha de costa parecem crescer diretamente da água.

Clemmie, que nada a maior parte dos dias, emerge com o seu fato de mergulho. Se Jonty estivesse aqui, faria piadas usando a Greenpeace, mas Rhys mantém a boca fechada. Clemmie passa a maior parte dos dias com Dee Huxley, e quanto mais distância Rhys colocar entre si e Dee, melhor. A mulher mais velha ainda não disse nada a Yasmin, mas Rhys sabe que, se ele pisar o risco, ela fá-lo-á.

Clemmie parte a um ritmo surpreendentemente rápido, com a cabeça baixa e os braços a cortar a água. As ondas quebram-se por cima dela, de tal forma que há momentos em que fica inteiramente submersa. Yasmin instala-se a ler um livro, as gémeas esgueiram-

se discretamente para sair com Caleb, e Rhys varre o deque, encontrando satisfação na pilha de lama verde que retira das ranhuras. Em Londres, não têm qualquer espaço exterior, apenas um espaço de cave inútil, que só dá jeito para guardar bicicletas. Inspira ar limpo e frio e pensa nas horas que passava todos os dias em criança a vaguear pelas encostas à volta de Cwm Coed. Se acreditou que voltar lhe daria essa mesma sensação de liberdade, então porque é que ainda se sente tão encurralado?

De repente algo se agita atrás de si; Yasmin levantou-se da cadeira, apontando para o lago.

— Clemmie está em apuros. — Ela está a debater-se na água, a cabeça mergulha sob as ondas, um braço esticado no alto da cabeça. Automaticamente, ele saca do telefone, depois olha fixamente para ele. Que serviço de emergência cobre o lago? Está prestes a marcar o 112 quando Yasmin lhe coloca uma mão no braço.

— Acho que a vão ajudar. — Aponta para um barco com vela vermelha, que mudou de rumo e se dirige diretamente para Clemmie. Todos observam o pequeno barco a aproximar-se, rodando para mais perto de onde Clemmie entra e sai da vista. O timoneiro atira uma boia de salvação e Yasmin junta as mãos numa palma quando Clemmie a agarra. — Graças a Deus!

— Graças a Deus — ecoa Rhys, pensando em todo o dinheiro que Clemmie lhe deve.

Quando o barco chega ao The Shore, Dee tem o roupão de natação de Clemmie pronto para o colocar à volta dela, Yasmin tem uma caneca de chá, e as gémeas têm os telefones à mão.

Yasmin olha para elas.

— Isso é pouco apropriado.

— Hashtag dramático hashtag resgate The Shore, ora essa! — diz Felicia, mas Yasmin mantém-se firme.

Quando a salvadora de Clemmie a ajuda a subir a escada, no deque, Rhys dá-se conta de que a conhece. Angharad é da idade da sua mãe, embora as duas mulheres não pudessem ser mais diferentes. Aquela camisola por debaixo das suas jardineiras tem remendos em tantos sítios que mais parece uma manta de retalhos.

Ela não usa maquilhagem e o seu rosto é um mapa de linhas finas e minúsculas. Apesar da excitação de todos à sua volta, há uma tranquilidade nela que Rhys acha inquietante.

— Estou bem, estou bem! — diz Clemmie, com os dentes rangendo com tanta força que dificilmente consegue esboçar quaisquer palavras. — Uma câibra. Que embaraçoso. A única vez em que fui sem colete de salvação.

— Barco fixe — diz Caleb. Rhys assume que o rapaz está a ser sarcástico, depois vê-o a olhar para o longo e fino barco com uma expressão próxima de inveja. Em vez da fibra de vidro dos barcos modernos, Tanwen tem um casco de madeira, o verniz fino e lascado. Aqui e ali, as secções foram cortadas e substituídas, o selo em torno da junção ainda visível. As velas vermelhas, agora recolhidas sem vento, remendadas e desbotadas.

— Achas? — Angharad olha para Caleb, que ruboriza.

— Não percebo mesmo nada de barcos — murmura ele.

— Se vais viver perto de água, devias aprender.

A cor regressa lentamente ao rosto de Clemmie. Ela vira-se para Caleb.

— Talvez, se pedires com jeitinho à Angharad, ela te ensine a velejar. — Rhys e Yasmin trocam um olhar. Lá está ela outra vez: a insistente Clemmie. Mas Angharad anui com um movimento lento de cabeça.

— Ella. — Talvez. — Mas por agora, tem de se aquecer. A sua temperatura interior ainda vai continuar baixa durante algum tempo.

Angharad acompanha Clemmie até dentro da casa desta, e as gémeas e Yasmin regressam à sua própria habitação. Rhys sente uma impressão no pescoço e vira-se, dando-se conta que Dee Huxley o observa.

— Os lagos são tão perigosos — diz ela. — Uma pessoa pensa que tem tudo controlado e depois... — Bate com o sua bengala no deque com força.

Rhys sente um calafrio e segue a família para dentro de casa.

Chegou um maço de cartas no correio de Fleur e Rhys sente uma onda de otimismo em relação ao futuro. Imagina-se a gravar

novamente, percorrendo locais à altura, em vez de salas de espetáculo de cidades pequenas. Abre os contactos no telefone e envia à nova assistente uma mensagem de texto. Tenho algumas horas de trabalho para ti, se o conseguires encaixar nesta semana.

O próprio Rhys poderia tratar da correspondência, afinal pouco mais tem para fazer, mas há algo de patético em lambar um envelope no qual colocou a sua própria fotografia assinada. Dificilmente isso é algo digno de uma «celebridade». Quando a carreira de Rhys estava no auge, tinha um assistente a tempo inteiro, a trabalhar a partir de um escritório na High Holborn. Primeiro foi o trabalho, depois o escritório, depois o Assistente Pessoal. Rhys sente falta dos elogios; aprecia ter um assistente outra vez, mesmo que apenas por algumas horas. Algumas libras é um pequeno preço a pagar pelo autorrespeito.

Ela chega no dia seguinte, ocupando-se da secretária do Rhys para separar o correio. Prende com um clip a informação de cada participante no concurso ao respetivo envelope carimbado, juntamente com uma fotografia pronta para o autógrafo da Rhys.

— Esta quer uma dedicatória pessoal.

Rhys abana a cabeça.

— Nós não fazemos isso. Está nos Termos e Condições.

— A senhora tem um cancro terminal, Rhys. — Entrega-lhe uma fotografia e uma caneta. — Escreva uma mensagem bonita, está bem?

Uma hora mais tarde, Rhys já escreveu mensagens em mais de metade das fotografias, incluindo tudo o que tenha chegado com um bilhete, ou que pareça vindo de uma criança. Pode ser que esteja a inspirar a próxima geração de cantores, é o que lhe é dito, sempre que se queixa.

— Será que isso te inspiraria a ti? — pergunta ele.

A assistente ri-se, de pé e a recolher as cartas para levar para a caixa do correio.

— Nem por isso. Eu não sei cantar.

Rhys abre a carteira para tirar uma nota de dez, mas depois empurra despreocupadamente uma vinte para a palma da mão dela.

— Toda a gente sabe cantar.

Ela olha-o com um olhar maroto, deliberadamente provocante.

— Talvez me possa, um dia, ensinar? — Antes que Rhys lhe possa responder, ela já desce, a meio das escadas.

Ele alcança-a a tempo de lhe abrir a porta da entrada num gesto de cavalheirismo, a sua mão livre descansando suavemente no braço dela.

— Seria um prazer ensinar-te — murmura ele. Sente uma agitação na virilha e controla-se, controla-a também a ela, para uma outra ocasião. Nunca tinha realmente olhado para ela, não dessa forma, contudo agora deixa que os seus olhos lhe percorram as curvas e questiona-se como poderiam ser elas, uma vez fora daquelas calças de ganga.

Uma carrinha branca sobe pela estrada de acesso, e Rhys está prestes a fechar a porta quando Huw Ellis salta do lado do condutor.

— Afinal ainda consegue usar as mãos...

— O quê?

— Parece estar a ter dificuldades em atender o telefone, por isso pensei em aparecer, para verificar se não estaria incapacitado. — Huw caminha em direção a Rhys. — Onde está o meu dinheiro?

— Hei de lho dar. Está apenas um pouco preso. Contas offshore, entende?

— Quero-o hoje — diz Huw.

— Não consigo arranjar essa quantidade de dinheiro hoje, não seja absurdo.

Huw dá um passo em frente, e depois outro, até estar tão perto que Rhys consegue cheirar-lhe o aftershave.

— Pague-me o que me deve, Rhys Lloyd. Ainda tenho as chaves deste lugar, lembre-se. — Os seus olhos vagueiam pelos edifícios. — Seria uma pena se alguma coisa acontecesse a este sítio, não seria?

Esboça lentamente um sorriso, depois olha de novo para Rhys.

— Ou a si.

¹⁰ «Feliz Natal» (N. T.)

¹¹ «A prostituta» (N. T.)

VINTE E SETE

6 de janeiro | Leo

— Mas em que merda — começa Crouch, cada palavra cuidadosamente enunciada — é que estavas a pensar?

Leo olha para um lugar mesmo à direita da cabeça do inspetor.

— Era uma situação crítica em termos de tempo. Yasmin Lloyd está sob custódia e só a podemos deter por mais algumas horas. Se ela colocou um envelope com ricina entre o correio do marido, nós...

— Se? — O rosto de Crouch está vermelho-vivo enquanto bate na secretária. — Se, se, se. Ora que merda, Brady, é suposto seres um detetive. Onde estavam as provas que justificavam desbaratar o meu orçamento para assuntos forenses?

— A patologista disse...

— Ah, mas não foi a patologista, pois não? — Manchas brancas surgem nos cantos da boca de Crouch. — A investigadora da Polícia Científica joga golfe com Izzy Weaver, e acontece que foi falar com ela depois de lhe ter telefonado. A Weaver ficou um bocado surpresa ao saber que estavam a ser efetuados testes de despistagem especulativa, para mostrar qualquer tipo de veneno no sistema de Lloyd. Sabes porquê?

— Não, senhor.

— Porque ela não pediu nenhum teste de despistagem!

Leo está aliviado por Ffion estar com Yasmin, e não aqui para testemunhar a bronca que está a levar de Crouch, que não mostra sinais de deixar passar aquele ato em branco.

— Elijah Fox foi suspenso.

— Mas ele estava a tentar ajudar!

— Ele tem roubado equipamento da morgue. Acontece que montou um laboratório da tanga no seu quarto para testar antídotos

para venenos. Contaminação cruzada por todo o lado. — Crouch olha para Leo. — A tua teoria da ricina não só desperdiçou centenas de libras do meu orçamento como também ocupou horas preciosas do tempo de custódia da Yasmin Lloyd. Agora, solta-a na qualidade de arguida, antes que se esgote por completo.

— Mas...

— Já!

Duas horas mais tarde, Leo continua a sentir a pancada das palavras de Crouch. O pior de tudo é que Leo sabia que não devia ter seguido a teoria de Elijah como se fosse um evangelho; que devia ter consultado primeiro Izzy e depois Crouch. Leo tinha-se deixado levar para provar a Ffion que não era o pau-mandado de Crouch. Essa parte correu bem, pensa ele, ao dirigir-se para o The Shore; Ffion ao seu lado e Yasmin Lloyd no banco de trás. Ninguém abriu a boca desde que deixaram a área de custódia.

— O que vai acontecer agora? — pergunta Yasmin, ao estacionarem no The Shore.

— Quando responder à fiança, dentro de três semanas — diz Ffion —, será acusada, libertada, ou continuará como arguida. Entretanto, não fale sobre o caso com ninguém.

Yasmin anui e sai do carro, olhando para os outros edifícios, para ver se há alguém a espreitar. Tem olheiras, e o cheiro penetrante do local onde esteve sob custódia segue-a até casa.

Leo usa um dos lugares do estacionamento dos visitantes para fazer inversão de marcha.

— Neste momento — diz ele, de lado para Ffion —, não sei se sou maior merda como polícia ou como pai.

— O que é que vais fazer?

— Vou buscar comida a um takeaway, embebedar-me, e pensar na possibilidade de uma mudança de carreira?

— Acerca do teu filho — diz Ffion, calmamente.

Leo conduz lentamente, afastando-se do The Shore.

— Se levar Allie a tribunal — diz ele, por fim —, ela vai denunciar-me aos Serviços Sociais.

Ffion não diz nada. Leo esperava que ela começasse a gozar com ele, depois de ter saído do escritório de Crouch, mas permaneceu calada, e acabou por achar a sua serena companhia reconfortante.

— Vi um tipo que tinha fugido da custódia — começa ele. — Um pedófilo. Ele estava mesmo ao pé de uma escola, por isso dei o alerta e esperei. Já tarde, por volta das cinco horas, por isso imaginei que não haveria crianças por perto, só que deve ter havido alguma atividade extracurricular. Saiu um punhado de raparigas, e uma delas começou a caminhar sozinha para casa. Ela tinha, sei lá, dez, onze anos? De imediato, Tackley começou a segui-la.

Ele vira à esquerda para fora do The Shore, de regresso a Cheshire.

— Não podia deixá-la. Disse a Harris para ficar no carro, voltaria logo de seguida, e fui atrás de Tackley. Tinha o meu rádio e estava a fornecer atualizações à sala de controlo; pensei que só iria demorar alguns minutos, depois os reforços chegariam. Mas Tackley viu-me, e eu não sei se ele sabia que eu era polícia, mas começou a fugir.

— E tu correste atrás dele.

— Ele continuou a fugir durante quilómetros. Pelo menos, foi o que me pareceu. E sabes o que foi o pior de tudo? — Leo solta um suspiro fundo. — Nessa altura, nem sequer estava a pensar no meu filho. Só pensava em apanhar Tackley e em pô-lo onde pertencia.

— Pelos seus atos corajosos e altruístas apesar de fora de serviço — Ffion recita as palavras do diploma na parede do departamento de Crime Graves. — Foi por causa disso que recebeste o elogio.

— Demorou mais de uma hora até eu voltar para o carro. A Allie tinha ligado para o meu telemóvel, para ver onde estávamos, e Harris tinha respondido. Ele estava aterrorizado. Estava escuro, e ele não sabia onde eu estava. O carro estava trancado. Allie começou a gravar as nossas chamadas, depois de eu ter perdido a calma com ela uma vez. Não me orgulho disso, mas tinha acabado de descobrir que me tinha enganado, por isso... Bom, ela gravou tudo e ameaçou levar as gravações aos Serviços Sociais.

— E tem estado a usá-las para te pressionar desde essa altura.

— Só me deixa vê-lo durante cerca de uma hora de cada vez — diz Leo amargamente. — E nunca de um dia para o outro, porque o apartamento não é adequado. — Solta uma gargalhada oca. — Acho que não posso discutir em relação a isso, odeio aquele apartamento.

— É assim meio — Ffion hesita —, meio estudantil.

Leo esboça um sorriso irónico.

— Diz a mulher que vive com a mãe.

— É uma situação temporária.

— É sempre, quando nos separamos. Três anos depois, continuo a viver ao lado de uma mulher que queima sálvia à porta de casa, para afastar os espíritos.

— Oh, meu Deus, já me tinha perguntado que cheiro seria aquele!

— Não pensaste que tinha que ver comigo, pois não?

— Estava mais preocupada em saber onde estava o meu sutiã, para ser sincera.

Leo aclara a garganta.

— Hum, encontrei-o na cozinha. Não tinha a certeza do que fazer com ele. Pensei que poderias ficar envergonhada se eu to devolvesse.

— Tens alguma ideia de quanto custa um sutiã?

— Percebido. Trago-to amanhã.

— Prendeste um perigoso predador — diz Ffion em voz baixa. — Fizeste uma coisa importante.

— Pus o meu filho em risco.

— Ele ficou abalado, só isso. Não lhe causou mal algum. — Ffion pousa-lhe uma mão no braço. — Vira aqui.

— Para onde vamos?

— Vou levar-te a casa, para conheceres a minha mãe.

VINTE E OITO

Finais de agosto | Rhys

Agosto tem sido insuportavelmente quente; o ar fechado e pesado, sem um sopro de brisa. Rhys está à beira do deque, letárgico mas ao mesmo tempo inquieto, e vê a imagem do seu rosto na água de uma lisura que parece vidro. Ouve Dee Huxley a rir-se de alguma coisa, e um mal-estar familiar surge-lhe no peito. A sua presença, o poder que ela tem sobre ele, paira como o laço de uma força.

Percorre o telemóvel, verificando o hashtag #ShoreLife e assinalando potenciais oportunidades para a sua equipa de relações públicas. Passa para o Twitter, incapaz de se impedir de verificar as suas menções, mesmo que o pensamento lhe provoque um aperto no peito. Não há novos tweets, apenas a encantadora mensagem direta de ontem.

CABRÃO.

Junto dos edifícios, Yasmin e Blythe mexericam. Jonty tem estado empoleirado na ponta da espreguiçadeira da mulher, uma mão distraída acariciando-lhe a perna bronzeada. Agora, levanta-se e caminha em direção a Rhys, saudando-o com uma palmada, colando-lhe o polo às costas.

Jonty conduz Rhys até duas cadeiras, afastadas das restantes e viradas para o outro lado do lago.

— Elas estão a falar de filhos. — Faz uma careta.

— Não estás à espera de outro, pois não?

— Credo, não! Fiz uma vasectomia assim que o Hester chegou. Não ia cair nessa outra vez. — Solta uma gargalhada, batendo com

a garrafa de cerveja contra a de Rhys e sentando-se numa das cadeiras. — Recebi hoje um telefonema do teu construtor.

Rhys dá um gole lento.

— Amamentei quatro meses — diz Yasmin, atrás deles —, depois passei para o biberão, para poder dormir um pouco.

— Huw Ellis? O que é que ele queria?

— Falar contigo. — Jonty olha intensamente para Rhys. — Só que, pelos vistos, tu não atendes, por isso alguém no escritório lhe deu o meu número.

— Dormir? — Lá ao fundo, Blythe solta uma gargalhada oca. — Lembra-me lá o que é isso? Quando Woody não está acordado, está o Hester. Juro que fazem de propósito. Estou exausta.

— Tabby foi um sonho — diz Yasmin. — Mas a Felícia...

— Em teoria devia ser um sócio anónimo, amigo, que não tivesse de lidar com a merda dos negócios. O que é que se passa?

— Ele precisa de receber o pagamento. — É quase um alívio que sente, ao falar. — Não há dinheiro suficiente na conta da empresa. — Jonty franze o sobrolho. — Tivemos aquele problema com a eletricidade, lembras-te? E a merda da chuva fez adiar os prazos, por isso... — Rhys continua, sabendo que não vai demorar muito até que os olhos de Jonty se revirem, aborrecidos com os detalhes.

— Quanto é que lhe deves?

— Nós... — Rhys sublinha a palavra — devemos-lhe trinta mil.

Jonty esboça uma careta. Olha para o lago, reflexos de tensão atravessam-lhe o rosto. Depois, saca do telemóvel.

— Trinta? — toca no telefone. — Vou transferir isso para ti. Pede ao escritório para tratar da papelada de manhã. Não há mais, no entanto, meu velho. Não há mais espaço de manobra.

— Claro que sim. — Rhys está inundado de alívio. — Muito obrigado.

— Quanto ao sexo — ouvem Blythe dizer —, esquece! — E elas explodem em gargalhadas histéricas.

— Os miúdos não dormem? — pergunta Rhys. Qualquer coisa serve para mudar de assunto.

— Parvalhões, os dois. Pior do que recém-nascidos.

Entontecido pelo alívio das suas preocupações com o dinheiro estarem, por agora, resolvidas, Rhys ergue a garrafa num brinde de autofelicitação.

—Tu, meu amigo, estás a falar com a pessoa certa. Chamam-me o Encantador de Bebés.

Mais tarde, Rhys liga à sua agente, Fleur Brockman.

— Como vai a vida no The Shore? — pergunta ela.

— Fabulosa. Deverias vir até cá para uma visita. — O calor no estúdio de Rhys é sufocante. Vai até ao quarto para abrir as janelas de par em par, ficando à varanda e apoiando-se no corrimão. O fino poste de metal é fixado ao topo de um painel de vidro, permitindo uma vista ininterrupta do lago a partir do quarto principal. Sob o vidro de cada varanda, há uma abertura de quarenta e cinco centímetros.

Blythe tinha disparado de imediato quando a viu:

— As crianças podem enfiar-se facilmente por aí!

— Não as deixem entrar na varanda, então. — Parecia perfeitamente simples para Rhys.

No deque, as gémeas levantam-se das espreguiçadeiras e pegam nos enormes flamingos insufláveis que exigiram levar. Yasmin e Blythe foram para dentro.

— Querido — diz Fleur —, sabe que não posso estar a mais de vinte metros de um restaurante Pret A Manger. Ouça, voltaram-me a ligar da agência de publicidade, perguntando quando podem receber o dinheiro para a campanha.

— Hoje. — Rhys observa Jonty a atravessar em direção ao seu próprio deque. — Vou pagar agora. — O suor estoura na testa de Rhys. Ele nunca se tinha apercebido de como Cwm Coed era quente. No lago, Bobby Stafford está a fazer ziguezagues num jet-ski contratado a Steffan Edwards. Usa uns calções largos, vermelhos, o peito nu e rosa do sol.

— Ótimo. — Ouve-se um barulho na outra ponta do telefone. Rhys imagina Fleur a riscar a tarefa da sua lista. — Os produtos estão com excelente aspeto. — Ela é suspeita nesta opinião, já que fora dela a ideia de contratar a agência mais cara. O jet-ski de

Bobby faz uma curva em frente ao The Shore, lançando um jato de água antes de começar a subir o lago.

Rhys e Fleur tinham cozinhado a ideia durante o almoço, pouco depois do Natal, quando Rhys tinha sido passado para trás no papel de jurado de um concurso de canto para um programa de televisão.

— Querido, detesto ser chata — tinha começado Fleur por dizer, o que não augurava nada de bom.

O resultado final foi: Rhys não ia a lado nenhum. As únicas audições em perspectiva eram para pantomina; a única receita do Rhys nesse ano fora com anúncios. Se não fizessem alguma coisa drástica, a sua carreira estava acabada. Mas Fleur tivera uma ideia...

Tinham passado semanas à procura de informações sobre empresas de relações públicas, comprometendo-se com uma campanha inovadora para uma agência de marcas chamada #LoveLloyd. Pelo preço de um envelope endereçado selado, os fãs receberiam uma fotografia autografada do Rhys, que seriam encorajados a partilhar nas redes sociais pela oportunidade de ganhar prémios. A imprensa escrita nacional cobriria o lançamento; os jornais regionais, de Norte a Sul do país, apresentariam cada um dos entusiasmados vencedores. A campanha espelhara o rosto de Rhys por toda a Internet e já impulsionara as vendas do seu último álbum. Rhys Lloyd estava prestes a renascer.

— Estão a chegar completamente aos magotes, querido. Coloquei-

-lhe hoje outro lote no correio.

— Devia estar de férias, não a preencher envelopes.

— Arranje um assistente pessoal.

— Não tenho dinheiro para um assistente pessoal — diz Rhys, entre dentes. — Talvez se me arranjasses uma audição decente...

— Tenho de ir, querido. Adorei falar consigo!

A chamada telefónica acaba. Rhys fica de pé na varanda durante algum tempo, combatendo o terror gelado dentro de si. Inicia os exercícios respiratórios que faz sempre antes de cantar, e lentamente o seu ritmo cardíaco volta ao normal. Só tem uma saída: terá de usar o dinheiro de Jonty para pagar à agência de

publicidade. A campanha será um sucesso, o que significa que Fleur lhe irá encontrar um trabalho decente, e negociará um bom adiantamento para que possa pagar a conta de Huw Ellis. Vai correr tudo bem.

Rhys olha para o lago, em direção à montanha Pen y Ddraig. Bobby desapareceu numa enseada a algumas centenas de metros acima do lago e ainda não reapareceu. Ter-se-á o jet-ski avariado? O negócio de Steffan está de rastos, pelo que Rhys não se surpreenderia se ele estivesse a poupar na qualidade do equipamento.

— Canta-nos uma canção! — grita Jonty do seu deque, com uma garrafa de cerveja na mão.

— Oh, sim, cante! — Clemmie ergue o olhar de um livro.

Impulsionado pelas possibilidades, Rhys atira uma só estrofe de One Day More, de Les Misérables. A sua voz é rica e quente, e ele imagina-a a viajar através do ar quieto, através da água, através da aldeia que ele ansiava abandonar. Imagina-se a cantar esta mesma canção, noite após noite no teatro de Sondheim, por entre aplausos arrebatados. Uma ovação de pé. Fecha os olhos, deixando morrer a nota final antes de dar um breve aceno de agradecimento.

A campainha da porta toca enquanto Rhys desce as escadas.

— Correio para ti. — Ceri entrega-lhe um saco almofadado volumoso com o nome da sua agência na etiqueta do remetente. Não olha praticamente para ele, os olhos dela voltam-se para a sua carrinha. Sempre foi esquisita, mesmo quando era criança. — Mais autógrafos, não é?

— O preço da fama — diz Rhys, como se para mostrar que não se leva a sério.

Quando Rhys volta ao deque, ouvem-se aplausos.

— Que voz! — diz Blythe.

— Anhygoel¹², Rhys! — Clemmie ergue-se, num aplauso solitário que toca dolorosamente nas inseguranças de Rhys.

Dee levanta o copo em direção a Rhys com um sorriso que não lhe chega aos olhos.

— Nada mal, Sr. Lloyd.

O jet-ski de Bobby não está em lado nenhum, mas a atravessar o lago vem o barco a motor de Steffan, rebocando um pequeno barco a remos que desliza para cima e para baixo na água. Steffan levanta um braço acenando.

As gémeas assumiram as suas posições habituais, com os braços e pernas posicionados artisticamente na água, falando baixo com Caleb e com uma rapariga da aldeia. Rhys tem-na visto atrás de Caleb durante as últimas semanas. Com alguma sorte, Caleb irá agora atrás dela, em vez de correr ofegante atrás das gémeas. Ao contrário de Tabby e de Felicia, que mudam de biquíni como se estivessem na passarela, a rapariga local está com os mesmos calções e T-shirt de todos os dias. Sem joias, sem maquilhagem. Poderia ser confundida com um rapaz, não fosse a massa de cabelo ruivo, da cor das folhas de outono.

— São a cara uma da outra — diz Dee, por detrás de Rhys, sobressaltando-o. — Não acha?

Rhys olha para Felicia e Tabby, tecnicamente idênticas, mas tão diferentes, aos olhos de Rhys.

— Se o diz — devolve ele, rudemente.

Clemmie mete-se na conversa.

— E ambas lindas.

— É um homem de sorte — diz Dee, mas Rhys pergunta-se como será possível só ele conseguir ouvir a aspereza na sua voz. Volta para o seu próprio deque sob o pretexto de ir ajudar Steffan, que parou o motor do barco, deixando que o impulso da embarcação o empurre em direção ao pontão.

Ao atravessar o deque dos Stafford, Rhys ouve a voz elevada de Ashleigh vinda da cozinha.

— Sinceramente, querido, fica no cu de Judas. Já não consigo continuar. Já não vale a pena.

Não há qualquer engano. Ashleigh Stafford é muito atraente, mas a sua voz é como se atravessasse a cabeça de Rhys, e está sempre pronta a falar mal do The Shore. Na semana passada, queixou-se no Twitter por não haver jacúzi, acrescentando o hashtag #ShitShore. Bobby obrigou-a a apagar, mas as capturas de ecrã estavam por todo o lado.

Rhys desce a escada até ao pontão entre o seu próprio alojamento e o dos Stafford, onde Steffan se encontra em pé no centro do barco, com a mesma facilidade como se estivesse em terra firme. Lança a amarra para Rhys, que a apanha e puxa o barco para o pontão, debaixo do sol.

O rosto e os braços de Steffan são de um castanho-nogueira intenso.

— Acabei agora de arranjar este barco a remos. Pergunto-me se as vossas meninas gostariam de ficar com ele.

O barco não é nada chique, mas serve para os miúdos se divertirem. Tabby tem andado a chatear Rhys para arranjar um barco desde que o The Shore abriu, mas bastou olhar para a lista de preços de Steff para pôr um ponto final na conversa.

— Oh, por favor, papá! — Felicia remou o flamingo até ao pontão. Atrás dela, a rapariga local e Caleb estão a mergulhar em busca de pedras.

— Um barco seria maravilhoso — diz Yasmin. — Já vi algumas almofadas que ficarão simplesmente maravilhosas nele.

Parece que a decisão está tomada. Rhys vira-se para Steff.

— Quanto queres por ele?

— Nada. É teu.

Rhys não é homem para olhar para os dentes de um cavalo dado.

— Justiça te seja feita, Steff, isso é muito generoso da tua parte.

Steffan hesita, depois tira um panfleto do bolso, e alisa-o bem.

— Os definitivos serão brilhantes, claro, com melhores fotografias. — O panfleto é uma folha de papel A4, dobrada em três. Na frente lê-se: Aluguer de barcos e desportos náuticos, exclusivamente para os residentes de The Shore.

Rhys observa-o.

— Na primavera vai ter mais vinte casas, certo? Posso dar aos seus proprietários dez por cento de desconto no aluguer, e tenho estado a falar com a, será Blythe?, sobre o ioga stand-up. Acho que podemos conseguir um bom preço para isso. Então, espreguiça aqui...

— Steffan tira o folheto das mãos de Rhys e vira-o para o outro lado.

— Os residentes do The Shore podem escolher uma sessão gratuita

quando receberem as chaves da habitação. Windsurf, paddle, vela... o que quiserem. Vês?

— Vejo. Ótimo. Obrigado pelo barco.

— Tudo bem.

— Ótimo trabalho.

— Agradeço-te por isto, Rhys. — Steffan agarra a parte de cima do braço num desajeitado meio abraço. — Entre nós, as coisas têm andado um bocado difíceis ultimamente. Assim que o The Shore esteja aberto durante todo o ano, assim que o resto da estância de férias esteja pronta, vai... — ele para um instante, como se precisasse de reorganizar as palavras —, bem, vai salvar o meu negócio, amigo.

Tabby e Felicia abandonam os flamingos e amontoam-se no barco, girando em círculos enquanto remam em direções opostas. Steffan liga o motor e volta a acelerar em direção à casa do barco, e Rhys volta a subir para o deque, com o pensamento já de volta à sua carreira.

A tranquilidade do lago é estilhaçada pelo rugido do jet-ski de Bobby, avançando pelo meio do lago, com um arco de água na sua esteira. Onde raio esteve Bobby Stafford, pensa Rhys verificando o relógio, durante quase uma hora?

Bobby desliga o motor quando se aproxima de The Shore, flutuando em direção ao pontão entre o seu próprio alojamento e o de Clemmie, antes de saltar e fixar o jet-ski. O seu peito nu brilha com água e, à medida que sobe a escada e emerge para o deque, há qualquer coisa irritantemente James Bond em toda a cena. Clemmie ficou bastante rosada, e até Dee espreita por cima dos óculos de sol.

Ashleigh emerge do alojamento, usando um biquíni branco e com saltos de quinze centímetros. Atravessa o deque, antes de serpentear um braço à volta da cabeça do seu marido e de o atrair para um beijo.

— Ding dong — diz Jonty.

— Arranjem um quarto! — gritam Tabby e Felicia, em uníssono.

Bobby e Ashleigh são o centro das atenções de todos, mas, ao olhar para a margem, longe dos alojamentos, Rhys vislumbra um

carro na estrada que atravessa por entre as árvores. Seria o tipo de coisa que poderia até ter-lhe passado despercebida, não fosse a expressão no rosto de Bobby quando percebe o que Rhys observa. O seu rosto ensombra-se, deixando de repente de parecer o gajo porreiro que toda a gente vê nele.

Rhys caminha para a esquina do deque, mantendo o olho na abertura das árvores, onde sabe que vai ver um último vislumbre do carro antes que as curvas da estrada façam com que se perca de vista. Um segundo depois avista-o: um Fiat branco com letras cor-de-rosa, anunciando os serviços de limpeza Sbic & Sban da Mia, vindo da mesma enseada em que Bobby desapareceu.

— Pai, dás-me dinheiro? Vamos remar para o outro lado e comprar gelados — grita Tabby do barco, que agora contém os quatro adolescentes.

— O que aconteceu aos dez que te dei no início da semana? — pergunta Rhys, distraído com o que acabou de ver.

— Gastámo-lo! — diz Felicia, como se fosse óbvio.

— Não vos vou dar dinheiro todas as vezes que mo pedirem. Se querem dinheiro, têm de o ganhar. — Rhys pensa na sugestão de Fleur de contratar um assistente. — Tenho algum trabalho administrativo que podem fazer.

— Não posso — diz Felicia instantaneamente. — Estou ocupada.

— Eu também não — diz Tabby.

— Porque não?

— Porque não o quero fazer.

— Eu faço-o — diz a rapariga ruiva.

— Seren! — Tabby empurra-a. — Não podes trabalhar para o pai.

— Porque não? — A rapariga fixa o olhar no de Rhys. — Seis libras por hora.

Ele ri-se da audácia dela.

— Dou-te três.

— O salário mínimo é quatro vírgula sessenta e dois.

— Quatro. — Rhys não vai pôr-se a regatear com uma adolescente. — Ou eu próprio o farei.

Há uma pausa antes de ela acenar com a cabeça.
— Combinado.

¹² «Incrível» (N. T.)

VINTE E NOVE

6 de janeiro | Leo

Elen Morgan não tem qualquer reação quando a sua filha irrompe com Leo a reboque. Nem a sua expressão muda quando Ffion explica, esquecendo o embaraço de Leo, que o apartamento deste está a precisar de ser renovado.

— Não é bem isso... — começa ele.

— Um toque de mulher, quer dizer? — diz Elen.

— Mãe, não estamos nos anos 50.

Leo tenta novamente.

— Eu só preciso de...

— Onde está aquela cama de criança — pergunta Ffion —, a que Seren tinha?

— Está no celeiro. Vai precisar de ser lavada.

— Está bem, ele pode tratar disso.

Leo é facilmente derrotado pelo ataque rápido das duas mulheres Morgan. Elen já está a andar pela casa, a puxar coisas dos armários. Num instante, Leo já se encontra na posse de Legos, de uma caixa com carros de brincar, uma capa de edredão do Homem-Aranha e uma pilha de roupa.

— Seren adorava aquele chapéu de pirata, lembra-te? Usou-o para dormir durante seis meses seguidos.

— É muito simpático da sua parte, Sra. Morgan.

— Disparate. É melhor usá-lo do que andar por aqui pendurado.

De volta a casa, Leo descarrega o carro. Na casa de Ffion, foi infetado pelo entusiasmo dela, e pela praticidade terra-a-terra de Elen. Imaginou-se a decorar o quarto para que, de todos os argumentos que Allie lhe pudesse lançar, não ter um quarto

adequado para Harris não fosse um deles. Agora que ele chegou a casa, porém, parece-lhe inútil.

Cai em frente do portátil, com o cursor a pairar sobre o ficheiro Lloyd. O cheiro das ervas da vizinha do lado infiltra-se pela porta, vindo do patamar, provocando-lhe dores de cabeça.

Por onde começar? A investigação é uma confusão. Rhys Lloyd está morto há uma semana, e ainda parece que andam a tropeçar no escuro. A teoria de Elijah, da ricina, é um fracasso. O troféu utilizado para atacar Rhys continua desaparecido; o drone do amigo de Ffion, incapaz de descobrir qualquer coisa nas profundezas escuras do lago Mirror. Yasmin estava a fazer de Elaine Paige quando o seu marido foi assassinado, e Jonty Charlton estava a dar cabo do monte de cocaína de Ashleigh Stafford.

Deveriam olhar mais de perto para Caleb Northcote? A Angharad disse que ele não tinha mostrado grande interesse por aprender a navegar, mas tal poderia ter sido um fingimento. Leo puxa a declaração do rapaz e lê-a. Que razão tinha o Caleb para querer matar Rhys?

O cheiro da porta ao lado é intenso e enjoativo. Leo pressiona o fundo da palma das mãos contra os olhos. Será que um cheiro pode enlouquecer alguém?

Levanta-se.

A porta da vizinha é turquesa. Uma grinalda de penas coladas de cima a baixo, e num autocolante escrito à mão na campainha da porta lê-se: Katchen Grint. De ambos os lados do tapete há latas cujo conteúdo cheira mal.

Leo toca a campainha. Só viu a vizinha meia dúzia de vezes em três anos, passando por ele nas escadas, com um saco de compras. A porta abre-se e ela olha-o, desconfiada.

— As suas ervas... — começa Leo. O fumo atinge-lhe o fundo da garganta, e tosse.

— Quer um pouco? Eu vendo-lhas.

— Não, eu...

— Tenho sálvia, para a limpeza; zimbro, para a saúde...

— Não gosto delas — diz Leo. — Acho o cheiro realmente... — Enrugou o nariz em vez de avançar para a descrição. — Desculpe

— acrescenta ele.

— Oh. — A mulher está na casa dos sessenta, tem o rosto enrugado, mas macio. — O homem antes de si nunca cá estava, por isso... — Inclina-se, usando as mangas da camisola como luvas para pegar nas latas de fumo. — Eu ponho lá dentro.

É assim tão fácil?, pensa Leo. Porque não o fez há três anos?

De volta ao apartamento, permanece de pé durante algum tempo à porta do segundo quarto. Não há mal nenhum em pelo menos tentar tornar o lugar um pouco mais agradável, e, uma vez que a mãe de Ffion tinha sido suficientemente boa para lhe dispensar a velha cama de Seren, pode muito bem montá-la.

Às oito da noite, o quarto está, se não completamente transformado, pelo menos quase. Uma pincelada de tinta, e uma cómoda, e estará pronto. Leo senta-se na pequena cama e imagina-se a ler ao filho uma história para adormecer. Pensa em ficar com Harris durante o fim de semana; em decorar uma árvore no próximo Natal.

Volta a abrir o portátil. Há um ano, encontrou um advogado especializado em pedidos de guarda parental. Estava demasiado nervoso para levar o assunto mais longe, sem saber que obrigações os advogados de família poderiam ter. Se Leo fosse honesto com eles e admitisse ter deixado o Harris sozinho num carro trancado, será que teriam o dever de o denunciar?

Escreve um e-mail. Gostaria de marcar um encontro para discutir a decisão da minha ex-mulher de se mudar para outro país com o meu filho. Ele já não pode viver assim. É o pai de Harris, e tem o direito de estar na vida dele. Depois de ter carregado na tecla enviar, vai buscar uma cerveja e bebe-a. Os dados do telefone do Lloyd voltaram, pelo que planeia passar o resto da noite a analisá-los.

A triangulação confirmou que Lloyd, ou pelo menos o seu telefone, permaneceu num raio de cinquenta metros do The Shore no dia 31 de dezembro, o que coincide com os depoimentos prestados por Yasmin e as gémeas.

Os dados das chamadas e mensagens foram recuperados durante os vinte e oito dias anteriores ao assassinio, e os analistas

já identificaram e rastrearam os números mais populares. A agente de Lloyd tem uma presença forte nas chamadas recebidas, tal como Yasmin, ambas as filhas, Tabby mais do que Felicia, e Jonty Charlton. No dia 29 de dezembro, o mesmo número ligou a Lloyd dezassete vezes; as linhas estão destacadas a azul e trazem uma nota: Huw Ellis. Há páginas e páginas de mensagens de texto, recuperadas da conta iCloud de Lloyd, incluindo e-mails cada vez mais ameaçadores por parte de Ellis, a exigir o dinheiro que Rhys lhe devia.

Leo digitaliza os textos. Muitos das gémeas, a pedir dinheiro ou dizendo: Podemos comer batatas fritas esta noite? A mãe diz que não há problema. Na noite de Ano Novo, Lloyd teve uma conversa rápida com alguém sobre o tipo de vestuário da festa. É um pouco curto, lê-se na mensagem de um número desconhecido. Usa o vestido, foi a resposta de Lloyd. Leo olha para a lista de chamadas feitas de e para o telefone do Lloyd, mas o número não aparece lá.

De facto, Lloyd quase não fez chamadas no seu telefone, e Leo continua a trabalhar na lista, sabendo que conseguirá terminar, pelo menos, essa tarefa esta noite. De repente, o olhar aterra num número para o qual Lloyd ligou por volta da hora do almoço, a 31 de dezembro. Leo não tem grande memória para números, detestando, por exemplo, parquímetros que o obriguem a inserir a matrícula do carro, contudo há algo neste número em particular que lhe desencadeia uma memória. Desbloqueia o telemóvel e percorre os contactos, desejando estar enganado, mas sabendo ao mesmo tempo que não está. Para e olha fixamente para o ecrã.

O número que Rhys Lloyd discou na noite de Ano Novo pertence a Ffion

TRINTA

Meados de agosto | Seren

Seren está definitivamente a ficar bronzeada, apesar de Cwm Coed ser literalmente o lugar mais difícil do mundo para o conseguir. Chove durante trezentos dias por ano, e mesmo no verão, se houver uma onda de calor, como há agora, desce-se ao lago e as praias ficam todas à sombra das árvores. E ela é ruiva, com o tipo de pele que parece estar mesmo morta. Exceto quando corre, que fica tão vermelha que é basicamente púrpura.

Contudo, os seus braços estão definitivamente um pouco mais castanhos do que no início do verão. Encontrou um local de banhos de sol do outro lado do lago, onde desbravaram as árvores para construir mais alojamentos, e, sempre que tem oportunidade, aproveita para apanhar alguns raios. Sejamos francos, não há mais merda nenhuma para fazer. A maioria dos seus amigos, se é que lhes podemos chamar assim, está fora, e Ffion está sempre a trabalhar. Seren mal pode esperar pelo seu aniversário para poder aprender a conduzir e sair desta merda de lugar. Não sabe como Ffion aguenta. A única coisa que faz Seren fazer algum esforço na escola, e ela sabe que não é fixe gabar-se, mas as suas notas são ótimas, é a ideia de arranjar um emprego longe da Cwm Coed.

As margens do lago são mais agradáveis deste lado. As pessoas vão sempre diretamente para o lado dos ancoradouros, onde estão as casas de banho e a carrinha a vender bebidas frescas, mas aqui pode-se nadar nas enseadas sob das árvores, e nunca ver ninguém.

Ouvem-se gargalhadas vindas do lago. Seren não consegue ver através das árvores, mas sabe que são as gémeas. Não sabe qual é qual, mas sabe que se chamam Tabby e Felicia, porque gritam uma com a outra sempre que uma é salpicada.

A sério? Felicia e Tabby. E as pessoas ainda dizem que os nomes galeses são estranhos.

Seren puxa o top sobre o biquíni, e atalha por entre as árvores para sair mais acima no lago. Tem estado no The Shore todos os dias desde que abriu.

A observar.

É como algo que se vê no Instagram. Há cinco casas, e, neste momento, todas têm as portas abertas para os deques. Na mais próxima de Seren, há uma aula de ioga a decorrer: a instrutora está de frente para a cabana, e as duas mulheres que está a ensinar estão a olhar para o lago. Uma delas é muito magra, tipo um pretzel, e a outra é Clemmie. Seren está lentamente a descobrir mentalmente quem são todos eles. Clemmie está aqui nem há cinco minutos e já conhece mais pessoas em Cwm Coed do que Seren. Ela está a tentar criar um clube do livro, e nada no lago todos os dias. A mãe chama-lhe uma «metidinha».

Observa-as por um bocado. Clemmie não se consegue dobrar. Seren fica com pena dela. Fizeram ioga na aula de Educação Física e Seren passou o tempo todo a tentar não se peidar...

Deus, está calor. Olha ansiosamente para o lago azul-claro. Está completamente liso e quase consegue sentir a água fria na pele. O lago está sempre gelado. Podem estar trinta graus que a água ainda lhe vai cortar a respiração. Tem de ficar dentro, tem de continuar a nadar, até os braços e pernas ficarem dormentes, e depois, como por magia, começa a sentir-se quente. Quando Seren era pequena, a mãe costumava dizer que era o ddraig, respirando fogo pela montanha abaixo, e Ffion costumava rugir e perseguir Seren pela água. Seren pensava que Ffi era a irmã mais velha mais fixe de sempre. Ainda pensa assim, para ser honesta, mesmo que nunca o admita.

Rhys Lloyd está a cantar. Pelo menos, Seren assume que é ele, pois quem mais tem tomates para cantar Calon Lân¹³ sem ser num jogo de rãguebi? O homem é como um Deus por estas bandas. O corredor do departamento de música da escola está literalmente cheio de fotografias dele.

Uau. Os pelos do pescoço de Seren eriçam-se. Interroga-se se as gémeas o perturbam, gritando uma para a outra a partir dos seus volumosos flamingos. Ou estão sempre nessas coisas, ou nas suas espreguiçadeiras. Seren nunca as viu realmente na água, e pode dizer, pela forma como arranjaram o cabelo todo suado, e pela sua maquilhagem, que não planeiam molhar-se. Uma delas grita às gargalhadas e move a cabeça. Continua a girar o flamingo para trás, de modo a ficar virada para uma das casas um pouco mais abaixo, e Seren move-se através das árvores para ver para onde está ela a olhar.

É o rapaz do número quatro. O filho de Clemmie. Ele está de fato de treino, como sempre, apesar do calor, e mais interessado no telemóvel do que na exibição das gémeas. Elas esforçam-se imenso, mas ele ignora-as completamente. Hilariante.

Ele levanta-se, larga o telemóvel no deque e estica-se. A T-shirt levanta-se um pouco e mostra-lhe o estômago bronzeado. É magro, mas não tonificado, e não parece ser do tipo das gémeas, mas também não há muita escolha por aqui. Seren beijou alguns rapazes do seu ano, mas não há ninguém com quem andasse a sair. Arrepia-se.

O rapaz salta do seu deque para o próximo, depois passa pelo número dois, onde vive a velha senhora com a bengala. Quando chega ao outro lado do deque, balança-se pela escada até ao pontão. Por um segundo, Seren deixa de conseguir vê-lo, mas depois ouve uns pés a correr e ele salta no ar, atirando-se para dentro de água, fazendo uma bomba.

Mergulha com grande estrondo entre as gémeas, lançando uma enorme onda sobre cada flamingo. Seren oculta-se atrás de uma árvore para esconder o riso, ainda que ninguém a pudesse ouvir por cima dos guinchos das gémeas. Caminha mais ao longo na margem, encontrando um local para nadar, onde não será vista pelos residentes do The Shore.

Mais tarde, está a fazer o caminho de volta pela floresta em direção à cidade quando ouve um ruído atrás dela, como se alguém pisasse um galho. Continua a andar, depois para rapidamente e vira-se, e, obviamente, ali está ele.

— Porque me estás a seguir?

O rapaz levanta as mãos como se Seren estivesse armada.

— Porque é que nos estavas a observar? — As suas roupas estão ensopadas, cinzento-escuras onde antes eram claras.

— Estava aborrecida — diz Seren, desdenhosamente.

— Eu também. Sou o Caleb.

— Seren.

— Seren?

— Significa «estrela».

— Bonito. — Ele olha diretamente para Seren, prendendo-lhe o olhar, como se lhe estivesse a tirar as medidas. Por isso, ela faz o mesmo. Ficam assim durante muito tempo, e Seren não quer desviar o olhar primeiro, pois isso iria parecer-lhe uma derrota. Caleb acaba por continuar: — Podias ter vindo dizer olá, em vez de te esconderes nas árvores.

— Eu não estava escondida.

— Pois, pois.

— Não me é... — Seren para. Ela mal pode acreditar que quase disse aquilo: Não me é permitido, como se ainda tivesse dez anos e precisasse da permissão da mãe para brincar. E, de qualquer forma, Caleb nunca compreenderia porque é que todos em Cwm Coed odeiam tanto o The Shore.

— Não confio nem um bocadinho neles — tinha dito Elen, quando viram os primeiros sinais de vida do outro lado do lago. — Arrogantes, um bando de... Não te deves aproximar daquele lugar, ouviste, Seren?

Caleb tira uma lata do fundo do fato de treino e agita-a.

— Queres ir a algum lado, fumar?

Seren conduz Caleb pela floresta acima, ele queixa-se da colina, das suas dores de pernas. Ela ri-se, tonta com o entusiasmo de andar com alguém novo, com a subida íngreme, com a perspetiva de ficar pedrada.

— Espera um pouco!

Sobem e continuam a subir, até chegarem ao local onde a floresta se encontra com o campo, e a cascata cai no riacho que serpenteia pelas árvores até ao lago.

— Aqui. — Seren vira-se e ficam ao lado um do outro, olhando para trás, pelo caminho que tinham acabado de fazer.

— C'um caraças.

— É fixe, não é?

Cwm Coed não é o tipo de lugar em que Seren alguma vez se tenha orgulhado de viver; não como se vivesse em Nova Iorque, ou numa daquelas aldeias onde as pessoas têm telhados de colmo e colocam as compras em cestos de vime, mas, por vezes, como neste momento, vê o lugar através dos olhos de outra pessoa, e parece-lhe realmente fantástico.

Desabam sobre a relva, e Caleb enrola um charro. A primeira passa é como sempre: tão quente e áspera que Seren quer tossir, mas engole-a e fecha os olhos, e depois é doce, num êxtase, como quando o lago está tão frio que parece quente. Passam-no de um para o outro, o papel do cigarro colado no lábio inferior de Seren, a ter de ser puxado como se não lhe quisesse sair da boca.

— Viveste sempre por aqui?

— Sim.

— É espantoso.

Seren senta-se.

— Estás a gozar? É uma merda.

Caleb ri-se e senta-se também. Tem um espaço entre os dentes da frente e, quando sorri, consegue ver-se a ponta da sua língua.

— Tudo isto. — Ele levanta um braço e aponta: o lago, as montanhas, a floresta. — Pode-se ir a qualquer lugar.

— Onde? Não há para onde ir. O cinema fica a uma hora de autocarro.

— Mas tudo isto — diz ele novamente. Tira a lata do bolso. — Podes enrolar um?

Seren não se digna a responder com palavras, tirando duas mortalhas e colando-as, juntas, para fazer um charro com o dobro do tamanho do que acabaram de fumar. Caleb deita-se de costas e fecha os olhos, deixando sair um suspiro sonoro. As sombras sob os seus olhos parecem nódoas negras.

— Para de olhar para mim.

— Não estou a olhar para ti.

Caleb sorri, os seus olhos ainda estão fechados.

— Então, tu é que perdes.

Seren acende o charro e dá uma passa. Exala lentamente, observando a espiral de fumo no ar imóvel, quente, depois coloca o filtro nos lábios de Caleb e segura-o lá enquanto ele faz o mesmo, tão íntimo como um beijo.

— Como é que é aquilo, no The Shore?

Caleb encolhe os ombros, abre os olhos e olha para ela.

— Fixe, acho.

— O Rhys Lloyd andou na minha escola — diz Seren, reivindicando os direitos de gabarolice de que costuma escarnecer.

— Bom, há muitos anos, óbvio.

— É um parvalhão.

— É? — Seren solta os joelhos. — Parece muito simpático.

— Ele acusou-me de estar a perverter as filhas.

— E estavas?

— Estás a gozar?

— O que é lhe disseste?

— Disse-lhe que ele era um parvalhão. — Caleb arranca um pedaço de relva do chão e esmaga-o em pedaços.

— Então, és mesmo rico? — diz Seren, passados uns instantes.

— Quem me dera.

— Deves ser, para estar no The Shore. E vives em Londres. Deve ser a cidade mais cara do mundo, ou isso.

— Vivíamos no sétimo andar de um bloco de torres em Dagenham. O elevador estava sempre avariado, e a bófia podia muito bem mudar-se também para lá, já que andavam por ali a correr de um lado para o outro com tanta frequência.

— E então... — Seren acena com a cabeça em direção ao The Shore.

— A minha mãe queria afastar-me de Londres.

— O que há de tão mau em Londres?

— Se ouvires a minha mãe, diz que está cheia de antros de crack e gangues que andam por aí a esfaquear pessoas e a assaltar velhotas.

— Sim, mas e as coisas más?

Caleb ri-se, e Seren sente-se quente por dentro. Ele está a olhar para ela, como se estivesse a tentar decidir alguma coisa, e depois desce e puxa para cima a perna das calças de treino. À volta do tornozelo está um pedaço de plástico cinzento preso por uma faixa preta.

— Tens uma pulseira eletrónica.

Ele confirma com a cabeça. Está nervoso, Seren apercebe-se.

— Porquê?

— Coisas.

As coisas podem ser qualquer coisa. Poderia ser roubar, ou tráfico de drogas, ou bater em pessoas. A pulsação de Seren acelera. Poderia levar raparigas para o meio do nada e...

— A minha mãe odeia os meus amigos. Acha que são má influência para mim. Somos só eu e ela em casa, por isso é uma merda um bocado intensa, estás a ver?

— O que aconteceu ao teu pai?

— Ele tornou-se uma mulher.

— Não estava à espera dessa.

Caleb solta uma gargalhada irónica.

— Nem nós.

— Ainda o vês?

— Sim, claro. Quero dizer, é um pouco estranho, mas... ele ainda é o meu pai, estás a ver?

— O meu pai morreu. — Sai-lhe um pouco depressa, e Seren dá-se conta de que nunca precisou de o contar a ninguém antes. Não em dezasseis anos. Toda a gente sabe tudo em Cwm Coed.

— Merda.

— Sim. Nunca o conheci. Teve um cancro, e depois a minha mãe engravidou. Morreu duas semanas antes de eu nascer. — Seren não olha para Caleb enquanto fala, para o caso de isso a fazer chorar. Ela não sente a falta do pai. Como poderia sentir a falta de alguém que nunca conheceu? Mas, quando sente a falta da ideia dele, dói muito.

— A minha irmã é muito mais velha do que eu, por isso acho que fui, tipo, o presente final do meu pai para a minha mãe. — Seren finge enfiar os dedos pela garganta abaixo, e Caleb ri-se.

— Quantos anos tem a tua irmã?

— Trinta. Ela é uma p... — Seren lembra-se do comentário de Caleb sobre a bófia — parvalhona — diz ela em vez disso, o que é injusto. Ffion é mal-humorada, mete o nariz onde não é chamada, mas isso é só porque é velha.

Caleb põe a mão na relva à sua frente, com os dedos a tocar nos de Seren.

— Então és tu e a tua mãe? Como eu.

A respiração de Seren entrecorta-se e o sangue arde-lhe. Se ele a beijar, decide ela, beija-o também. Talvez.

— Vamos lá. — Caleb levanta-se de um salto e estica a mão. — Vou mostrar-te o The Shore. Podes andar comigo e com as gémeas.

Seren sente um surto de excitação.

Algo de grandioso vai acontecer este ano, ela consegue senti-lo.

¹³ «Um Coração Puro»: canção que se tornou hino da equipa galesa de râguebi. (N. T.)

TRINTA E UM

7 de janeiro | Ffion

Quando era miúda, Ffion ia muito ao lago. Que mais havia para fazer, numa cidade do tamanho de Cwm Coed? Lembra-se de se perguntar porque é que os adultos nunca nadavam, chegando depois ela própria à idade adulta e percebendo que tinha passado semanas sem molhar os pés.

Agora, o lago é onde ela vem pensar. Onde vem relaxar, ou desembaraçar os nós de um problema; de trabalho, ou de casa. Tem um gabinete, uma sala do tamanho de um armário no topo de uma esquadra comunitária, mas raramente o utiliza. Em vez disso, trabalha no carro, estacionado na direção de um vale, ou aqui, ao lado do Llyn Drych.

O lago foi onde Ffion veio quando percebeu que ia deixar Huw. Caminhou ao longo da margem, os seixos escorregando sob os pés, enquanto se debatia por descobrir como dizer ao marido que o casamento tinha acabado.

Hoje, ela precisa do lago.

Esta manhã, Leo tinha-lhe enviado uma mensagem.

Eu sei que o Lloyd te telefonou no dia em que morreu.

Ffion tinha desligado o telefone. Tinha conduzido para as montanhas, cega de pânico e incapaz de pensar no que fazer. Toda a manhã tinha lutado contra a consciência, contra o passado, contra o que aconteceria se dissesse a verdade.

Ao meio-dia, Ffion voltou a descer de carro para o lago. Agora, está ao lado do Triumph e despe o casaco. Com exceção do banho anual do Dia de Ano Novo, que na verdade mal conta, por entrarem

e saírem tão depressa, há anos que não nadava no inverno. Lembra-se da sensação de golpe de frio, mas, mais do que isso, lembra-se da excitação. A clareza mental aguçada. É disso que precisa.

Ffion deixa a roupa numa pilha limpa em cima das botas e caminha até à margem. O céu é branco, com nuvens de neve, e o vento sopra da montanha, girando em redor do vale. Os dedos dos pés encontram a água entre as pedras e encolhem-se, queixosos, já adormecidos antes mesmo de chegar ao lago propriamente dito. Céus, está fria. Pés. Tornozelos. Barrigas das pernas. Joelhos. Coxas. Ai, Deus, coxas! Inspira bem fundo, depois expira e...

Merda merda merda merda merda.

Tem de se ficar dentro até que deixe de doer. Se sairmos muito cedo, ficamos cheios de frio. Se ficarmos até as endorfinas fazerem efeito, porém, ficamos com a cabeça cheia como nunca. Melhor do que a bebida, melhor do que as drogas. Melhor do que a experiência com lâminas que Ffion teve aos quinze anos, sentindo-se então como se a escuridão a fosse engolir por inteiro.

Ela nada de bruços, contando os segundos na cabeça. Cinco minutos são trezentos segundos; dez minutos são seiscentos. Mais tempo é perigoso, pois não está habituada a nadar a estas temperaturas.

São cento e sessenta e cinco, ou cento e cinquenta e seis? Começa de novo. O seu cérebro está enevoado, mas está a acontecer; está a sentir o zumbido. Os braços e as pernas ficam dormentes, e lentamente, onde havia frio, há agora calor. O calor espalha-se pelo corpo, dando-lhe força aos membros e fazendo-a rir-se em voz alta.

Ffion chega à primeira boia e inverte o sentido. Ao regressar à costa, com a braçada agora mais forte, e a respiração já estável, avista Leo. Está ao lado do carro dela, com as mãos no fundo dos bolsos do sobretudo, a observá-la.

Ela sentiu ontem um outro lado dele. Quando se abriu a propósito do filho, de o ter deixado sozinho, tudo fazia sentido. A forma como Leo deixa que lhe falem; a forma como aceita que

Harris seja levado. Até a forma como Leo vive, naquele apartamento sem vida. O homem vive a vida como um castigo autoinfligido.

Ele espera junto à beira da água. Terá de ficar aqui até ele partir, pensa ela, por um único e absurdo momento. Ou nadar ao longo da costa e sair para as árvores, correr para casa.

Em fato de banho?

Tu és uma oficial da polícia. Vocês trabalham juntos. Recompõe-te, Ffion Morgan!

Ffion abranda, mas a excitação passa e o frio regressa, arrastando-lhe as pernas para o fundo da água. Não há mais para onde ir.

Sair é uma agonia. Os pés de Ffion são blocos de gelo, estilhaçados pelas pedras e tão entorpecidos que poderiam pertencer a outra pessoa. Os seus dentes batem violentamente, a cabeça gira tão depressa que tem de estender uma mão para se reequilibrar.

— Porque não me disseste a verdade? — diz Leo, embora não esteja zangado, como estava quando descobriu a verdade sobre Huw, sobre as câmaras de vigilância.

Ffion esfrega os braços, cor-de-rosa pelo frio. Arrasta as alças do fato de banho sobre os ombros, os dedos recusam-se a responder, depois puxa a T-shirt sobre a pele ainda húmida. Se Leo chega a alcançar algum vislumbre do peito dela, não mostra qualquer reação. Não se importa, supõe Ffion, agora que sabe quem ela é. Ela veste a camisola antes de secar as pernas, metade sentada, metade a tombar para o chão, onde acaba por arrastar as calças de ganga sobre uns pés inábeis. Treme, mas se de frio ou de medo, não sabe.

A verdade? A verdade foi enterrada há tanto tempo que ela própria, por vezes, duvida dela.

— Ffion. — Ele estende-lhe a mão. Ffion hesita, depois deixa que ele a puxe para cima. Não consegue parar de tremer, frio nos ossos, nas veias, sentindo o ardor das lágrimas no fundo dos olhos, quentes e assustados.

Leo tira o sobretudo e enrola-o à volta dela, apertando-o com força no peito. As pernas de Ffion vacilam, contudo obriga-se a manter-se firme, e não cair contra ele. Chora agora, envergonhada, mas, também, qual é a novidade?

— Eu sei, Ffion — diz Leo, gentilmente, os olhos dele fechados nos dela. Segura-lhe nos ombros, firme e sólido. — Eu sei.

As palavras ficam a pairar entre eles e Ffion começa a chorar. Agora está feliz pelo frio; pela dormência que desejava ter podido sentir todos aqueles anos antes. Pensa na forma como Leo se abriu ontem para ela, e pergunta-se como se sentiria se fizesse o mesmo.

— Telefonei ao Elijah ontem à noite. Pensei que lhe devia um pedido de desculpas. — Leo esboça um sorriso irónico. — Acontece que ele não é o único aluno no seu curso com um laboratório feito em casa: um colega dele tem um negócio clandestino para fazer testes forenses privados.

Ao longe, no lago, um pássaro canta.

— Tinha de haver uma razão para teres impedido a tua irmã de dar uma amostra para os dados eliminatórios, por isso tirei uma amostra de cabelo do chapéu pirata que a tua mãe me deu para o Harris.

Ffion sustém a respiração.

— Nos resultados há uma correspondência genética com Lloyd. — Os primeiros flocos de neve começam a cair, amaciando as margens de pedras. — Rhys Lloyd é o pai de Seren, não é?

Ffion não tem outro lugar para onde ir agora, senão para a verdade. Tem sido sempre tudo tão assustador, mas aqui, nos braços de Leo, entorpecida pelo frio, partilhar o seu segredo parece-lhe mais um alívio.

— Sim. — O lago brilha como um vidro polido, o reflexo do The Shore é tão nítido que é impossível dizer onde termina o edifício e começa a imagem do espelho. — Mas Seren não é minha irmã. — No centro do lago, uma garça mergulha atrás de um peixe, e o vidro estilhaça. Se ela lhe contar, não há volta a dar.

Ffion respira fundo.

— Ela é minha filha.

Parte Dois

O céu é de um azul vívido. O sol está bem alto acima do cume de Pen y Ddraig, a neblina da manhã derreteu, e os barcos amontoam-se preguiçosamente ao longo de todo o lago. A brisa é leve e, quando amaina por completo, os barcos flutuam à deriva, as velas esvaziam-se, à espera da próxima oportunidade.

À beira do lago — junto ao pontão, junto à carrinha dos gelados — o ar é espesso com o calor, e a água salpicada pelas pranchas de remo e dos caiaques. As famílias brincam nos baixios, as bolas de praia voam alto sobre as cabeças. Os excursionistas escancaram as portas das autocaravanas, abrem os tejadilhos das carrinhas, acendem fogueiras e deixam anéis de cinzas sobre a relva. Olham através do lago e perguntam quem vive nas belas casas de madeira, com os seus dequeas acima da água e os seus molhes privados. Imaginam como deve ser, ser-se tão rico, tão sortudo, viver num lugar assim.

A quietude do ar, e o calor do baixios cintilantes, é enganadora. Sob a superfície, fortes correntes agarram rochas e ramos tombados; agitam o leito do lago e descobrem os relógios caídos, os sapatos solitários. Os cardumes de pequeninos peixes nadam de um lado para o outro, bailados que atraem percas e lúcios, provocando uma agitação súbita na superfície, como pingos de chuva a cair. No meio do lago, a água ainda é traiçoeiramente fria.

A brisa traz o som das gargalhadas, e o timbre das vozes masculinas, embora não das suas palavras. Um som agudo de um «pop!» corta o ar. Dois homens estão no deque de uma das novas pousadas. Um deles balança uma garrafa de champanhe descuidadamente ao seu lado, a rolha de cortiça agora a embalar-se na água. Rhys Lloyd. Ele sente-se entusiasmado por estar aqui; na margem do seu lago de infância, onde tudo começou. Sente orgulho por poder chamar a Jonty Charlton o seu sócio de negócios, por trazer cartões com o elegante logótipo verde e branco do The Shore. Ele sabe que isto — a abertura oficial do resort — é o início de algo excitante.

Yasmin e Blythe saem de casa para se juntarem aos maridos, e os quatro erguem os copos num brinde.

— *Ao The Shore!* — diz Rhys. — *Ao lugar onde tudo começa.*

TRINTA E DOIS

Finais de julho | Rhys

Rhys toma um gole de champanhe. O calor do verão oferece uma névoa à água, tornando os barcos indistintos, como miragens num deserto. No lado oposto do lago, os turistas saltam do pontão, mergulhando na água e voltando à superfície com os pulmões a rebentar junto aos barcos amarrados. Mas, acima de tudo, refletida na superfície resplandecente do lago, ergue-se a montanha Pen y Ddraig.

— Tenho de reconhecer, meu velho — diz Jonty —, esta vista não é nada má. Nada má de todo.

— Quem precisa do Mediterrâneo, quando se tem isto? — Blythe inclina o rosto para cima, olhos fechados, brindando ao sol. O copo abana, champanhe derrama-se sobre o seu braço nu, e ela solta uma risadinha de criança.

— Calma — diz Rhys —, essa coisa não é barata.

Blythe lambe a sua pele bronzeada com uma língua cor-de-rosa e pontiaguda.

— Não te habitues a isto — ri-se Yasmin.

Blythe arqueia uma sobrancelha.

— Ao champanhe? Querida, eu nunca bebo outra coisa, sabes bem.

— Referia-me ao tempo. — Yasmin coloca um braço em volta de Rhys, as suas pulseiras beliscando-lhe a pele. — Quando éramos recém-casados, Rhys arrastava-me para o Norte do País de Gales todos os verões, e chovia sempre.

— Não chovia nada.

— Chovia sim!

— Mais um brinde! — diz Rhys.

Blythe ri-se.

— A que resta brindar? Já brindámos ao The Shore, e a «nós», e vocês, meninos, brindaram um ao outro...

— Meu Deus, querida! — diz Jonty. — Deve haver uma forma melhor de o dizer que não essa.

— Também devíamos brindar — grita Tabby. — Caso contrário, vai dar azar. — As gémeas estão nas espreguiçadeiras, os seus biquínis verde-lima contrastam nitidamente com os bronzeadores que presumivelmente roubaram da casa de banho de Yasmin, a julgar pela gritaria que teve lugar antes de deixarem Londres. Rhys sente a familiar combinação de orgulho e medo peculiar dos pais de raparigas adolescentes.

— Boa tentativa, Tabitha Lloyd — diz Yasmin. — Não vais beber champanhe.

Ao seu lado, Felicia vira-se de barriga para baixo e apoia-se nos cotovelos.

— É verdade. Não é, Blythe? Dá mau carma.

Rhys aclara a garganta.

— Por favor, levantem os vossos copos a duas pessoas sem as quais The Shore nunca teria acontecido. — Percebendo que perderam, as gémeas atiram-se de novo para as espreguiçadeiras. — Às nossas belas e talentosas esposas.

— Oh, agora sim, este é um brinde com o qual concordo plenamente! — Blythe encosta o copo ao de Yasmin. — A nós! — As duas mulheres abraçam-se. Yasmin está a usar uma roupa esvoaçante que lhe cobre todo o fato de banho e, por um segundo, Blythe quase desaparece dentro dela.

— Às nossas mulherzinhas — diz Jonty.

— A mim, devem-me este. — Yasmin ergue o seu copo. — Se eu não tivesse ido a uma das sessões de ioga de Blythe...

— Se eu nunca tivesse mencionado que Jonty estava à procura de oportunidades de investimento...

— E se eu nunca vos tivesse dito que o Rhys estava a tentar fazer arrancar uma urbanização...

— Nós, naturalmente — diz Jonty —, não fizemos nada. — Olha para Rhys em busca de solidariedade, com os olhos a piscar para

os calções «típicos de papá» que Rhys costuma vestir. Apesar do calor, Jonty optou por uma camisa de colarinho aberto, com calças de ganga azuis, num estilo lavado e desgastado, e chinelos de marca, e Rhys pergunta-se se não deveria ir mudar de roupa antes de alguém chegar. Os novos donos são esperados à uma da tarde e já passa do meio-dia.

— Tenho de mostrar-vos o que fiz no nosso quarto — diz Yasmin, engolindo o champanhe.

Jonty solta uma gargalhada descarada.

— Ding dong.

— Os quartos são iguais, querida — diz Rhys. — Não me parece que os Charlton precisem de ver...

— Iguais? — Blythe desata à gargalhada. — Não podiam ser mais diferentes!

Yasmin abana a cabeça, exasperada.

— Escolhemos tudo em Shadow White para o nosso quarto, querido. O Jonty e Blythe têm tudo em School House White.

— E a nossa cor de contraste é limão — diz Blythe, como que a explicá-lo a uma criança.

— E a nossa é lima.

Os homens seguem atrás das esposas; por todo o alojamento dos Charlton, para admirar as almofadas decorativas de Blythe, descendo depois para a estrada em direção à casa dos Lloyd.

— Já está a chegar alguém? — diz Jonty.

Através das árvores, Rhys vislumbra um Fiat branco-sujo com letras cor-de-rosa, aos solavancos através do caminho que conduz ao The Shore.

— É apenas Mia, a empregada. — Assim que o The Shore estiver terminado, terá a sua própria equipa de limpeza, impecavelmente vestida e devidamente treinada, mas por agora contentam-se com a rapariga da terra. — Vou dar-lhe uma palavrinha rápida.

Os outros continuam a caminhar até ao número cinco. A música soa alto através das janelas abertas do Fiat, enquanto Mia, a empregada da limpeza, se dirige para a zona dos visitantes. Ela

espera que a música acabe, antes de sair e de lançar um olhar longo e maroto a Rhys.

— Ora, ora, ora. Se não é o aluno-chefe dos Ysgol Crafnant

Rhys nunca foi aluno-chefe¹⁴, nem sequer pensa que a escola seja para esse tipo de coisas, mas baixa a cabeça em sinal de reconhecimento do que supõe ser, de certa forma, um elogio. As escolas gostam de reclamar a posse de ex-alunos bem-sucedidos. Num verão, há quinze ou dezasseis anos, os professores tinham persuadido Rhys a dirigir um campo de música na escola. Nessa altura, ele já tinha seis álbuns e uma digressão sob a sua alçada, mas uma certa necessidade de voltar, um certo remorso, bem como o valor pago pela Welsh Arts Council, acabaram por fazer com que aceitasse o convite.

— E foi graças ao Urdd Eisteddfod e à nossa própria professora de música, a Sra. Hughes, que Rhys Lloyd foi descoberto! — disse a diretora, na sua introdução. Tinha deixado um pouco no ar a ideia de que, sem a competição juvenil, sem os ensaios na escola, Rhys não teria sido ninguém.

— Não te agendámos nada para hoje, pois não? — diz ele agora à Mia. — Devias ter limpado todos os alojamentos antes de chegar toda a gente.

— Calma, já estão todos prontos. Os Stafford têm uma compras da Waitrose a chegar e querem que eu desempacote. — A lista de supermercados que fazem entregas no The Shore está na secção de FAQ do site, juntamente com as questões acerca da possibilidade de o Deliveroo cobrir a área (não cobre) e da distância para as lojas da Marks & Spencer (uma hora e meia). Coisas essenciais.

Mia caminha pela estrada até ao número três. Veste calções de ganga e um colete por cima de uma bata de limpeza cor-de-rosa um centímetro ou dois a mais do que os calções. Pernas compridas, castanhas, terminam em sapatilhas brancas. Ela vira-se, percebendo-o a olhar.

— Havia mais alguma coisa?

Poderia sugerir umas quantas, pensa Rhys, com um sorriso interior. Ele junta-se aos outros no número um, para tirar uma

fotografia da fila de casas, do lago a brilhar atrás deles, para que possa publicar no Facebook do The Shore. Quase instantaneamente, surgem dois likes, e Rhys rejubila por dentro. Muda para o Twitter e publica a mesma fotografia. Chegada ao #TheShore para uma pausa muito necessária antes da minha próxima sessão de gravação. Não há nenhuma sessão de gravação, mas ninguém no Twitter sabe disso. É tudo uma questão de criar a impressão certa. Criar uma marca.

Apanha os outros no seu estúdio, onde Yasmin diz a Jonty e Blythe o que eles já sabem.

— Não incorporámos design de espaço de escritório — diz Yasmin —, porque, bem, é suposto estarmos todos de férias, certo? Mas, ao roubar um pouco de espaço ao quarto principal, e o mesmo ao dois quartos traseiros, acabámos por ficar com um espaço bastante utilizável.

— Onde encontraste aquelas gavetas lindas? — pergunta Blythe. — São da Perch & Parrow?

Yasmin passa uma mão brincalhona sobre o armário.

— Quanto é que achas que foi? Vá lá, adivinha. — Nos cantos, e à volta dos puxadores, a tinta vermelha está gasta, expondo o metal nu. Mossas e arranhões cobrem os lados. É a folha industrial perfeita para o interior de estilo escandinavo de Yasmin. Rhys sabe disto porque Yasmin lho disse. Várias vezes. Não importa que as gavetas estejam fechadas e a chave há muito perdida, desde que tenha bom aspeto.

— Oh, meu Deus — diz Blythe. — Quatrocentos? Quinhentos?

— Foi de graça! — diz Yasmin alegremente. — O pai de Rhys tinha-o no velho barracão que estava aqui antes do The Shore ter sido construído. Não é fabuloso?

— Fabuloso — concorda Blythe —, adoro como usaste o mesmo vermelho para estas prateleiras. — Ela admira os prémios expostos por cima da secretária do Rhys. Um monte de troféus regionais, dois prémios Echo, o Olivier que ele ganhou pelo West Side Story.

— Eu não os teria trazido — diz Rhys. — A Yasmin é que insistiu.

— Ela tem orgulho em ti. — Blythe aperta o braço de Rhys. — E, bolas, isto é tudo correio dos fãs? — Ela olha para a pilha em cima da secretária. Yasmin abre a boca, mas Rhys intromete-se. Ele não quer que os Charlton saibam que está efetivamente a pagar às pessoas para gostarem dele.

— É uma grande seca, na verdade, mas o que é que se há de fazer?

— Não consigo imaginar ter estranhos a escrever-me — diz Blythe. — Deve ser extraordinário.

— Bem... — Rhys abre as mãos, como um encolher de ombros.

O som de um carro a chegar faz com que todos levantem as cabeças. Em conjunto, dirigem-se para um dos dois quartos individuais na parte da frente do alojamento. Yasmin mandou decorar os quartos de Tabby e Felicia em tons pastel. Uma fotografia a preto e branco de Yasmin, a olhar para a câmara, decora as paredes de cada quarto. Blythe chega primeiro à janela. Bate palmas com entusiasmo e rodopia.

— Eles chegaram!

Rhys sente um surto de excitação. É isto. Os primeiros entre os novos residentes do The Shore chegaram.

¹⁴ «Head boy», no original. No sistema de ensino britânico, os head boys, ou head girls, são representantes gerais dos alunos de uma escola. Assemelham-se a um presidente da uma associação de estudantes. (N. T.)

TRINTA E TRÊS

Finais de julho | Yasmin

— Pergunto-me quem será! — Yasmin corre para as escadas, ansiosa por estabelecer a sua posição como Primeira-Dama do The Shore.

— Quem fica a seguir a ti e ao Rhys? — Blythe segue-a, sem fôlego e com excitação.

— Clemence Northcote. — Yasmin memorizou a lista. — Profissional de IT, filho adolescente. Lá em baixo, ela para para tirar uma garrafa fresca de champanhe do balde de gelo, à espera. — Rhys, os copos. — Estala-lhe os dedos, e ele pega em dois flutes. — Caramba, sinto-me mesmo nervosa! — Tem sonhado com este momento desde que Rhys delineou as ideias para o The Shore. Um refúgio de pessoas bem relacionadas, bem intencionadas, que encarregarão Yasmin de desenhar interiores pelo mundo inteiro.

— Não há razão para nervosismo — diz Rhys. — Eles vão apaixonar-se pelo lugar assim que o virem. Só a vista vai tirar-lhes logo o fôlego.

— Concordo — diz Jonty. — É bastante impressionante. — Pisca o olho a Yasmin, esperando que a atenção de Rhys derive para outro lugar, a fim de poder deixar cair os olhos no decote dela. Yasmin ronrona. Há seis semanas, os dois casais saíram para jantar, mandando abaixo várias garrafas de vinho e dividindo um Uber no regresso a casa. Rhys estava na frente, aborrecendo o motorista (que se tinha revelado um improvável fã de música clássica) e Blythe estava a adormecer. Sentado e apertado no lugar no meio, Yasmin tinha sentido a mão de Jonty acariciar-lhe a coxa. Foi uma grande emoção e, embora nada tenha acontecido desde então, Yasmin sabe que é apenas uma questão de tempo.

— O número três é o ator de telenovelas, não é? — diz Blythe.

— Bobby Stafford — confirma Rhys. — Campeão de pesos-médios há alguns anos. Depois começou a representar e agora está praticamente reformado do ringue, tanto quanto sei. A sua mulher é a loira que estava na selva, aquela do chuveiro em cascata, com o biquíni transparente.

— Ding dong — diz Jonty.

— Resta apenas Deirdre Huxley — continua Rhys. — Não sei nada sobre ela, exceto que é reformada.

— Devíamos ter colocado um limite máximo de idade — diz Jonty. — As fotos de andarilhos não combinam exatamente com o The Shore, pois não?

— Casas de luxo — zomba Yasmin —, apenas disponíveis para ricos, esteticamente agradáveis, e para aqueles que possuam os próprios dentes.

Continuam a rir-se enquanto formam o comité de boas-vindas fora das pousadas. Um Tesla cinzento surge na estrada. Automaticamente, Yasmin contrai o estômago e pressiona a língua até ao céu da boca, naquele que constitui o seu último truque para tornar firme aquele irritante pedaço flácido debaixo do queixo, contudo, à medida que o carro se aproxima, avistam uma mulher idosa ao volante. O sol reflete-se no para-brisas quando o Tesla para.

Deirdre Huxley emerge com um largo sorriso.

— Bem, isto é qualquer coisa?

Jonty dá um passo em frente com um copo a borbulhar.

— Jonty Charlton, investidor. Bem-vinda ao The Shore. — Yasmin solta um suspiro interior de apreço. Jonty é muito mais refinado do que o seu marido. Pode-se tirar o homem de Cwm Coed, mas parece que nunca conseguirá retirar Cwm Coed do homem.

— Isto é aquilo a que eu chamo uma receção. Obrigada, meu querido. — Ela bate com o copo contra o de Jonty. — E eu sou Dee. A menos que esteja em apuros, claro. — Os seus olhos cintilam. — Agora, quem mais temos aqui?

Rhys oferece-lhe a mão.

— Rhys Lloyd. Criador do The Shore.

— Claro. — Há uma expressão divertida na cara de Dee enquanto aperta a mão a Rhys. — Que bom vê-lo aqui.

— Será que podes fazer as honras, Jonty? — Rhys atira-lhe as chaves do alojamento dois, e este devolve-lhe um olhar ressentido antes de voltar a colocar-se em modo charme.

— O prazer é meu. Sra. Huxley, não quer vir comigo? — Oferece-

-lhe um braço, mas ela declina, alcançando a bengala no banco de trás do Tesla.

— Ainda há muita vitalidade neste velho corpo. Ainda assim, se não se importar de trazer a minha mala, que está ali na zona dos pés, eu ficaria muito grata. Tem toda a minha medicação dentro.

— Claro que sim.

A empregada sai do número três na sua bata de limpeza, a gritar instruções pelo telemóvel.

— Vire... verá uma quinta à sua... É isso mesmo! A curva é um pouco mais à esquerda. Estou cá fora, agora. — Ouve-se o rugido de um motor, e todos se voltam, apanhando uma nesga de cor amarela através das árvores. — Estou a ver-vos agora! Sim, não se preocupe, já está resolvido! — Ela corre de volta para dentro da casa, enquanto um McLaren Spider amarelo, brilhante, acelera e depois para abruptamente, com um estrondo.

— Merda — diz Rhys. — Bateu num buraco.

O McLaren balança para a frente e depois para trás. Ouve-se um chiado horripilante, e depois o carro roda para fora do buraco e continua em direção aos alojamentos, desacelerando alguns metros de cada vez e serpenteando à volta dos restantes buracos.

— Bom começo — murmura Yasmin. Jonty levou o champanhe, e ela está prestes a ir buscar mais quando a empregada de limpeza volta a surgir do número três carregando uma bandeja prateada. Na bandeja estão dois copos e uma garrafa de champanhe, à volta da qual está amarrado um balão de hélio dourado em forma de coração.

— Instruções especiais do Bobby — diz ela, quando vê os outros a olhar fixamente. — Ele queria surpreender a Ashleigh.

O Bobby. A Ashleigh. Porque é que a empregada usa o primeiro nome com estas pessoas, quando Yasmin ainda nem sequer as conheceu? Ela e Blythe trocam olhares.

O homem que sai do lugar do condutor é imediatamente reconhecido como Bobby Stafford. Tem quarenta e poucos anos, o nariz tão partido que aponta em três direções, e dentes demasiado brancos e retos para serem dados por Deus. Tem uma estrutura pequena, e, ao saltar para o lado do passageiro para abrir a porta da mulher, parecia poder ainda estar no ringue de onde se reformou há uma década.

Ashleigh deve ser uns trinta centímetros mais alta do que ele. Está de fato de treino e ténis brancos muito brilhantes, com uma faixa apertada de licra a fazer de top.

— Ela é deslumbrante — murmura uma das gémeas. Yasmin olha para Blythe e pestaneja rapidamente durante um segundo.

— Não quer arranjar aquela entrada, amigo — diz Bobby, caminhando na direção deles. Ele olha para Rhys. — Lloyd, certo? O local é fantástico, mas aquilo — diz ele apontando para os buracos na estrada — é um grande problema.

— Está tudo a ser tratado, garanto. Bem-vindo ao The Shore! — Rhys não consegue igualar a imagem de segurança de Jonty, mas Bobby aperta-lhe a mão, enquanto Ashleigh tira uma taça de champanhe da bandeja da empregada. Tira uma selfie, com o balão de coração dourado a agitar-se atrás dela, enquanto leva o copo aos lábios e beberica.

Bobby tira o último copo da bandeja de prata; o copo numa mão e a garrafa enfeitada com o balão na outra, depois planta um beijo, um beijo!, na bochecha da empregada.

— És um diamante, Mia, és sim senhora. As compras chegaram?

— Tudo arrumado. Não tinha a certeza se tinham comido, por isso fiz-vos umas sandes. Estão no frigorífico.

— Linda. É possível vires fazer as camas e mais alguma coisa, quando for preciso?

— Claro. É só enviar-me uma mensagem.

— Divina. Anda, querida, vamos dar uma olhadela à nossa nova barraca.

— Lá se vai, pois, a esperança de que o último vizinho tivesse um pouco de classe — diz Yasmin secamente, enquanto eles desaparecem para dentro do número três.

— Mamã! — diz Tabby. — Por acaso olhaste para Ashleigh Stafford ainda agora?

— Tentei não o fazer.

— Oh, meu Deus, que espetáculo! — Felicia revira os olhos. — As sobranceiras dela estavam incríveis. Devíamos perguntar-lhe onde as arranja.

— Penso que temos ideias diferentes sobre o que é classe. — Yasmin serve-se a si e a Blythe de mais champanhe.

— Estou com as gémeas desta vez — diz Rhys. — Achei-a muito composta. — Ele está a olhar para a cabana de Dee Huxley, e franze o sobrolho.

— Ela não é feita de Legos, Rhys.

Todos viram a cabeça perante o som de outro carro e, enquanto um BMW antigo vai rodando veloz sobre os buracos, Yasmin sente os sonhos descaírem-se.

Se Ashleigh Stafford era feita de Lego, Clemence Northcote é feita de Duplo. Curta e fofinha, tem o cabelo multicolorido e sentido de indumentária de uma criança numa festa de aniversário.

— Chamem-me Clemmie — diz ela, ao apresentar-se. — Toda a gente me chama assim! — Empurra o seu filho para a frente. — A dyma¹⁵ Caleb.

— Mamã, por favor não me envergonhes, está bem?

— Fala galês? — pergunta Blythe. — Meu Deus, terrivelmente impressionante.

A mulher cora.

— Estou a aprender. Apresentações, passatempos, esse tipo de coisas. Posso trabalhar de qualquer lugar, e o curso universitário do Caleb é online, por isso estamos a planear passar muito tempo aqui. Quero experimentar a natação selvagem e, claro, aprender a língua e... — Ela olha para o Rhys, aparentemente a pensar nalguma coisa. — Talvez pudesse organizar uma aula de conversação por

aqui, no The Shore? Li nos jornais que Bobby Stafford comprou uma das casas, e sabe que ele tem raízes galesas? Podíamos fazer disso uma coisa habitual!

Rhys parece absolutamente horrorizado com a ideia.

— Vamos conhecer a pousada?

— Muito prazer em conhecê-la! — mente Yasmin, trocando um olhar com Blythe, o que significa que deve segui-la para um relatório, imediatamente.

As duas mulheres estavam prestes a desaparecer quando a porta de Dee Huxley se abre.

— Qualquer problema — diz Jonty —, basta telefonar.

— Muito obrigada, querido. Agora, acho que vou pôr os pés ao alto e fazer uma soneca. Foi uma viagem e tanto.

Ao lado, no número quatro, Rhys abre a porta da frente a Clemmie e a Caleb. Ela está a falar-lhe em galês, enquanto ele quase sucumbe com o peso das malas e procura, claramente, entrar e sair o mais depressa possível, o que significa que não vê o que Yasmin está a ver.

Dee Huxley, de pé na sua porta aberta, a olhar para Rhys como se o conhecesse. Como se o conhecesse realmente.

Olhava fixamente para ele, Yasmin dá-se conta, com um arrepio, como se o odiasse.

TRINTA E QUATRO

7 de janeiro | Leo

Leo não sabe o que fazer com Ffion, exceto manter os braços à volta dela. Todo o seu corpo treme com soluços silenciosos, e segura-a até ela acalmar.

— Calma — diz ele. — Está tudo bem.

Estará?

Esforça-se para processar o que ela lhe acabou de dizer. À sua volta, nuvens escuras concentram-se sobre a cordilheira. Ddraig significa dragão, Leo sabe isso, e, pela primeira vez, vê a forma no contorno rochoso, a cauda a alongar-se pela água. Acompanha Ffion até ao carro e abre-lhe a porta, alçando-lhe as pernas como se ela estivesse débil, em vez de simplesmente gelada. Liga o motor e roda o botão do aquecimento, perguntando-se por onde deve começar.

— Não podes contar a ninguém — diz Ffion, furiosamente. — Ninguém sabe. Eu disse à minha mãe que foi um rapaz da festa de verão. Ela e o meu pai ficaram furiosos por saber que, fosse quem fosse, não estava a assumir as suas responsabilidades, mas nunca lhes dei um nome. Não suportava que ninguém soubesse o que tinha feito.

— O que ele tinha feito — diz Leo suavemente.

— Não foi violação, se é isso que estás a pensar. — Ffion limpa a cara na manga do casaco de Leo. — Ele não era... ele não era violento. — Ela engole em seco. — Não dessa maneira.

— Tinhas catorze anos. Lloyd tinha quarenta e seis anos quando morreu; ele teria trinta quando... — Leo olha para Ffion, enroscada no banco do passageiro, e as náuseas preenchem-lhe o estômago.

— Com catorze é violação, legalmente. Com catorze é-se uma criança.

— As pessoas chamavam-me Ffion gwyllt. — Ela puxa os joelhos até ao peito. — Significa «Ffion selvagem». Eu faltava à escola, era respondona, roubava coisas das lojas. Fazia um bocado esse jogo, suponho. Dizia aos professores que tinha estado acordada até tarde a beber e a festejar, quando tudo o que tinha feito era ter ficado a ver televisão com a minha mãe e o meu pai. Dizia aos meus colegas que tinha saído com este e aquele rapaz, quando não tinha saído com ninguém.

— Quando conheceste o Lloyd?

— A escola convenceu-o a voltar num dos verões, para dirigir um acampamento para alguns miúdos que eram bons em música. — Lá fora, um punhado de flocos de neve rodopiam aqui e ali. — Não voltei a cantar uma nota, desde então — diz ela, calmamente.

— Não tens de fazer isto. Agora não. Não, a menos que o queiras fazer.

— Ele era bonito. Suave. Um pouco charmoso, acho eu. Mais velho, mas não tão velho como os meus pais. Alguns dos outros disseram-lhe como eu era louca, como bebia e dormia por aí, e todo o resto de porcarias que eu lhes tinha inventado. E eu entrei no jogo, porque, quando se tem a reputação, é dessa forma que nos veem. — O queixo de Ffion estremece, e ela contrai a boca com uma careta. — Bom, tivemos uma festa de verão. Ideia do Rhys. Celebrar o fim do projeto. — Ffion fala depressa, a cara torcida como se estivesse a sofrer. — Ele levou-me lá para fora. Disse que tinha uma garrafa de champanhe só para nós partilharmos. Ao meu pai tinha sido diagnosticado um cancro. Foi uma altura realmente de merda, de merda, sabes? Eu queria estar noutro lugar, queria ser outra pessoa.

— Para onde é que ele te levou? — Leo interrogou dezenas de vítimas de violação na carreira, mas nunca tivera tanta dificuldade em forçar as perguntas.

— Para o estúdio, no quintal da mãe dele. — Ffion solta uma risada oca. — Não queria ir, mas não sabia como dizer não, e tudo o que estávamos a fazer era falar e beber, por isso... — Interrompe-

se, olha para o para-brisas. A neve está a assentar, cobrindo a costa rochosa com um pó branco. — Comecei a sentir-me nervosa, como um peixe fora de água, e lembro-me de a ver à janela da cozinha no primeiro andar, esperando que ela olhasse para baixo e me visse, e que de alguma forma soubesse que eu queria ir para casa.

— E ela sabia?

O rosto de Ffion está branco como a morte.

— A luz apagou-se. Acho que ela deve ter ido para a cama. Mas eu sempre me perguntei se ela saberia como era o filho. O que ele poderia fazer. — Começa a chorar de novo, devagar, soluços lamentosos que magoam o coração de Leo. Ele não aguenta ouvir mais, mas, mais do que isso, não suporta que Ffion tenha de o dizer. Ele alcança-a e segura-a até que ela respire com firmeza.

Leo inclina a cabeça contra a de Ffion, e observa o vento a perseguir as ondas do lago. Rhys Lloyd violou Ffion e foi pai de uma criança de quem ela teve de desistir. Não admira que ela odiasse o homem. Lentamente, ele deixa-se consciencializar do que tem pensado desde que descobriu a verdade.

Tê-lo-ia ela odiado o bastante para o matar?

¹⁵ «Este é» (N. T.)

TRINTA E CINCO

Finais de julho | Dee

As faculdades de Dee Huxley ainda estão em pleno funcionamento, muito obrigado, mas, pouco depois do seu septuagésimo aniversário, ela tinha finalmente admitido que era altura de abrandar um pouco.

— Esta casa é demasiado para gerires, mãe. — O seu filho tinha vindo para uma das suas visitas semestrais. — Há uns belos apartamentos residenciais para idosos com vista para o rio. — Ele tinha feito deslizar uma brochura sobre a mesa do café. Um vendedor nato.

Dee estava indignada pela ideia de deixar a sua casa vitoriana de cinco quartos, com relvado e pomar amuralhado, para viver numa caixa bege, com bingo à quarta-feira à noite e o cheiro a couve a escorrer pelas paredes. Ela folheou as páginas.

— Não há espaço para um escritório. Onde guardaria a minha papelada? — O estúdio de Dee em casa estava forrado de estantes, com etiquetas manuscritas por cada ano de reuniões e contas.

— Então, deixa o trabalho! Vá lá, mãe. Já te devias ter reformado há anos.

— Será que dirias o mesmo se eu fosse um homem? — Dee não tinha qualquer desejo de se reformar e, embora o negócio corresse perfeitamente bem sem o seu contributo, mesmo à distância ela gostava de ficar de olho nas coisas.

No entanto, tinha de concordar que a casa estava a ficar demais para ela. Não era tanto por não conseguir podar as árvores de fruto, ou trepar uma escada para limpar os algerozes, era mais porque já não queria fazê-lo.

O filho de Dee tinha ficado encantado quando ela pôs o casarão à venda. Ficou menos encantado quando, em vez do apartamento para a reforma e da opção de depositar dinheiro no banco, Dee tinha comprado um apartamento de dois quartos em Kings Cross, e o número dois do The Shore, no Norte do País de Gales.

— Nem sequer o viste!

— Eu vi as plantas — disse Dee, calmamente. — E, graças ao Google Earth, dei um adorável passeio por Cwm Coed. Penso que serei muito feliz lá, e terei o meu pied-à-terre para reuniões de negócios e para ver amigos.

No momento em que Dee vira para o The Shore, sabe que tomou a decisão certa. A estrada corre em semicírculo desde a via principal até às pousadas, permitindo vislumbres de água resplandecente e de casas revestidas a madeira entre as árvores. A superfície da viagem, porém, é perfurada com buracos, e Dee navega cuidadosamente em redor deles no seu novo carro.

Uma pequena multidão de pessoas está fora das casas e, quando Dee estaciona na baía atribuída ao número dois, ela reconhece Rhys Lloyd.

A questão aqui é: será que ele vai reconhecê-la?

Um homem bonito com calças de linho e uma camisa impecável aperta-lhe a mão. Tem um excelente aperto de mão, e Dee repara neste tipo de coisas; ou está genuinamente encantado com a sua presença, ou é muito bom a fingir.

— Bem, isto é qualquer coisa? — diz Dee.

— Jonty Charlton, investidor. Bem-vinda ao The Shore.

Ah, um investidor. Bem, isso explica o aperto de mão e o sorriso de crocodilo. Dee bate o seu copo contra o de Jonty. — Isto é aquilo a que eu chamo uma receção. Obrigada, meu querido. E eu sou a Dee. A menos que esteja em apuros, claro. Agora, quem mais temos aqui? — Ela vê Rhys Lloyd a olhar para ela, franzido a testa em confusão. A ficha ainda não caiu, claramente.

— Rhys Lloyd — diz ele, quando Dee o alcança. — Criador de The Shore.

— Claro. — Não a surpreende que Rhys se descreva a si próprio como o Criador. Ela já deduziu o suficiente sobre ele para saber como é arrogante. A maioria dos homens são-no, pela experiência de Dee, e ela tem muita experiência. — Que bom vê-lo aqui. — O sobrolho franzido de Rhys aprofunda-se.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Huxley. — A esposa de Rhys oferece uma mão esbelta e bronzeada. Dee olha-a com interesse.

— Sra. Huxley. — Jonty dá-lhe um braço. — Não quer vir comigo?

Enquanto caminham na direção do alojamento, com Jonty carregando a espaçosa mala de Dee, ouve-se um barulho gutural e um carro desportivo amarelo garrido aparece na estrada. Dee capta a expressão no rosto de Jonty.

— Receio que lhe tenha saído a lata velha, querido.

— Sra. Huxley, um modelo clássico nunca sai de moda.

Galanteador, pensa Dee. Talvez um pouco galanteador demais.

Caminha pelo rés do chão do seu novo alojamento, olhando para o design clean, de estilo nórdico, com mobiliário cuidadosamente escolhido. O contorno em aço das amplas portas emoldura o lago como numa pintura, uma névoa quente suaviza a vista. Ela experimenta o puxador, e as portas abrem-se com um deslizar satisfatório.

Ao voltar-se, observa a disposição da cozinha em open space, as salas de jantar e de estar, e depois olha para Jonty.

— Pergunto-me se me poderia emprestar esses seus músculos...

Quinze minutos depois, a camisa de Jonty está rodeada de suor.

— Mais alguma coisa? — pergunta ele, o entusiasmo anterior já claramente ausente.

— Está perfeito. — Dee esboça um largo sorriso. Eles, ou melhor, Jonty, com Dee a apontar com a sua bengala para os corretos procedimentos, trocaram a mobília para que a mesa fique no lado oposto da sala; o sofá em forma de L na zona da cozinha, junto às portas de vidro.

— Nunca como à mesa — diz Dee. — Prefiro estar no sofá com um tabuleiro no colo e esta vista, não é verdade? — Ela atravessa a sala e acena em direção ao lago, a água azul-escura contrastando com a linha de verde ao longo da margem. — É por isto que todos estamos a pagar, não é?

No exterior, o carro desportivo está estacionado em frente à casa do meio, e um BMW antiquado ocupou o lugar final, no número quatro. Um rapaz adolescente descarrega caixas do porta-bagagens, e uma mulher com cabelo arco-íris fala com Rhys Lloyd.

Dee vigia-o por um momento. Mesmo quando já vinha a caminho, ela ainda não sabia se iria confrontá-lo, mas, agora que o viu, agora que viu a sua família, sabe que será inevitável.

Afinal, é Rhys quem a confronta. Toca à campainha dela uma hora ou duas mais tarde, no momento em que Dee está prestes a sentar-se com um livro. Ela cumprimentou os seus vizinhos, que parecem perfeitamente agradáveis; embora Dee, mais do que a maioria das pessoas, saiba que a aparência pode ser enganadora.

Rhys parece inquieto, com os olhos a oscilar entre o rosto de Dee, a bengala na mão dela, e os seus próprios pés.

— Vim ver se estava bem instalada.

— Está tudo maravilhoso, obrigada. Deve estar encantado com o lugar.

— Sim, estou muito... — Ele irrompe, a sua cara amarrotada em confusão. — Olhe, já nos conhecemos?

— Acho que é melhor entrar.

Dee volta a entrar na habitação. Não espera para ver se Rhys a segue, mas ouve o estalido do fecho da porta da entrada e as solas de borracha dos seus sapatos de deque, rangendo no chão de azulejos. Senta-se e estende o convite ao Rhys, que fica de pé por um momento, antes de, relutantemente, se sentar empoleirado na extremidade oposta do sofá.

Dee toma uma decisão final. O que ela sabe sobre Rhys é de facto muito poderoso: o tipo de informação que a esposa dele, e, na verdade, a Polícia, estaria muito interessada. O tipo de informação que poderia usar como garantia; talvez em troca de ações do The

Shore, que, pelo que lhe é dado a ver, tem potencial para ser um excelente investimento.

Mais do que qualquer outra coisa, Dee quer que Rhys saiba que não se safou.

— Número 36 — acaba ela por dizer.

Rhys olha fixamente para ela, o seu rosto empalidece lentamente sob o brilho do suor.

— Eu sou a dona.

— Mas... — Rhys parece esforçar-se por respirar. Mas você é...

— Ele para, o olhar cai sobre a bengala de Dee, sobre a pele encrespada na parte de trás da mão que a segura.

— Velha?

Manchas de rubor.

Dee tinha aberto o Número 36 no início dos anos oitenta, após um breve período como acompanhante de luxo. A indústria era quase inteiramente liderada por homens; quando, pelo contrário, não deveria afinal ser dominada por mulheres? Além disso, os bordéis em que tantas destas mulheres trabalhavam pareciam lugares escuros e sujos, tornando tudo bastante sórdido.

O próprio Número 36 era uma casa alta e estreita no Soho, comprada quando ainda era possível comprar uma pechincha. Dee tinha renovado o rés do chão e dois quartos, e iniciado o negócio. Ao longo dos anos, à medida que o Número 36 se tornou mais bem-sucedido, ela tinha completado os trabalhos no resto do edifício. O resultado foi um clube elegante e cheio de aspirações, com lareiras crepitantes e bares de coquetéis, com um quadro de funcionários composto por mulheres elegantes e inteligentes a trabalhar com uma excelente taxa de comissão.

— Deus — Rhys interrompe. Está a suar profusamente, agora, uma descarga de humidade em cada lado do rosto.

A sua filiação tinha sido revogada, claro, após a agressão. Dee estava fora da cidade quando aconteceu; a mulher em questão já estava no hospital na altura em que ela tinha regressado à pressa.

— Pode apresentar queixa — tinha dito Dee. O Número 36, e o envolvimento de Dee, estava protegido por uma série de empresas holding encaixadas umas nas outras como bonecas russas, e o

bem-estar do seu pessoal tinha estado sempre em primeiro lugar. Mas a mulher tinha abanado a cabeça.

— Quero esquecer que isto alguma vez aconteceu.

Depois disso, Dee tinha-se sentado no escritório durante muito tempo. Incidentes como este eram raros, mas deixavam-na abalada e zangada. Tinha informação suficiente sobre homens importantes em Londres para derrubar o governo, escandalizar os frequentadores da igreja e derrubar o que restava da confiança pública na Polícia, mas, se esses homens não estavam a fazer nada de errado, porque é que ela o faria? Desde que fossem educados e respeitadores, desde que o seu pessoal estivesse feliz e sob controlo... onde estava o mal?

— O que é que quer? — pergunta Rhys. Está a pensar nas manchetes, Dee sabe: a exposição nos tabloides da sua queda do estado de graça.

— Eu não quero nada. — Ainda, acrescenta ela de forma discreta. Dee tem gostos caros, e não se considera acima da possibilidade de fazer uma chantagem aqui e ali.

— Porque está aqui?

Dee olha à volta, observando o chão encerado, as grandes janelas, a vista.

— Por isto. — Dee sempre foi capaz de separar o negócio do prazer, e sempre teve um olho para o investimento. A primeira fila de casas no The Shore atrairá sempre clientes premium e, se Dee alguma vez optar por não usar a propriedade, sabe que irá ter um excelente retorno. Entretanto, quem não gosta de uma casinha à beira do lago?

— Se a minha mulher alguma vez descobrir...

— Oh, não há ninguém melhor para guardar segredos do que Dee Huxley. Embora... — ela fixa os olhos nele, gostando de o ver contorcer-se —, agora que vi a sua adorável esposa e as suas duas lindas filhas, vou estar de olho em si. — Inclina-se para mais perto dele, baixando a voz, embora não esteja mais ninguém a ouvir. — É melhor que as trate melhor do que tratou o meu pessoal, ou poderei esquecer como guardar um segredo.

TRINTA E SEIS

7 de janeiro | Ffion

O coração de Ffion dói-lhe tanto como a cabeça. Ela está aberta. Exposta. Rasgada perante este homem que mal conhece e que, no entanto, sabe mais sobre ela do que qualquer um dos seus amigos. Os seus olhos estão pressionados contra o ombro de Leo, mas não consegue fechar as imagens que tem na cabeça.

Tinham ido lá fora buscar o champanhe que o Rhys trouxe especialmente para si e, durante algum tempo, fora divertido. Ffion tinha-se rido quando as bolhas lhe subiram à cabeça, já leve, e tropeçou quando as suas pernas lhe vacilaram. Ainda conseguia ouvir as vozes dos outros na festa, ainda via a luz das janelas do salão da escola. Ainda estava a salvo.

Então Rhys ofereceu-lhe um braço, extravagantemente, com uma pequena vénia, como se estivessem num filme de época, e sugeriu que terminassem a garrafa num lugar mais confortável. Ffion sabia o que tal significava, porém também sabia que não queria estar num lugar mais confortável. Contudo, com aquele comportamento divertido, como se fosse um cavalheiro, ele tinha-a desarmado. Uma parte de cada rapariga está preparada para se defender, muito antes de saber porque poderia precisar de o fazer. Se Rhys a tivesse agarrado, ou a tivesse arrastado pelo corredor, Ffion teria sabido o que fazer. Teria lutado contra ele. Pontapeado, mordido e gritado até à sua saída.

Em vez disso, ela...

— Fiz-lhe uma vénia. — Ela volta a cabeça para falar, a vergonha sai-lhe em soluços sufocantes. — Eu fiz uma porra de uma vénia.

Ela tinha deixado cair a cabeça e arrepanhado uma longa saia imaginária, grata pela desculpa de olhar fixamente para a relva e ocultar o medo. Quero ir para casa agora. Tinha olhado para os dedos dos pés dos seus ténis, para a lama que enlouquecia a mãe. Quero ir para casa, disse ela silenciosamente, enquanto se endireitava e se ouvia a rir, apesar de nada haver de engraçado.

— A Madame está pronta?

Ele estava a usar um casaco, mais fino do que a ocasião merecia, e os punhos da camisa dobrados para fora, por debaixo das mangas azuis. Ffion olhou fixamente para um botão de punho dourado e sentiu o deslocamento do chão por baixo dela, sentiu a sua mão estender-se e deslizar para o lugar esperado, sentiu os pés moverem-se para a direita, esquerda, direita, esquerda. Sentiu o coração bater com medo.

— Estou farto de estar com todos aqueles miúdos, não estás?

— Completamente. — Caminharam pelas ruas secundárias até à casa da família Lloyd, e cada passo era mais pesado e desesperado. Ffion era muito mais madura do que os outros, dizia-lhe ele. Então porque se sentia ela tão mais nova?

— Podemos fazer a nossa própria diversão, não podemos?

— Sim.

Ffion sente a respiração de Leo contra o topo da sua cabeça, quente e tranquilizadora, incitando-a a falar da sua verdade tanto quanto se sinta capaz de partilhar. O que aconteceu naquela noite existiu apenas em imagens, assombrosas e aterroradoras, mantendo-a acordada e levando-a a lugares que a assustam, ainda agora. Neste momento, está a tentar colocá-las em palavras que provocam imensa dor no manuseamento.

— Eu disse que sim. — Ffion fecha-lhe as mãos, as pontas dos dedos ainda brancas de frio. — Eu disse sim a tudo.

Tinha-lhe parecido que era impossível dizer mais alguma coisa. Afinal de contas, era isto que ela tinha fingido querer. O que ela tinha, até, pensado querer. Tinha flertado e seduzido, falara alto de encontros clandestinos com rapazes mais velhos de fora da cidade. Tinha pedido isto. Era imparável.

— Não! — Por breves instantes, Leo aperta-lhe o pulso, apenas para a libertar instantaneamente, como se tivesse medo de que ela pudesse ceder. Afasta-a gentilmente, segurando-lhe os ombros para que fique de frente para si. Quer que ela o olhe, mas a sua cabeça é pesada e a sua vergonha ainda mais. Ela olha para o espaço dos pés e deseja poder parar as lágrimas.

— Ffion, isto não foi culpa tua — diz Leo, insistente mas paciente, dizendo a Ffion o que ela ainda não consegue acreditar. — Não pediste nada disto, não poderias ter pedido nada disto. Catorze anos, Ffion. Catorze!

Ele respira fundo. Esfrega as mãos para cima e para baixo nos braços de Ffion, e ela não tem a certeza se ele está a tentar acalmá-la a ela ou a si próprio, mas provoca ambas as coisas. Lentamente, levanta a cabeça, tremendo o queixo, e olha para ele. Engole em seco.

— Se lidasses com isto no trabalho — diz Leo docemente —, uma criança de catorze anos que tinha sido violada...

— Ele não me violou. — Mas ela lembra-se do botão rasgado dos seus jeans; os hematomas nos ombros, nas coxas.

— ...o que lhe dirias?

Leo espera, mantendo os olhos fixos nos de Ffion, enquanto ela abana a cabeça, lembrando-se de como ficou imóvel e quieta no sofá de Rhys, como não se afastou, ou disse não, ou ripostou.

Rhys tinha sussurrado ao seu ouvido, quente e húmido enquanto a dor a rasgava de alto a baixo:

— Era isto que tu querias durante todo o verão, não é verdade?

— Sim — ela tinha-se ouvido dizer.

— O que lhe dirias? — repete Leo. Os olhos fixos nos dela, e ela sabe, ela sabe o que deve dizer, mas ela era Ffion gwyllt, Rhys sabia disso e por isso ela tinha de esperar...

— Eu diria que não foi culpa dela — sussurra Ffion. A voz quebra-se-lhe, e volta a chorar. — A culpa não foi minha. A culpa não foi minha.

TRINTA E SETE

Meados de agosto | Caleb

Por direito, Caleb deveria estar aborrecido até à medula. A mãe dissera-lhe que, no ano seguinte, o The Shore teria uma sala de jogos, com um bar e um café, e um espetacular campo de golfe no meio das árvores. Neste momento, não há nada disso, apenas o deque, e o lago, e a sombra da montanha. A aldeia de Cwm Coed fica a menos de um quilómetro e meio, mas também não há lá nada para fazer.

Também quase não há pessoas à volta. Na manhã seguinte à sua chegada ao The Shore, Caleb tinha levado uma das bicicletas verde-seco do resort e andado à volta do lago sem ver um único carro. Tinha sentido os ombros, geralmente agarrados aos ouvidos, voltando lentamente à posição correta. Tinha pedalado mais depressa, o vento a bater-lhe com um sorriso no rosto. Sentia-se vivo.

— Eu sei que vais sentir falta dos teus amigos — dissera-lhe a mãe, mas tudo o que Caleb sentia era alívio. Alívio por, sempre que o seu telefone apitasse com uma mensagem dos rapazes, ele poder ignorá-la, sabendo que, quando o procurassem, não o encontrariam.

Tinha começado quando Caleb mudou de escola a meio do primeiro ano do secundário. Todos já tinham grupos de amigos, e Caleb estava grato por ser levado sob as asas de Brett e Jamil. Foi divertido no início, e até o roubo nas lojas era uma risada, mas depois as pessoas começaram a magoar-se, e Caleb ficou assustado. Ele descarregava na mãe, sabendo que estava a ser injusto, mas ao mesmo tempo incapaz de parar de a atacar.

— São uma má influência — dizia-lhe ela, e Caleb batia com a porta do quarto e escondia-se da verdade.

Agora, Caleb olha fixamente para o telefone. Duas portas abaixo, Rhys Lloyd está a cantar, e, mesmo que Caleb deteste música clássica, soa bem neste lugar, com o sol a brilhar na água. Tabby e Felicia estão a brincar com flamingos cor-de-rosa.

— Caleb! — grita uma delas. — Vens?

Ele ignora-as. Percorre os seus contactos, bloqueando sistematicamente um número de cada vez. Brett, Daz, Jamil. Com cada um deles, sente-se como se estivesse a perder pele.

— Oh, meu Deus, Tabs, acabaste de mostrar um mamilo, juro! — A voz de Felicia ecoa no ar imóvel. Caleb olha, afinal de contas ele tem quinze anos, mas não vê nada.

— Merda, achas que há aqui peixes? — pergunta Tabby. Recolhe os pés para dentro do flamingo. — Tipo, peixes de verdade?

Caleb encontra o olhar de Bobby Stafford. Ele está no deque vizinho, esticado numa espreguiçadeira e com uma cerveja na mão.

— Achas que as gémeas partilham a mesma célula cerebral? — pergunta Bobby. — Caleb ri-se e Bobby aponta a sua lata de cerveja para ele. — East London, certo?

— Dagenham.

— O que é que fazes para te entreteres por lá?

Caleb encolhe os ombros sem grande vontade de pensar em Brett e no seu bando.

— Praticas algum desporto?

— Um bocadinho de futebol.

— Já experimentaste boxe?

— Nem por isso.

Bobby aponta para a o teto da varanda do andar de cima.

— Estou a pôr lá um saco de pancada. Dou-te algumas dicas, se quiseres.

Caleb sente-se resplandecer.

— Sim, está bem. — Ele larga o telefone no deque. — Talvez vá ver como está a água.

Bobby guincha.

— E o resto, certo?

Caleb espreguiça-se. Salta para o próximo deque, desce até ao pontão e dá um salto de corrida, aterrando como uma bomba perfeita entre Felicia e Tabby. O lago está gelado e escuro, e Caleb abre os olhos e dá umas braçadas longas e fortes na água límpida. Irrompe pela luz do sol, rindo do escândalo estampado nos rostos das gémeas, e depois arrasta-se para fora.

Há um movimento, mais abaixo na costa, e Caleb vê a rapariga de cabelo ruivo escondida atrás de uma árvore. Anda por lá há alguns dias, a espiá-los, pensando que não consegue ser vista. Por falta de algo melhor para fazer, vai atrás dela, mas, ao contornar um dos lados dos alojamentos, uma mão agarra-lhe o ombro e fá-lo rodopiar, depois empurra-o grosseiramente contra o revestimento de madeira.

— Perverte novamente as minhas meninas e eu corto-te os tomates. — A mão de Rhys está fechada à volta da garganta de Caleb, pressionando-lhe a traqueia. Caleb consegue ouvir as gémeas a rirem-se no lago; a voz da mãe, a falar com a Sra. Huxley no número dois. O suor escorre-lhe pela espinha.

— Eu não estava... — Caleb tenta, mas o punho do Rhys aperta-lhe a garganta e ele não consegue falar.

— Elas não são para o teu bico.

— Eu... — Por baixo da humilhação e do medo, a raiva branca e quente cresce dentro de Caleb, percorrendo o seu caminho até à superfície.

— Percebeste? — pergunta Rhys.

O punho de Caleb fecha-se sozinho, mas não tem hipótese de agir.

Rhys levanta o joelho e a visão de Caleb escurece.

TRINTA E OITO

7 de janeiro | Leo

— Depois, ele acompanhou-me a casa.

Leo ligou o aquecimento do carro no máximo, e a cor está lentamente a regressar às maçãs do rosto de Ffion. Ela aninha-se sob o seu casaco e o de Leo, o vapor sobe-lhe do cabelo ainda húmido. Lá fora, a neve esvoaça, e os poucos flocos que já tinham assentado levantam-se de novo. O lago está cinzento, ondas violentas fustigam a margem, e Leo arrepia-se com a memória de Ffion na água.

— Lembro-me dele a dar-me um beijo de boa noite. Eu disse «obrigado» — diz ela, tristemente, os olhos fechados contra a memória. Do outro lado do lago, o The Shore parece rir-se deles, e Leo tenta concentrar-se na água, nas montanhas, nas árvores. A algumas centenas de metros ao longo da costa, dois rapazes estão a brincar com equipamento de pesca. Leo tenta imaginar Harris com essa idade.

— Tomei banho todos os dias durante semanas e semanas — diz Ffion. — Nunca me sentia limpa. Um dia, percebi que o meu corpo se sentia diferente. Sabia que estava grávida.

— Contaste logo aos teus pais?

— A minha mãe adivinhou. Nessa altura, já era tarde demais para fazer alguma coisa.

— O que é que eles fizeram?

— Eles gritaram. Muito. Exigiram saber com quem eu tinha dormido, mas eu recusei. A minha mãe fez uma lista de todos os rapazes daquele acampamento de verão. Foi ele? Ou foi ele? O meu pai ficou desapontado, isso foi o pior de tudo. Chamou-me gwyllt; disse que estava desiludido por descobrir que todos os

rumores sobre mim tinham sido verdadeiros. — Ffion solta um suspiro trémulo. — Ele já tinha sido diagnosticado com cancro terminal, sabíamos que lhe restava menos de um ano. Detesto tê-lo desiludido antes de morrer.

— Por isso ele nunca chegou a conhecer Seren. — Significa estrela, lembra-se Leo. Uma luz brilhante na escuridão. Ele olha para fora da janela e afasta-se. Os rapazes com a cana de pesca estão a causar um tumulto, um deles a correr para a casa dos barcos, o outro está de joelhos, dobrando-se sobre algo.

— Foi ideia da mãe fazê-la minha irmã. Eles queriam mais filhos depois de mim, mas a mãe teve seis abortos espontâneos, e depois deixaram de tentar. Ela disse que educariam Seren como se fosse deles. Não sei o que o meu pai realmente pensou sobre isso, pois ele e a minha mãe passaram muito tempo a discutir o assunto à porta fechada, mas concordou. Ele disse que isso me daria uma oportunidade de me endireitar. — Ffion engasga-se num soluço. — Para o deixar orgulhoso.

— E olha para ti. — Leo aperta-lhe a mão. — Uma detetive. Não achas que ele ficaria orgulhoso disso?

Ffion ri-se; uma risada desarrumada e soluçada, mas ainda assim uma gargalhada.

— Talvez, no fundo. Ele costumava dizer que a Polícia era um desperdício de dinheiro dos contribuintes. — Ela imita uma voz, como que a rosar, depois solta o mesmo sorriso triste. As lágrimas escorrem-lhe, e esfrega as bochechas com as mãos. — Atenção, haveria quem concordasse com ele se me vissem agora a chorar baba e ranho quando há por aí um homicídio por resolver. — Ffion respira fundo e profundamente e olha para Leo com determinação. — Assunto ao qual devemos provavelmente voltar.

— Não há pressa — diz Leo, mas agora há um carro-patrolha a chegar ao lago, em direção à casa dos barcos, Ffion também o vê e procura o seu rádio. Leo encontra-se com o carro da Polícia junto à margem, quando este para entre a casa dos barcos e o local onde os dois rapazes estavam a pescar.

— Detetive Brady. — Leo mostra o distintivo aos oficiais fardados. — Estou a trabalhar na investigação do homicídio de Rhys

Lloyd.

— Grande timing. — O oficial aponta com a cabeça para os dois rapazes, que estão de olhos arregalados e excitados. — Creio que estes jovens pescadores apanharam a sua arma do crime.

TRINTA E NOVE

Finais de agosto | Steffan

Steffan Edwards está no pub. Houve uma altura em que tal facto teria enviado sinais digitais de fumo pela aldeia, até que o marido de alguém fosse enviado para persuadir Steff a sair da zona de perigo e a regressar a casa; ou, no mínimo, para beber com ele e mantê-lo afastado do perigo.

Mas Steffan tem estado sóbrio há dois anos, nove meses e seis dias e, após os primeiros dezoito meses, período durante o qual nem podia confiar em si próprio para passar por Y Llew Coch, quando mais pôr os pés lá dentro, já tinha regressado ao seu local habitual no bar.

Tomou um gole do seu café, preto, com duas colheres açúcares, e olhou morosamente para a contabilidade da casa dos barcos. Ele até merece algum tipo de medalha, não merece?, por se manter sóbrio e com estes números. Não seria justo culpar um homem por tomar uma bebida quando o seu negócio estava a ir por água abaixo.

No entanto, ele não quer tomar uma bebida. Nem sequer está a pensar nisso. Alguns homens poderiam fazer isso: beber uma cerveja ou um shot de vodca, só para reduzir o problema, não pensar duas vezes. Não o Steffan. Steffan faria o segundo pedido antes de ter terminado o primeiro; apanhar uma grande cadela antes de se anunciarem os últimos pedidos. Steffan é tudo ou nada.

No final de cada semana, faz o levantamento das saídas e entradas e insere a quantia no seu livro de contabilidade, juntamente com o saldo corrente da época, em comparação com o do ano anterior. Todos os anos, ele trabalha um pouco mais; todos os anos, ele ganha um pouco menos de dinheiro. Pode arranjar

barcos durante todo o ano, mas oitenta por cento do seu rendimento vem das férias, quando as famílias encham os acampamentos e se dirigem para o lago todas as manhãs. Anos antes, quando o seu pai dirigia o negócio, era tudo barquinhos a pedais e cruzeiros de lazer; agora são caiaques e windsurf. Steff tem o equipamento certo, esse não é o problema. O problema é a China. Ou o Japão, ou onde quer que façam aqueles malditos insufláveis. Tempos houve em que se alugava um barco nas férias, porque, claro, não se podia comprar um; onde é que se iria colocá-lo? Agora, enfia-se um debaixo das escadas, ou no sótão, empacotado, todo dobradinho, numa mochila. O coração de Steffan afunda-se sempre que vê as carrinhas de campismo a balançar, derramando o seu conteúdo sobre a relva. Ele soma as taxas de aluguer: duas pranchas de remo, um caiaque, uma merda de barco amarelo para as crianças. Mais cem libras perdidas.

Por vezes, nem sequer os levam para casa. O plástico rebenta, ou estão atrasados e o barco não está seco. O que chegou dobrado num cubo minúsculo é agora demasiado grande para o saco. Custou apenas trinta libras no Aldi, logo comprem outro no próximo verão. Enfiam-nos em caixotes já cheios, ou deixam-nos na margem para Steffan os arrumar antes que o lago os leve.

Steff não é um desistente, porém. Sempre se moveu ao sabor dos tempos, sempre procurou oportunidades. Vira o pedaço de papel que usou para as estimativas, e esboça um barco no topo. Em baixo, faz uma lista de todos os serviços de aluguer — caiaques, pranchas de remo, jangadas — e bate com a ponta da caneta nos dentes, enquanto contempla o que pode acrescentar.

Huw Ellis traz o seu copo vazio para o bar e atira um aceno de cabeça a Steff.

— lawn? — O seu olhar volta-se automaticamente para baixo, controlando o que Steffan está a beber. É humilhante, mas Steff não se pode queixar; Huw já o levantou do chão mais do que uma vez.

— Sim, não é mau. — Steffan está a rabiscar no casco do barco que desenhou, a mente ainda na sua lista de alugueres, quando algo lhe ocorre subitamente: — De que cor é o verde que eles usam no The Shore?

— Não faço ideia. Tenho o nome algures.

Steff olha para ele.

— Queres que eu descubra agora?

— Tchim tchim.

Huw acena ligeiramente com a cabeça, mas tira o seu telemóvel.

— Está na minha fatura, que, já agora, ainda está pendente, por isso, se estás a pensar em fazer algum trabalho para eles, arranja o dinheiro adiantado. — Ele faz zoom do documento no ecrã. — Chama-se Hunter.

Steffan rabisca-o.

— E branco, sim?

Huw funga.

— Achas que o Lord e a Lady Lloyd iriam em busca de algo tão comum e corrente como o branco? A cor é Timid Mist, para que saibas.

— Safou-se bem, ele, não foi? — diz Steffan. — Estou a falar do Rhys. E, justiça lhe seja feita, ele trouxe o dinheiro de volta para casa. Há muitos que não o fariam.

— Vês os tipos nas lojas? — interrompe Huw. — Há lá uma carrinha da Ocado na maior parte dos dias, e o Ewan diz que só lhes vendeu um bocado de bacon desde que o lugar abriu. Maldito ingleses.

— Não o Rhys — ele é tão galês como tu ou...

— Achas que sim? — Huw ri-se. — Ele mal podia esperar para sair daqui.

Steffan fica calado. Rhys deve dinheiro a Huw e, onde há dinheiro, há problemas.

Aconchegado dentro da casa dos barcos está um barco a remos em madeira que Steffan construiu à mão e que planeava vender. Durante os cinco dias seguintes, ignora os empregos remunerados e, em vez disso, trabalha no barco, lixando, dando-lhe a subcapa e tornando-o impermeável, antes de lhe dar duas demãos de Hunter. Acaba o detalhe com Timid Mist, e letras de stencil na popa, replicando fielmente o logotipo que viu online. É a vida no The Shore! As letras mais pequenas dizem Tabby e Felicia. Um nome

em cada remo. Finalmente, Steffan aplica uma camada de verniz, e o casco brilha.

Há alguns dias que quase não há vento. Os únicos marinheiros no lago são os suficientemente habilidosos para ler as ondulações; pacientes o bastante para esperar pelas bolsas de brisa que os levarão mais cem metros. Steffan liga o motor do seu barco rígido insuflável e dirige-se para o The Shore, com o barco recém-pintado a reboque. Tem um punhado de pranchas de remo alugadas, pontilhadas à volta do lago, e mais longe, na direção da montanha, vê Angharad, a pescar dentro do seu Lugger de vela vermelha. Antes, Bobby Stafford, que, diga-se de passagem, nunca regateou o preço de um aluguer, tinha levado o jet-ski de Steff para a enseada do lago. Steffan avista-o a partir da casa dos barcos: ao meio-dia todos os dias, regular como um relógio.

Os adolescentes estão na água em frente ao The Shore, e Steffan puxa o acelerador para trás para atrasar o barco. Vê a filha mais nova de Elen, Seren, e as gémeas de Rhys em flamingos cor-de-rosa.

O próprio Rhys está no deque do número quatro, a falar com duas mulheres, uma gorda, de cabelo maluco; a outra de cabelo grisalho e encostada a uma bengala. Rhys olha para cima quando Steffan se aproxima e começa a caminhar em direção à sua própria casa. A poucos metros do pontão, Steff desliga completamente o motor, a velocidade e direção perfeitamente calculadas. Conduz barcos desde os oito ou nove anos, pelo que podia fazê-lo de olhos vendados.

Steffan atira a amarra para Rhys, saltando assim que o barco insuflável está suficientemente perto.

— Acabei agora de arranjar este barco a remos. Pergunto-me se as tuas meninas gostariam de ficar com ele. — Ele está tão nervoso que vai direito ao assunto, e apetece-lhe bater em si próprio. Rhys parece ter sido emboscado. Steff deveria ter pensado em alguma conversa de circunstância, talvez perguntado primeiro pela família. Mas o barco a remos tem tão bom aspeto, o seu verde e branco a brilharem ao sol. Parece pertencer ali.

Um das gémeas aproxima o flamingo para inspecionar o barco. Steffan quer que ela encontre o seu nome no remo, mas ela está a olhar para o Rhys, com as mãos juntas à sua frente.

— Oh, por favor, papá!

— Um barco seria maravilhoso — diz a esposa de Rhys. — Já vi algumas almofadas que ficarão simplesmente maravilhosas nele.

— Quanto queres por ele? — diz Rhys.

— Nada. É teu.

— Justiça te seja feita, Steff, isso é muito generoso da tua parte.

Steffan respira fundo, depois entrega ao Rhys o seu folheto maquete. Pegou nele em todos os momentos em que não estava a terminar o barco; a calcular os preços, e a encontrar orçamentos para a impressão.

— Os definitivos serão brilhantes, claro, com melhores fotografias. — Ele explica o seu plano para uma parceria entre a casa dos barcos e o The Shore, e Rhys estuda o panfleto enquanto ouve.

— Estou a ver. Ótimo! Obrigado pelo barco.

O Steffan está inundado de alívio. O Rhys gosta dos seus planos. Agora, o Steff pode encomendar os barcos que reservou e comprar mais tinta. Ele também vai precisar de mais pranchas de remo, e coletes de salvamento. Talvez verdes, com o logótipo do The Shore. Sem problema.

— Ótimo trabalho — diz Rhys, e Steffan está tão entusiasmado, aliviado e excitado que se agarra a Rhys no tipo de abraço normalmente reservado para depois de jogos de rãguebi e interpretações embriagadas do hino Land of my Fathers. À medida que atravessa o lago a grande velocidade para a casa do barco, pronto para este novo capítulo do seu negócio, sente um zumbido que nunca recebeu da bebida. Há pessoas em Cwm Coed que não dão qualquer crédito a Rhys desde que ele construiu o The Shore, mas Steffan não vai ouvir uma só palavra má contra o homem.

Rhys Lloyd vai salvar o negócio de Steff.

QUARENTA

7 de janeiro | Ffion

Osian Wynne tem treze anos e está perigosamente entusiasmado. Quando Ffion e Leo chegam ao cais, ele e o seu amigo estão a vários metros de distância do troféu de Rhys Lloyd, como se tivessem desenterrado uma bomba por explodir.

— Eu disse que seria uma cena de crime. — A sua mãe, Donna, chegou segundos após o carro-patrolha. — Não disse que seria uma cena de crime? — Ela olha para a multidão de cerca de vinte pessoas locais, convocadas pelo poder do Facebook.

— Ela disse — confirma Osian. — Vais colocar um bocado dessa fita azul e branca, Ffion?

— Precisas de giz? — pergunta alguém.

Meu Deus. Ffion culpa os subsídios dos programas do governo de expansão do desenvolvimento rural pelo amor relativamente recente de Cwm Coed pelos dramas escandinavos. Detetives de poltrona, a maioria deles. Ela vira-se para os mirones.

— Alguém tem um saco de transporte?

— Haverá uma recompensa? — pergunta Osian. — Estou a poupar para uma cana de pesca nova.

— A tua recompensa é a grande satisfação que advém de ajudares uma investigação de homicídio — diz Ffion, pegando no troféu, que pesa mais do que ela esperava. Fios de erva agarram-se aos espigões de ouro.

— Fixe — diz Osian, que não parece muito impressionado.

— Isto pode ser a chave de todo o caso, parceiro — diz Leo, tirando uma nota de dez do seu bolso e entregando-a a Osian, com um piscadela de olho. — Bom trabalho.

— És tremendamente simpático — diz Ffion, ao voltarem para o carro, a multidão atrás deles dispersa-se, desapontada com a falta de espetáculo.

— Penso sempre que a simpatia é subestimada — diz Leo, docemente.

Não é certamente algo que vão encontrar ao chegarem a Chester, onde Crouch revira drasticamente os olhos para o saco de provas que Leo traz para o seu escritório.

— O que é que tens aí? Mais uma caça aos gambozinhos?

Leo coloca-o na secretária do inspetor.

— A arma do crime. Recuperada do lago Mirror hoje cedo.

Ffion observa um conflito de emoções atravessar o rosto de Crouch. Isto era um efetivamente um grande resultado, talvez o tipo fosse agora capaz de dizer bom trabalho?

— Já não era sem tempo que faziam algo capaz de justificar o vosso sustento. — Crouch solta uma gargalhada. Ele faz isso, Ffion reparou: dilui os comentários ofensivos com sorrisos e gargalhadas, como se todos pactuassem com a brincadeira.

— Vamos agora levá-la para o laboratório — diz Leo. — Se fizer o favor de o autorizar, é claro.

— Claro que a água terá destruído qualquer prova útil — diz Crouch, como se a culpa fosse de Leo.

— Bem, na verdade — diz Ffion em voz alta —, impressões latentes têm sido recuperadas de artigos submersos durante várias semanas em água estagnada. Foram efetuados estudos sobre armas de fogo atiradas para lagos de água doce e os resultados mostraram muita pouca degradação. — Ela olha bem nos olhos de Crouch. — Então, até podemos ter sorte.

O inspetor inclina-se de volta para a cadeira.

— Estou a chegar à conclusão de que anda a ser desperdiçada no Norte do País de Gales, detetive Morgan.

— Só nos meus dias de folga, senhor — diz Ffion. — Eles são muito rigorosos com as regras no meu local.

— Ah! — Crouch volta-se para o computador e bate, com um só dedo, nas teclas. Ffion e Leo esperam. — Eles estarão à vossa

espera no laboratório. — Crouch olha para cima, como se estivesse surpreendido por ainda os ver ali. — Bem, então vão-se embora!

— Obrigado, chefe — diz Leo.

— Vê lá se segues o exemplo dela — Crouch gesticula em direção a Ffion, já meio fora do escritório. — Falta-te algum tomate, ou quê?

— Não, senhor.

— Então mostra um pouco de coragem, por amor de Deus.

Ffion vira-se. Se Leo não lhe responder, então ela vai...

Mas sente as mãos de Leo nas costas dos seus braços, empurrando-a suave, mas firmemente, para fora do escritório de Crouch.

— Ele precisa que lhe digam umas boas — diz ela, quando vão a caminho do laboratório forense.

— É a sua maneira de ser. É um dinossauro.

— Ele só se safa porque não lhe dá resposta.

— Não me incomoda.

Ffion dá uma explosão de gargalhadas.

— Pois, claro.

— Mesmo que me incomode, isso é comigo, não é? Não tem nada que ver contigo, ou com qualquer outra pessoa.

A raiva cresce dentro de Ffion.

— Errado. — Ela cala-se de imediato, forçando o Leo a fazer o mesmo. — Homens como ele não param até serem travados. Mesmo que não te incomode, e isso, já agora, é a maior treta que ouvi desde que Yasmin Lloyd afirmou estar devastada, o que acontece com a próxima pessoa que ele escolher para chatear? Uma empregada de mesa, um motorista de autocarro, um agente que se sinta incomodado por isso. — Os olhos dela faíscam. — Não percebes? Não se trata de como tu te sentes. De cada vez que Crouch permanece sem que o contestem, estás a desiludir algum outro idiota.

Ffion abre a porta do laboratório, deixando-a fechar-se na cara atordoada de Leo. O coração dela bate acelerado, e não precisa de um psicólogo para lhe dizer o que está a projetar. Ainda assim, não

deixa de ficar surpreendida ao descobrir que há algo em que tanto ela como Crouch estão completamente de acordo.

Leo Brady precisa de arranjar um par de tomates.

QUARENTA E UM

outubro | Mia

As costas de Mia estão a matá-la. Limpa a casa de Glynis Lloyd uma vez a cada quinze dias e nem quer pensar nisso: o aspirador de pó da mulher pesa um raio de uma tonelada. O apartamento por cima da loja tem dois lanços de escadas e Mia arrastou o aspirador para o andar superior, para terminar por ali a limpeza.

— Quer que eu mova estas caixas, ou que trabalhe à volta delas? — grita Mia. Glynis nunca está muito longe. Mia nunca tem bem a certeza se a mulher mais velha gosta de a controlar, ou se só quer companhia. Obviamente, Glynis aparece no quarto de hóspedes em poucos segundos.

— Está um bocado confuso, eu sei. Faz o que pudeses.

— Anda a mandar coisas fora, em arrumações? — Mia vê os ficheiros, que cobrem a cama e a maior parte do chão.

— Estava a tentar encontrar alguma papelada de Jac, mas, como pode ver, é como procurar uma agulha num palheiro.

Entre os ficheiros estão molhos de chaves, pilhas de extratos bancários, cartas e artigos arrancados de revistas. Mia pega num recorte de jornal, amarelado pelo tempo. Um adolescente Rhys sorri estranhamente para a máquina fotográfica, segurando um troféu.

Rhys Lloyd, enillwryr Urdd Eisteddfod.

— Isso é de quando ganhou o melhor solo. Há outro, algures, com uma fotografia dele com Lesley Garrett. — Glynis senta-se na cama, a folhear uma pilha de jornais. — Nem sei porque guardei este monte. Suponho que deve haver uma menção ao Rhys algures, e eu nunca cheguei a fazer o recorte.

Os jornais são todos regionais, uma mistura de galês e inglês. Um deles foi dobrado, e Mia vê o nome da escola local na

manchete. Puxa-o para fora e sorri perante as caras familiares.

— Este é o Hari Roberts? — Aponta para um rapaz na primeira fila. — E está aqui a Ffion, e penso que esta é a Mari Alys Pugh, de Fronbach. — As crianças estão na sala de música da escola secundária, a fotografia tirada no final de uma escola de verão dirigida pelo convidado especial e antigo aluno Rhys Lloyd.

Glynis coloca os óculos e tira o artigo.

— Nunca gostei dessa fotografia dele. Ele engordou muito no final dos seus vinte e poucos anos. Eram aquelas tours todas, sabe. A comer fora todas as noites. — Ela está de pé. — Não estás nessa fotografia? Estiveste no acampamento, não estiveste?

— Eu estava na casa de banho quando o fotógrafo chegou — sorriu Mia. — A minha mãe deu-me uma grande bronca por causa disso.

Glynis inclina-se, arrastando uma outra caixa de debaixo da cama.

— Há um pacote inteiro de fotografias algures.

— Oh, Glynis, não se preocupe por minha causa.

— Vem cá o jovem Caleb amanhã para colocar algumas prateleiras. Ele vai voltar a pôr-me tudo no lugar. — Ela abre os livros e começa a procurar no conteúdo.

— O Caleb do The Shore? — Mia está surpreendida. Não lhe passava pela cabeça ser possível misturar alguém do The Shore com os de Cwm Coed. À exceção dos presentes, pensa ela, com um sorriso privado.

— Ele é um rapaz encantador. Fez recentemente alguns biscates para mim; por um dinheirinho, sabe. Aqui estás tu. — Glynis entrega-lhe uma pilha de fotografias.

— Meu Deus, porque é que nunca as vi? — Mia ri-se a bandeiras despregadas. — Olhe para o meu cabelo! — Folheia as fotografias, recordando claramente como água a liberdade de ter dezasseis anos, de não ter nada com que se preocupar a não ser com o seu aspeto e com quem ia sair nesse dia.

— Leva algumas — diz Glynis. — Só vão servir para voltar para a caixa.

— Tem a certeza? — Mia arranca três ou quatro, ainda a rir-se. Está vai limpar a casa de Elen hoje, mais tarde, e vai ter de mostrar isto a Ffion. — Aquela maquilhagem! Pensávamos que estávamos tão fixes. — Olha à volta da sala. — Agora, posso ajudá-la a encontrar o ficheiro que procura?

— Obrigada, mas vou ligar o rádio mais logo e procurar. Deve estar algures por aqui. Se puderes aspirar as migalhas que consegues ver, agradeço.

Mais tarde, depois de ter terminado na casa da Elen, o telefone dela toca. Sorri para o ecrã.

— Olá, és tu.

— Estás bem, linda? — A voz de Bobby é baixa e suave, e faz vibrar o estômago de Mia.

— Por onde andas?

— Estou nas gravações. Acabei de me reunir com o meu querido filho, mas tenho mais duas cenas antes de descobrir que ele precisa de um transplante renal e eu sou o único compatível. E tu?

— O mesmo. — Ela ouve-o rir-se e tem tantas saudades dele que lhe apetece chorar.

Mia nunca acreditara no amor à primeira vista até ter conhecido Bobby. É algo de que eles falam muito, porque Bobby também não acreditava nisso, no entanto, quando recordam aquele primeiro encontro, foi como se o mundo parasse.

— Nada mais importa — diz sempre Bobby.

— Como uma bomba quase a explodir, num filme — acrescenta Mia. — Todos a fugirem para todo o lado a gritar, mas tu em câmara lenta, e tudo o que consegues ouvir é o teu próprio batimento cardíaco.

Ela tinha ficado curiosa por conhecer os Stafford. Os primeiros hóspedes famosos do The Shore, sem contar com Rhys Lloyd, e, apesar de Mia nunca ter visto Carlton Sands, a telenovela é famosa pelas suas histórias controversas, pelo que Bobby Stafford está frequentemente nas revistas de fofocas. A sua nova esposa, Ashleigh, nunca deixa de estar presente nelas. Passando de reality

show em reality show, se não está a promover os seus novos looks, está a ser fotografada em discotecas, sempre com alguém ligeiramente mais famoso do que ela.

Mia tinha dado autorização a Rhys para que o seu número fosse transmitido aos proprietários do resort, caso algum quisesse contratá-la diretamente, mas tinha ficado surpreendida quando Bobby lhe ligou pessoalmente. Assumira que pessoas como os Stafford tivessem pessoal para esse tipo de coisas. Bobby tinha-se rido quando ela lho disse.

— Só os pacóvios é que têm pessoas para contratar a empregada de limpeza. — Ele estava a pensar ir até lá para dar uma vista de olhos à casa, e perguntava-se se Mia lhe faria uma pequena visita guiada. — Não conheço mais ninguém na zona.

— Não me conhece.

— Vou ficar a conhecer, assim que me tiver mostrado o local — disse Bobby, com um sorriso que Mia podia ouvir no fundo da chamada telefónica. A lata dele...Ele aparecera uma semana depois e, no instante em que saiu do carro, ela sentiu-se como se algo tivesse explodido.

— Fogo de artifício — admitira ela, mais tarde.

— Como se tivesse enfiado uma faca na torradeira — dissera Bobby.

Mia tinha-o levado para um passeio pela montanha Pen y Ddraig.

— A minha avó era galesa — disse Bobby. — Sempre adorei este lugar. — Eles estavam no cume, Llyn Drych serpenteava ao longo do vale, por baixo deles. — É como voltar a casa — suspirou, mas sem olhar para o lago, antes para Mia, para as maçãs do rosto coradas e para os seus olhos a brilhar.

Ele telefonara nessa noite, a caminho de casa. Mia mal conseguia ouvi-lo por causa do som do McLaren.

— Isto vai soar como uma loucura... — disse ele.

Era tudo uma loucura. Desde a forma como tinha começado, e da forma como estava agora, até à forma como iria ser, assim que eles fossem capazes de ficar juntos.

— Não falta muito — diz agora Bobby. Mia confia nele, e pode esperar, uma vez que se sente, afinal, como se já tivesse esperado uma vida inteira por ele. Mas ele está muito distante, neste momento.

— Quem me dera que viesses na próxima semana.

— Eu também. Mas só tenho uma pausa nas filmagens daqui a algumas semanas. Vamos a qualquer lado, sim? Só tu e eu. — Faz-se uma pausa, depois Bobby aclara a voz: — Olha, detesto ter de pedir, mas...

— Ashleigh quer que limpe a casa?

— É demasiado estranho, não é? Eu digo-lhe que não podes.

— E ela depois paga a outra pessoa para o fazer? Dessa forma, não só tenho de passar a próxima semana sozinha, como também não posso pagar a renda...

Mia está a provocá-lo, mas Bobby interrompe, horrorizado:

— Não consegues pagar a renda? Porque não disseste, querida? Eu mando-te o dinheiro.

— É que nem penses. Não quero o teu dinheiro. Claro que vou limpar a casa.

— Podes ir buscar a chave ao Rhys ou ao Jonty? Vão chegar na próxima semana, certo?

— Posso, mas na próxima semana estou completamente lotada. É a altura da transição do meio do verão, e tenho uma loucura de trabalho para fazer. No entanto, tenho algumas horas amanhã, hei de arranjar alguma coisa, não te preocupes.

— Obrigado, querida. Eu amo-te, sabes.

— Eu sei.

Huw Ellis está com umas calças de pijama e uns chinelos em forma de cabeça de Shrek. Abre a porta com um pedaço de queijo em cima de uma tosta numa das mãos, migalhas coladas à T-shirt. No chão do corredor, as roupas de trabalho estão numa pilha à volta das botas.

— Será que a Ffion sabe o que está a perder? — diz Mia, observando a cena.

— Ela veio buscar mais algumas coisas dela hoje — responde, ignorando a indireta. — Esperou até eu estar no trabalho, é claro. — Dá uma dentada na tosta, falando através de uma boca cheia de queijo. — Vais falar com ela outra vez?

— Sim, porque correu bem, não correu?

Algumas semanas após a separação de Ffion e Huw, Mia, contrariamente ao seu instinto, tinha tentado reconciliar o casal. O resultado foi a amiga recusar-se a falar com Mia, a menos que lhe promettesse nunca mais trazer à baila o tema da vida amorosa.

— Vim para buscar as chaves de The Shore — diz ela, antes que Huw volte a perguntar-lhe: — Tenho de limpar o número três.

Huw olha-a com desconfiança.

— Como sabes que tenho um conjunto de chaves?

— Há rumores de que te recusas a devolvê-las até seres pago.

— Mia inclina-se contra a porta do alpendre. — Vá lá, Huw, preciso de meter os meus joanetes em água salgada.

— Não precisava dessa imagem na minha cabeça. — Deixa a porta da frente aberta e caminha através do corredor até à cozinha. Mia segue-o, olhando em redor enquanto Huw vasculha numa gaveta. Pratos sujos empilhados no lava-loiça, e a bancada da cozinha manchada com os vestígios do que poderia ser molho à bolonhesa.

— Tens de arranjar uma empregada de limpeza.

— Estás a oferecer-te? — Ele abre outra gaveta.

— Não.

— Algumas mulheres considerariam uma honra apanhar as minhas calças do chão da casa de banho.

— Acho improvável. Raios te partam, Huw, quantas chaves tens?

— Eu sou um construtor. Os edifícios têm chaves. — Ele coça a orelha. — Juro que estavam aqui da última vez que as vi.

Os pés de Mia estão a matá-la. Caminha em direção à porta da frente.

— Vou ter de esperar até que o Rhys chegue, e encaixar na próxima semana. Mas honestamente, Huw, arruma este lugar. É um poço de merda.

Mais tarde, com um copo de vinho na mão e os pés numa tigela de água quente, ela reajusta a agenda da próxima semana, depois manda uma mensagem a Rhys e combina com ele para que deixe o número três acessível. Num ataque de puro masoquismo, encontra um episódio antigo da Carlton Sands e avança rapidamente para as cenas de Bobby. O seu encontro diário na enseada durante o verão parece ter sido há séculos, e sofre de saudades.

Está a chover a cântaros quando Mia chega ao The Shore. Ela trabalhou todo o fim de semana, preparando as férias para os visitantes do final do verão, uns Airbnbs de uma única noite por semana transformaram-se em trabalho durante todas as noites dessa semana. Ela envia a Bobby uma foto do quarto dele.

Quem me dera que estivesses aqui.

Idem. Ele envia uma foto: areias brancas deslumbrantes e mar turquesa.

Ela envia uma das piaçabas da casa de banho e recebe uma série de emojis de riso, seguidos por dezenas de corações. Amo-te, minha Mia.

Lá em baixo, Mia abre as portas de correr para deixar entrar algum ar, e põe música enquanto trabalha. Sobe o volume, cantando enquanto empurra o aspirador para debaixo da mesa. Bobby esteve bem ao prometer passarem um tempo fora juntos, reservando uma suíte e antecipando estragá-la com mimos.

Sente um movimento e levanta a cabeça, soltando um grito ao aperceber-se do que é o reflexo nas portas de vidro. Ela roda, com uma mão no peito, enquanto controla a respiração.

— O que estás aqui a fazer?

Rhys caminha na sua direção, com um olhar lascivo no rosto.

— Esperava que pudesses fazer um servicinho às minhas necessidades.

Mia volta-se para o lado. Já encontrou este tipo de coisas antes. Clientes, ou maridos de clientes, com comentários sugestivos enquanto ela lhes aspira os escritórios. Uma vez, apareceu na casa de um novo cliente, encontrando-o de roupão, o cinto,

«acidentalmente», caiu assim que a porta se fechou. Ela tem uma regra que só permite uma falta até à desqualificação, sem mais oportunidades, o que é fácil de cumprir quando se trabalha por conta própria e em causa está apenas um cliente. Mas Rhys é dono de The Shore. Se ela o mandar à merda, ele não volta a contratá-la, e, quando o resto dos alojamentos forem construídos, isso é muito dinheiro.

— É suposto eu estar a limpar — diz ela. Afasta-se, com os olhos postos no aspirador. — A Ashleigh tem uma pancada com as traças. — Se ela o ignorar, ele vai-se embora. Ele está apenas a lançar a escada, a ver se cola, é apenas isso.

Mas, agora, está atrás dela, e ela consegue sentir o calor no pescoço, está tão assustada que não consegue mexer-se. Ele percorre a mão pelos braços dela.

— Não... — Começa a tremer de medo, e morde o lábio para impedir que os seus dentes batam descontroladamente.

— Está tudo bem, a costa está livre.

Mia deixa sair um gemido de terror. Tenta dizer a si própria que ele não vai fazer nada, não aqui à sua porta, com a família duas portas abaixo, mas agora ele tem uma mão no peito dela, ela tenta mover-se, mas ele pressiona-a contra ele e a dureza das suas calças torna-se uma ameaça. Ele toca-lhe nos lábios e ela vira-lhe a cara, mas ele força os dedos na boca dela.

— Por favor. Quero que pares. — O apelo é lamentavelmente pequeno, sufocado pelos seus dedos. Ela está a chorar, agora, tão assustada e a sentir-se tão estúpida por ter deixado isto acontecer. A sua cabeça diz-lhe para usar os cotovelos, para esmagar a cabeça contra a dele, para se torcer, para gritar...

Mas o seu corpo não vai obedecer. Não vai fazer nada. Fica congelada, deixando as mãos deste homem controlá-la, cobri-la, tomar o que quiserem. Mia sente-se como se estivesse a olhar desde cima, a gritar para si própria para acordar, para fazer alguma coisa, para fazer qualquer coisa, mas...

Há um abalo súbito. Espaço, ar puro. As mãos dele deixam-lhe o corpo, e ela sente-se como se estivesse a quebrar as ondas, puxada para a superfície num episódio de quase afogamento. Ela

não sabe por que razão ele parou, mas não o questiona, pois só quer que ele se vá, e que o zumbido nos seus ouvidos diminua.

— Eu devia... — Mia agarra no aspirador, tentando impedir os seus membros de tremer. Ela ouve-o afastar-se, dizendo-lhe algo por entre o seu fôlego, e depois a porta da frente bate, e o alívio inunda-a em lágrimas quentes e sonoras.

— Minha querida, está tudo bem? — Dee está no deque, a abrir as portas e a levantar Mia do chão com um abraço tão apertado e seguro que faz Mia chorar ainda mais.

— O Rhys...

— Eu vi. — A voz de Dee é reconfortante. — Ele pensou que podia ter o que queria. Mas agora está a salvo. Está tudo bem.

— Cabrão — diz Mia. Aos poucos, começa a sentir-se de novo normal, o medo transforma-se em raiva. O Bobby ficará furioso quando souber.

— Sem dúvida que o é — diz Dee. Acaricia o cabelo da Mia, como se ela fosse uma criança. — E ele vai ter o que merece, não tema.

Mia espera que ela tenha razão. Não se pode permitir que Rhys se safes, e, se ele lhe fez isto, quem sabe com quem mais o experimentou?

— Oh, sim — diz Dee, com um tom extremamente duro para a sua voz. — Homens assim acabam sempre por ter o que merecem.

QUARENTA E DOIS

8 de janeiro | Leo

Enquanto Leo caminha pelo corredor em direção à sala de inquérito, o estômago contrai-se-lhe. Trabalhar com Ffion e passar tanto tempo no The Shore e arredores deu a Leo a desculpa perfeita para faltar às reuniões, e só agora que ele está de volta ao escritório se dá conta do quanto teme encontrar o inspetor.

— Chegaste mais cedo. — Crouch olha para o relógio. — Fizeste merda, foi?

Leo senta-se. Consegue sentir os olhos de Ffion nele, mas, realmente, que pode Leo fazer acerca disto? Chefe, não gosto da forma como fala comigo. Leo seria ridicularizado. Não se ouve mais ninguém a queixar-se. É apenas a maneira de ser do Crouch. Grosseiro, desagradável. Não é nada pessoal.

— Sabes — diz Crouch ao detetive mais próximo dele —, ouvi dizer que Liverpool é o único sítio onde se pode ser chamado pedófilo por foder com a mãe de alguém.

Só que, de facto, é pessoal, não é?

Será que ele é assim com todos?, tinha perguntado Ffion quando conheceu Crouch, e Leo foi forçado a admitir a verdade. Ninguém mais no escritório sente o peso do humor especial de Crouch. Mesmo que as ofensas sejam infantis, o tipo de piadinhas que Leo ouviu vezes sem conta enquanto estava a crescer, Crouch só as faz a Leo. É pessoal.

— Como se chama a um tipo de Liverpool de fato? — pergunta o inspetor, a ninguém em particular. Leo ouve as palavras de Ffion na sua cabeça. E quanto à próxima pessoa que ele escolher? Pensa em tudo o que ela já passou. Ontem, ela parecia devastada, no entanto, aqui está ela. Ainda de pé.

— O réu — diz Leo, antes que Crouch possa dar o remate final da piada. O inspetor pestaneja, e depois abre a boca para contar mais uma piada. — Não creio que tenha contado aquela sobre o tipo de Liverpool que rejeita um bico, não vá isso impedi-lo de continuar a receber os benefícios sociais. Ou há aquela sobre segurar um fato de treino dos anos 80 ao ouvido, para ouvir o sotaque de Liverpool.

Leo fita Crouch.

— Se calhar podemos contar já todas essas piadas de uma vez e passar à frente, não, chefe?

Cai um silêncio intenso na sala, enquanto os dois homens se olham. O rosto do inspetor fica avermelhado, as suas papadas balançam enquanto mexe a boca para formular uma resposta.

— Qual é o problema, Brady? — diz, finalmente. — Todos os outros acham graça. O que se passa contigo? Não sabes aceitar uma piada?

O olhar de Leo não vacila.

— Não sei, chefe. Experimente contar uma que não seja ofensiva ou discriminatória; pode ser que eu me ria.

Algures na sala, alguém move uma cadeira, a perna raspa contra o chão. Crouch pigarreja. Leo é sufocado pelo silêncio, pelos olhos de mais de uma dúzia de agentes, nem um deles suficientemente preocupado com aquilo ao ponto de levantar uma mão e...

— Não acho graça, senhor. — O detetive Clements fala baixo, mas claramente, o seu olhar inabalável dirige-se primeiro para Leo, depois para Crouch.

— Eu também não — diz um detetive ao pé da janela.

— Nem eu. — Outro.

— Ou eu. — Ffion. E, de todas as vozes, Leo apercebe-se que era a dela a que mais queria ouvir.

Crouch olha à volta da sala.

— Cambada de flores de estufa, todos vocês — resmunga, mas tem um mancha vermelha intensa no pescoço. — Quem tem a atualização do Número 36?

— A polícia Metropolitana ainda está a investigar a agressão. — Assim que o detetive Clements começa a falar, a pulsação de Leo começa a abrandar. Por toda a sala, recebe acenos de cabeça de

apoio, revirares de olhos apontados para o inspetor. O que quer que Crouch faça a seguir, Leo já não estará por sua conta.

— Os associados da vítima têm sido ilibados, mas ainda estão a trabalhar no rastreio do dono do clube. As contas são todas offshore; os diretores, bem escondidos.

— E entretanto — diz Crouch — os detetives Brady e Morgan têm uma nova teoria. — Ele olha para Leo, e é tão óbvio que lhe quer fazer mais uma incursão, para o lembrar das horas gastas a entrevistar Yasmin, e a perseguir becos sem saída. Mas tudo o que ele diz é: — E este parece ter fundamento.

— Penso que sim, senhor. — Leo tosse, consciente de ser, mais uma vez, o centro das atenções. — Tivemos um bom resultado com o troféu encontrado no lago. A mancha brilhante recuperada das lesões faciais de Lloyd é compatível, por isso estamos confiantes de que esta foi a arma utilizada no ataque.

— O prémio está na água há uma semana — diz Ffion —, mas a Polícia Científica conseguiu recuperar vários conjuntos de impressões digitais. As duas impressões digitais dos Lloyd estão lá, como seria de esperar, mas também encontraram uma parte pertencente à mulher dos correios, Ceri Jones.

— Ela tinha um rancor de longa data contra Rhys Lloyd — diz Leo, quando Ffion não desenvolve. Ele olha para ela, mas a sua cara não expressa nada. — Ela anda na sua ronda postal até ao meio-dia. Estaremos à espera dela quando a terminar.

— Não foi ela — diz Ffion, quando estão a caminho da Cwm Coed. Outros membros da equipa ficaram com a tarefa de estabelecer uma linha temporal para Ceri Jones na noite da festa, reunindo as informações que têm dos depoimentos das testemunhas e das fotografias.

— As impressões digitais dela estão na arma.

— Mas não é tecnicamente a arma do crime, pois não? Izzy Weaver disse que os ferimentos eram superficiais. A agressão provocou um ataque cardíaco, é isso o que ela acha.

Leo olha para Ffion. Ela está com o seu enorme casaco fechado e, com o cabelo enfiado debaixo de um gorro com pompom, só tem

o rosto visível.

— Então, o que estás a dizer? Ceri Jones não bateu no Lloyd com o troféu? Ou que lhe bateu, mas não o matou?

— Estou a dizer que há uma explicação inocente. Eu conheço Ceri. Ela não é uma pessoa violenta.

— Ela foi tão maltratada por Rhys Lloyd que saiu da escola um ano antes do previsto, e nunca fez o curso de arte com que sonhava. As suas impressões digitais estão numa arma que se sabe ter sido instrumental na sua morte.

— Não foi ela.

— O que te faz ter tanta certeza?— Leo espera, mas ela não responde. — Ffion, estares no caso já é uma péssima ideia. Se prender a Ceri for para ti um conflito de interesses demasiado grande, então é melhor...

— Vou ficar no caso.

Leo olha para ela. Há quatro dias, tinha-lhe sido dito que ela poderia voltar à sua equipa.

— Aparentemente, ela implorou ao inspetor dela para a deixar ficar — dissera Crouch a Leo. — Eu achava que era porque tu estavas a tentar engatá-la, mas acontece que ela não é ceguinha.

Teria Ffion ficado no caso para que pudesse interferir com as provas? Leo puxa o cinto de segurança, de repente demasiado apertado no peito. É por isso que é tão insistente com querer ficar no caso agora?

Eles estão à espera de Ceri quando ela encosta à porta de casa. Apesar do frio, veste calções por baixo da farda em tecido polar. Olha para Ffion e Leo com resignação.

— Por favor, digam-me que não precisam de outro depoimento. Tive um dia de cão. Pensarem que eu era pessoalmente responsável por perder presentes de Natal, a forma como as pessoas agem. Como se a culpa fosse minha...

— Ceri — interrompe Ffion —, precisamos de falar contigo sobre outra coisa.

Leo espera que Ffion faça a detenção; afinal é a sua área, a sua comunidade. Mas, quando a hesitação começa a dar sinais de

relutância, ele dá um passo em frente.

— Ceri Jones, está presa por suspeita de homicídio. Tem o direito de permanecer calada, mas poderá prejudicar a sua defesa o facto de não mencionar, quando questionada, algo que mais tarde possa usar como sua defesa em tribunal. Tudo o que diga pode ser dado como prova.

— O quê? — Ceri explode em gargalhadas. — Isto é alguma brincadeira? — Olha para Ffion. — Ffi?

— Não é uma brincadeira, Ceri — diz Ffion, resumidamente.

Viajam para a custódia em silêncio, Ceri branca e abalada no banco de trás. Uma boa atriz? pensa Leo. Ou simplesmente chocada por ter sido apanhada? Ffion olha para fora, pela janela, todo o corpo a irradiar vibrações de fúria. Há tantas mulheres diferentes ali, pensa Leo. Ffion cáustica e espinhosa, que o faz rir-se com as suas gargalhadas e a sua genica. A Ffion aberta e sincera de ontem, com tanta dor que fez doer o coração de Leo. A Ffion de hoje, que se fecha, a Ffion-não-falem-comigo. E, claro, a Ffion que ele tinha conhecido na véspera de Ano Novo. A mulher que o levou sem pensar, a que o fez não se preocupar que mulher seria aquela que o observava, que o tinha beijado como se fossem as duas últimas pessoas no mundo, e se enrolara no seu braço estendido quando finalmente adormeceram.

Leo gosta de todas.

Ele olha para a estrada à sua frente, a neve torna-se mais leve à medida que deixam o País de Gales. Talvez quando não estiverem a trabalhar juntos. Talvez possam tomar uma bebida, ou algo assim.

Talvez.

Porque Ffion tem um motivo mais forte para matar Rhys Lloyd do que qualquer outra pessoa em Cwm Coed e, por mais que Leo queira passar tempo com ela, o detetive que há nele não pode descartar a possibilidade de ela ter estado envolvida. Ffion estava num bar com Leo na altura da morte de Rhys, mas tinha estado com o Lloyd apenas algumas horas antes. Teria ela posto em marcha algo que tivesse resultado na sua morte?

Se o tivesse feito, isso faria de Leo o seu álibi.

Detida, Ceri escuta os seus direitos legais em silêncio, o único sinal de stress são duas linhas verticais no centro do rosto. Depois, pede um advogado. Já é tarde quando finalmente chegam ao interrogatório.

— Fale-me da sua relação com Rhys Lloyd — começa Leo.

Ceri encolhe os ombros.

— Andámos na mesma escola. Como toda a gente. — Ela olha para Ffion. — Tu sabes tudo isto. Isto é tudo uma grande merda.

— Vocês eram amigos?

Ceri exala ruidosamente.

— Sabe que não éramos. — Ela coloca as mãos em cima da mesa, como se se estivesse a apoiar, e depois olha para cima. — Ele fez-me bullying, está bem? Sem dúvida que já o ouviu de várias pessoas da aldeia, por isso, mais vale ouvir de mim também. Desde o minuto em que entrei na escola secundária, ele fez da minha vida um inferno. Escreveu «fufa» no meu cacifo. Enviou notas de amor às raparigas do meu ano, com o meu nome no fundo. Fez Photoshop com a fotografia da minha cara para usar como pornografia. Ele e os seus companheiros ameaçaram violar-me para me tornar heterossexual. — A voz de Ceri é pausada, mas dura.

— Deve ter sido horrível. — Ffion põe uma mão em cima da mesa, mas logo recua, como se estivesse a prestar-lhe auxílio, antes de se dar conta de onde estavam.

— Havia uma rapariga de quem gostava. — Ceri olha fixamente para a mesa. — Não sei como ele sabia, mas sabia. Mandou-me uma mensagem, a dizer que era ela, e que se queria encontrar comigo. — Faz uma pausa, abanando a cabeça à sua ingenuidade.

— No estúdio de música de Rhys — antecipa Ffion, mas Ceri franze o rosto.

— Eu nunca lá teria ido. Ela disse que se encontraria comigo no parque, junto ao parque infantil. Disse-me coisas que ela... — Ceri ruboriza —, coisas que ela queria fazer comigo.

— O Rhys estava à tua espera, não estava? — pergunta Ffion. A sua voz é fria e Leo muda de lugar. Ela não devia estar aqui. Se acusarem Ceri do assassinio de Lloyd, a defesa procurará todos os

pontos fracos na argumentação da acusação. Mesmo que aquilo que Lloyd fez a Ffion nunca venha à luz do dia, mesmo que ela não tenha nada que ver com a sua morte, está demasiado próxima do caso. Como pode ela ser objetiva?

— Ele é um bando dos seus amigos. Eu estava toda apearaltada e... — Ceri enxuga lágrimas de raiva dos seus olhos —, por isso, sim. Eu odiava-o. Não o odiaria?

— Como se sentiu quando o Rhys regressou à Cwm Coed? Quando ele construiu o The Shore?

— Odiei-o ainda mais.

O advogado de Ceri tosse. Ela olha-o, depois encolhe os ombros.

— Não vou mentir-vos. Sim, foi há muito tempo; sim, ele era uma criança, mas fez da minha vida uma desgraça. Perdi toda a minha confiança. No fim, nem sequer entrava nas lojas, caso o visse. Não tinha amigos, não frequentei a faculdade de arte... Ele arruinou a minha vida, e lá estava ele, alegremente de volta à aldeia com todos os troféus do sucesso. Odiava-o por tudo isso.

— O suficiente para o matar? — pergunta Leo.

Ceri fita-o.

— Não.

— Sabes o que é isto? — Ffion levanta o prémio Rising Star do chão e coloca-o sobre a mesa. Está num saco de provas claro, selado com uma etiqueta plástica vermelha.

— É um troféu.

— Já alguma vez o tinhas visto?

— Não. — Os olhos de Ceri piscam para o lado. — Talvez. Não sei.

— Em que ficamos? — diz Leo. — Não, talvez, ou não sabe?

— Não sei! — Ela pestaneja rapidamente, pressionando as mãos contra as coxas.

— Tem as suas impressões digitais.

— Eu não o matei.

— A questão é, Ceri — diz Ffion — Yasmin Lloyd fez visitas guiadas a quase toda a gente na festa. Ninguém se lembra de te ter

visto numa delas. Então, se não te foi feita uma visita guiada, porque é que as tuas impressões digitais estão neste prémio?

Há um longo silêncio.

— Está bem. — Ceri deixa sair um longo suspiro. — Subi ao escritório do Rhys para lhe entregar o correio.

— Lugar engraçado para colocar uma caixa de correio — diz Ffion.

Ceri ignora o sarcasmo.

— Se quer saber, ele enganou-me. Mais uma vez. Fez-me pensar que estava fora, a falar comigo ao telefone, através do intercomunicador. Coloquei-lhe a encomenda no escritório e depois vi... eu percebi que ele... — Ela engole em seco e olha para a mesa. — Ele estava no quarto. Praticamente nu, a ver-me a andar pelo escritório.

Ao seu lado, Leo sente-se tenso.

— O que é que fez?

— Pirei-me logo dali, é claro.

— Isso deve ter sido perturbador — diz Ffion, a voz eleva-se. — Deve ter trazido tudo de volta: todo o bullying na escola, toda aquela emoção, toda aquela raiva.

Ceri detém o olhar de Ffion.

— Eu não o matei.

— Quem o matou, então? — inquire Ffion.

O advogado intervém.

— Agente, não está seriamente a pedir à minha cliente que faça o seu trabalho por si?

Mas a Ceri encolhe os ombros.

— Têm muito por onde escolher, não têm? A Yasmin é uma cabra gananciosa, para começar. Não me surpreenderia que ela o tivesse matado pelo dinheiro dele. Sabem o que ela me deu como uma gorjeta de Natal? Um cartão Primark usado, com três libras e quarenta e nove!

— Se uma má gorjeta fizesse de alguém um assassino, metade da população estaria na prisão — diz Leo, recebendo um franzir de sobrancelhas por parte do advogado de Ceri.

— Atire uma pedra ao lago — diz Ceri — e o salpico vai atingir alguém que está contente por Rhys Lloyd estar morto. Não me interessa o que disseram quando estava vivo. Até o Steffan estava a falar mal dele, mas o ano passado andava sempre com falinhas mansas com o Rhys.

— Falar mal dele? — diz Ffion. — Quando foi isso?

— Foi no dia em que o Rhys me deu os convites para a festa; como se eu fosse o seu mordomo pessoal, por amor de Deus. — Ela esfrega a cara. — Dois dias depois do Natal, acho eu. Deixei-os no bar e o Steff estava a falar mal do Rhys.

Leo inclina-se para a frente.

— A dizer o quê?

— Estava a falar com o Huw. Ellis. O marido da...

— Huw Ellis — diz Leo rapidamente. — O construtor, correto?

— Diziam algo sobre instrutores, e aluguer de barcos. Eu não estava realmente a ouvir, só queria chegar a casa e começar a pintar, mas lembro-me de pensar que o Steff parecia mesmo chateado. — Ceri inclina-se de volta para a sua cadeira. — Querem o meu conselho? Têm de investigar melhor o Steffan Edwards.

QUARENTA E TRÊS

Véspera de Natal | Felicia

Este vai ser o pior Natal de sempre. No ano passado, a mãe disse que eram demasiado jovens para ir ao pub com os companheiros, apesar de todos terem ido, e de o Barnaby do décimo primeiro ano ter arranjado cartões de cidadão falsos para toda a gente.

— No próximo ano — disse Yasmin. — Aos dezasseis não é assim tão mau.

Mas onde estão eles? Na merda do Shore.

— A Seren diz que podíamos ir ao bar da aldeia. — Tabby olha para a mensagem no seu telefone, tentando soar da melhor forma em galês. — Y Llew... Como se diz novamente o duplo L?

— Que é que isso interessa?

— Felicia bate na almofada. — O pai da Esme ofereceu quinhentas libras de bebidas numa sala privada do Frog & Hammer, e o décimo primeiro ano inteiro vai para lá.

— Tu odeias a Esme.

— Não é isso que está em causa!

A cabeça de Yasmin surge na porta.

— Querida, onde está o cartão da Primark que a tia Laura te enviou no aniversário? Está aqui a senhora do correio.

Felicia tira-o da confusão da sua mesa de cabeceira.

— Aqui. Porquê?

— Posso ficar com ele? Eu pago-te outro.

— Não sei o que sobra nele.

— Serve — Yasmin agarra no cartão e corre para o andar de baixo.

— Vamos sair com a Seren — diz Tabby. — Também podemos perguntar ao Caleb.

A Felicia lança à irmã um sorriso manhoso.

— Essa é literalmente a única razão pela qual queres ir, não é? Porque queres dar uma queca com o Caleb.

— Não quero nada dar uma queca com o Caleb.

— Queres sim.

Tabby esboça um largo sorriso.

— Bem, talvez um pouco. Anda, vamos preparar-nos. Podemos namoriscar com os Jovens Agricultores. — Gritam às gargalhadas com a ideia. Ainda há menos miúdos giros em Cwm Coed do que há na escola delas, e isso não é pouco. — Vou dizer à Seren que ela tem de se vestir bem. — Os dedos de Tabby voam por cima do teclado.

— Tu sabes que ela não vai fazer isso. — Seren passou o verão inteiro no mesmo par de calções, e metade do período de férias no mesmo par de calças de ganga. — Ela só se maquilha quando está a trabalhar para o pai. — Felicia agita as pestanas e Tabby grita.

— Arr! Fogo, que nojo.

Duas horas mais tarde, estão prontas e fantásticas. Alisaram o cabelo, que por isso lhes cai em cortinas sedosas de ambos os lados das maçãs do rosto contornadas, e delinearam os lábios numa boca perfeita. Colocaram um milhão de selfies no Instagram e silenciaram as notificações da story da Esme com tags do Frog & Hammer.

— Um pouco demais para uma ceia em casa, não? — diz Rhys, quando chegam aos tropeções ao andar de baixo. Literalmente, no caso de Felicia, que pediu os sapatos de salto alto emprestados a Yasmin.

— Vamos sair — diz Tabby.

— Não, não vão. — Yasmin está de calças de ganga justas e ténis pretos, a blusa cintilante é a única concessão festiva. — Vamos jantar com os Charlton.

— Mas...

— Sem «mas». Vai ser giro.

Vai ser giro uma merda. Nem Felicia nem Tabby são do tipo de fazer birras, pois sabem exatamente quantos presentes estão debaixo da árvore neste momento, e também sabem que os pais são capazes de tirar alguns para lhes dar uma lição; mas ambas as raparigas são peritas em amuar. Vão dando respostas monossilábicas até os adultos desistirem.

Felicia envia uma mensagem a Tabby. Pub depois? Seren diz que há sempre gente lá dentro mesmo depois de fecharem a porta. A irmã concorda furiosamente com a cabeça. Woody e Hester estão a ser irritantes, como de costume. Blythe pô-los a cantar, a Jingle Bells, e eles fizeram-no dez vezes sem parar. Agora estão a perseguir-se um ao outro à volta da mesa.

— Se não forem dormir — diz Yasmin —, o Pai Natal não virá.

Felicia e Tabby trocam olhares. A mãe não vai deixar que nada lhe estrague esta noite, podem perceber isso pelo tom de voz.

Blythe pousa uma mão no braço do marido.

— Jonty, querido, poderias ir deitar as crianças? És muito melhor nisso do que eu.

Jonty dirige-se aos pirralhos, que tanto podem estar a chorar ou a rir-se, Felicia não sabe dizer.

— Vamos lá, suas pestes.

A mãe olha para Jonty como se ele fosse o maldito Messias. Parece que continua a suceder, então. Ela quer chorar, ou bater nalguma coisa, ou desatar aos gritos, como Woody e Hester.

Felicia tinha encontrado uma mensagem de Jonty no telefone da mãe, no verão. Mal posso esperar para te dar uma queca. Ela tinha-a apagado, depois largou o telefone como se ele a tivesse mordido, tremendo de medo e de confusão. O que é que ela tinha acabado de ler? Ela tinha querido contar a Tabby, mas falar sobre isso torná-lo-ia real, e Felicia não queria que fosse real. Talvez tivesse sido um erro. Talvez Jonty pensasse que estava a mandar mensagens a outra pessoa.

Felicia tinha observado atentamente os pais durante os dias seguintes, mas pareciam os mesmos de sempre. Não andavam aos beijinhos, o que teria sido nojento, mas também não pareciam odiar-

se. A mãe não estava a agir como se estivesse a ter um caso. Três dias depois, Felicia tirou o telefone de Yasmin do quarto, quando a mãe estava no duche.

És saborosa, tal como eu imaginava.

Felicia pensava que ia vomitar. Jonty Charlton e a mãe. A mãe e Jonty Charlton. Era nojento. E coitado do pai! Ficaria devastado se soubesse. Ele não pode descobrir nunca, nunca. Felicia tinha-se agarrado à ideia de que se tratava de uma única vez, ou que a sua mãe tinha enlouquecido temporariamente, talvez algum tipo de crise de menopausa, e que em breve tudo voltaria ao normal. Entretanto, tinha-se agarrado a Yasmin como cola, dando o melhor para garantir que nunca ficasse sozinha com Jonty.

Não havia mais mensagens no telefone da Yasmin, depois de o The Shore ter fechado no final do verão, e Felicia poderia gritar de alívio. Mas o olhar nos olhos de Yasmin ainda há pouco... se ainda não se passa nada entre eles, é óbvio que ela quer que se passe.

— Por que motivo não podemos estar na festa? — queixa-se Tabby. Eles estão a falar da véspera de Ano Novo. Felicia está dividida entre não querer estar perto dos Charlton e saber que vai ser uma festa espetacular. Tipo, uma festa dourada do Instagram.

— Não me passou pela cabeça que quisesses estar connosco, os velhos — diz Jonty. Felicia brilha para ele. A esse respeito, ele não se engana. Ela imagina o ambiente, neste momento, no Frog & Hammer, e quer tanto lá estar que quase consegue provar os Martini Porn Star que iria pedir com o dinheiro do pai da Esme.

— De facto, deveríamos convidar alguns dos locais. — Está o seu pai a dizer, e agora Jonty, de volta depois de adormecer os seus filhos, acaricia o ombro de Blythe como se não estivesse a ter um caso com a mulher de outro. Deus, ela não sabe como é que a mãe consegue estar sentada ao lado do pai como se nada estivesse errado.

Blythe diz algo sobre a importância de ter uma representação diversificada dentro de um grupo de amigos, Felicia mostra o seu apoio com um aceno. Tipo: isso é um pouco estranho de se dizer

quando Felicia sabe de facto que a única minoria étnica no círculo de Blythe é a sua massagista coreana, mas a mulher é casada com um merdas, por isso.

Felicia volta a sua atenção de novo para o telemóvel, até que Blythe bate as mãos e anuncia um plano louco para o mergulho do dia de Natal.

— O que acham, meninas? O Caleb vai mergulhar. — Como se isso fizesse alguma diferença.

— lá, como quiserem — diz Felicia, tão rudemente quanto se atreve.

Demora uma eternidade até Yasmin dizer que as deixa ir, mas sem que possam beber nada além de meia cidra! Vão furiosas à chuva, enquanto cambaleiam o quilómetro de caminho até à aldeia nos seus sapatos estúpidos. A Seren já está no bar, uma rodada de Cheeky Vimtos enfileirada no parapeito da janela, onde desencantou um espaço. Do casaco de Felicia sai vapor com o calor do pub.

— Feliz Natal! — Os olhos de Seren estão a brilhar. — Como estão todos? Como está o vosso pai?

Credo. Felicia só quer esquecer. Ela emborca a bebida e coloca o copo no peitoral da janela.

— Vamos lá, pesos-leves. Quero embebedar-me.

Não se podem embebedar, porque o barman só as deixa tomar duas bebidas cada, depois inclina-se e diz: — Não abusem da sorte, meninas. — Seren encolhe os ombros e diz que, de qualquer maneira, também está exausta, por isso Tabby e Felicia acabam por ir a pé para casa ainda antes dos últimos pedidos.

— Que Natal de merda — diz Felicia, ao chegarem à estrada que conduz ao The Shore.

Tabby descalça os sapatos e caminha pelo alcatrão gelado.

— Arranquei um canto de papel do embrulho daquelas caixas quadradas debaixo da árvore. Eles vão dar-nos AirPods.

— Fixe — suspira Felicia.

Ao chegarem à porta da frente do número cinco, ouvem vozes a falar alto. Felicia sente um nó no estômago. O pai descobriu. Ela

abre a porta da frente e, em acordo tácito, esgueiram-se até ao corredor e ouvem.

— Não acredito que fizeste isso! — diz Yasmin. Felicia recua. Isto está tudo errado. O pai é que deveria estar a dizer isso. — E a gabares-te disso a mim, como se eu fosse ficar impressionada!

— Ficaste suficientemente impressionada quando pensaste que o Jonty tinha o toque mágico.

Felicia pensa que vai vomitar.

— Porque eu não fazia ideia daquilo que ele estava realmente a fazer, do que vocês fizeram. É... é criminoso!

— Estás a exagerar — corta Rhys. — Não lhe fez qualquer mal.

— Como é que sabes? Pode estar no sistema dela, a acumular, ao longo dos anos, e um dia vai sair...

Rhys solta uma gargalhada.

— Dezasseis anos depois?

Felicia bate com a mão na boca, com os olhos bem abertos.

— Estão a falar de nós — sussurra Tabby.

— De uma de nós — acrescenta Felicia, sombriamente.

— E agora estás a arriscar a vida daqueles dois preciosos bebés. É para lá de horrível. Vou contar à Blythe. Não posso esconder-lhe isto.

Felicia está perdida. O que é que o pai fez, e o que é que tem isso que ver com Woody e Hester?

— Oh, não, não me vais culpar a mim — diz Rhys. — O Jonty é que está a fazer isso.

— Tu deste-lhe os comprimidos para dormir! Tu deste-lhe a ideia!

— Eu limitei-me a dizer-lhe que tinha funcionado connosco quando a Felicia era um pesadelo para adorme...

— Para ti, Rhys! Drogaste a minha bebé durante três anos sem o meu conhecimento. Podias tê-la matado!

Tabby volta-se para Felicia horrorizada, mas os olhos de Felicia transbordam de lágrimas e corre escadas acima. O caso da mãe com Jonty é a menor das suas preocupações, agora que sabe o que Rhys fez. É abuso infantil, é o que é.

O pai dela é um monstro.

QUARENTA E QUATRO

8 de janeiro | Ffion

— Ainda pensas que foi ela? — Ffion vira-se para Leo quando saem da rua de Ceri.

— Já não sei o que pensar. — Leo conduz lentamente através da neve. O tempo está a piorar, e, ao entrarem em Cwm Coed, mais cedo, flocos de branco tinham rodopiado contra o para-brisas, um branco brilhante, em contraste com o céu escuro.

Irritado por causa das horas infrutíferas com Yasmin Lloyd sob custódia, Crouch tinha-se recusado a permitir-lhes manter Ceri um minuto mais do que o necessário.

— Espetem-lhe com termos de identidade e residência e deixem-na ir — dissera ele, e Leo e Ffion não tinham tido outra escolha senão cumprir. Ceri tinha chegado à festa às oito e tinha desaparecido às dez e meia, quando, segundo disse ela, já estava farta de toda aquela treta. Tinham-na mantido com as restrições policiais durante duas semanas; tempo suficiente para pedir conselhos ao Ministério Público da Coroa, e para seguir as linhas de investigação geradas pela entrevista de Ceri, incluindo a conversa que ela tinha ouvido por acaso entre Huw e Steffan.

— Ela poderia ter voltado para a festa — diz Leo agora. — Diz que estava na cama às onze, mas não há ninguém para corroborar isso.

— Ela nunca... — Ffion detém-se. Ia dizer que Ceri nunca tivera uma namorada; repetindo irrefletidamente o que tinha ouvido os outros dizerem. Mas não é precisamente isso que Ffion odeia em Cwm Coed? A fofoca que se torna folclórica, o carapuço feito para servir tão bem que se usa toda uma vida.

Ffion gwyllt.

Rhys Lloyd virou uma geração inteira contra Ceri. Será que ela sentiu que tinha de manter a sua vida amorosa em privado?

O telefone de Ffion toca e ela franze o sobrolho para o ecrã. Pode contar por uma mão o número de vezes que Seren lhe telefonou. A rapariga mais nova prefere enviar mensagens pelo WhatsApp e, mesmo assim, só quando quer alguma coisa. Uma autorização para chegar mais tarde, quando a mãe lhe disse para estar em casa às nove. Um empréstimo de calças de ganga da Ffion.

Ffion responde:

— Ti-n iawn¹⁶?

Não há resposta. Ffion afasta o telefone do ouvido, verificando que a linha não caiu.

— Seren?

Ouve uma inspiração profunda; um soluço áspero e zangado. E depois, finalmente, Seren fala:

— Diz-me que não é verdade.

O coração de Ffion fica em lascas. O mundo inteiro cai-lhe aos seus pés.

— O quê? — sussurra ela, mas a que outra coisa poderia estar a referir-se, afinal?

A voz de Seren ergue-se, histérica, suplicante:

— Diz-me que não é verdade!

— O quê? — Ffion pergunta desesperadamente, porque, se houver uma hipótese de Seren não o ter deduzido, não será Ffion a...

— És minha mãe, não és?

Há anos, Ffion tinha-se permitido por vezes imaginar como seria se alguém lhe chamasse mãe. Deslizava para um mundo paralelo, um mundo em que Ffion teria sido mais velha, teria podido manter o seu bebé, e imaginava-se no parque, ou a caminhar para a escola, a mão de Seren na sua.

Mãe.

Nunca imaginou que soasse assim.

— Seren, onde estás? Precisamos de falar. — Ffion tenta manter-se calma, sabendo que Seren se sente fora de controlo;

esperando ser capaz de parecer a mãe que nunca teve oportunidade de ser.

— Tiveste dezasseis anos para falar, e, em vez disso, mentiste-me!

Leo põe uma mão no braço de Ffion, mas ela afasta-o, debatendo-se para se concentrar.

— Tiveste-me, e deste-me à mãe como se eu não fosse nada!

Ffion olha fixamente para a neve rodopiante.

— Como descobriste?

— Caleb tirou uma fotografia da Glynis. Achou que era engraçado. E disse que o casal que lá estava se parecia comigo.

Ffion fecha os olhos. Quer fazer uma pausa; rebobinar. Quer encontrar Caleb e abaná-lo, perguntar-lhe o que é que ele pensa que está a fazer, interferindo em algo sobre o qual nada sabe.

— És tu. Com o Rhys. — Seren chora. — E eu não conseguia deixar de pensar numa coisa que a Sra. Huxley disse, que a Felicia, Tabby e eu podíamos ser irmãs, e... — A voz sobe-lhe num grito, histérico e suplicante. — Ele tem o braço à tua volta na fotografia, Ffi. E tu estás a olhar para ele como... — soluços encham o telefone.

Ffion lembra-se dessa foto. Um dos estudantes de fotografia do secundário tinha trabalhado naquela atividade como parte do curso; tirou montes de fotos dos workshops, do espetáculo, da festa. Tinham-se feito brincadeiras, a propósito do facto de, onde quer que Rhys estivesse, Ffion não estaria muito longe. Ffion tinha desejado gritar. Era ao contrário, queria dizer ela. Onde quer que eu fosse, lá estava ele.

Será que algum dos professores viu as fotos da festa? Ou estavam demasiado preocupados com os workshops, com as atuações? Não viram para lá das evidências superficiais, para os momentos nos quais Ffion estava ofegante e a debater-se por respirar.

— Então, é tudo verdade, o que toda a gente diz. — Seren é subitamente dura. — A Ffion gwyllt.

— Por favor...

— E com... — Seren vacila, soluções cortam-lhe as palavras. — Com ele!

— Seren, deixa-me explicar.

— Não posso acreditar que Rhys Lloyd é o meu pai. — Ela chora tanto que Ffion mal consegue perceber o que diz. Nojento... Velho... Como pudeste...

» *Usa o vestido, disse ele! — Seren está a ficar histérica, enfiando golfadas de ar entre cada palavra gritada ao telefone. Ffion está a tentar falar, mas tudo o que diz provoca outra rajada de insultos de Seren. Leo vira-se para o banco de trás, abrindo o fecho da sua pasta e vasculhando nos papéis, e Ffion olha para ele. Será que não pode ficar quieto apenas por dois minutos? Certamente é capaz de perceber como isto é importante?*

— Odeio-te.

— Seren, por favor...

— E odeio-o a ele!

— Onde estás? Eu vou...

— Quem me dera estar morta.

— Não digas... — Mas a linha fica silenciosa. Seren desligou.

Ffion deixa cair o telefone no colo e encosta os punhos ao cabelo, puxando a cabeça até aos joelhos e premindo um gemido sobre as calças de ganga. Sente a mão de Leo acariciar-lhe as costas, e desta vez não o afasta. Obriga-se a respirar, dentro e fora, dentro e fora, e depois solta as mãos do cabelo e senta-se.

— Ela sabe.

— Eu ouvi. Lamento — acrescenta Leo, apologeticamente.

— Vai ficar tudo bem. — Ffion oferece a si própria um comentário animado, no qual não acredita. — A Seren tem o meu temperamento, ela vai acalmar-se.

— Ffion.

— É um grande choque, mas vou ligar à minha mãe e...

— Ffi.

Olha para Leo. A sua cara está vincada de preocupação, e ele continua a olhar para o raio da pasta.

— O que é?

— Usa o vestido — diz Leo.

— O quê?

— Foi isso que a Seren disse, certo? Usa o vestido. Ffion, eu penso... — Ele faz uma pausa, tirando a caneta do bolso do casaco e marcando várias linhas na página para onde estava a olhar. Entrega-a sem palavras a Ffion.

É uma impressão de mensagens de texto, enviadas de e para o telemóvel do Rhys Lloyd na semana anterior à sua morte. Ffion lê a primeira linha que Leo marcou.

Não consigo parar de pensar em ti.

Ela lê mais abaixo na página.

Ficas espantosa, vistas o que vestires.

O texto final foi enviado na véspera de Ano Novo.

Usa o vestido.

O número de telefone para o qual o Rhys estava a enviar as mensagens é o de Seren.

¹⁶ «Está tudo bem?» (N. T.)

QUARENTA E CINCO

Véspera de Natal | Bobby

O aeroporto estava a abarrotar, mas, agora que deixaram Londres, as estradas estão vazias e o McLaren engole os quilómetros. Por uma vez, Bobby e Ashleigh voaram para casa em primeira classe. A classe económica é mais do que confortável para Bobby, mas Ashleigh implorou, e Bobby é um coração mole. Pelo menos, tal permitir-lhe-ia uma sesta decente antes da longa viagem até ao The Shore, pensou ele, entregando-lhe o cartão de crédito.

Não tinha levado em consideração a vontade que Ashleigh tinha de querer «publicar» imagens para as suas redes sociais, exigindo várias mudanças de roupa, a fim de poder dar a entender que eles fariam ainda mais viagens de luxo do que as que, na verdade, já faziam.

— Posso ficar com o seu lugar? — disse Ashleigh a um homem estarecido na fila do meio.

— Ashleigh! — Bobby ficou horrorizado. — Fique onde está, amigo.

— Vai ficar esquisito se eu estiver sempre no mesmo lugar.

A questão é essa mesmo, ficar esquisito, na opinião de Bobby. Ele não é parvo, sabe muito bem que as redes sociais não são a vida real, e não é avesso a partilhar fotos do seu carro de vez em quando, contudo a dedicação de Ashleigh ao ofício é ao mesmo tempo impressionante e aterradora. Cada refeição é «estilizada» antes de lhe poderem tocar; cada quarto de hotel é fotografado de uma dúzia de ângulos diferentes antes de Bobby ser autorizado a desfazer as malas.

Enquanto corria atrás de Ashleigh para a casa de banho do avião para tirar uma foto dela no chuveiro, pensava que, já agora, se

calhar mais valia colocar os próprios tomates dentro do nécessaire dela.

Bobby tem sido uma celebridade, de certa forma, durante a maior parte da vida adulta. Assim que se retirou do ringue, foi convidado para participar em Carlton Sands, e tornou-se um tal sucesso para os espectadores que estes começaram a escrever para o integrarem definitivamente na série. Mas a vida de celebridade nunca se compatibilizou muito confortavelmente com um homem que preferia beber uma cerveja num bar daqueles com cuspo e serradura no chão a beber mojitos num qualquer bar da moda que os instagrammers tenham considerado digno de publicações.

Ao saírem da autoestrada, dirigindo-se para o Norte do País de Gales, Bobby sente a pressão a desaparecer. Adora estar no The Shore. Adora brincar no lago, escalar montanhas, explorar os trilhos da floresta com uma mochila de snacks e uma cerveja. Adora entrar na aldeia, onde as únicas câmaras fotográficas são as dos iPhones das crianças, mais interessadas no seu carro do que nele. O local lembra-lhe as férias de infância, quando a avó os apetrechava, a ele e ao irmão, com sandes, um balde e uma pá, e instruções para não voltarem até à hora do lanche.

Sem nada para fotografar, Ashleigh empurrou para trás o assento e está deitada com a boca aberta, um fino fio de baba quase lhe chega ao ombro. Bobby imagina-se a publicar aquilo no Instagram. Hashtag sem filtro. Brilhante.

Chegam ao The Shore muito cedo, nas primeiras horas do dia. Ashleigh olha através do para-brisas embaciado.

— Parece ainda mais merdoso do que me lembrava.

— Não era preciso vires. Podias ter ficado com os teus pais.

Ashleigh calça os ténis.

— E estragar o plano?

O plano. Bobby está farto até aos cabelos da merda do plano. Para um homem simples, que gosta de prazeres simples, a vida tornou-se um pouco complicada demais para o seu gosto. Atrás da fila de pousadas, o lago é tão negro como o céu. Uma única luz ainda está acesa na casa dos Lloyd.

— Acho que não consigo levar isto avante — diz ele, surpreendendo-se com a súbita honestidade.

Há um segundo de silêncio, depois Ashleigh sai do carro.

— Não tens escolha.

No dia de Natal, Bobby acorda cedo. Caminha suavemente até ao andar de baixo, faz um café e veste o casaco, depois entra na floresta para chamar Mia. Mia é a melhor coisa que alguma vez lhe aconteceu. Melhor do que o boxe, melhor do que atuar, e melhor, muito melhor, do que Ashleigh. Sentir-se-ia mal por trair a mulher, não fosse ela andar a dar quecas a futebolistas da Premier League sempre que podia.

— Feliz Natal, linda. — No lago, um pássaro mergulha atrás de um peixe, emergindo com um reflexo de prata no bico.

— O Pai Natal veio? — Mia parece sonolenta.

Bobby dá uma gargalhada atrevida.

— Virá mais tarde.

— Mal posso esperar.

Tinham tido cuidado, no verão, encontrando-se ao ar livre, ou em pubs muito isolados. Os vizinhos de Mia eram do tipo de espreitar atrás da cortina, bastaria uma denúncia anónima aos jornais para que o caso extraconjugal de Bobby fosse do conhecimento geral. Bobby está-se nas tintas, mas Ashleigh ficaria na merda. E o plano?

Os encontros no exterior estavam muito bem e eram muito bons no verão, mas em dezembro? No Norte do País de Gales? Ele teria sorte se conseguisse convencer o seu bobbyzinho a saltar-lhe dos boxers. Hoje à noite, Mia vai deixar a porta da frente no trinco e Bobby vai entrar, e depois, bem... vai entrar.

Pouco antes das onze, os nadadores do dia de Natal começam a reunir-se. Bobby e Ashleigh já fizeram as pazes, ajudados em grande parte pela bolsa da Gucci que ele lhe embrulhou de presente.

— Oh, ‘mor, adoro! — Ela lançou-lhe os braços à volta do pescoço. Um segundo depois, ele ouviu o clique da câmara do telemóvel, e sabia que o momento iria estar online dentro de

minutos. Quando o teu homem sabe exatamente como te fazer feliz...

Agora, o ar está limpo e fresco, o deque a brilhar com a geada. Bobby coloca um braço firme no cotovelo de Dee enquanto a bengala desta desliza sobre a madeira.

— Não se preocupe comigo, querido — diz-lhe ela. — Sou rija como um pero. — Carrega uma máquina fotográfica a sério. Tirando as dos paparazzi, Bobby não se lembra da última vez que viu uma assim, é praticamente vintage. Posa para ela, uma pose de homem forte do circo, foleira, que a faz rir-se.

— Agora eu, 'mor. — Ashleigh veste o casaco de pele que Bobby lhe deu de aniversário. É falso, claro, embora tenha custado tanto como um verdadeiro. Acabou de passar uma hora a pentear-se, por isso Bobby sabe que não há qualquer hipótese de ela se ir meter na água.

— Feliz Natal! — Clemmie está de fato de mergulho, com ar de quem está disposta a levar aquilo a sério. Bobby provavelmente parece um bocado tolo nos seus boxers festivos, mas nunca se importou de dar azo a umas boas gargalhadas, e bebe um gole do seu Bloody Mary.

— Não saias daí. — Ashleigh acena-lhe com o telefone.

— Hoje não, está bem? — Ele pousa o copo, mas ela afasta-se.

— Com a bebida. Aí. Inclina-te contra o corrimão e...

— Podemos ter um dia sem pensar no raio do Instagram?

Ashleigh olha para ele, e depois afasta-se. Bobby grita para as costas dela:

— Pensei que ias filmar o mergulho?

— Para quê, se não o vamos pôr online?

Com ou sem plano, Bobby não tem a certeza de poder aguentar muito mais disto.

Os Lloyd têm roupões de banho por cima dos fatos de banho. É a primeira vez que Bobby vê Rhys desde que Mia lhe contou o que o cabrão fez em outubro, e o seu maxilar contrai-se. Yasmin está a murmurar algo a Rhys, que faísca de fúria. Será que Yasmin descobriu o que se passou com Mia e o marido? Até as gémeas

parecem reprimidas, de olhos vermelhos e rabugentos. Algo está definitivamente a acontecer a toda a família.

Mia tinha obrigado Bobby a prometer não tocar em Rhys.

— Não posso permitir que ele fale mal de mim na cidade — disse ela —, eu preciso do trabalho.

Bobby queria pedir-lhe para que lhe enviasse as contas, mas sabia exatamente o que ela iria responder. Mia não é uma aproveitadora, não é como a Ashleigh, e ele ama-a ainda mais por isso.

Dee está a juntar todos os nadadores.

— Estão todos prontos? Digam olha o passarinho!

Bobby vê Yasmin inclinar-se para o marido para a fotografia, depois praticamente empurra-o para longe assim que o obturador faz clique. Talvez Bobby possa cumprir a promessa a Mia; afinal de contas, parece que Yasmin tem tudo controlado.

Desce a escada até ao pontão entre os conveses. Durante alguns segundos, é só ele e Rhys, e, embora os punhos de Bobby estejam bem apertados, dá por si a pensar: Deixa estar, Stafford. Ele não vale a pena. Mas depois Rhys inclina-se, um sorriso manhoso no rosto, e diz: — Foi uma pena que eu tenha sido interrompido; ela estava bem disposta a isso...

Bobby agarra-o pela garganta antes de se dar conta do que está a fazer.

— Vou matar-te, meu cabrão.

— Que belo começo para o dia de Natal! — O amplo rabo de Clemmie aparece por cima deles, e Bobby solta Rhys, que fica a esfregar a garganta. Clemmie olha nervosamente para cada um deles e, justamente quando Bobby pensa que ela está prestes a confrontá-los, Caleb aparece e corre ao longo do pontão, para saltar, e os outros estão apinhados à sua volta. É hora de entrar na água.

Bobby brinca com os outros, atirando-lhes água gelada, mas nem uma única vez tira os olhos do Rhys.

De uma forma ou de outra, vai fazê-lo pagar.

QUARENTA E SEIS

8 de janeiro | Leo

— Tenho de encontrá-la. — Ffion ainda está a agarrar o puxador da porta do carro, mas Leo já ligou o motor. De carro será mais rápido. Ffion marca o número de Seren, repetidamente, o som minúsculo a tocar até o voicemail disparar. É impossível ver agora através da neve, os limpa-vidros trabalham inutilmente contra o nevão.

— Devolve-me a chamada. Por favor, Seren. É importante. — Ffion está de olhos secos, arrebatada pela emoção, mas de novo sob controlo. Termina a chamada, fazendo deslizar a lista de contactos até parar em Casa. — Atende, atende — murmura Ffion. Leo põe o carro a andar e começa a mover-se lentamente em direção ao centro da aldeia. Se Seren estiver em casa, Ffion vai querer ir ter com ela, e, se ela não estiver, bem, não será aqui que a vão encontrar. — Mãe? Sou eu. A Seren está aí?

O longo suspiro de Ffion é a resposta que Leo precisa.

— Sabes onde ela está? — Leo ouve a subida e a descida da voz de Elen do outro lado do telefone enquanto conduz através da Cwm Coed, arrastando-se em segunda, sondando as portas, as ruas laterais. O crepúsculo está a cair, as lojas fecharam, poucas pessoas enfrentam o tempo. A neve engoliu as calçadas, a rua principal é uma folha branca entre duas filas de lojas. O ar é um borrão de branco, furioso.

— Ela sabe, mãe.

Leo para e põe o carro em ponto morto, de certa forma perguntando a si próprio se deveria sair e deixar Ffion e Elen a conversar. Ffion fecha os olhos, mas a dor ainda lhe é evidente no rosto, e Leo sente-se um intruso. O silêncio estica-se, e ele solta o

cinto de segurança, mas, antes de se começar a mexer, Ffion agarra-lhe a mão.

— OK. Vou lá ver. Eu sei. — Ffion abriu os olhos, as suas respostas são agora entrecortadas e secas. — Está bem. Eu sei. Está bem, então. — Esta é Ffion Morgan, a agente da Polícia, não Ffion, a filha. Ffion, a mãe. A única indicação da sua angústia é a dor na mão de Leo, enquanto Ffion a aperta.

Ffion tira o telefone do ouvido, soltando-lhe a mão ao mesmo tempo. Leo flete disfarçadamente os nós dos dedos. — A minha mãe não a vê desde a hora do almoço. A Seren também não lhe atende as chamadas. — Solta uma respiração trémula. — Não posso contar à mãe sobre as mensagens, sobre o Rhys ser aquele que... Não por telefone.

— E quanto a amigos?

— Só sei onde vivem duas delas, a Siân e a Efa, e já nem sei se elas andam muito juntas.

— Vale a pena tentar.

Nenhuma das raparigas viu Seren desde antes do Natal e, quando Ffion pede a Efa para ligar para o telemóvel de Seren, esperando que ela pelo menos aceitasse uma chamada de uma amiga, este está desligado.

— Queres dar parte do desaparecimento? — pergunta Leo, quando Ffion se esforça para voltar para o carro.

— Ela tem dezasseis anos, está desaparecida há, o quê, menos de uma hora? Sabes tão bem como eu como esse aviso será classificado...

— Algum historial de problemas de saúde mental? — Leo sente-se mal por perguntar, mas Ffion abana a cabeça. — Autoflagelação?

— Não que ela me tenha revelado. — Ffion afasta-se, folheando novamente os contactos em busca de alguém, alguém!, para tentar. Ninguém que agora olhasse para Ffion, pensa Leo, saberia que Seren era sua filha. É como se houvesse uma série de portas dentro da cabeça dela, cada qual trancando-lhe uma parte da vida e permitindo-lhe funcionar noutra.

Voltam para a rua principal, as marcas anteriores de pneus já consumidas pela tempestade. A janela de Ffion está aberta e ela chama inutilmente para a enxurrada de neve que entra no carro:

— Seren!

Um movimento chama a atenção de Leo, alguém de pé numa porta aberta, um braço levantado contra o nevão. Glynis Lloyd.

Encosta junto à loja de ferragens; desce a própria janela. Glynis tem vestido o casaco de loja, um casaco grosso de lã puxado apressadamente à volta dos ombros; chinelos nos pés. O rosto gravado de preocupação.

— Está tudo bem? — pergunta Leo. Ela abana a cabeça, apontando para o ouvido, e ele grita novamente, por cima do barulho da neve a cair.

— Vi o seu carro lá de cima. Pensei... — Glynis parece ficar sem forças, encostada à ombreira da porta.

— Ainda não acusámos ninguém do assassinato de Rhys — diz Leo —, se é isso que esperava.

Glynis dá um pequeno aceno de cabeça, os seus lábios apertados.

— As pessoas dizem que você prendeu Ceri.

— Uma mulher está a ajudar-nos na inv... — Leo para. Como é que Ffion costuma chamar-lhe? Sr. Institucional. — Ela foi solta — diz a Glynis.

— Penso que... — Glynis parece quase a chorar. — Penso que apanhou a pessoa errada. Eu sei o que Rhys lhe fez, mas isso foi há anos, eram apenas crianças.

— Viu a Seren? — Ffion debruça-se sobre Leo.

Ao vê-la, algo atravessa o rosto de Glynis, e Leo pergunta-se se Ffion estava certa. Se Glynis soubesse, lá no fundo, como era o seu filho? Teria ela feito vista grossa ao que estava por baixo dos talentos e do sucesso do seu filho?

— Eu não — diz Glynis. — Mas eu estava ao telefone com a Llinos. Ela viu a Seren a caminhar em direção à casa dos barcos há cerca de uma hora. Disse que tinha uma garrafa de vodka com ela. É isso...

Mas Leo já se está a afastar, demasiado depressa para a neve, os pneus perdendo tração ao virarem a esquina ao fundo da rua principal.

A casa dos barcos está na escuridão, com uma única luz no escritório, e Leo acende uma lanterna à volta do pátio, verificando se há movimento. Há vários barcos em atrelados, alguns com cabinas que eles devem verificar. Pelo menos Seren estaria quente e seca, se tivesse entrado num deles. Leo vestiu uma camisola de decote em V sobre a camisa naquela manhã, e tanto essa como a camisa estão agora encharcadas sob o casaco.

— Seren! — Ffion bate com força na porta da casa do barco. Não há som de dentro, mas, quando puxa a enorme porta deslizante, esta está destrancada. Arrasta-a e Leo traz as lanternas, que cintilam como relâmpagos.

— Seren? — Leo caminha pela casa dos barcos. O escritório fica no canto do vasto espaço, uma luz aparece através do vidro obscurecido da porta. Lá dentro, Steffan está tombado na secretária. Leo abana-lhe o ombro e o homem geme.

— Será que Seren esteve aqui? — interroga Ffion. Não há resposta de Steffan. Leo abana-o novamente.

— Saiam! — Steffan ergue-se, pestanejando para os intrusos no seu escritório. Olha com desconfiança para Leo, depois, lentamente, concentra-se em Ffion. Aponta com o dedo na direção dela. — Onde está o meu barco?

— Ele está descontrolado — diz Leo.

— Qual barco?

— Levaste o meu barco! — Steffan põe-se de pé, cambaleando, e depois franze o sobrolho novamente. — Não, o meu barco não. Arranjar o barco. Roubaste-o! — As palavras deslizam umas para dentro das outras, sem sentido, exceto que Steffan parece bastante certo de que Ffion tem...

Leo olha para Ffion, à medida que o entendimento lhes surge em simultâneo.

— Steffan — Ffion fala devagar —, a Seren levou um barco lá para fora?

O barqueiro olha para ela e acena-lhe com a cabeça, deselegantemente.

— Não és tu. A outra.

Leo olha em direção ao lago. O nevão é demasiado denso para ver a água, mas o som das ondas fá-lo tremer.

— Ela não teria tentado sair assim, pois não?

A boca de Ffion está apertada.

— Ela vai ficar bem. — Leo não sabe bem quem está a tentar convencer. — Ela veleja desde os seis anos. Conhece o lago como a palma da mão, mesmo com mau tempo. Terá saído da água quando se apercebeu de quão mau o tempo estava a ficar.

Steffan bate com uma mão na secretária. Está a cambalear, apoiando-se na mesa e agitando o braço livre, como se estivesse a conduzir as palavras que agora tenta forçar para fora da boca.

— A Angharad — consegue ele dizer —, o barco da Angharad.

— Não faz mal — diz Ffion —, ela sabe conduzir um Lugger.

— Não! — grita Steffan, voltando a bater na secretária. — Ainda não está arranjado.

A cor escapa-se do rosto de Ffion.

— O barco está avariado. — Steffan engole em seco. — Sem tempo para arranjar. Não tem estado bem. — Cai de novo na cadeira e encolhe os ombros. — Buraco no casco.

QUARENTA E SETE

27 de dezembro | Steffan

À medida que o ano chega ao fim, Steffan Edwards está a sentir-se otimista. Passou grande parte do mês passado a elaborar um plano de negócios para a casa dos barcos, a fim de solicitar um empréstimo bancário. Assim que o dinheiro lhe chegar à conta, paga as reparações necessárias naquele espaço, bem como o kit adicional necessário para acomodar os proprietários do The Shore.

A segunda ronda da construção deverá começar no final de janeiro, com mais dez pousadas construídas pela Páscoa, e todo o resort terminado a tempo para o próximo verão. A cabeça de Steffan está a zumbir com possibilidades. Comprou uma bola zorbing gigante para as crianças, e fez um depósito para um trampolim de água. Pensa na possibilidade de comprar mais jet-skis. Bobby Stafford alugou um durante todo o verão deste ano, e outros proprietários também poderão fazer o mesmo. Steffan paira sobre uma lista no eBay: será uma pista de obstáculos insuflável demasiado? Ele já gastou muito dinheiro, mas é preciso especular para se poder acumular.

Steffan até deu uma demão de tinta à casa dos barcos. Costuma retocar a madeira a cada inverno, mas este ano transformou a sério o espaço. Em vez do habitual verniz de madeira castanho avermelhado, pintou as tábuas de um azul profundo, as molduras das janelas e portas de um creme amanteigado. Se ficar junto ao molhe agora, e olhar através da água, a casa dos barcos e o The Shore equilibram-se perfeitamente.

O toque final é o novo site de Steff. Nunca tinha sentido necessidade de um site, mas até ele pode ver que a sua página no Facebook, onde as publicações sobre caiaque lhe surgem

intercaladas com previsões sobre jogos de futebol e desafios de balde de gelo, está muito longe daquilo a que os residentes de The Shore estão habituados. Por isso, pagou a uma empresa de Manchester uma quantia obscena de dinheiro por um site profissional, compatível com dispositivos móveis, tão bonito que não consegue deixar de o contemplar.

— O que achas? — Steff mostra o telefone a Huw. Apareceu no pub, para comer uma sanduíche comemorativa, mas sobretudo para mostrar o site a qualquer pessoa que fique parada o tempo suficiente.

Huw olha para o ecrã.

— Justiça te seja feita, Steff, está aí um bom trabalho, lá isso está.

Steffan mostra-lhe a galeria de imagens: um mosaico de alegres turistas de wakeboard, caiaque, piquenique em pranchas de remo. No site de Steffan o sol está sempre a brilhar, o lago sempre a brilhar.

— Estás a preparar-te, então? — diz Huw.

Steffan, que tem a boca cheia de queijo e pickles, acena com vigor. Nunca se sentiu tão bem preparado. Haverá gente a visitar o The Shore desde o início do Ano Novo, já ouviu dizer, gente seduzida a comprar casas ainda em projeto, apenas por verem as já existentes, que lhe servem de modelo. Quando olharem para o outro lado do lago, a nova e bonita casa dos barcos será a primeira coisa que irão ver. Steff imagina-os, ricos, bem-sucedidos, influentes, a pegar no seu folheto, onde estarão descritos os novos pacotes para proprietários, a fazerem planos para o ano.

Oh, vamos alugar uns caiaques — que divertido!

Sempre gostei de fazer windsurf.

As crianças, decididamente, precisam de aulas de vela.

Huw ainda está a falar:

— Às vezes é preciso combater o fogo com fogo, certo?

Steffan cai da sua nuvem de imaginação.

— Que queres dizer com isso?

— Não queres ficar para trás quando o centro de desportos náuticos abrir.

Lentamente, Steff pousa a sanduíche.

— Qual centro de desportos aquáticos? — Steff sente calafrios, sentindo-se descer ao longo de alguma coisa, e agora a cara de Huw mudou para algo que se parece muito como piedade.

— Não sabias.

— Centro de desportos náuticos? — Um pedaço de pão fica preso na garganta de Steff, a sua boca subitamente desprovida de saliva. A porta do pub abre-se, Ceri entra, ainda com a farda dos Correios.

— No The Shore. Descontos para os donos de pousadas, filiação diurna para os visitantes. — Huw olha para uma base de copo de cerveja, os seus olhos deslizam para longe dos de Steffan. — Só sei porque me candidatei ao trabalho. Fui recusado, claro. Mandarão vir um autocarro com uma carga de europeus de Leste a baixo custo — acrescenta, bufando. — Não que eu lhe assentasse outro tijolo que fosse até que ele me pague o que me deve.

— Iawn. Tudo bem? — diz Ceri.

Huw acena com a cabeça, saudando.

— Tudo bem, Ceri?

Steffan não diz nada. Está a pensar no seu site caro; na bola de zorbing e no trampolim. Está a pensar nas horas gastas a remodelar a casa do barco e a pintar uma frota de jangadas com as cores de The Shore.

— Oferecendo o quê, exatamente? — A voz sai-lhe estrangulada.

— Posso pegar num papel destes? — diz Ceri. Atrás do bar, Alun puxa uma página do bloco de encomendas.

— Tens a tua clientela local. — Huw engole o café. Estica a mão e dá uma palmada no ombro do Steff. — Vais ficar bem, amigo.

Mas Steffan sabe que acabou. Quantos dos donos do The Shore vão andar até ao outro lado do lago para alugar um barco quando este lhes pode ser entregue no próprio deque? Quantos deles se preocuparão com os anos de experiência de navegação de Steff, com o facto de ele conhecer cada redemoinho e cada curva de Llyn Drych, quando pode ter um tipo qualquer com um polo de marcar a

dar-lhes graxa? Os habitantes locais são-lhe leais, mas são apenas uma fração do negócio.

— Com instrutores? — Ele pestaneja rapidamente, concentrando-se na caneta de Ceri enquanto ela rabisca num pedaço de papel, porque ele não pode confiar que os seus olhos consigam evitar as lágrimas. — Tens a certeza?

— Foi isso que Rhys disse.

— Não compreendo. — A voz de Steffan ergue-se. — Fui lá no fim do verão, dei às filhas um barco a remos, por amor de Deus! — A porta bate quando Ceri sai do bar, uma explosão de gelo entra pela porta. — Porque não disse ele nada?

Huw levanta as mãos, com as palmas planas a afastar as palavras de Steffan.

— Ouve, tenho de voltar ao trabalho. Não deixes que os cabrões te deitem abaixo.

Como é que Steffan vai pagar o empréstimo bancário? Mesmo que não tivesse pedido o dinheiro emprestado, investido na promessa do que ele pensava que o The Shore poderia oferecer, como seria ele capaz de sobreviver a outra época? Mal conseguiu pagar as contas este ano; assim que o The Shore abrir um centro desportivo náutico, o negócio de Steffan está acabado. Está arruinado.

Olha morosamente para o bar. Ceri deixou uma pilha de cartas para trás, com uma nota rabiscada em cima. Inclina-se para a ler. Convite para todos. Bar aberto. Curioso, Steffan tira um cartão, e a raiva inunda-o.

Os residentes de The Shore têm o prazer de convidar os seus vizinhos para um convívio com bebidas e canapés.

Bebidas e o raio de uns canapés. Rhys Lloyd bebe champanhe enquanto lixa os negócios de Steff, os negócios que o seu pai construiu, que o seu avô fundou. O convite treme na mão de Steff, as palavras negras rodopiando diante dele. Não é suficiente para Lloyd levar o negócio que Steff poderia ter recebido do The Shore; eles convidam os habitantes locais a babarem-se com os alojamentos. Sem dúvida que Lloyd vai contar-lhes tudo sobre o

centro de desportos aquáticos, oferecer-lhes demonstrações para assinaturas, descontos, brindes...

Steffan rasga o convite ao meio, depois novamente ao meio. Rasga e rasga até que à sua frente está um monte de papelinhos. Depois, olha para cima.

— Uma cerveja Purple Moose — diz ele.

Alun fala pausadamente:

— Acho má ideia, não achas?

Os dentes de Steff rangem com força, os punhos com comichão pela sensação de um copo, a língua já a trabalhar, à espera do sabor amargo da cerveja.

— Uma. Cerveja. Purple. Moose — repete ele, separando cada palavra numa frase própria.

— Vou tirar-te um café.

— Não quero nenhuma porra de um café!

Uma cadeira arrasta atrás dele e o Steff vira-se. Estão todos a olhar para ele. Todos. Gruffydd Lewis, Euros Morgan Davies. A merda do Idris Evans, que fica tão bêbado depois de jogar dardos, que até a mulher o faz dormir com o cão. Todos a olhar para ele, a julgá-lo, só porque quer uma porra de uma cerveja.

— Vão-se foder. — Steffan sai do bar. Há muitos lugares onde comprar álcool. Uma cerveja, é só o que ele quer.

Depois, vai descobrir o que fazer em relação a Rhys.

QUARENTA E OITO

8 de janeiro | Ffion

Ffion esbofeteia Steffan. O barqueiro geme, mas não abre os olhos, e ela sacode-o com força pelos ombros, gritando-lhe o nome.

Leo puxa-a suavemente para trás.

— Ele está inconsciente. — Segura o rádio ao ouvido, e, à medida que a chamada se liga, afasta-se do escritório. — Detetive Leo Brady, Crimes Graves, departamento de Cheshire. Preciso de denunciar um pessoa desaparecida.

Ffion pega no livro de registo de Steffan. O homem está completamente alcoolizado; talvez esteja confuso, talvez se tenha esquecido de que já arranhou o barco de Angharad. Corre o dedo pela linha horizontal ao longo do nome Angharad. Entra água. Fissuras de tensão no arbotante central. A coluna com o título Pronto está vazia.

— Dezasseis — diz Leo. — Muito chateada. Achamos que está no lago Mirror, num barco, que pode não estar estruturalmente sólido. — Ffion passa por ele, olhando à volta da casa dos barcos e, mais além, para o estaleiro, onde os barcos estão lado a lado em palafitas, à espera de reparações. Estará Steffan enganado? Será que Seren poderia ter levado um outro barco? Mas o Lugger de Angharad, com o seu distinto casco verde e velas vermelhas, não está, realmente, em lado nenhum.

— O helicóptero não consegue levantar voo enquanto o tempo estiver tão mau — diz Leo a Ffion, ainda ao telefone. — A sala de controlo está a contactar os das Buscas e Salvamento, mas a equipa mais próxima com um barco está a mais de vinte quilómetros.

Ffion regressa ao escritório, revista as gavetas da secretária de Steffan, perscruta as tábuas na parede, onde está pendurado um molho de chaves, cada uma delas com uma etiqueta castanha com o nome de um cliente. Abana novamente Steffan.

— Onde raio estão as tuas chaves? — Mas não há resposta. Ffion verifica-lhe os bolsos.

— Será que o Steffan trabalha com mais alguém? — pergunta Leo. — Talvez possam... — O rádio dele crepita, o operador dá sinal de chamada. Ffion encontra o que procurava: uma única chave ligada a um grande porta-chaves de cortiça. Agarra numa lanterna da prateleira e corre.

— Os Bombeiros têm capacidade para salvamento por água — grita Leo, correndo atrás dela. — Estão aqui em dez minutos.

— Não temos dez minutos! — Lá fora, neve tão dura como o granizo pica o rosto de Ffion enquanto ela corre em direção ao molhe. O barco a motor de Steffan bate contra os para-lamas, como se o motor já estivesse em funcionamento. É insensato chamar o nome de Seren, mas ela fá-lo na mesma, o vento atira-o para o meio do nevão.

Ela vai ficar bem, continua a dizer a si própria. Já terá atracado em algum lugar. Pode até já estar fora do barco, abrigada no bosque.

Leo alcança-a no molhe. Uma rajada feroz quase o desequilibra, e ele prepara-se, de joelhos dobrados, para nova investida.

— Isto é uma loucura — temos de esperar por uma equipa especializada.

— Ela pode morrer! — Ffion salta para o barco a motor, que balança de forma instável. O cockpit está aberto, um para-brisas baixo é a única proteção contra os elementos, e a água balança de um lado para o outro ao fundo do barco. Uma onda quebra-se sobre a proa, caindo no interior. Leo está lívido, os pés ainda teimosamente plantados no molhe.

— Não consigo... — Os olhos fecham-se brevemente, um olhar de vergonha intensa no seu rosto. — Não sei nadar.

Ffion pensa em Seren, lá fora no nevão, num barco inseguro. Olha para Leo, com medo e pânico incendiando-se em raiva dentro

dela. — Então não venhas, merda.

Leo não se mexe.

Quando encontrarem o veleiro de Angharad, precisam que um deles fique no barco a motor de Steffan, enquanto o outro leva Seren para um lugar seguro. Ffion não consegue fazer isso sozinha.

Talvez tenha de fazê-lo.

Ela liga o motor, e o barco luta contra as cordas que o atracam.

Leo dá um passo em frente, depois dois para trás.

— Eu... eu acho que não consigo.

Nesse momento, ouve-se um som: o estalo de um foguete, audível mesmo com tanto vento. Acima da água, disparando alto e brilhante em direção ao branco, surge uma faixa de vermelho vibrante.

Não é um fogo de artifício.

Um foguete de socorro.

QUARENTA E NOVE

Véspera de Ano Novo: 11h45 | Rhys

— Quero o divórcio. — Yasmin di-lo enquanto faz a cama, tão casualmente como se estivesse a pedir uma chávena de chá. Rhys olha para ela no reflexo do espelho do toucador, avaliando o nível de cinzento do seu próprio cabelo. Divórcio? Ele sabia que isto não ia resolver-se tão facilmente quanto os pequenos desentendimentos habituais que tinham, e na verdade mal se falam desde a véspera de Natal, mas divórcio?

— Não achas isso um pouco extremo?

— Não, Rhys. — Yasmin esmurra uma almofada com força desnecessária, antes de a colocar na cama. — Envenenar a nossa filha é que é extremo.

— Pela centésima vez, não a envenenei! — É preciso arte para se gritar num sussurro, mas Rhys e Yasmin são peritos na matéria. Podem não concordar em muitas coisas, mas sempre esconderam as discussões das gémeas.

— Vais concordar com o divórcio — diz Yasmin —, vais dar-me a casa; não seria justo obrigar as miúdas a mudarem-se. E cinquenta por cento da tua parte no The Shore. Mais a manutenção, claro.

— E se eu não o fizer?

Yasmin alisa a colcha e contempla-a, enquanto responde:

— Vou dizer aos jornais o que fizeste. — Ela vira-se para abandonar o quarto. — Imagino que isso iria prejudicar o bom trabalho que a tua dispendiosa campanha publicitária tem vindo a fazer.

— Só por cima do meu cadáver — sibila-lhe Rhys.

— Não me tentes.

Quando ela se vai embora, Rhys olha-se ao espelho. Se Yasmin for aos jornais, no preciso momento em que começa a recuperar a sua imagem pública, isso vai acabar com ele. Fez dois anúncios nos últimos três meses, e há murmúrios de uma audição no West End. As coisas estão finalmente em alta.

E de que é que Yasmin espera que ele viva? Rhys possui cinquenta e um por cento do The Shore; Jonty os restantes quarenta e nove por cento. Se Rhys der metade a Yasmin, Jonty tornar-se-á sócio controlador e ele ficará com apenas vinte e cinco vírgula cinco por cento.

Por cima do meu cadáver, pensa ele novamente.

O som do telefone dá conta da chegada de uma mensagem, outra insistência chata da Blythe no grupo do The Shore. Muito a fazer, meninos!!!! Ontem à noite, ela tinha enviado uma folha de cálculo com os trabalhos atribuídos a todos, desde varrer os deques e colocar decorações, passando por descarregar o vinho e dispor canapés. Desastre! dizia a mensagem que ela tinha enviado ontem já bem depois da meia-noite. O escultor de gelo desiludiu-me. Haverá alguém da terra que possamos usar?

Rhys caminha desde o quarto até à varanda. Por baixo, a fila de deques termina abruptamente no alojamento dos Charlton, no qual um enorme toldo esconde o caos organizado que Blythe está a orquestrar no interior.

Rhys deve apresentar-se ao serviço antes que a Sargento Blythe venha à sua procura. Recebeu outra mensagem de Seren, e sente a urgência inebriante que acompanha a promessa de algo excitante. O seu namorico tem sido cuidadoso. Contido. O tipo de namoro que se pode explicar como uma brincadeira, tanto a ele próprio como a qualquer outra pessoa. O tipo de namorico que pode não ser nada, ou pode ser algo.

Experimentei aquele de que te falei, mas é um pouco curto...

Rhys sorri para a mensagem, avançando com a resposta que sabe que ela quer.

Usa o vestido, escreve ele.

Afinal, esta noite pode ser interessante.

Lá fora, o ar é fresco; o céu é de um azul brilhante de inverno. Um condutor da Fortnum & Mason está a falar com Dee, que se inclina com as mãos na bengala. À medida que Rhys se aproxima, a carrinha afasta-se e Rhys não tem outra escolha senão passar pela vizinha.

— Bom dia, Rhys.

— Sra. Huxley. — Ele ainda tem dificuldade em olhá-la nos olhos; ainda fica nervoso só de pensar no que ela sabe. Recentemente, viu-se a pensar na rapariga do Número 36, porém, não da forma como um dia chegou a pensar nela. Deu por si a perguntar-se se a rapariga, qual era mesmo o nome dela?, tinha realmente gostado tanto, como em tempos acreditou que tivesse. Tem pensado naquela noite, nos seus grandes olhos e na sua resistência silenciosa, e tem sentido algo semelhante a arrependimento.

— Acabei de passar pelas trigémeas junto ao lago — diz Dee, com suficiente amabilidade.

Rhys franze o sobrolho.

— Trigémeas?

Ela ri-se, desvalorizando a piada.

— As suas meninas, e a amiga, a da aldeia. Seren, não é? São as caras umas das outras. Exceto o cabelo, é claro. — Olha para o cabelo escuro de Rhys com um olho pseudocrítico. — Não há sinal de ruivo aí, está livre de suspeitas!

Ri-se de novo, mas Rhys já mal a ouve. Está a pensar noutra ruiva que conheceu em tempos, uma rapariga da zona, há anos. Cabelo avermelhado, com caracóis tão selvagens como os de Seren. Está a pensar que a última vez que a viu foi numa festa, como se tinham juntado e...

Enquanto Dee se despede, hora de se apresentar ao serviço a Blythe, para a minha próxima tarefa!, Rhys está a fazer contas de cabeça.

Trigémeas. A cara umas das outras.

O sangue lateja-lhe nos ouvidos. Cambaleia para longe dos alojamentos, até à beira da água. Por um momento, não se lembra

do apelido, ela era apenas Ffion gwyllt, depois vem-lhe à memória. Tira o telefone, faz uma busca por Ffion Morgan, passando pelas centenas de ligações de Internet que nada têm que ver. Acrescenta Cwm Coed e obtém uma dúzia de links para a força policial local. Está prestes a experimentar um termo de busca diferente quando vê uma fotografia anexada a um dos artigos. Abre-a, amplia-a.

Ffion Morgan é uma agente da polícia.

Rhys lembra-se vagamente de saber isto, um fragmento de informação partilhada por Glynis na sua atualização semanal de Notícias Lá da Terra, como se Rhys por acaso se importasse realmente que a Sra. Roberts, três portas abaixo, tivesse feito uma operação às cataratas, ou que a velha clínica estivesse a ser transformada em apartamentos. A rapariga Morgan entrou para a Polícia, será possível?

Um momento de reconhecimento, é tudo: a memória daquela noite tão breve e tão descuidada como um encolher de ombros. Ffion gwyllt. Ela tinha, talvez, dezassete ou dezoito anos? Algo do género. Mais velha do que as outras, certamente. Rhys teve muitos encontros comparáveis ao longo do tempo, e assume que as mulheres que encontra são igualmente promíscuas. Por que outra razão estariam elas tão sedutoras, tão dispostas?

Rhys olha através da água, para onde está Cwm Coed, atrás da faixa de árvores. Não pensa naquele verão há anos, mas, lentamente, as memórias filtram-se de volta. Aqueles horríveis workshops na escola, apenas suportáveis pelo sedução de meia dúzia de raparigas, a competirem pela sua atenção. A festa comemorativa, os miúdos todos e coca-cola, até que Rhys e Ffion tiveram a sua própria pós-festa.

Sente uma ponta de inquietação, como uma semente de fruta alojada num dente. Esforça-se por tirá-la, querendo livrar-se dela. Pensa na rapariga do Número 36, que disse «sim» a tudo até dizer «não», só que, nessa altura, Rhys já não ouvia. Pensa em Mia, tão provocadora, tão provocadora, e ainda assim estranhamente inflexível sob o seu toque. Apesar do frio do dia, o calor espalha-se-lhe por todo o corpo, o suor penetrante e desconfortável de uma febre, de uma doença, de uma vergonha.

O Google dá-lhe apenas um número da central telefónica da Polícia do Norte do País de Gales, mas, à medida que vai pesquisando, encontra dados de Ffion num antigo grupo comunitário do Facebook. Liga para aquele telemóvel antes de mudar de ideias. Tem de saber.

— Detetive Ffion Morgan.

Rhys ainda não planeou o que dizer. As suas palavras secam, a boca abre e fecha em vão, e ela fala de novo, irritação na voz.

— Estou? Quem fala?

— É o Rhys — consegue ele —, Lloyd.

Há um pequeno som do outro lado da chamada. Um silêncio, depois:

— O que é que quer?

Rhys mal consegue ouvi-la. Procura as palavras certas.

— Será que nós, você foi... — São a cara uma da outra, disse Dee. Mas ela não poderia, não poderia. Ele respira fundo e tenta novamente. — Isto é uma loucura, mas a Seren...

Ffion desliga.

Rhys sente uma dor no peito, tão violenta que se pergunta se está a ter um ataque cardíaco. O vômito sobe-lhe até ao esófago, acre e intenso, e ele cambaleia até à beira do lago, mãos nos joelhos, rosto refletido na água vítrea. Pensa na sedução no seu estúdio, como Seren o ajudou com a correspondência postal. Pensa nas mensagens de texto que enviaram para trás e para a frente.

Usa o vestido.

Rhys vomita na água, a bília pica-lhe a garganta. Limpa a boca com a palma da mão, tira o telefone e desliza atabalhoadamente pelo ecrã, apagando mensagens e desejando poder apagar os pensamentos com a mesma facilidade.

Mal consegue caminhar, mal consegue correr de volta para casa, contornando o alojamento dos Charlton, onde a porta da frente está bem aberta. Consegue ver Yasmin, e uma pilha de balões; Blythe com uma prancheta.

Bobby transporta caixas de vinho pelo caminho.

— Há mais no carro se...

Rhys não para. Chega ao escritório e senta-se pesadamente na sua cadeira, esforçando-se por controlar a respiração. O telefone produz o som de uma mensagem de Seren, e Rhys deixa sair um queixume baixo. Ela envia-lhe uma fotografia, e ele ainda tem um vislumbre de uma coxa lisa antes de apagar a mensagem. Oh Deus, oh Deus, oh Deus, fá-la parar. Apaga o contacto dela e depois bloqueia o número, o ar a entrar-lhe em golfadas dolorosas, como se estivesse a correr.

Ele não sabe quanto tempo fica ali, tombado sobre a secretária, mas já lá vão duas horas quando Yasmin envia Tabby à sua procura, dizendo-lhe que há demasiados trabalhos para fazer e não há gente suficiente.

Rhys atira-se a ela.

— Não vês que estou a trabalhar?

— Não pareces estar a trabalhar.

Rhys arranca o último envelope almofadado da sua agente e rasga-o, correio espalhado por toda a secretária.

— Feliz, agora? — Ouve a porta bater e sabe que ela vai correr diretamente de volta para Yasmin, mas não quer saber. O seu mundo está a arder e não sabe que fogo combater primeiro. Começa a abrir o correio, a enfiar o papel usado no envelope acolchoado e a colocar os formulários de entrada; a encaixar fotografias assinadas nos envelopes selados e endereçados a si mesmo. Retrai-se quando corta a língua num envelope, pressionando com raiva o selo de cola e depois empurrando-o para o saco do correio. Repetidamente: ranhura, selar, empurrar. Ranhura, selar, empurrar. E respirar. A ação repetitiva serena-lhe a mente e bloqueia-lhe os pensamentos, e lentamente começa a acalmar-se.

Um tubo de escape no exterior, zangado e alto no ar estaladiço. Rhys levanta-se e olha para fora pela janela para ver uma carripa ferrugenta Triumph Stag a parquear no espaço exterior do seu alojamento. A porta do condutor abre-se, e o peito do Rhys contrai-se.

Ffion.

Não pode deixá-la chegar perto de Yasmin ou das raparigas, não quando ele não sabe o que ela pode dizer-lhes; ele próprio não conhece os factos. Corre lá para baixo, tropeçando no último degrau e atirando-se tão depressa para o corredor que bate na porta antes de a conseguir abrir. A cor preta esborrata-lhe os limites da visão enquanto tropeça pelo caminho em direção a Ffion.

Ela não mudou. Ainda pequena, ainda com um sulco entre as sobrancelhas, como se passasse mais tempo carrancuda do que a rir-se. O seu cabelo é mais leve que o de Seren. Rhys não se lembra se sempre foi assim ou se está a amadurecer com a idade. Está apanhado num coque, por isso o que está à mostra é mais liso.

— Estou certo? — pergunta Rhys. — Será que a Seren... — Ele ainda não o consegue dizer, ainda está horrorizado com o próprio pensamento. Mas os olhos de Ffion estão a piscar. É verdade.

— Como descobriste? — Ela fala como se o cuspsse, como se fosse culpa do Rhys que tal se tivesse sabido. — Ninguém sabe. Ninguém!

— Eu... eu adivinhei. — Rhys olha para os alojamentos, ansioso por que a conversa termine antes que Yasmin venha à sua procura. Vai ficar furiosa. Será que isso importa?, pergunta-se Rhys. Ela está furiosa de qualquer maneira, ela quer o divórcio.

Ffion dá dois passos numa direção, depois na outra. Para e olha para o Rhys.

— Disseste alguma coisa à Seren?

— Não.

— Juras? — A voz de Ffion racha, e as lágrimas derramam-se-lhe sobre as pestanas inferiores.

— Juro. — Rhys sente uma súbita necessidade de se redimir, pela rapariga do Número 36, pelas mulheres sem nome e sem rosto que desprezou, ao longo dos anos. — Mas tenho duas filhas, duas outras filhas. Elas devem saber, a seu tempo, que têm uma meia...

— A fome rói-lhe as entranhas, o suor estoura-lhe na testa. Quando foi a última vez que comeu alguma coisa?

Ffion olha fixamente para ele.

— Nem pensar.

— Agora não, mas... quando lhe tiver dito. Quando ela se tiver habituado à ideia.

— Dizer-lhe? Não vamos dizer-lhe nada.

— Ela tem o direito de saber quem é o pai.

Ffion caminha lentamente na direção dele, os olhos sem deixar os dele. Rhys pisca nervosamente, o seu estômago retorce-se. Ela está suficientemente perto para lhe tocar, ele consegue sentir o odor a champô e a cigarros no cabelo dela.

— Se te chegares perto da minha filha — Ffion cospe as palavras —, se ousares dizer-lhe qualquer coisa, juro por Deus, Rhys Lloyd, que te mato. — Num movimento demasiado súbito para Rhys se afastar, ela oferece-lhe uma joelhada na virilha.

À medida que Ffion desaparece pelo caminho, e o ruído do motor do Triumph se envolve numa nuvem de pó, Rhys cai lentamente de joelhos.

CINQUENTA

8 de janeiro | Leo

Leo agarra a parte superior do para-brisas e ergue um pé para entrar no barco. Os relâmpagos piscam um branco brilhante, e uma rajada de vento desvia a embarcação para um lado. Não tem outra escolha senão cair no cockpit, atirando-se para o banco ao lado de Ffion, que não perdeu tempo a soltar as amarras. Quando os trovões começam a troar no alto, o molhe já ficou para trás, e agora Ffion solta o acelerador, e o barco a motor segue em frente, atirando Leo para dentro do convés.

Não consegue ver a água, e não sabe se isso ajuda ou piora a situação. Sabe que há árvores à distância, mas a tempestade de neve esconde-as, consumindo tudo, até parecer que não há nada em quilómetros. A luz da casa dos barcos perde-se na primeira curva do lago e, agora que passaram a costa, já estão nas partes do lago que podiam ser vistas do molhe. Ele agarra o lado do barco à medida que este avança na água, cada onda levantando-o da base. O coração bate-lhe contra a caixa torácica e não se atreve a rastejar de volta para o exposto e estreito banco.

Quando era um jovem agente da Polícia, catapultado para o centro da cidade de Liverpool, Leo encontrava-se sempre em situações de risco, para um sem-número de situações que poderiam ter acabado mal. A rixa à porta de All Bar One; o maluco das matracas a lutar contra qualquer pessoa que se aproximasse. O tipo na ponte que ameaçou atirar-se com Leo se este não o deixasse saltar. Nenhuma dessas missões o assustara.

Mas agora?

Agora, Leo está aterrorizado. Enquanto crescia, nunca houve dinheiro para atividades extracurriculares, e, quando se vive numa

propriedade, a quilómetros de água natural, as aulas de natação não são uma prioridade. Leo chegou a um momento, algures na sua adolescência, em que já era demasiado tarde, talvez demasiado humilhante, para aprender a nadar, e por isso nunca o fez.

Sob a luz fraca do tablier, a mandíbula de Ffion está rígida, os olhos na bruma vermelha no céu, desvanecendo-se mesmo quando Leo olha para ela. Ele respira fundo. Algures no meio da tempestade, perdido no nevão, está Seren, de dezasseis anos, sozinha e em perigo, e muito mais assustada do que Leo tem o direito de estar. Ele não consegue imaginar ser possível estar mais frio do que está agora o ar, no entanto, cada onda que cai sobre o para-brisas lembra-lhe as profundezas amargas do lago.

Com cuidado, arrasta-se centímetro a centímetro até ao banco ao lado de Ffion. O para-brisas oferece um pouco de proteção, e ele tenta encontrar o ritmo do barco, relaxando o seu corpo para que este absorva o impacto em vez de voar para o ar. O lago parece ao mesmo tempo líquido e sólido, cada onda uma parede de tijolo contra o casco. Ffion não vacila, os nós dos dedos brancos no volante, a neve a rodopiar sobre ela.

Leo sente uma força tranquila começar a edificar-se, algures entre a água dura e a tempestade que se abate sobre ela. Agarra o holofote entre os pés de Ffion e liga-o, varrendo a água com ele. Ffion está a fazer o que for preciso para recuperar a filha, e Leo não a pode desapontar. Depois, quando Seren estiver a salvo, fará o que for preciso para recuperar o seu próprio filho.

CINQUENTA E UM

Véspera de Ano Novo | Seren

Usa o vestido.

O estômago de Seren dá uma pequena reviravolta quando ela olha para a mensagem novamente. É isto. Ela tem estado a pensar se tudo isto aconteceu apenas na sua cabeça, acreditando que ele poderia gostar dela, até reparar dessa maneira. Até lho quis perguntar, como uma miúda estúpida. Gostas de mim? Está a acontecer alguma coisa entre nós?

Usa o vestido é a resposta que ela tem.

Está tonta de excitação enquanto se prepara. Lavou o cabelo esta manhã, e agora alisa o frisado, antes de usar o ferro quente para transformar cada madeixa em ondas suaves e soltas que se ondulam sobre os ombros. Pinta os olhos com dourados e castanhos, reveste as pestanas com rímel e molda as sobrancelhas da forma que aprendeu na Internet. Em cada camada de maquilhagem, sente-se mais velha. Quando termina, já não se sente Seren Morgan. Está feliz por isso, porque, no fundo da sua mente, ouve um pequeno aviso, que tenta fazer-se ouvir. Ela empurra-o para longe. Ela tem dezasseis anos. Ela poderia deixar a escola. Casar. Conduzir uma mota.

Fazer sexo.

Os olhos de Seren abrem-se no espelho. Ela não vai fazer sexo. Ela não quer; ainda não. Mas sabe que pode. Sabe que atingiu aquela idade em que tem poder sobre os homens, e o sentimento é intoxicante.

Usa o vestido.

Ela está a usá-lo. Tem mangas compridas e um colarinho tão alto que o vestido parece enfadonho, talvez até casto, até se perceber

como é curto. Se o tecido fosse mais solto, seria impossível usá-lo sem mostrar as cuecas, mas agarra-se ao rabo como um fato de banho, esculpindo-lhe as nádegas e parando mesmo acima da abertura das coxas. É um vestido espantoso, e Seren fica uma rainha nele.

— Estás linda — diz Elen. Ela tenta aceitar as leggings pretas que Seren está atualmente a usar entre as botas Doc Marten e o vestido. As botas ficarão calçadas; as leggings não. — No entanto, preferia que não usasses tanta maquilhagem.

Seren ainda não pôs o batom vermelho-sangue que comprou especialmente para esta noite.

— Diverte-te com a Efa e a Siân.

O coração de Seren bate forte quando abraça Elen e diz Blwydden Newydd Dda, porque a mãe vai estar na casa de Angharad à meia-noite, onde não haverá grande festa. A mãe obrigou Seren a prometer que não ia ao The Shore. Diz ter ouvido dizer que há um bando de idiotas que planeiam ir à festa, e teme que haja problemas, mas Seren sabe que isso não é o que verdadeiramente a preocupa. Angharad deixou escapar a Elen que Seren tem andado com Caleb, e ela deve conhecer o cadastro dele, porque tem andado esquisita a propósito disso desde então.

— Ele é mais velho do que tu — disse ela a Seren. — É uma má influência.

Se ela soubesse. Elen não faz ideia de que Seren não vê Efa e Siân fora da escola há meses; que o seu dinheiro para as pequenas despesas vem, não de cuidar de crianças, mas de ajudar Rhys com o correio de fãs.

A mãe acabará por descobrir que Seren foi à festa. Poderá até saber esta noite, através da sua rede de espiões, da mesma forma como descobriu, daquela vez, que Seren faltou à escola para ir às compras em Wrexham. Seren irá lidar com isso se tal acontecer; por agora, está a viver o momento.

Está no lago quando vê Huw, uma camisa bonita a sair-lhe por baixo do casaco. Ele olha para a roupa dela.

— Vais à festa? Eu também.

— Não me lixes. — Todos na aldeia conhecem a fúria de Huw em relação ao The Shore por causa do dinheiro que lhe devem.

— A tua mãe sabe que falas assim? — Huw atira uma chave ao ar, apanhando-a com a mesma mão. — Anda, dou-te boleia.

O barco de Huw é rápido e poderoso, saltando sobre a superfície do lago. Seren esconde-se atrás do abrigo do para-brisas curvo, o capuz do casaco puxado para cima para lhe proteger o cabelo.

— Caleb, não é? — grita Huw.

Seren encolhe os ombros. Aponta para o ouvido e finge que não consegue ouvi-lo. O vento fustiga-os na cara.

— ... com o Rhys, ouvi.

Seren ruboriza. O que disse Huw? Mas depois ela apanha qualquer coisa sobre o trabalho e a porcaria do correio dos fãs, e respira.

— Poupar para a universidade — grita ela de volta.

Estão agora a pouca distância do The Shore, e ele empurra o acelerador para que o motor comece a virar. O súbito silêncio é quase doloroso.

— É melhor teres cuidado com esse homem — avisa Huw. Entrega-lhe a amarra e ela fica na borda do barco, com uma mão no para-brisas. Feliz pela desculpa de poder desviar o olhar. — Lixa-te assim que olhar para ti, esse.

Assim que estão suficientemente perto, Seren salta rapidamente para o pontão e amarra o barco.

— Obrigada pela boleia — diz ela, correndo para a escada e deixando Huw para trás.

Uma série de luzes rodeia o deque fora do alojamento dos Charlton, as janelas da tenda já embaciadas. No interior, as portas de correr da casa estão abertas. Seren entra, de repente, com timidez, e olha em volta para ver quem lá está. A sala está cheia e barulhenta, com música foliara a bombear das colunas na parede. A velha Sra. Huxley está sentada no sofá com a mãe de Caleb, Clemmie, mais duas mulheres da aldeia. Os Stafford estão aqui, riem-se de algo que Blythe diz. Yasmin está ali, a falar com Mia, mas não há sinais de Rhys, e Seren sente-se subitamente ansiosa; vestida demasiado formalmente e fora de contexto. Algumas das

mulheres estão vestidas com vestidos elegantes, e alguns dos homens estão de casaco de jantar, mas a maioria das pessoas está vestida como se fossem para o bar.

— Olá.

Seren sente uma mão no ombro. Vira-se, mas o rosto descai quando vê quem é.

— Estás com bom aspeto. — Caleb olha-a de cima a baixo. — A sério, estás com um aspeto espantoso. Ouve, eu ia dizer isto de qualquer maneira, não é porque pareças... quer dizer, estás mesmo fantástica...

Seren ainda está a perscrutar a sala. Onde está ele? O seu peito está apertado, de nervosismo e excitação, e Caleb está a falar com ela, mas ela não está a ouvi-lo. Imagina a forma como Rhys vai ficar quando a vir, como vai perceber que está vestida só para ele.

— ... se não andas com ninguém. Talvez. — Caleb termina, hesitante. Espera que ela diga alguma coisa.

Seren olha fixamente para ele, e finalmente percebe.

— Acabaste de me convidar para sair?

Caleb morde o lábio.

— Mais ou menos.

Lá está ele! Veste um casaco preto e um laço vermelho, um lenço a condizer, dobrado no bolso superior. Parece vestido tal como ela o via nos concertos na televisão.

— O que achas? — Caleb espera, depois segue o olhar dela e aterra em Rhys. Olha de volta para Seren. — Credo, Seren. A sério?

— O quê? — Seren sente-se a ficar quente. Caleb está a olhar para Rhys como se quisesse dar-lhe um murro, e ela vira-lhes as costas e vai procurar a casa de banho. A mãe tinha razão: há aqui um grupo de homens que bebem em Y Llew Coch, encostados à parede como se estivessem à espera de alguma coisa. Steffan Edwards está a beber, e até Seren sabe que isto vai acabar mal.

Ao voltar da casa de banho, pega numa taça de champanhe e emborca-a de uma vez, depois toma outra. Acalma os nervos, fica com a cabeça zumbir, mas ainda não se sente pronta para falar com Rhys. Quer que ele venha e que a encontre, está demasiado ansiosa para dar o primeiro passo, já se sente suficientemente como

um peixe fora de água. Pega no telefone para lhe enviar uma mensagem.

Grande festa!

Isso deve bastar. Casual. Não propriamente dependente.

O envio da mensagem falhou. Tal nunca aconteceu antes. A seu lado, Clemmie bate no cotovelo de Seren, gritando «desculpe!» enquanto roda de um lado para o outro, fazendo uma espécie de dança irlandesa.

— Estás a divertir-te?— pergunta Mia, inclinando-se para se fazer ouvir.

Automaticamente, Seren esconde a taça de champanhe atrás das costas.

— Está tudo bem, acho eu.

— A tua mãe está aqui? — pergunta Mia.

— A mãe, no The Shore?

Yasmin aparece, traz um perfume adocicado.

— Seren! Viste Tabby e Felicia? Tenho andado à procura delas por todo o lado.

— Acho que estão a ver Netflix na casa do Caleb. — É onde as gémeas estão, Seren sabe, porque lhe enviaram uma mensagem a dizer-lhe para lá ir ter.

— Diz-lhes que preciso delas para obrigarem o pai a comer alguma coisa.

— Hum. Está bem. — Seren não quer ir ao número quatro. Ela quer ficar aqui, onde Rhys pode encontrá-la. O seu rosto está a sofrer com o esforço que faz para sorrir e para rir, para que, quando ele reparar nela, ela pareça estar a divertir-se, pareça que não está à espera dele.

— Coloquei uma sanduíche embrulhada numa película aderente no frigorífico — disse Yasmin. — Elas podem dar-lhe isso. Não me devia importar, mas ele está completamente embriagado, é mortificante.

Seren suspira com ar resignado. Caminha em direção à porta, depois volta-se e vai buscar outra bebida, e depois outra. Só quando

Yasmin olha para ela do outro lado da sala é que ela, relutantemente, faz o que lhe foi pedido.

Tabby e Felicia estão esparramadas no sofá na casa de Clemmie; Caleb está no chão, encostado à mesa do café. A televisão está em modo silencioso e a música está alta, e os três estão a olhar para os telefones. As caixas de piza vazias, como lixo, no chão, untando de gordura o papelão.

— Tudo bem? — pergunta Seren. Tabby e Felicia trocam olhares antes de responderem o sorridente e falso «olá». Têm falado sobre ela. Que se lixem, então. Caleb está a franzir o nariz ao telefone, como se estivesse no meio de algo importante e não pudesse ser interrompido, mas Seren sabe que é por causa do que lhe disse há bocado. O estúpido é que ela gosta mesmo do Caleb. Só que ele ainda é um rapaz. As raparigas amadurecem mais depressa do que os rapazes, toda a gente sabe disso, por isso não é estranho gostar-se de alguém mais velho. Nada mesmo.

Seren transmite a mensagem de Yasmin.

— Que se lixe. — Felicia não hesita.

— Tem de comer. — Tabby parece dividida. — A mãe diz que ele está destruído, vai ser muito embaraçoso se ele, tipo, vomitar em todo o lado, ou algo assim.

— Não depois do que ele fez — diz Felicia.

Seren está confusa.

— O que é que ele fez?

As raparigas olham umas para as outras. Felicia encolhe os ombros como quem diz se quiseses.

— Ele drogou a Felicia — acaba por dizer Tabby. Seren pestaneja. Ela olha para Caleb, para ver se ele está tão chocado como ela, mas é evidente que isto não é novidade para ele. — Ela não dormia quando era bebé, por isso o pai drogava-a todas as noites e não contou à mãe, e agora ela descobriu e enlouqueceu de vez.

Seren abana a cabeça.

— Isso é de loucos.

— Não é? — diz Tabby.

— Não acredito nisso.

Felicia olha fixamente para ela.

— Estás a dizer que estamos a mentir?

— Não, mas...

— Espera. — Tabby finge vomitar — Isto é porque estás apaixonada por ele, não é?

— O quê? — Seren tenta forçar uma gargalhada, mas soa falsa; até a ela. — Credo, não. Vim apenas para vos dar a mensagem de Yasmin. Estou-me a cagar para isso. Eu própria lhe dou a sandes se tu...

— Hum, não me parece. — Tabby levanta-se e estende a mão para puxar também para cima uma Felicia relutante. — Nós tratamos disso.

As raparigas vão-se embora, e Seren quer morrer. Todos sabem que ela está vestida para Rhys, e ele nem sequer reparou nela e oh Deus, porque é que ela veio? Sente-se pouco à vontade na casa de Clemmie, e Caleb nem sequer olha para ela, apenas a fingir que está a ver alguma coisa no telefone.

— Então... — diz ela, esperando que ele responda alguma coisa. Ele não o faz. — Hum. O que disseste há bocado. Quando tu — o rosto está a arder e ela acaba rapidamente — me convidaste para sair. Tipo, nós podíamos. Se quiseses. Um destes dias. — É patético, ela sabe. Como um cão a implorar carícias.

Caleb olha fixamente para ela. Há um rápido vislumbre de uma expressão terna, mas depois o rosto dele endurece.

— De que é que estás a falar? Eu não te convidei para sair — diz, soltando uma ligeira gargalhada, regressando depois ao telefone.

Seren sai de lá o mais depressa que consegue. Respira apressadamente, quase a chorar, e, de repente, dá-se conta de como já está bêbada. Fica no escuro, a ouvir os sons da festa vindos da casa dos Charlton. Podia ir a pé para casa. Podia comer um dos chocolates quentes da mãe e ver uma merda qualquer na televisão até à meia-noite.

Morde o lábio de tristeza. Ouvem-se gritos mais acima, vá-se lixar, seu merdas, e uma explosão de riso e barulho quando uma porta se abre e depois se fecha. Seren recompõe-se e volta a dirigir-

se para a festa. Sobressalta-se ao passar por Steffan Edwards, embriagado, e murmura para si própria por entre as sombras. Todos estão bêbados, agora, a festa cheia de corpos suados, balançando, apertados e gritando por cima da música. Seren observa através das laterais, enchendo-se de coragem.

Mia largou as bandejas e está a falar com Bobby Stafford; interrompe quando vê Seren.

— Estás bem, miúda? — pergunta, olhando para baixo, verificando o que Seren está a beber, mas esta está farta de ser tratada como uma criança, por isso pega no champanhe meio bebido da mão de Mia e engole-o.

— Saúde — diz ela, devolvendo-o depois.

— O Huw vai levar-te a casa mais tarde, querida? — O rosto de Mia está cheio de preocupação.

— Estou a pagar-lhe para ser empregada de mesa, não para socializar. — Jonty intromete-se.

— Tecnicamente, está a pagar-me para andar a entregar canapés — diz Mia. — E já não há, por isso... — Ela volta-se para Seren. — Não vais a pé para casa sozinha, pois não? Eu sei que vocês, miúdas, pensam que podem lidar com tudo, mas... — Ela não termina, mas não precisa de terminar; Seren já ouviu tudo isto antes. Não vão a pé para casa sozinhas, vão pelas estradas principais, não usem saias curtas... Coisas de velhos, a Mia, a Ffion, a mãe. Não percebem que agora as coisas são diferentes. Passaram toda a vida a esconder-se e a mudar de caminhos, mas as mulheres estão a recuperar o domínio. Vestindo o que querem, fazendo o que lhes apetece.

Seren recompõe-se. A bebida está a turvar-lhe a visão; afasta-se de Mia com uma firmeza cuidadosa, o movimento é sentido como se pertencesse a outra pessoa. Rhys está na cozinha. Está a comer uma sandes e a falar com Jonty, e Seren paira, querendo que Rhys fique sozinho antes que ela perca a coragem. Jonty debruça-se para ele para lhe dizer algo sobre a música, dando-lhe uma palmada nas costas antes de se afastar.

Agora.

O coração de Seren acelera. Rhys caminha agora pela festa. Num instante, ela vai perdê-lo para outra pessoa, e depois pode demorar séculos até ele voltar a estar por conta dela.

— Olá. — Ela tenta parecer suave e casual. Ainda sexy, assim o espera, embora a sua maquilhagem esteja borrada, e o calor da sala lhe tenha achatado o cabelo. Junta os lábios em forma de beijo, olha para ele por baixo das pestanas.

Rhys para. Olha-a, mas não da forma como ela o imaginava. Está a franzir o sobrolho, os olhos a observarem-lhe o vestido, as botas, a maquilhagem; a boca dele a virar-se para baixo no que parece ser repugnância. Ele acha-a repugnante. Ela estremece à beira das lágrimas, bêbada e emocionada.

Rhys passa por ela e vai em busca de alguém diferente, alguém menos repulsivo. Lágrimas rolam pelo rosto de Seren.

Usa o vestido, dissera ele. E ela vestiu-o, mas agora...

Seren respira fundo e esfrega a cara com raiva. Ela não chorará por um homem; não deixará que ele a faça sentir-se tão humilhada, tão inútil. A raiva começa aquecer-lhe o interior, e dói menos do que a alternativa, por isso deixa-a aquecer até que esteja a ferver. Olha para Rhys quando ele sai da festa. Cabrão, pensa ela. Fá-la sentir-se melhor, por isso di-lo em voz alta:

— Cabrão, cabrão, cabrão. — Recompõe-se. Rhys Lloyd não a merece.

Não merece ninguém.

CINQUENTA E DOIS

8 de janeiro | Ffion

Durante os primeiros cinco meses da gravidez, Ffion não olhou para a barriga. Fechava os olhos no duche, puxando a roupa folgada sobre a pele ainda húmida para evitar que se visse ao espelho. A cintura da saia do uniforme da escola era colocada um pouco mais alta todos os dias, até que a bainha se tornou suficientemente indecente para a professora o comentasse. Depois, Ffion deixou o fecho de correr solto, alargando o espaço dos botões com um fita de cabelo e deixando uma camisola muito larga cair-lhe sobre o tronco.

O pai também não olhava para a barriga dela. Na verdade, raramente olhava para ela, e o coração doía-lhe de infelicidade. Desejava que eles pudessem falar sobre isso, mas concordou com a insistência do pai de que, se o bebé fosse educado como sendo seu e de Elen, seria melhor para todos eles comportarem-se desde o início como se isso fosse realmente o caso. Os três moviam-se pela casa num silêncio desconfortável, a barriga de Ffion era um elefante na sala. À medida que a roupa de Ffion crescia, a de Elen também crescia, escondida debaixo de grandes casacos nas suas raras incursões às lojas.

— Estamos apenas a passar tempo como uma família — dizia ela, explicando o seu súbito afastamento da vida da aldeia. Ninguém a questionou. O seu marido estava a morrer; por que razão não haveriam eles de esconder-se? Quando Ffion estava grávida de vinte semanas, sentiu um tremor por baixo da camisola, como uma traça presa entre as palmas das mãos. Conteve o ar, colocando instintivamente as mãos no estômago, e Elen levantou a cabeça alarmada.

— Tens dores?

— Não, eu... — Aconteceu de novo, como se a barriga desse uma volta numa montanha-russa. A ideia espalhou um sorriso pelo rosto de Elen.

— O bebé está a mexer-se, não está?

Os olhos de Ffion estavam enormes de espanto, as mãos dela acariciando o ventre. Esticou os dedos sobre a barriga, dando-se conta pela primeira vez de como a sua pele estava esticada, de como o ventre era pesado e sólido por baixo.

— Shhh — murmurou ela, e a traça sossegou. Elen agachou-se a seu lado, entalando as suas próprias mãos à volta de Ffion, e as duas esperaram por mais sinais de vida.

— Será que dói muito? — Ffion perguntou à mãe. Ela tinha lido os livros que Elen tinha comprado, tinha até visto aquele vídeo horrível na escola, mas ainda achava difícil compreender que, numa questão de semanas, haveria de facto um bebé a sair de dentro dela. — Tipo, a sério?

Elen levantou-se, beijando furiosamente a testa da filha.

— Conheces o melhor antídoto para a dor?

Ffion lembrou-se da mulher no vídeo.

— A epidural?

Elen riu-se.

— Amor, Ffion Morgan. O amor é a resposta para tudo.

Ffion mantém o acelerador a fundo, o barco a motor a navegar para a frente ao encontro de cada onda. Seren, onde estás? Leo balança a lanterna da esquerda para a direita, a neve bate com força, retorcendo-se ao vento.

O amor é a resposta para tudo.

Há mais de dezasseis anos, a mãe tinha pegado na mão de Ffion, precisamente quando esta pensava Mais não, não aguento mais, e colocou-a entre as próprias pernas de Ffion, e o espanto tinha vencido a repulsa, quando ela sentiu a cabeça do bebé sair.

— Mais um empurrão — disse a mãe. A dor rasgava Ffion ao meio, mas a casa ainda estava cheia de cartões de condolências, e ela sentia o amor a sair deles em ondas. As pessoas amavam o pai,

amavam-nos a todos, o suficiente para enviar flores, enviar cartões. E o amor era o antídoto para a dor.

Seren deslizou para fora, e para as mãos da mãe, e um segundo depois estava deitada no peito de Ffion, com a boca aberta num choro de desenhos animados. Houve um momento em que ela quis dizer vou ficar com ela, e poderia ter jurado que o mesmo pensamento teria passado também pelos olhos da mãe. Mas tinham feito um plano e, além disso, a ideia de ser mãe era demasiado aterradora, demasiado impossível de compreender. Seria melhor para a bebé entregá-la, não seria? Seria mais fácil.

Não seria?

— Queres tentar alimentá-la? — A mãe foi gentil, encorajadora, mas Ffion recusou.

— Leva-a.

— Tu podes...

— Leva-a!

Quando o leite de Ffion chegou, foi sentido como uma traição. Sentava-se curvada para a frente no banho, os seios a latejarem e as torneiras a correrem para bloquear o som da sua filha, não, da sua irmã, a chorar lá em baixo, a chuchar no biberão da mãe. Era melhor assim.

Não era?

Um relâmpago ilumina o céu.

— Ali! — Leo aponta. A silhueta já desapareceu, de volta ao redemoinho branco da tempestade de neve, mas não sem antes Ffion também o ter avistado. Um barco. Fustigado primeiro de um lado e depois do outro, dobrando-se e debatendo-se, o mastro partira-se em dois. Ela roda o leme, virando para oeste e desejando que o barco a motor ande mais depressa, Leo apontando a lanterna para a água.

Lentamente, o bote ancorado toma forma, quinhentos metros à frente.

— Seren! — grita Ffion. Ela própria mal se consegue ouvir acima do estrondo do trovão, dizendo-lhes que a tempestade está mesmo por cima das suas cabeças.

Quatrocentos metros.

E agora Ffion consegue ver uma figura no barco, agarrando-se ao que resta do mastro.

Seren.

Vão conseguir. Ffion deixa sair um soluço de alívio. Mas o vento não facilita. Rodopia à volta da montanha Pen y Ddraig, e ruge pelas costas do dragão, ganhando força enquanto atravessa o lago, cada onda maior do que a anterior. O barco de Angharad inclina-se, balançando como se estivesse a decidir para que lado cair, e Ffion grita ao barco de salvamento para vir mais depressa, mas é demasiado tarde.

O barco de Angharad está a virar-se.

CINQUENTA E TRÊS

8 de janeiro | Leo

À medida que se aproximam dos destroços do barco de Angharad, Leo agita a lanterna em arco, procurando um vislumbre de Seren. A luz faz ricochete, o branco da neve quase cega. Os detritos flutuam na água: recipientes de plástico, corda, pedaços de lona, arrancados do porão.

— Pega no leme — grita Ffion.

Pega no...

Mas Ffion está de pé, no assento, com os braços levantados, com o casaco numa rodilha no chão. Rapidamente, desaparece, entrando na água num mergulho raso.

— Ffion! — O barco a motor inclina-se para um lado, e Leo deixa cair a lanterna e agarra o leme, lutando de volta para enfrentar o local onde viu Ffion pela última vez. Será que já se desviaram? O barco de Angharad virou-se, o casco vermelho-escuro é a única parte visível.

Leo olha fixamente para os comandos. Não é diferente de um carro, certo? Conduz com uma só mão, tentando navegar em círculos, sempre sabendo que o vento o está a desviar do rumo, que corre o risco de perder a pista por onde Ffion entrou. A luz da lanterna pisca e ele abana com força, pensando não agora, não agora!, enquanto a aponta para a água.

— Ffion! — chama ele novamente, consumido pelo medo, com raiva por não saber nadar, por não poder salvá-la. Há uma boia de salvamento na parte de trás do barco, mas de que serve, quando ele não consegue ver quem dela precisa? Ele anda às voltas de novo, e de novo e de novo, e graças a Deus o trovão parou; e estará a neve a amainar? Tem os dedos entorpecidos de frio, a adrenalina

faz-lhe tremer a luz da lanterna, lançando sombras sobre as ondas, pregando-lhe partidas na mente.

Ffion.

Leo olha fixamente. Ffion? Empurra o acelerador, com o maior cuidado possível, e o barco lança-se para a frente. E lá está ela, na água: a pontapear furiosamente e a cortar a água com o braço livre; o outro a agarrar um colete salva-vidas branco enrolado à volta de uma Seren que não se mexe.

CINQUENTA E QUATRO

8 de janeiro | Ffion

Para um homem que nunca tinha estado num barco a motor, quando mais a conduzir um, Leo está a fazer um trabalho surpreendentemente bom. Ffion fica agachada no barco, os joelhos junto à água, enquanto se agarra ao corpo inerte da filha. Seren mal está consciente, com os olhos fechados e os membros soltos, mas respira. Ffion sente-lhe a pulsação, mas as suas próprias mãos estão desajeitadas pelo frio e a que ela encontra é perigosamente lenta. Será aquela a pulsação de Seren, ou a sua?

Quanto tempo terá estado Seren na água? A sua temperatura central continuará a descer; eles não têm nada com que aquecê-la. Leo atirou o casaco encharcado para cima dela, e o de Ffion também, e Ffion está a esfregar os braços de Seren com força, tentando acelerar-lhe a circulação.

— Vá lá, querida, vá lá — diz Ffion, calma e urgentemente. Seren não reagiu quando Ffion a alcançou, a cabeça da rapariga mais nova bateu de volta contra o colete salva-vidas que ela tinha tido a presença de espírito de vestir. Teria batido com a cabeça? Ffion inclina-se e pressiona um beijo na testa de Seren, um soluço sai-lhe de repente. Seren era uma criança pequena quando a beijou pela última vez desta maneira. Momentos roubados quando a mãe não estava por perto; momentos em que Ffion se permitia, só por um instante, sentir o aperto à volta do coração.

— O que é que eu faço? — grita Leo. Há pânico na sua voz, e Ffion olha para cima, percebendo que se aproximam do molhe. Leo desacelera.

— Desliga o motor! — Ffion não quer sair de junto de Seren. O súbito silêncio é um alívio, mas eles continuam a avançar

demasiado depressa. O vento e as ondas empurram-nos para a margem, e ultrapassam a extremidade do molhe, onde encontraram o barco. — Agarra-te! — grita Ffion. O leito do lago não é daqueles que se afastam suavemente da margem, algo que apanha regularmente os banhista que caminham junto à água com as calças enroladas. De repente, o leito afunda-se, a profundidade da água desce da altura do joelho para a profundidade do peito num único passo. O lago subiu, e é difícil saber exatamente onde está a plataforma, mas deve ser por...

Há um estrondo violento, e Leo espreita para o leme, praguejando em voz alta.

— ... pronto.

O barco sobe avança pelo cascalho. Leo salta para fora, até aos joelhos na água gelada, arrastando o barco até ao cimo da margem.

— Ela não se mexe. — Ffion tenta acalmar-se, tenta ser profissional, tenta, tenta, tenta mas... — Ela não se mexe! — O vento uiva, a neve despenca-se-lhe na cara, cobrindo Seren com flocos gelados tão depressa quanto Ffion os consegue limpar.

No funeral do pai, a mãe acalmou uma Seren irritadiça com um biberão.

— Não tenho leite — disse ela, com sinceridade, aos amigos de olhos brilhantes. Os peitos de Ffion doíam-lhe. Ela viu o caixão do pai deslizar atrás da cortina, sentindo-se culpada por as lágrimas que derramava serem tanto por Seren como por ele.

— Sê forte, cariad — murmuravam as pessoas. — A tua mãe vai precisar de ajuda com a tua irmã.

Ffion tem sido forte há dezasseis anos. Ela está exausta.

Leo puxa Seren para cima e coloca-a em cima dos ombros como se ela nada pesasse. Corre em direção à casa dos barcos, olhando para trás para controlar Ffion, que de repente mal consegue suportar o próprio corpo, quando mais carregar outro. Ela tropeça atrás de Leo, não tirando os olhos da menina aos solavancos por cima do ombro dele.

Enquanto Seren passava de bebé para criança, Ffion esforçava-se por esquecer. Obrigava-se a pensar nela como irmã, e não filha.

Obrigou-se a esquecer o nascimento, a fingir que a barriga nunca tinha estado cheia, e, lentamente, começou a acreditar nisso. Empurrou Seren para longe. Disse a si própria que Seren era demasiado pequena, demasiado carente, demasiado imatura. Demasiado irritante.

Ffion sufoca um soluço. Era uma forma de sobrevivência, nada mais que isso. O luto por um bebé perdido, apesar de Seren ter vivido.

Na casa do barco, tudo está como o deixaram. Steffan está em coma na secretária, e Ffion procura nos armários, arrancando polares e meias de reserva, enquanto Leo chama uma ambulância. Rapidamente, Ffion remove as roupas molhadas de Seren, envolvendo-a nas secas que encontrou e ignorando os próprios dentes a tremer. Seren murmura, em delírio, recuperando e perdendo a consciência.

Ffion puxa um chapéu sobre o cabelo de Seren. O choque da água fria leva à hiperventilação, reduzindo o fluxo de sangue para o cérebro. É isso que faz a cabeça nublar-se; o que provoca o desmaio. Seren não está fora de perigo, ainda está muito longe disso.

— Viste se tinha feridas? — Leo está a examinar o colete salva-vidas encharcado que Seren estava a usar. — Cortes?

— Sim, claro.

Ele passa os dedos por cima do casaco.

— Verifica de novo. — O pânico sobe no peito de Ffion. Será que lhe escapou alguma coisa, na sua pressa de aquecer e secar Seren? Percorre os dedos à volta da cabeça da filha, procurando galos, verificando se há sangue. Seren geme, e Ffion acarinha-lhe o rosto com as palmas das mãos, tranquilizando-a, dizendo-lhe que a ajuda vem a caminho. Ela percorre com as mãos cada um dos braços de Seren, e à volta do tronco, mas não vê marcas. Se Seren tem ferimentos, estão escondidos. Ao longe, Ffion ouve o som de uma sirene de ambulância.

— Não compreendo. — Leo franze o rosto, passando o colete salva-vidas a Ffion. Talvez tivesse sido branco em algum momento, mas agora era de um cinzento-sujo. Um casaco antiquado,

volumoso e quadrado. — Isto é definitivamente sangue de lado, na parte de trás.

A mancha é castanha e terrosa, incrustada no tecido, apesar da imersão em água. Ffion olha fixamente para ela. Se não é sangue de Seren, de quem é?

CINQUENTA E CINCO

9 de janeiro | Leo

Ffion está à espera de Leo no lago na manhã seguinte, as mãos empurradas para dentro do enorme casaco e as biqueiras das botas escurecidas pela água do lago. Leo sai do carro e caminha na sua direção, sentindo-se subitamente embaraçado. A noite passada foi mais intensa, mais íntima, até, do que os momentos que ele e Ffion passaram juntos na véspera de Ano Novo, e tudo o que Leo quer dizer parece inadequado.

Está alguns passos atrás dela.

— Grande noite — diz ele, calmamente. O lago está plano e calmo, a superfície tão vítrea que Leo sente que conseguiria pisá-la. As árvores alongam os reflexos sobre a água, nem sequer uma ondulação estilhaça a ilusão. Durante a noite, a tempestade desvaneceu-se, deixando montanhas cobertas de neve sob um céu azul brilhante.

Ffion não diz nada. Recua, apenas um passo, e Leo avança, de modo que, quando ela inclina a cabeça para trás para se encostar a ele, ele já lá está. Ficam a observar o lago, o queixo de Leo a morder o cabelo de Ffion. Após um momento, desliza os seus braços à volta dos dela. Pensa nela ao leme do barco de Steffan, com medo suplantado pela determinação, e sabe que nunca mais vai conhecer outra mulher assim.

— Mas que bem... — diz, por fim, Ffion.

— Levas-me sempre aos melhores lugares.

Ffion ri-se e vira-se, e por um segundo estão tão perto que parece que podem...

— Imagino que não paraste para beber um café? — Ffion caminha em direção ao carro, o momento perdido.

— Uma meia de leite, uma colher de açúcar.

— Vais fazer de alguém uma esposa adorável.

Enquanto conduzem em direção à casa de Angharad, Leo lança olhares discretos a Ffion, cujos olhos estão inchados e avermelhados. Ela segura o café com as duas mãos, aquecendo o rosto com o vapor.

— Conseguieste dormir alguma coisa?

— Não propriamente.

— Devias estar no hospital, com a Seren.

— Ela não me quer ver. — Ffion vira as costas, o assunto está encerrado.

Angharad está no centro da clareira, como se soubesse que eles estavam a chegar. Como se fosse alertada pelo vento, pelos animais da floresta, pensa Leo, depois repreende-se pelo sentimentalismo. Num galês rápido, Ffion prende Angharad, que veste o mesmo macacão escuro que tinha quando Leo a conheceu; botas com atacadores e um lenço vermelho-sangue a segurar-lhe o cabelo.

Mais tarde, quando estão sentados numa sala de interrogatório, tendo Angharad recusado a oferta de representação legal, Leo repete-lhe os direitos em inglês. Ele vira a página do seu bloco de notas para uma página nova.

— Como conheceu Rhys Lloyd?

— Da mesma forma que todos no País de Gales o fizeram. A criança estrela. — O tom de Angharad é de gozo.

— Não gostava dele?

— Eu não gostei do que ele fez ao lago. À margem. Todas aquelas árvores, arrancadas para dar aos ingleses mais casas de férias.

— Ah, não gosta dos ingleses?

— Está a pôr palavras na minha boca, detetive. Não ponho objeções aos ingleses...

— Fico contente por ouvir isso.

— ... quando eles estão em Inglaterra. — A expressão de Angharad é enganosamente neutra. — Mas, quando uma jovem

família na nossa comunidade não pode pagar uma casa de dois quartos e os londrinos do outro lado do lago pensam em gastar meio milhão de libras numa casa de férias — ela faz uma pausa —, então, sim, oponho-me ao povo inglês.

— Não se mistura com os residentes de The Shore, então? — diz Leo.

— Ninguém se mistura. Eles mantêm-se do seu lado do lago; nós mantemo-nos do nosso. — Angharad olha para Ffion. — Não te vi na água na manhã do dia de Ano Novo.

— Estava ocupada. — Ffion oferece um sorriso estreito. — Mas estamos aqui para falar dos seus movimentos, não dos meus.

— Nem parece teu, perder o mergulho.

— Ouvi dizer que havia lá muita gente — diz Leo, percebendo que Ffion teria saído do seu apartamento no momento em que a aldeia se estava a reunir na margem do lago.

— Quase todos. Tem sido assim desde que eu era menina. Nem toda a gente nada, claro.

— Será que muitos atravessaram vindos do The Shore? — pergunta Leo.

Angharad semicerra-lhe os olhos.

— Ninguém. Como eu disse: eles têm o lado deles, nós temos o nosso. Eles não teriam sido bem-vindos.

— No entanto, foi feito um convite aberto para a festa de Ano Novo do The Shore. Dezenas de pessoas da aldeia foram. — Leo tenta manter o foco na entrevista. Há algo que Angharad acabou de dizer que lhe desencadeou uma memória, algo que parece significativo, se ele conseguisse agarrá-la.

— Mais para os enganar. — Angharad olha para Ffion. — Sabes o sentimento que existe. Sabe como os galeses se sentem em relação aos ingleses.

— Alguns galeses — diz Ffion.

— A Inglaterra sempre viu o País de Gales como uma colónia. Algo para controlarem. Roubaram-nos o carvão, a água, o aço. Tentam levar-nos a língua.

— O The Shore está construído no lado inglês do lago. — Leo está a esforçar-se muito para não levar isto a peito.

— Apenas porque os ingleses ficaram com a terra.

— Vamos seguir em frente? — Leo perdeu a paciência. — O que está aqui em causa não são as relações entre a Inglaterra e o País de Gales.

— Oh, mas está, sim — diz Angharad sombriamente —, esteve sempre em causa, lá no fundo.

Ffion inclina-se para a frente.

— Até que ponto conhece bem Ceri Jones?

— Conheci-a toda a vida. Ela tem um grande talento como artista, é uma pena que nunca o tenha perseguido.

— Sabia que ela foi intimidada por Rhys Lloyd? — questiona Ffion.

— Falámos sobre isso. Ele foi insuportavelmente cruel com ela.

— Alguma vez ela disse que queria vingar-se do Rhys pelo que ele lhe tinha feito? — Leo está a trabalhar numa teoria. Ceri e Angharad são ambas mulheres que vivem nas margens da sua comunidade, marcadas pelos acontecimentos do passado. E se o seu ódio mútuo por Lloyd as juntou? Ceri tinha deixado o The Shore antes da morte de Lloyd, e sabem pelas câmaras na entrada que ela não voltou a pé, mas teria podido voltar de barco?

Ffion inclina-se para trás na cadeira e puxa um saco de provas.

— Reconhece isto?

— É o meu colete salva-vidas. Guardo-o num cacifo no Lugger.

— Angharad solta um suspiro triste. — Guardava-o.

Pouco tempo depois de prender Angharad, esta manhã, Ffion tinha-lhe dado a notícia de que o Lugger de vela vermelha estava no fundo do lago.

Angharad tinha chorado.

— Tenho-o há quarenta anos.

— Lamento imenso. — Ffion parecia também ir começar a chorar, e Angharad tinha-lhe pousado uma mão no braço.

— A Seren está a salvo. E só isso que importa.

Leo indica a mancha oxidada no colete salva-vidas sujo. Como consegue explicar o facto de ter sangue do Rhys Lloyd?

Angharad franze o rosto.

— Não consigo.

— E a corda apreendida do seu barco corresponde aos padrões de fibra encontrados no corpo dele!

— Não tenho ideia.

— Onde estava na passagem de ano? — pergunta Ffion.

— Estive em casa toda a noite.

Ffion aponta uma nota no caderno.

— Alguém pode corroborar isso?

— Claro. — Angharad sorri para Ffion. — A tua mãe.

— A minha...

— A Elen veio ter comigo por volta das oito e meia, penso eu. Eu tinha preparado o jantar, embora acabássemos por comê-lo lá fora, com os animais. Malditos fogos de artifício, deviam ser proibidos.

Leo sente uma dor de cabeça a fermentar. Haverá alguém com quem Ffion e a família não estejam emaranhados?

— O seu barco foi para o Steffan Edwards, para reparação, no dia dois de Janeiro, correto?

— Sim. Tinha estado fora da amarração durante alguns dias e, quando velejei nesse dia, reparei numa pequena fissura, como um fio de cabelo, no arbotante central. Devo ter-me esquecido de puxar o patilhão, e o lago estivera agitado, por isso... — Ela apanha a expressão em branco de Leo. — Os barcos maiores têm quilhas abaixo da linha de água, para impedir que tombem para o lado. Em barcos mais pequenos, como o meu, o fundo do barco é mais plano. A estabilidade vem do centro do barco.

— Isso é algo que já tivesse feito antes? — diz Ffion. — Deixar o patilhão para baixo?

— Não me consigo lembrar de alguma vez o ter feito.

— Além do patilhão — diz Leo —, estava mais alguma coisa fora do lugar?

O olhar de Angharad desvia-se para a parede, enquanto pensa. Do corredor, Leo consegue ouvir passos; um agente a passar informações a outro.

— O cacifo. — Angharad volta a dirigir-lhe a atenção, os olhos bem abertos. — Não liguei muito a isso na altura, mas... eu nunca uso um colete salva-vidas, sabe; eu sei que devia, mas burro velho não aprende línguas; por isso, está sempre no fundo, debaixo da

corda de reserva e da lata de gás-óleo. — Ela agarra-se aos braços da cadeira, animada pela primeira vez desde que a entrevista começou. — Mas, quando remei no dia dois, quando encontrei os danos no arbotante, o colete salva-vidas estava em cima.

— Tem a certeza? — pergunta Ffion.

— Cem por cento — devolve ela, sentando-se a direito.

— Alguém tinha estado no meu barco.

Leo pensa nas possibilidades. Se foi Ceri que usou o barco de Angharad para se livrar do corpo de Lloyd, como é que ela tinha saído para a amarração? Alguém a levou? E como? Leo percorre todos os convidados que chegaram à festa do The Shore de barco. Qualquer um deles podia ter fugido da festa, mas apenas um deles tinha rancor contra Lloyd.

Huw Ellis.

Estaria ele a trabalhar com Ceri? Se sim, porquê dar-se ao trabalho de levar o barco de Angharad, quando poderiam ter levado o corpo de Lloyd no barco a motor de Huw. Não faz sentido.

E depois, de repente, faz.

Há mais do que uma maneira de viajar através da água. Leo pensa na afirmação de Angharad de que ninguém do The Shore estava em Cwm Coed a nadar no dia de Ano Novo, e ele sabe com absoluta certeza que lhe mentiram.

Ele sabe quem largou o corpo de Rhys Lloyd no lago.

CINQUENTA E SEIS

Véspera de Ano Novo | Glynis

Glynis Lloyd não está a gostar da festa. As festas são para os jovens, e Glynis já sente o peso da idade. Não tem onde se sentar, e, embora esteja rodeada de rostos familiares, sente-se sozinha.

Foi Yasmin que a persuadiu a vir.

— Vai divertir-se muito — disse ela, antes de acrescentar: — E que pensarão as pessoas se a própria mãe de Rhys não estiver presente? — E isso fora tão obviamente o motivo principal pelo qual Glynis quase se recusou ir. A sua nora preocupa-se muito com as aparências.

— Tentei tratar disto tudo — prosseguiu Yasmin. — Mas eles disseram que não era o mais adequado para eles. — Ela explicava-se. — Só Deus sabe o que seria o mais adequado. Só os Stafford são certamente uma atração, mesmo que Rhys já não seja... — Engoliu as suas palavras, lembrando-se de com quem estava a falar.

Glynis não tem ilusões sobre a carreira falhada do seu filho. Oh, ele tem talento, nunca ninguém duvidou disso, mas ela, mais do que ninguém, sabe o quanto este negócio tem duas caras. À superfície, tudo é sucesso e sorrisos, mas, se mergulharmos fundo, a verdade é um assunto obscuro.

Ela sente uma pontada de culpa sempre que pensa na carreira de Rhys. Sobre o favor que tinha pedido a um dos jurados do Eisteddfod, porque que lhe deviam a ela um pequeno favor, e não vinha mal nenhum ao mundo pontuar o Rhys um pouco mais alto, pois não? Então, lá estava ele, na final, no lugar certo, no momento ideal para ser direcionado para o sucesso.

Glynis procura Steffan Edwards, um rapaz bem distante, agora, do semifinalista da porta ao lado que deveria, por direito, ter vencido aquele concurso. Provavelmente já foi para casa, ou talvez alguém tenha tido o bom senso de o expulsar, antes que ele se desonre mais.

— Não há por aí nenhum cantor galês do sexo masculino da classe trabalhadora neste momento — dissera Fleur Brockman, a agente recém-adquirida de Rhys, há todos aqueles anos. — É um território para explorar.

Glynis tinha achado esta caracterização casual da sua família abominável, mas ela mordera a língua, por amor a Rhys.

— Acha mesmo que ele tem talento para ser bem-sucedido? — disse ela, querendo mais daquela bajulação que lhe justificava a batota.

— Talento? — Fleur encolheu os ombros. — Claro, ele é talentoso. Mas o que está realmente em causa é construir uma marca. — Ela tinha piscado o olho. — Coloque-se o marketing certo no lugar certo e pode-se mandar até um porquinho-da-índia ao número um dos tops.

Rhys tivera o marketing certo durante muito tempo, mas, ao longo dos anos, o orçamento foi lentamente cortado, e a equipa mudou, até ficar irreconhecível. Agora, por mais dinheiro que o seu filho atire para uma campanha publicitária, Glynis sabe que é apenas uma questão de tempo até que a sua carreira termine. Ela pergunta-se se Yasmin também o saberá.

A sua nora estava no meio de uma das suas idas e vindas quando Glynis chegou à festa. Yasmin beijou-a nas duas bochechas e apresentou-a como a avó das gémeas. Glynis contraiu-se. Ela era Nain¹⁷ para Tabby e Felicia, apesar da reticência de Yasmin quando nasceram.

— Ninguém saberá o que isso significa — queixara-se Yasmin. Glynis tinha-se mantido firme. Se as crianças contemporâneas de Tabby e Felicia de uma associação de beneficência como a National Childbirth Trust podem ter avós chamados Oompa, Glammy, Loli e Pop, Glynis poderia ser Nain.

O barulho na festa está a provocar-lhe dores de cabeça. À sua volta, as pessoas estão a gritar, os decibéis aumentam lentamente à medida que todos lutam para serem ouvidos. Ela ouve trechos de conversa, quase todos em inglês, apesar de metade da sala ser galesa. O pai de Rhys teria ficado devastado.

Jac Lloyd tinha sido um nacionalista convicto. Um ferroviário de profissão, tinha mão para a maioria dos ofícios, assumindo a loja de ferragens que em tempos pertencera aos pais de Glynis. A cabana de madeira deste lado do lago fora recuada para permitir a subida da água, só uma fileira alta de pinheiros a escondia da vista. Glynis e Jac encontravam-se na cabana de Ty'r Lan quando namoravam, longe dos mexericos da aldeia. Jac pescava, e Glynis lia um livro, e depois... Glynis sorri perante as memórias.

O terreno propriamente dito estendia-se por menos de meio hectare, parte da floresta que outrora tinha sido galesa. Em 1972, a Lei do Governo Local tinha definido os condados do Reino Unido, e a faixa de terra a leste de Llyn Drych tornara-se inglesa.

Glynis nunca tinha visto o seu marido tão enfurecido. A própria ideia de possuir uma propriedade em solo inglês era impensável, alvo de tantas piadas em Y Llew Coch que levou Jac a ir beber noutro lugar; até que um jornalista plantou uma semente que mudou a perspetiva de Jac.

O último bastião do País de Gales, lia-se na manchete, por cima de uma fotografia de Ty'r Lan, com a sua bandeira do dragão vermelho hasteada. O artigo tinha apresentado Jac como um guerreiro, protetor da sua língua e cultura, guardando o solo que permaneceu moralmente, ou mesmo legalmente, galês.

— Cymru am byth — disse Jac orgulhosamente, mostrando o artigo a Glynis. País de Gales para sempre.

Como ele se irritaria com o que o seu filho fez. Glynis sente uma dor no peito ao imaginar a emoção nos olhos do falecido marido. Já não era Ty'r Lan, mas o The Shore. Já não era um bastião para os

galeses, mas um recreio para os ingleses, atropelando as tradições, e nem sequer um diolch¹⁸ a qualquer um deles, exceto no que respeita àquela Clemmie, que, Glynis teve de reconhecê-lo, fazia uma tentativa para se encaixar.

^

Quando Jac morreu, Glynis tinha falado com o seu advogado.

— Tenho o testamento dele algures — tinha-lhe dito. Jac organizara-o anos antes, num daqueles kits que podem ser comprados no quiosque. Testemunhado como deve ser, tudo legal e correto. Jac era o tipo de homem completamente precavido; pelo menos, tinha-o sido, antes de a demência se instalar. Ty'r Lan passaria para Glynis, que manteria a bandeira galesa hasteada, em honra do marido.

^

Só que, nessa altura, Glynis recebera um telefonema de uma outra advogada. Uma da cidade ao lado, que não conhecia, de todo, a família Lloyd, e cujo tom brusco fazia Glynis querer chorar.

— Os meus sentimentos — disse a mulher. Glynis ouviu o estalido de um elástico de cabelo. — Bom, o seu falecido marido apareceu aqui há seis meses com o seu filho. Tenho uma cópia do testamento...

— Penso que deve ter havido algum engano — disse Glynis.

Mas não tinha havido qualquer engano.

Jac Lloyd, que no ano que antecederia a sua morte pusera muitas vezes sumo de laranja nos cereais e colocara os sapatos no frigorífico, tinha feito um testamento de substituição, deixando Ty'r Lan e a terra circundante a Rhys.

^

— Isto não pode estar certo — dissera Glynis. Durante anos, Rhys tinha tentado persuadir o pai a desenvolver a terra, e Jac tinha sempre dito a mesma coisa. Por cima do meu cadáver. Ty'r Lan era a cabana de um galês; fazia parte da paisagem. A terra podia ser inglesa, mas aquelas árvores eram tão galesas como Jac.

— Está tudo selado, asseguro — disse a advogada. — Embora, se me trouxer o testamento feito com o kit do seu falecido marido, eu possa verificar as datas.

Mas o testamento original não foi encontrado em lado nenhum.

Glynis fica junto à janela do alojamento dos Charlton e contempla a vista, inalterada nos setenta e poucos anos em que a conheceu.

O armário de Jac não fica encantador no escritório de Rhys? Tinha dito Yasmin, quando estava a mostrar a casa à sogra pela enésima vez. Glynis tocou no metal batido, lembrando-se dele em Ty'r Lan, pensando na confusão de papéis dentro dele.

— São e salvo — dizia Jac, enquanto fechava as gavetas e puxava a toalha de mesa da sua mãe por cima dele.

Jac queria que Glynis tivesse Ty'r Lan e a terra à sua volta; queria que ela continuasse a protegê-la. E se o testamento original que ele fez estivesse no armário de arquivo de Rhys? Encontrá-lo provaria as intenções de Jac para a terra.

Glynis passou semanas à procura da chave, virando o quarto de hóspedes de pernas para o ar enquanto rastejava por fotografias e papéis antigos. Encontrou-a numa lata velha, com um punhado de boias de pesca e alguns anzóis ferrugentos.

Agora, está pendurada numa longa corrente à volta do pescoço de Glynis.

Ela olha à volta da sala. Rhys está na cozinha, a falar com Jonty, as gémeas oferecem-lhe uma sandes. Yasmin está a servir champanhe no canto. Não haverá ninguém na casa dos Lloyd.

Ninguém repara em Glynis enquanto ela se esgueira lá para fora: uma das poucas regalias da velhice. Caminha ao longo dos alojamentos, perfeitamente calma, porque, afinal, o que está ela a

fazer de errado? É a mãe do Rhys e a nain das raparigas, por que motivo não há de ela sair de uma festa para descansar no seu quarto durante algum tempo?

A porta da frente está destrancada. No interior, as luzes estão baixas, e Glynis vai diretamente para cima, para o escritório, para abrir o armário de arquivo, girando a chave tão facilmente como se esta tivesse sido usada ontem. No interior, as pastas de cartolina formam um arco-íris de cores pastéis, bem apertadas, a caligrafia de Jac na aba de cada uma. Puxa cada uma à vez, folheando os papéis com um olho treinado, conhecendo o sistema de arquivo de Jac, bem como o seu próprio sistema. Não em ordem alfabética, não agrupadas por assunto, nem por nome do correspondente. As contas de eletricidade eram sempre arquivadas sob Gethin Jones, porque o velho Gethin tinha feito o trabalho de instalação elétrica original da cabina. Os mapas dos percursos pedonais na área não eram arquivados em conjunto, mas sob os nomes das quintas por onde passavam. Jac tinha as suas peculiaridades, pensa Glynis com carinho, mesmo antes de perder o juízo.

Retira uma pasta marcada Tia Nesta, e o seu coração salta uma batida. Nesta, não uma tia verdadeira, mas uma amiga muito querida da mãe de Jac, tinha trabalhado numa casa funerária. Glynis abre a pasta, e sabe imediatamente que, se a vontade de Jac estiver em algum lugar, será aqui. Há folhetos para as lápides, notas cuidadosas considerando os méritos de vários caixões.

E o testamento.

Glynis sente a dor a crescer dentro dela novamente, tantos anos depois de ter perdido Jac. Lê-lhe a caligrafia, as maiúsculas claras a explicarem o que deve acontecer à loja, ao apartamento, à terra na beira do lago. Rhys sabia que era isso que o seu pai queria, no entanto, tinha-se aproveitado da doença de Jac, e da sua recusa em consultar um médico sobre o assunto, para ir deliberadamente foi contra a sua vontade. Jac ficaria devastado.

Há um som lá em baixo.

Alguém bate com a porta, e depois contra as escadas. Parece violento, fora de controlo. Glynis está em pânico. E se for um assaltante, aqui para tirar partido de uma casa vazia? E se ele a

atacar? Olha desvairadamente à procura de algum tipo de arma, à medida que os passos do intruso sobem pesadamente as escadas. Pousando a pasta, ela tira um troféu da prateleira por cima da secretária. É tão pesado que quase o deixa cair, mas agarra-o com força, tão pouco à vontade, que mal consegue respirar.

E então a porta abre-se e Rhys entra, e a pressa de alívio é esmagada pela raiva, a forma como uma mãe arrebatada o braço de uma criança quando ela pensava que o tinha perdido. Ele cambaleia contra a parede, demasiado bêbado para reparar na própria mãe; ainda que, pensa, com isso ele não se importasse, se porventura chegasse a reparar nela. Rhys fez sempre exatamente o que ele queria. Levando exatamente o que ele queria. Imagina Rhys a dizer a Jac o que dizer, onde assinar, convencendo-o de que estava a fazer a coisa certa, e, antes que se dê conta do que está a fazer, usa todas as suas forças para levantar o troféu e desferi-lo contra o filho.

Só quando ele cai no chão como uma árvore machadada é que Glynis cai em si.

Bate as palmas por cima de um grito, cada membro tremendo-lhe.

O que fez ela?

¹⁷ «Avó» (N. T.)

¹⁸ «Obrigado» (N. T.)

CINQUENTA E SETE

Véspera de Ano Novo | Clemmie

Clemmie Northcote está a ter uma noite maravilhosa. Praticou o seu galês com todos os convidados locais (e alguns dos ingleses), bebeu muito mais do que devia e não quer saber de mais nada, porque é véspera de Ano Novo! É uma festa! Viva o champanhe grátis e o ambiente deslumbrante!

Clemmie faz mais algumas danças irlandesas, nas quais descobriu que é espantosamente boa, para alguém que nunca as experimentara antes. Todos aplaudem, ou possivelmente riem-se, é difícil de dizer, mas Clemmie não quer saber; é tudo uma diversão.

Ela respira, deixando a pista de dança a alguns dos jovens, que não dançam absolutamente nada, na verdade, apenas mudam o peso de um lado para o outro e gritam uns com os outros por causa das bebidas. Do outro lado da sala, Bobby Stafford tem a mão no fundo das costas da empregada.

— Faz a parte dele pelas boas relações transfronteiriças — diz Clemmie, rindo-se para si própria. Ashleigh também vê, e está a olhar para Bobby do sofá com tanta intensidade que ele deve sentir os olhos dela, porque se volta. Clemmie alcança mentalmente as pipocas, mas Bobby produz uma espécie de encolher de ombros e não tira nem sequer um dedo de Mia. Entretanto, Clemmie já viu Ashleigh a sair da casa de banho com Jonty duas vezes esta noite, por isso talvez ambos estejam a combinados. As pessoas têm as relações mais estranhas; Yasmin e Rhys não disseram uma palavra um ao outro toda a noite; aquelas pobres gémeas, terem pais a discutir assim, tão publicamente.

Ela olha à sua volta, mas Tabby e Felicia devem ter ido para a casa de Clemmie. Clemmie não perdeu a esperança de uma delas

se apaixonar loucamente por Caleb, e passa uma boa parte do tempo em que nada no lago a contemplar um casamento Northcote-Lloyd. Infelizmente, Caleb parece estar mais interessada em Seren, uma rapariga muito querida, mas que apareceu na festa desta noite vestida, e não há outra forma de o dizer, como uma prostituta. Se Clemmie tiver uma oportunidade, dará uma palavra à rapariga. De mulher para mulher. Orientá-la, ao mesmo tempo, para a possibilidade de ficar para o Cale, na eventualidade de a coisa Tabby-ou-Felicia não avançar.

Qualquer uma dessas raparigas teria sorte em ficar com o seu filho, pensa Clemmie, enquanto vagueia em busca de uma bebida que realmente não deveria tomar, mas quem está a contá-las? Caleb está a voltar a ser lentamente o doce e atencioso rapaz que costumava ser, e tudo graças ao The Shore. Está bastante entusiasmada com as mudanças nele desde que deixaram Londres, e sente um certo medo ao recordar a insistência de Rhys para que lhe pague o dinheiro que ele pediu emprestado em seu nome. É tão injusto; eles tinham um acordo. Talvez não fosse um acordo legal, mas um, como é que se diz?, pensa ela entre soluços, um acordo de cavalheiros, é isso.

— Acordo de cavalheiros — diz enfim em voz alta. Grita, um pouco mais alto do que pretendia. Rhys terminou a conversa com Jonty e caminha em direção à área de habitação principal. Seren estende a mão para falar com ele, mas ele apenas a olha, provavelmente perguntando-se o que terão pensado os pais dela ao deixá-la sair de casa naqueles modos, e prossegue. Ele parece um bocadinho em mau estado. Demasiado do bom e velho vinho, pensa Clemmie, imaginando-o como se fosse dito por Jonty, o que a faz rir-se, e depois soltar um novo soluço.

O champanhe tornou-a ousada. E se ela falar com Rhys agora, quando ele estiver amolecido pelo álcool? Ela não está a pedir para ser dispensada do empréstimo, embora nunca fosse dizer não a essa possibilidade. Imagine-se! Está simplesmente a pedir para manter o acordo original. O acordo de cavalheiro deles.

— O acordo de cavalheiras — diz Clemmie, franzindo o sobrolho. Será que já fez essa piada? Caminha

desequilibradamente através da festa. Rhys saiu pela porta da frente. Isso é bom: eles podem falar em privado. Ninguém mais sabe acerca do empréstimo, e Clemmie está interessada em mantê-lo assim.

Ao deixar o alojamento dos Charlton, ela vê Rhys no outro extremo da estrada. Ele inclina-se e vomita para os canteiros, depois abre a porta da frente. Decidiu claramente dar a noite por terminada. Clemmie corre atrás dele. Deixou a porta aberta, e ela não bate, apenas entra e chama:

— Olá? Rhys? — Não há sinal dele na parte de baixo, por isso sobe as escadas, tropeçando nos próprios dedos dos pés, no esforço para subir antes que Rhys comece a vestir o pijama. Ouve um pequeno som, como alguém a gargarejar, e volta a chamar enquanto contorna a ombreira e dá os últimos passos na direção do estúdio.

— Sou só eu. A Clemmie. Estava a pensar que podíamos...

Clemmie pergunta-se momentaneamente se estará a alucinar. Ela já bebeu muito. Mas então Glynis faz novamente aquele som, uma espécie de gargarejo estrangulado, e o sangue aflora à cabeça de Clemmie. Rhys está deitado de bruços, uma mancha de sangue no chão de madeira por debaixo da sua cara. Ao lado encontra-se um troféu de metal; a base, um bloco de ouro.

— Meu Deus — diz Clemmie. Cai de joelhos ao lado do Rhys, virando-o e verificando freneticamente se tem pulsação. Um corte profundo corre-lhe pelo meio do rosto. Sangue enche-lhe a boca. Ele não se mexe.

— Ele fez o meu marido escrever um testamento. — Glynis fala tão silenciosamente que Clemmie mal consegue ouvi-la. Ela sente uma pulsação forte, batendo rápida e furiosa, depois apercebe-se que é dela e muda de posição. — Jac nunca teria deixado a terra a Rhys se ele tivesse tido saúde.

Clemmie não sabe do que Glynis está a falar, mas tem uma sensação terrível de que sabe o que isso implica. Senta-se por um segundo e olha para a mulher mais velha.

— Fez isto deliberadamente?

— Não! — Bem, graças a Deus por... — Clemmie retoma a busca por pulsação.

— Quero dizer, não propriamente.

Clemmie olha para ela, horrorizada com o que está a ouvir.

— Eu estava furiosa. Fiquei tão zangada e... — Glynis cobre o rosto. — Meu Deus, o que é que eu fiz?

O coração de Clemmie está a bater. Ela debate-se para manter a respiração sob controlo, tentando falar calmamente.

— Temos de nos livrar dele.

— Livrar-se de... O que quer dizer? Temos de chamar uma ambulância. Tem um telemóvel? Não tenho um, e não há aqui telefone fixo, não sei porque não têm...

— Glynis!

Ela deixa de falar, o rosto cinzento e os lábios beliscados de pânico.

Clemmie fala devagar:

— Eles vão prendê-la, Glynis. Vai para a prisão.

— Não, não, não. Ele vai ficar bem, só precisamos de o levar a um hospital.

— Eu ajudo-a. — Clemmie soa mais forte do que se sente. — Protejo-a.

— Não compreendo. — Glynis está a chorar.

— É tarde demais, Glynis. — Os dedos de Clemmie estão escorregadios com o sangue. Ela pressiona-os novamente até ao pescoço do Rhys, mesmo sabendo o que vai encontrar. — Um médico não será capaz de ajudá-lo.

A cabeça de Clemmie está a girar. Veio à estalagem do Rhys para falar com ele sobre o contrato de empréstimo. Um acordo que ninguém mais conhece. Sabe que isto é horrível, que Glynis está em choque, pode até não recuperar, mas, por dentro, o coração de Clemmie está aos saltos. Ela pensa no dinheiro que não terá de pagar, e no futuro que pode prometer ao filho.

— Tem — Glynis sufoca um soluço —, tem a certeza?

Clemmie inclina-se sobre Rhys, protegendo Glynis da terrível visão do filho, deitado no chão sem movimento. — Bastante certeza. — Verifica mais uma vez mais a pulsação, desejando que as coisas

sejam diferentes, mas nada mudou. A náusea sobe-lhe na garganta, mas Clemmie pensa na liberdade que pode ter, agora que não tem de pagar a Rhys de volta. Tudo acontece por uma razão, pensa.

— Receio que o tenha matado — diz a Glynis.

Enquanto Glynis cai numa cadeira, soluçando, Clemmie permanece imóvel, com os dedos no pulso do Rhys. Lento e fraco, mas inconfundivelmente presente.

Por agora.

CINQUENTA E OITO

9 de janeiro | Ffion

Antes de poderem tomar a decisão de libertar Angharad, Ffion e Leo têm de verificar o seu álibi, e a mãe de Ffion está encantada por finalmente ser autorizada a intrometer-se. Ela confirma que passou, de facto, a noite de Ano Novo com Angharad.

— Agora, queres parar um bocado para tomar uma paned¹⁹?

— Mãe, estamos no meio de uma investigação de homicídio. O Leo está à espera lá fora.

— Vou dar-vos algum espaço — dissera ele, quando chegaram à casa dos Morgan, e Ffion tinha ficado grata pela compreensão.

— Gostaria que tivesses mencionado que estavas com a Angharad — diz ela agora a Elen. Talvez não a tivéssemos prendido.

— Recusavas-te a falar do caso.

— Mãe, isto é diferente...

— Creio que as tuas palavras foram: especialmente não à minha mãe. Porque presumivelmente eu vou contar a toda a aldeia, não é? Pouco importa que eu saiba coisas sobre mais de metade deles, mais coisas do que aqueles que tu alguma vez saberás.

— Não estou interessado em tagarelices, mãe.

— Não são tagarelices se Jos Carter fugiu com o seu instrutor de condução, pois não?

Ffion revira os olhos.

— Quer dizer, mãe, é literalmente...

— Ou se Glynis Lloyd está a contestar o testamento do Jac?

— O quê?

— Ela encontrou o seu testamento original, deixando Ty'r Lan para ela. Vai interpor uma ação judicial.

— Oh, meu Deus, mãe, não quero saber! — Ffion já deveria saber que não deve deixar-se puxar para os mexericos da mãe. Ela olha para o andar de cima. — Como está a Seren?

— A dormir.

O hospital tinha dado alta a Seren depois das rondas da manhã e, quando chegaram a casa, a mãe tinha-a metido na cama com um saco de água quente e uma tigela de sopa de tomate. O médico tinha confirmado que não houvera efeitos negativos da terrível provação que sofrera, e todos eles sabiam a sorte que ela tivera.

— Ela não tem respondido às minhas mensagens.

Quando a ambulância tinha chegado à casa dos barcos, Ffion tinha ido com Seren para o hospital, Leo seguira-as no carro. Ffion tinha apertado a mão fria da filha e rezado para que ela ficasse bem. Seren estava muito zangada, mas Ffion tinha-lhe salvado a vida. Isso deveria contar para alguma coisa, certo? Mas, assim que se aproximou de Seren, ela empurrou-a para longe, provocando tal comoção que as enfermeiras vieram ver o que estava a acontecer.

— Afasta-te de mim!

Ffion enviou-lhe mensagens toda a manhã, entre as reuniões e os interrogatórios a Angharad, mas, apesar de cada mensagem ter sido marcada como lida, não houve resposta.

— Dá-lhe tempo — diz Elen.

— Ela odeia-me.

Todas as filhas odeiam as mães em algum momento. É um rito de passagem.

Ffion abre a boca para discordar, depois olha para os olhos da mãe e esboça um sorriso irónico. Ficam em silêncio durante algum tempo, cada uma perdida nos seus pensamentos, e depois Elen toca gentilmente no braço de Ffion, o seu rosto ensombrando-se.

— Então, o Rhys...

O que quer que Seren tenha dito a mãe só pode ser metade da verdade, e agora ela espera que Ffion conte o resto da história. Durante dezasseis anos, Elen criou a filha de Ffion como se fosse sua. Encorajou Ffion a deixar Cwm Coed, para encontrar o seu

caminho na vida, sem ser impedida por um bebê. Ffion sabe que a mãe merece a verdade, mas tudo o que ela pode dizer é:

— Eu não queria, mãe. Eu não queria. — E desata de novo a chorar.

O rosto de Elen contrai-se de dor e ela segura Ffion com tanta força que mal consegue respirar.

— Lamento muito, Ffi, lamento muito por tudo o que aconteceu.

De volta ao carro, Ffion liga para a sala de inquéritos para confirmar que Angharad pode ser libertada. Se Leo repara nos seus olhos vermelhos, não o menciona. Há um conforto, ela dá-se conta, em estar com alguém que sabe tudo a nosso respeito.

Houve várias vezes ao longo da sua relação com Huw em que ela quis contar-lhe a verdade. Não sobre Seren, pois tinha jurado cegamente nunca dizer uma palavra que fosse sobre esse assunto, mas sobre a violação.

Violação.

É a primeira vez que ela usa a palavra, mesmo para si mesma, e ainda assim é a única palavra possível. Rhys violou-a.

Ffion tinha lidado uma vez com um caso no trabalho: uma rapariga na casa dos vinte anos que tinha bebido demais e acordado sem memória do que o seu corpo lhe garantia que acontecera. Ffion tinha conduzido para casa em piloto automático, depois atravessou a porta da frente, sentindo-se desmoronar. Huw tinha-lhe servido um copo de vinho e tinha-lhe dito todas as coisas adequadas. Que Ffion era espantosa a fazer o trabalho que fazia; que o stress estava destinado a manifestar-se de vez em quando. E Ffion tinha tomado fôlego e pensado: Agora. Vou dizer-lhe agora.

— Menina tonta, todas bêbadas — disse então Huw. — Está sempre a acontecer, não está? Enfiam-se na cerveja, e no dia seguinte arrependem-se.

Agora não, pensou Ffion. Não lhe vou dizer agora.

Nem nunca, como se verificou. E, sem saber que tinha sido violada, sem saber de Seren, será que Huw não conseguia entender porque é que Ffion não queria começar uma família? Ela não merecia um bebê, não quando tinha dado o primeiro que tivera.

Leo sabe de tudo isto, agora. E mais. Ele sabe o que Ffion teme, e o que ama. O que ela sente sobre o lago, e as montanhas, e a aldeia que em tempos mal podia esperar para poder deixar.

— Acho que... — diz ela.

— Talvez nós... — Leo começa a falar ao mesmo tempo. — Tu primeiro.

— Não, diz tu.

Leo respira fundo.

— Estava a pensar em quando nos conhecemos.

— Sim.

— Quando nos encontrámos na morgue. Foi...

— Estranho?

— Muito — diz Leo. — Mas, pronto... Bem, só queria dizer que tem sido ótimo trabalhar contigo. E não tem sido embaraçoso. — Ele olha para o volante, de repente calado, como se tivesse perdido a força.

É um adeus, Ffion sabe-o. O seu destacamento para os Crimes Graves de Cheshire terminará em breve e ela regressará à sua própria área de jurisdição. Ela e Leo poderão trocar alguns e-mails, talvez se vejam no tribunal dentro de alguns meses, mas será só isso.

Ela espelha o tom brusco de Leo.

— Contigo também.

— O que ias dizer?

Ffion tinha andado a pensar que eles poderiam tentar. Queria ter-lhe dito que nunca se tinha sentido tão confortável perto de alguém, e que, quando ele a abraçara e eles ficaram a olhar para o lago, nunca se tinha sentido tão segura.

— O mesmo.

Aconteceu alguma coisa no The Shore. E não apenas porque as luzes já não estão cintilantes, ou o champanhe não está a fluir. O resort parece de alguma forma manchado, um lugar já não cobiçado, mas temido. Evitado. Até o céu parece um pouco mais escuro deste lado do lago, as nuvens um pouco mais cinzentas.

Ao saírem do carro, a porta do alojamento dos Stafford abre-se e um casal surge, com os braços tão entrelaçados que têm de andar de lado, como um caranguejo.

— Aquela não é a Ashleigh Stafford — diz Leo.

— Os teus poderes de observação são notáveis. — Ffion observa enquanto o casal para, para se beijar, Bobby agarra no rosto da mulher com ambas as mãos e depois levanta-a e fá-la rodopiar. — Arranjem um quarto — murmura ela.

— Está tudo bem? — diz Bobby, quando se dá conta de que eles têm público. O seu sorriso é tão largo que faz doer as bochechas de Ffion. — Esta é a futura Sra. Stafford. — A mulher cora.

— S'mae, Mia — diz Ffion. — Que bom ver-te por aqui.

— Então não há necessidade de apresentações, hein? — Bobby puxa a Mia até si. — Ela é um docinho, não é?

— É disso que gostas em mim? — Mia empurra-o e eles beijam-se de novo. Leo e Ffion trocam olhares.

— O que aconteceu a Ashleigh? — pergunta Leo.

— Não está enterrada no quintal, se é isso que quer saber. — Bobby ri-se, depois para. — Desculpe. Um bocadinho fora de tempo, dada a atual situação, certo?

— Só um bocadinho. — Ffion não consegue parar de olhar para Mia. Ela ainda está vestida com as suas calças de ganga e polar habituais, um par de sapatilhas velhas, mas a sua pele está a brilhar e ela parece... radiante. Não há melhor palavra.

— A Ashleigh deixou-me — diz Bobby.

— Sinto muito — diz Leo.

Bobby pisca-lhe o olho.

— Eu não. Tudo aquilo era uma farsa.

— Já todos passámos por isso, amigo — diz Leo.

— Não, quero mesmo dizer que foi uma farsa. Acontece que Ashleigh gostava mais das parangonas e dos títulos das publicações do que de mim. Quando me dei conta disso, disse que devíamos terminar tudo, mas ela contrapôs, lembrando que teria mais atenção e destaque se mantivéssemos tudo como estava durante um pouco mais tempo. Ela tinha um grande plano para divulgar algumas histórias aos tabloides; conversas sobre ter um

bebê, esse tipo de coisas. — Ele queixa-se. — Nunca deveria ter concordado com isso. Eu só quero uma vida calma.

Ao lado, no número quatro, a porta de Clemmie Northcote abre-se. Ffion lança a Bobby um sorriso triste.

— Não tenho a certeza de que tenha escolhido o melhor lugar para isso.

Esperam até estarem lá dentro antes de prenderem Clemmie. No deque, um par de galochas deita-se ao lado de uma cadeira sobre a qual escorre um fato de mergulho para o deque.

— Disse-me que tinha estado a nadar na aldeia — diz Leo, quando as fitas de gravação do interrogatório estão a rolar. — Mas era mentira, não era?

Clemmie acena silenciosamente com a cabeça, puxando o vestido com nervosismo.

— Fale para o gravador, por favor.

— Sim.

— Então porque estava o seu fato molhado quando a minha colega falou consigo no dia de Ano Novo? — pergunta Ffion.

Clemmie pisca rapidamente.

— Fui dar um mergulho antes da festa.

— A sério? — Ffion verifica as suas notas. — Porque, pelo que percebemos, andou bastante ocupada, ajudando nos preparativos.

Clemmie morde o seu lábio inferior, e Ffion mantém um olhar direto sobre ela.

— Conte-nos o que aconteceu.

— Não sei o que quer dizer.

— Seguiu Rhys até ao escritório? — pergunta Leo.

— Não.

— Jonty Charlton diz que os alojamentos no The Shore têm de ser comprados de imediato — diz Leo. — No entanto, disse-me que tinha comprado o seu através de um plano de pagamento. Em que ficamos?

Clemmie engole, mas não responde.

— Os registos bancários do Rhys Lloyd mostram depósitos regulares em dinheiro — diz Ffion. — Eram seus? Fez algum acordo financeiro com ele?

Clemmie muda de posição no lugar, a sua expressão entristece. Solta um suspiro, como um balão esvaziando, depois acena com a cabeça.

— Quanto lhe devia?

Faz-se um longo silêncio.

— Quatrocentas mil libras.

Leo assobia.

— Isso é muito dinheiro. Quem mais sabia do empréstimo?

— Ninguém.

— Que conveniente é a morte da única pessoa que sabia do empréstimo — diz Ffion.

— Eu não o matei! — Clemmie rebenta em lágrimas.

Ffion coloca uma série de imagens sobre a mesa.

— Estas fotos foram todas publicadas no Instagram durante ou logo após a festa.

Aponta para aquelas onde Clemmie aparece: rindo-se, dançando, bebendo.

— Retirámos os metadados destas imagens, e sabe o que é interessante? Nesta foto — Ffion indica uma imagem de Clemmie a fazer uma espécie de dança —, que foi tirada às dez da noite, você tem o cabelo seco. No entanto, nesta, tirada à uma da manhã do dia de Ano Novo, o seu cabelo está molhado. — Clemmie olha fixamente para a fotografia. Nela, aparece na cozinha de Charlton, a olhar para o copo, enquanto a festa continua à sua volta.

— Porque está o seu cabelo molhado, Clemmie? — pergunta Ffion.

— Lavei-o.

— A meio de uma festa?

Leo apoia os cotovelos na secretária.

— Nadou até ao barco da Angharad Evans, não foi? Para que o pudesse usar para se livrar do corpo de Rhys Lloyd. O que me sugere que o matou.

Clemmie está a tremer, o seu rosto lívido.

— Acho — diz ela finalmente —, acho que gostaria de falar com um advogado.

¹⁹ «Chávena de chá» (N. T.)

CINQUENTA E NOVE

Véspera de Ano Novo | Clemmie

Será homicídio, pensa Clemmie, ao transportar o corpo imóvel de Rhys através do quarto principal, se uma pessoa morre porque não a salvaste? Não se permite ouvir a própria resposta. Em vez disso, pensa em Caleb, na espiral descendente em que ficou preso, em casa, e na sua transformação no The Shore. A casa pode ser deles. Sem empréstimos pendurados sobre as cabeças, sem papelada, sem ameaças. Tudo desapareceu.

Ela grunhe enquanto o puxa para a varanda, uma rajada de ar fresco afugenta-lhe os últimos vestígios de embriaguez. Ele é pesado, mas ela disse a Glynis para ficar no estúdio, para o caso de alguém aparecer. Clemmie tem a certeza de que Rhys está demasiado inconsciente para causar qualquer problema, mas e se de repente geme, ou se mexe?

No fundo do The Shore, a tenda da festa pulsa com música, luzes que atravessam as janelas embaciadas. O peito de Clemmie está apertado. Espera tanto que corre o risco de perder completamente a coragem, tem de se recompor. Não está ninguém lá fora, ninguém a consegue ver.

O vidro que rodeia a varanda para a um pé de altura do chão. Clemmie empurra Rhys por debaixo, enojada pelas suas próprias ações, mas já demasiado metida no assunto para poder parar. Dá-se um momento horrível em que ela pensa que o estômago dele está virado para baixo, preso, e Rhys está pendurado na varanda, Clemmie coloca o pé contra ele e empurra e...

Um baque.

Clemmie está ofegante. Não se atreve a olhar para baixo. O som ecoou tão alto que imagina Rhys espalhado pelo deque, partes do

corpo espalhadas como consequência de um comboio acidentado. Mas, quando espreita atentamente sobre a balaustrada, ele está deitado, intacto, como se a dormir.

Clemmie respira fundo várias vezes e depois regressa ao estúdio. Glynis não se moveu do local onde a encontrara. Parou de chorar, mas o seu rosto está vermelho e a mandíbula treme-lhe.

— Se o colocarmos na água demasiado perto da costa, será encontrado. — Clemmie não se reconhece; as palavras que está a usar. — Limpe tudo isto. Há lixívia na casa de banho, use muita. E encontre-se comigo no pontão dentro de quinze minutos. E traga isso consigo. — Clemmie aponta para o troféu, ainda no chão.

Glynis deixa sair um soluço.

— Não posso...

— Tem de o fazer. — Clemmie fala duramente, mas não tem escolha. Têm de se livrar de Rhys, e têm de agir rapidamente. Quem sabe se Yasmin voltará para se refrescar, ou se as gémeas se cansarão de andar com Caleb? Só de pensar no filho, o seu coração aperta-se. Estou a fazer isto por ti, diz-lhe ela.

No deque dos Lloyd, ela não para o tempo suficiente para deixar assentar qualquer dúvida. Arrasta o corpo de Lloyd pela madeira, agradecida pelos músculos que foi desenvolvendo a nadar, e deixa-o cair pela escada até ao pontão entre o deque do Lloyd e o seu próprio. Só depois de estar fora da vista dos alojamentos é que ela respira; só depois se inclina para verificar novamente a pulsação de Rhys. No início, pensa que está morto, mas há uma ligeira agitação na ponta dos dedos, uma espécie de aviso de que ainda não foi longe demais. A sua pele parece cerosa à fina luz do luar, uma tonalidade escura à volta dos lábios. Mesmo que chamasse agora uma ambulância, conseguiriam salvá-lo? E o que lhe aconteceria? A Polícia seria chamada, com certeza, e como explicaria ela a forma como Rhys saiu, e o que estava ela a fazer com ele? Clemmie está implicada. Ainda não fora longe demais, mas já tinha ido suficientemente longe.

Vários convidados chegaram à festa em barcos a motor. Clemmie atravessa para o próximo pontão, mas todos os três

barcos a balançar na água precisam de chaves. Porra! Ela está perto das lágrimas. Acima dela, uma sombra atravessa a janela do quarto dos Lloyd e ela pede a Deus que seja Glynis, que a mulher esteja a fazer o que Clemmie lhe disse. Olha freneticamente em redor, como se um barco se pudesse materializar nas profundezas do lago. O luar brilha sobre a água e, enquanto as nuvens escuras atravessam a montanha, Clemmie tem uma ideia. Arrepiase-se.

Ela não conseguiria.

Conseguiria?

O fato de mergulho de Clemmie está pendurado sobre uma cadeira do lado de fora do seu alojamento. Ela move-se nas sombras, a sua respiração sustém-se quando vê Caleb e as gémeas lá dentro. A mesa está cheia de garrafas de cerveja e vinho, e a mãe que há em Clemmie quer bater na janela e dar-lhes um sermão. Em vez disso, agarra nas suas coisas da natação e volta para o pontão.

Já nadou de noite antes, uma lanterna no seu flutuador a reboque, como um pirilampo na água, mas nunca sozinha, nunca com o sangue a ferver com álcool e medo. A sua respiração já é demasiado rápida, demasiado superficial, e, quando escorrega silenciosamente na água, abandona-se por completo. Continua a mover-se, confiando no corpo, lutando contra o lado do cérebro que lhe diz que se está a afogar. Emerge, e lentamente os pulmões expandem e consegue respirar de novo.

Clemmie nada de bruços, para poder vigiar melhor, embora saiba que está escondida na escuridão. A água é negra, a sua superfície agitada acostumada a esconder o que está por baixo. À sua frente, o mastro do barco de Angharad brilha ao luar. A água prega-lhe partidas quanto ao sentido de distância. O barco parece ficar fora de alcance até que, de repente, está apenas a trinta metros, e depois a vinte... dez...

Clemmie esforça-se por subir, os seus membros como geleia. Reza para que haja combustível no motor, porque, apesar das lições que Angharad lhe deu e a Caleb, não é capaz de navegar, especialmente no escuro. Lembra-se de empurrar o patilhão para

baixo através da ranhura no fundo do barco, fechando-o no lugar, e depois solta a dobradiça no motor e deixa-a cair na água. Liga-o, agarra o cabo de arranque e puxa-o com força.

Há um gaguejar e uma tosse, e depois silêncio.

— Vá lá, vá lá... — Clemmie tenta de novo, e de novo. Caem-lhe lágrimas de frustração, os dentes tremelicam enquanto o frio lhe penetra nos ossos. Puxa novamente, e a gaguez torna-se um rugido. Ela maneja a ignição, encontra a barra do leme, e aponta o barco em direção à costa.

À medida que Clemmie se aproxima dos alojamentos, desliga o motor, encaixa os remos nos lugares e rema silenciosamente através da água em direção aos pontões. Distingue o contorno luminoso do corpo de Rhys e por um segundo pensa que ele está sozinho. Amaldiçoa Glynis, mas depois dá-se conta de que existem duas formas, uma a embalar a outra. Clemmie sente-se de imediato, por um lado, dilacerada pelo luto de Glynis, e por outro, que Rhys aterrorizado tenha recuperado, e esteja agora mesmo a contar à mãe o que Clemmie lhe fez. No entanto, à medida que aproxima o barco de forma inexperiente à lateral do pontão, vê que ele se encontra na mesma posição em que o deixou, com a boca aberta e o sangue a obscurecer-lhe as feições. A espuma salpica-lhe a boca. Tenta puxá-lo pelo pulso, aparentemente para o trazer para mais perto do barco, mas na realidade ela verifica se...

Clemmie deixa sair um suspiro. Ele está morto. E não consegue deixar de se interrogar se foi ela que o matou, ou se foi Glynis, e, agora que está feito, será que isso sequer importa? Rhys está morto.

— Ajude-me a levá-lo para o barco — diz Clemmie. Não me consigo safar sozinha. — Ela está a lutar para que os seus membros obedeçam, o frio envolve-a tão completamente que não consegue lembrar-se do que é sentir-se quente. Juntas, as duas mulheres empurram Rhys para dentro do barco.

Quando deixam The Shore para trás, Clemmie vasculha no cacifo ao seu lado e atira um colete salva-vidas a Glynis. — Vista isso. — Não sabe se Glynis sabe nadar, e não pode arriscar que a mulher caia dentro de água. Há uma corda curta no cacifo, e ela atira-a também. — Amarre o troféu ao tornozelo dele.

— Isto está errado. Temos de ir à Polícia. Eu posso explicar...

— Eles vão pô-la na prisão, Glynis! — grita Clemmie, o vento fustiga as palavras da sua boca. Ela fita os olhos de Glynis até a mulher mais velha desviar o olhar, derrotada, e começa a atar a corda.

Se não houver corpo, pensa Clemmie, ao tentar manter a mente a rodopiar, não há provas. Ela não sabe que vestígios já deixaram, impressões digitais, fibras, ADN..., e quanto disso será realmente eliminado, pelo que agora está em pânico sobre o que poderão ter deixado no alojamento dos Lloyd. Terá Glynis feito o suficiente? Terá Clemmie deixado alguma coisa incriminatória no local, alguma coisa que não possa ser explicada?

— Já está. — A voz de Glynis quebra. Encosta a cabeça do filho ao peito.

Clemmie desliga o motor. Acena com a cabeça. Desloca-se para o corpo de Rhys e agarra ambos os pulsos.

— Pegue nos pés.

Glynis olha para ela, os olhos suplicantes.

— Prisão — diz Clemmie. — Uma pena de prisão perpétua. Morrerá atrás das grades. É isso que quer?

— Eu poderia explicar-lhes, dizer-lhes que foi um acidente.

— E eu? Eu não pedi para ser arrastada para isto. Estou aqui para a proteger.

— Eu sei e estou grata, estou mesmo, mas...

— O que vai acontecer ao Caleb quando me prenderem? Voltei a encaminhá-lo no caminho certo, mas como acha que ele vai ficar com uma mãe na prisão? Se não o fizer por mim, faça-o pelo Caleb.

As nuvens mudam e, por um segundo, a luz da Lua ilumina o barco. Glynis olha para o cadáver do Rhys. Pega-lhe pelas pernas. Clemmie tem uma memória súbita e incongruente de levantar Caleb

numa festa de aniversário, atirando-o ao ar uma vez por cada ano em que tinha estado vivo. Três, quatro, cinco.

— Aos três — diz Clemmie. — Um, dois, três.

Acima da aldeia, o céu ilumina-se com vermelhos e azuis, chuva elétrica a cair sobre a água. Um foguete dispara para a Lua, explodindo numa cascata de prata.

E Rhys Lloyd mergulha no lago.

SESSENTA

9 de janeiro | Ffion

— Preciso de ir verificar uma coisa — diz Ffion, depois de terem devolvido Clemmie à cela para esperar pelo advogado oficioso.

— Verificar o quê? — Leo mantém a porta aberta, e eles deixam o bloco da custódia.

— Umas coisas.

— Eu vou contigo.

— Um de nós precisa de estar aqui quando Clemmie estiver pronta para voltar a ser interrogada. — Exibe-lhe um sorriso. — De qualquer modo, sou A Mascarilha, lembras-te?

Por uma vez, o Triumph come os quilómetros entre Chester e Cwm Coed demasiado depressa. Em breve, Ffion desce em direção ao vislumbre da serpente prateada no vale. Ela faz uma pausa na curva para o The Shore, as enormes letras parecem, agora, mais um aviso, do que um convite. O que será de todos eles? Dos cinco proprietários, apenas a vida de Dee Huxley se mantém inalterada pelo que aconteceu, e Ffion pergunta-se o que terá a velha senhora feito com toda a situação.

Mas Ffion não vai hoje para o The Shore. Continua para Cwm Coed e para a rua principal, onde o nevão de ontem à noite deixou neve lamacenta nos lados da estrada. Estaciona o carro e sente a mesma sensação pesada de pavor ao caminhar em direção à loja de Glynis Lloyd.

Leva algum tempo até que Glynis lhe abra a porta. Quando o faz, volta-se num convite silencioso, mas Ffion não quer entrar, só que elas não podem ter esta conversa à porta.

— Sobe — diz Glynis, quando se encontram de pé no corredor estreito. Aponta para as escadas que conduzem ao apartamento, mas Ffion caminha em frente, em direção à porta das traseiras. O sangue canta-lhe nos ouvidos e ela vê tudo de novo, naquele passeio noturno de verão, a sua mão na de Rhys. Sente tudo de novo.

Glynis segue-a até ao jardim das traseiras. Ffion olha para a casa de verão, agora cheia de sucata e material para a loja. Lembra-se do sofá, do piano, da bancada de música. Lembra-se da sensação da manta de lã, arranhada contra a sua pele nua.

— Ffion.

Não vai chorar. Nem aqui, nem em frente de Glynis.

— Você sabia, não sabia? — Ela vira-se para a mulher mais velha. — Disse que era aqui que Rhys tinha feito bullying a Ceri, mas enganou-se nisso.

— Eu sabia que algo de mau tinha acontecido aqui. Quando Jac me contou o que Rhys tinha feito àquela pobre rapariga — porque em tempos Rhys tinha-se gabado ao seu pai, como se tudo fosse uma grande brincadeira — pensei que devia ter sido isso que vi naquela noite.

Ffion olha para a janela do primeiro andar. Respira demasiado depressa, sentindo-se tonta e assustada, apesar de ser apenas Glynis com quem está a falar, afinal. Concentra-se. Não é o Rhys. Não é o Rhys.

— A senhora sabia. A senhora estava a ver. — Durante anos, Ffion assumiu que não conseguir odiar ninguém mais do que Rhys Lloyd, mas neste momento pensa que odeia mais Glynis. Por ficar de braços cruzados e deixá-lo... Ela não pode deixar que o pensamento tome forma.

Glynis está a chorar.

— Jac tentou avisar-me sobre em que tipo de homem Rhys se tinha transformado, que tipo de rapaz ele era, mas eu não quis ouvir. Eu não queria ouvir. Ele era o meu único filho, o meu especial...

Ffion já não consegue ouvir.

— Você. Viu. Viu-me.

— Pensei que me tinha enganado — implora Glynis —, eu não tinha a certeza. Apenas sabia... — Ela respira fundo, cobrindo o rosto com as mãos enquanto o resto das palavras caem num soluço. — Apenas sabia que elas eram demasiado jovens. — Ffion recua, batendo contra uma mesa de pássaros, que balança instavelmente no expositor. Sente-se agoniada.

— Durante anos, Jac tinha-se preocupado com Rhys, disse-me que havia nele uma má semente. No final, disse que Rhys estava a tentar ficar com Ty'r Lan, que destruiria a única coisa que importava ao seu pai. Eu disse-lhe que ele estava louco, mas ele tinha razão. Eu estava cega.

Ela encontrou o testamento original, Elen tinha dito a Ffion. Ela vai interpor uma ação judicial.

— Foi por isso que o matou — diz Ffion.

Glynis não se mexe.

— Prendemos Clemmie. Ela está nas celas, neste momento.

— Ela não deve ir para a prisão! — explode Glynis, apesar de não o ter planeado dizer, e bate com a mão na boca. Mas é demasiado tarde, e lentamente ela deixa a mão cair.

— Eu, eu obriguei-a a ajudar-me.

— Obrigou-a? — Ffion não acredita em Glynis nem por um segundo.

— O filho precisa dela. Os rapazes precisam das suas mães. Precisam de mães fortes, para os manterem no caminho certo, caso contrário... — ela interrompe o discurso, mas Ffion não precisa de que ela o termine. Caso contrário, eles acabam como Rhys. Glynis Lloyd está a expiar os pecados do filho.

Ffion dá um passo em direção a ela.

— Glynis Lloyd, está presa por suspeita de homicídio...

É aqui que acaba.

SESSENTA E UM

10 de janeiro | Leo

O telefone de secretária do Leo pisca com o número da receção.

— Está aqui uma pessoa para o ver. Diz que o conhece.

Ainda falta meia hora para a reunião da manhã, por isso Leo desce as escadas.

Na receção, Nellie está a mergulhar uma bolacha de aveia numa chávena de chá.

— Coloquei-a na sala lateral. Não lhe perguntei o nome, desculpe, isto tem estado uma autêntica confusão.

— Parece que sim. — Leo olha à volta do escritório vazio. Dá um toque duplo na porta da pequena sala utilizada para interrogatórios a testemunhas, e entra.

— Que merda andas a fazer, Leo?

Leo olha para a ex-mulher e não sente nenhuma das sensações de ansiedade que ela normalmente lhe incute. Brande uma carta, cujo conteúdo Leo conhece, pois o seu advogado partilhou uma cópia para sua aprovação antes de a enviar.

— Vou levar-te a tribunal — diz Leo calmamente.

— Não vais ter guarda partilhada, e não nos vais impedir de nos mudarmos.

Curiosamente, uma vez que Allie raramente põe os pés fora de casa sem maquilhagem, a sua cara está nua. A pele marcada por pequenas veias vermelhas, e o vinho da noite passada mancha-lhe o interior dos lábios.

— Eu vou ter, e vou impedir. — É uma espécie de revelação para Leo, descobrir que, quanto mais calmo permanece, mais zangada se torna Allie.

— Vai tudo aparecer em tribunal. O que fizeste.

Leo acena com a cabeça.

— Está bem. — Ele podia dizer-lhe, supõe, que finalmente ganhou coragem para falar com os colegas dos Serviços de Proteção à Criança, que, por sua vez, falaram com os Serviços Sociais. Podia dizer-lhe que ninguém identificou uma preocupação com o bem-estar de Harris devido a um incidente altamente inesperado e isolado. A advogada de Leo é uma mulher de copo meio vazio, por isso, quando lhe disse estar confiante quanto a ganhar a guarda partilhada, Leo tinha sentido uma onda de otimismo.

— Harris não te quer ver. Ele não quer ficar no teu apartamento de merda. Disse-me isso no outro dia: «Não me obrigues a ir para casa do papá.»

Houve um tempo em que Leo poderia ter acreditado em Allie; quando as suas palavras teriam correspondido tão perfeitamente aos seus próprios pensamentos, e ele ter-se-ia deixado abater como um animal ferido. Leo abre a porta.

— Adeus, Allie.

— Ainda não acabei!

— Mas eu já.

A sala de inquérito traz o zumbido de antecipação que acompanha a perspetiva de boas notícias. Crouch está ao lado do quadro eletrónico, o peito inchado de orgulhoso poder.

— Sem dúvida que terão visto as manchetes desta manhã. — Uma série de jornais está espalhada pelas secretárias, as manchetes variam sobre o mesmo tema: Rhys Lloyd assassinado pela própria mãe.

Sob custódia, Glynis Lloyd dera uma confissão completa e franca sobre o assassinio do seu filho.

— Desferi-lhe um golpe — disse ela, entre lágrimas. — Não pensei que lhe tivesse batido com tanta força, mas caiu ao chão como se tivesse esbarrado numa parede.

Leo e Ffion passaram uma hora ao telefone com o Ministério Público da Coroa, delineando o caso contra Glynis. Izzy Weaver permaneceu inflexível quanto à opinião de que os ferimentos que

Lloyd sofreu com o troféu não poderiam tê-lo matado, mas ficou claro pelo comportamento de Lloyd na festa, e pelos dados do seu relógio, que a sua saúde tinha sido comprometida na altura da agressão.

— A gota de água que fez transbordar o copo — disse Izzy. — Ou, neste caso, que abriu o rosto do vosso amigo.

O caso contra Clemence Northcote era mais simples. Ela não tinha estado presente na altura da agressão, e não houve qualquer sugestão de que ela e Glynis Lloyd tivessem conspirado para provocar a morte de Rhys. As duas mulheres mal se tinham falado antes da noite em questão. Clemmie seria processada por ajudar um agressor e ocultar um crime, bem como pela eliminação ilegal de cadáver.

— Vai deixar isso claro? — disse Glynis, na sua entrevista. — Que ela não tinha outra escolha senão ajudar-me?

— Tive medo — confirmou Clemmie.

— De Glynis Lloyd? — Leo estava cético.

— Ela disse que diria à Polícia que tinha sido eu. Eu sabia que iriam descobrir a respeito do dinheiro que eu devia ao Rhys, e sabia o que isso iria fazer crer a meu respeito, sabia que iria deixar-me em maus lençóis.

Havia alguma coisa, pensou Leo, que não batia certo neste caso.

— Pensas demasiado — disse Ffion, quando ambas as mulheres tinham sido acusadas. — Ambas confessaram.

— E são ambas obviamente culpadas; só que — Leo abana a cabeça —, não sei... Não sei se alguma vez saberemos exatamente o que aconteceu naquela noite.

Talvez não importe, pensa ele agora, com todos sentados à volta da mesa de sala de inquéritos, Crouch em modo de autofelicitação.

— O nosso departamento esteve no centro das atenções da nação — termina ele, após o que pareceu ser uma hora. — Não desiludimos o público!

Se ele está à espera de aplausos, fica dececionado. Com a exceção de um punhado de agentes novos e entusiastas destacados, os detetives na sala estão demasiado exaustos e

cínicos para serem despertados por um discurso de tipo Churchill. No entanto, há um audível zumbido de satisfação.

— Um belo dia, de facto — prossegue Crouch —, para a Esquadra de Cheshire.

— E para a Polícia do Norte do País de Gales — diz Ffion —, chefe.

— Ah. Sim, é claro. Norte do País de Gales. — Crouch vira-se para ambos. — Talvez queiram partilhar aqui com todos se já estão preenchidas todas as pontas soltas?

— Estamos a antecipar declarações de culpa de ambas — diz Ffion. — Mas, obviamente, vamos garantir que tudo estará no seu devido lugar, caso isso mude. Entretanto, a Polícia Metropolitana está a acusar Yasmin Lloyd por perda de tempo da Polícia, e Jonty Charlton está sob investigação por drogar os filhos com comprimidos para dormir que recebeu de Rhys Lloyd.

Não admira que Yasmin tivesse ficado nervosa quando lhe foi apresentada a lista de medicamentos apreendidos no quarto do Lloyd: incluía os comprimidos para dormir que Rhys tinha usado durante anos, os mesmos que tinha usado para drogar a própria filha quando criança.

Crouch descreve as tarefas para o dia, aquele entediante mas necessário trabalho de investigação pós-acusação, e depois levanta uma mão para chamar a atenção da equipa para um último momento.

— Alguns de vós podem não estar cientes de que, no decurso da investigação do assassinato, o detetive Brady e a detetive Morgan responderam a uma situação de emergência no lago Mirror.

Ao seu lado, Leo sente a tensão de Ffion. Leo tinha desvalorizado a façanha, dizendo ao inspetor que se tratara apenas de uma rapariga local se tinha encontrado em dificuldades. A história de Ffion é para ela mesma contar. A dela e a de Seren.

— As condições no lago eram traiçoeiras — diz Crouch. — No entanto, estes oficiais foram para a água sem qualquer consideração pelo seu próprio bem-estar e trouxeram uma jovem rapariga para um lugar seguro. — Ele sorri para Ffion, depois os

seus olhos repousam sobre Leo. — Grande trabalho, o vosso. Um trabalho realmente fantástico.

Desta vez, mesmo os elementos mais velhos e mais cansados da equipa são empurrados para uma reação. Leo tenta ficar indiferente, mas não consegue evitar o inchaço no peito enquanto os colegas lhes oferecem uma salva de palmas, a ele e a Ffion. Vê a admiração na cara dos colegas, e o aceno de respeito, mas genuíno, de Crouch, e sorri.

Não vai pedir transferência de volta para Liverpool. Ficarà nos Crimes Graves, e talvez volte a pensar numa promoção. E, entre tudo isso, assim que ele e Ffion já não trabalhem juntos, talvez arranje coragem suficiente para a convidar para sair e para tomar a tal bebida.

SESSENTA E DOIS

junho | Ffion

O verão traz consigo o tipo de calor que faz com que Ffion anseie por chuva. Passou o dia num tribunal abafado com um rapaz do Sul, que veio para o Norte do País de Gales numas férias de escalada e foi para casa sob fiança. A audiência terminou, Ffion conduz através das montanhas até à pequena aldeia de Bethfelin, não muito longe de casa, para dizer ao senhor e à senhora Roberts que o homem que colocou o seu filho no hospital foi considerado culpado.

— Eu sei que isso não muda nada — diz Ffion. Bryn Roberts, de vinte e seis anos, era instrutor. Tinha apanhado um grupo sido turbulento e arrogante, relutante em ouvir os líderes. O que começou como brincadeira tinha acabado em danos cerebrais permanentes para um homem, e uma condenação por agressões corporais graves para o outro.

— *Diolch, Ffion — diz a Sra. Roberts. — Por nos manter atualizados... Por tudo.*

O marido mostra-lhe a saída.

— Conhecia o seu pai, sabe — diz ele com aspereza. — Ele ficaria orgulhoso de si.

Os olhos de Ffion ardem enquanto conduz o Triumph de volta a Cwm Coed. Lembra-se do desapontamento no rosto do pai quando soube que ela estava grávida.

— Por amor de Deus, Ffi, vê lá se te controlas.

Ffion tinha tentado. Tinha tentado relacionamentos, empregos, amizades... todos pareciam acabar em caos, pelo que tinha começado a pensar que o problema era só ela. Ela era mesmo assim.

Mas agora acha que pensa talvez o pai se orgulhasse dela.
E talvez — apenas talvez — ela esteja a começar a controlar-se.

O sol ainda está quente quando Ffion chega ao nível de Llyn Drych, e o Triumph vira-se para o lago quase por vontade própria. Não tem equipamento apropriado para nadar, mas pode usar a roupa interior, e depois a camisola para se secar.

Dois minutos depois, está na água, ofegante enquanto a água fria lhe faz cócegas no estômago. Sustém a respiração e mergulha, a sujidade do dia desaparecendo num segundo, avançando pela água em longas e uniformes braçadas. Por baixo, vê o dardo prateado de um peixe, antes que este se perca nas ervas daninhas turvas muito ao fundo. A cada terceiro braçada, Ffion respira, e a margem passa numa série de imagens, como o folhear de um livro de árvores, pássaros e barcos. Ao alto, a montanha Pen y Ddraig vigia.

Quando Ffion nada de volta em direção ao cais, vê uma figura de pé junto ao Triumph.

Seren.

Obriga-se a continuar no mesmo ritmo constante. Sempre que levanta a cabeça, espera que a margem esteja vazia, mas quer que Seren fique. Dá-lhe tempo, Elen continua a dizer-lhe. Mas quanto tempo?

— Será que ela te disse alguma coisa, mãe? — perguntou Ffion, e Elen suspirou.

— Desculpa, cariad. É muito para assimilar. Ela precisa de alguém para culpar, e... — A hesitação escondeu o nome de Rhys. — Ele não está aqui, por isso receio que sejas tu a carregar o peso.

Ffion vacilou antes de dizer o que lhe ia na cabeça, e, quando falou, não conseguiu olhar para Elen.

— Não foi ideia minha dizer que Seren era minha irmã.

Havia silêncio pesado.

— Não. — Elen virou-se, a olhar pela janela, a voz pequena e incerta. — E todos os dias me perguntava: será que fizemos a coisa certa?

Será que fizeram?

Pareceu tudo bem, supõe Ffion, durante muitos dos últimos dezasseis anos, quando Seren estava livre do estigma ligado aos filhos das jovens mães solteiras. Pareceu tudo bem quando Ffion foi capaz de permanecer na escola, obter o nível A, ir para a universidade. Seren estava feliz, bem ajustada; até que soube a verdade.

Ffion intui, em vez de sentir, o momento em que o lago se encontra com a margem. Dá um mergulho final, os olhos largos na água clara e fria, depois emerge e percorre os poucos metros até à terra seca. Seren parece à beira de fugir, e a pulsação de Ffion acelera. Ela não pode dar cabo disto agora.

— Olá — Ffion seca-se com a camisola e veste as calças de ganga. Puxa a camisa abotoada sobre a cabeça, tira o soutien molhado e deixa-o cair no chão num movimento fluido.

— Olá.

O início da noite trouxe uma frescura ao ar. Ffion senta-se na capota do carro, deixando deliberadamente espaço a seu lado. No lago, o novo barco de Angharad volta para a casa dos barcos. Pelo canto do olho, Ffion vê Seren a acomodar-se no espaço a seu lado. Sentam-se quase juntas, vendo um praticante de windsurf seguir o seu caminho através lago. Ffion espera.

— Não sei como ser — diz Seren, por fim. — Ou seja, tu eras minha irmã, e eu sabia como ser perto de ti. Mas agora...

— Ainda sou a mesma...

— Não, não és! Tu és minha, tu és minha, Deus, eu nem consigo dizê-lo!

— Não precisas de o dizer. Não tens de fazer nada, ser nada. Não vou a lado nenhum, está bem? Quando estiveres pronta, podemos sair juntas. Talvez. — Ffion range os dentes. — Meu Deus, isto é difícil.

— Odeio isto aqui. — Seren pontapeia um pé contra o outro. — É sempre tudo uma merda de uma agressividade, tudo mesmo na tua cara. Tipo, não se pode ir a lado nenhum sem ver alguém que se conheça. Sinto-me como se não conseguisse respirar.

— Eu sei.

Seren escarnece.

— Não sabes.

— Eu era exatamente igual. Desesperada por fugir, para ver o mundo, para encontrar, sei lá, algo real.

— Sim! — Seren vira-se para ela, os seus olhos brilham de entusiasmo, antes que se lembre de quem é Ffion. O que ela fez. — Mas depois voltaste! Tipo, por que carga de água?

— Eu voltei por ti — diz Ffion, de forma simples.

A revolta de Seren desaparece.

— Oh. — Há um silêncio, antes de ela franzir o rosto.

— Mas não foi por isso que fiquei. — Ffion sorri com a indignação gozona no rosto da filha. — Bem, não inteiramente. — Ela aponta, varrendo o ar com um braço na direção do lago. — Fiquei por isto.

— Llyn Drych?

— Tudo isto. O lago. As montanhas. As histórias estúpidas sobre atirar pedras e acordar o dragão. Está no meu sangue. — Hesitantemente, coloca um braço à volta dos ombros de Seren. — Está no teu — diz ela, calmamente.

Sentam-se na capota do Triumph, observando silenciosamente o lago. Passa um minuto, ou dois, e depois Seren deixa cair lentamente a cabeça no ombro de Ffion, e esta sustém a respiração e crava as unhas na palma da mão para e impedir de chorar. Ao longo de todos estes anos disse a si própria que não era mãe, que nunca seria mãe, que não queria ser mãe. Esvaziou o coração sem sequer disso se aperceber, e agora está cheio, muito cheio.

— Não posso chamar-te mãe — diz Seren, quebrando o silêncio.

— Podes chamar-me o que quiseres.

— Estúpida de merda?

— Não tem graça, sabias — diz Ffion, sorrindo.

— Herdei o sentido de humor da minha mãe. — Seren mexe-se, e Ffion sente-se desarmada por um momento, mas Seren vira-se e lança-lhe os braços à volta, apertando-a com tanta força que lhe tira o fôlego. Tão depressa se agarra como se afasta. — É melhor eu ir. Disse que ia ter com o Caleb.

— As coisas ainda vão bem entre vocês, então?

Seren encolhe os ombros, mas o rosto ilumina-se-lhe.

— Acho.

— Isso é bom. — Ffion mantém a voz neutra. Vai estar de olho em Caleb Northcote. Clemmie escapou por pouco a uma pena de prisão pela sua participação num crime que o juiz descreveu como abominável. Pode agradecer ao filho por isso, assim como a Dee Huxley, cujo testemunho de carácter descreveu Clemmie de forma brilhante, como amiga, vizinha e mãe. Ironicamente, é agora Clemmie, e não Caleb, que está sob vigilância, que tem obrigação de se apresentar numa esquadra e de cumprir as obrigações de serviço comunitário.

Nessa noite, Ffion encontra-se com Huw no pub. É a terceira vez que ela e Huw saem nos últimos meses. Em abril, Ffion tinha aberto a porta e encontrou Huw ali parado com um ramo de flores.

Olhou-as com desconfiança.

— Para que são essas flores?

— Bem, não são para mim.

Eram flores a sério, não de supermercado, embrulhadas em papel castanho e amarradas com ráfia.

— Queres entrar? — Ffion sabia que soava um pouco rude.

— Estás bem. — Huw raspou o dedo do pé da bota contra a soleira da porta. — Então, tu disseste que talvez viesses tomar uma bebida. Quando tivesses terminado aquele trabalho.

— Acabei. — Ffion contou as pétalas de algo que parecia uma margarida, mas que provavelmente não era. Ele ama-me, ele não me ama...

— E o trabalho está terminado. Não está?

— Está. — Ele ama-me.

— Ah, vá lá! Vens tomar uma bebida comigo, ou não?

Ffion olhou para a fronte sulcada de Huw, e pensou no que deve custar continuar a fazer a mesma pergunta.

— Tenho saudades tuas.

Estava tudo ali, à sua espera. Um marido. Uma casa. Mesmo crianças, se ela alguma vez decidisse que sim; e, pela primeira vez

em dezasseis anos, ela não estava a excluí-lo. Tudo o que tinha de fazer era dar um passo.

— É apenas uma bebida, Ffi. Sim ou não?

— Está bem, vamos lá.

Ela temia que fosse embaraçoso, afinal, como é que se namora com alguém com quem já se foi casado? Mas tinha-se esquecido da companhia fácil que Huw era. Ele falou dos rapazes no trabalho, contou piadas que lhe soaram como familiares e como novas ao mesmo tempo; e ela deu-lhe para a troca a do casal que tinha sido apanhado a fazer sexo numa área de descanso entre Llanwys e Bryndare.

— Onde, exatamente? — Huw tinha fingido tomar nota, e Ffion tinha sorrido, sentindo o calor da familiaridade, da segurança.

— Tenho algo para ti — diz ela agora. Empurra um envelope sobre a mesa. Huw afasta-se quando o abre, os olhos alargam-se ao sacar um cheque de trinta mil libras. — A prisão deu finalmente autorização a Glynis para aceder às suas contas bancárias.

— Vou buscar torresmos. — Huw bate no cheque. — Vamos transformá-lo numa verdadeira festa.

— Tens mesmo classe, não haja dúvida — Ffion sorri. — Como está a tua mãe? — A sogra de Ffion tinha-lhe levado a mal a separação deles, perguntando a Ffion o que se passava com ela por não querer um bebé como uma mulher normal.

Huw faz uma careta.

— Está como de costume. E a tua?

— A deixar-me louca. Trata-me como se eu ainda fosse uma adolescente.

— Tu sabes... — Huw olha fixamente para a sua cerveja —, podes sempre voltar para casa.

Casa. A casa de três quartos que Huw construiu com as próprias mãos, com a cozinha open space e jardim bonitinho. O pequeno quartinho pintado de amarelo limão por Huw, num domingo, como se ver o espaço mudasse a opinião de Ffion a respeito de querer enchê-lo.

— Não me importo de estar em casa da minha mãe. — Ffion tenta encobrir a oferta. — Passo o tempo sobretudo a trabalhar, por isso.

— Decorei os quartos — diz Huw de repente, e Ffion apercebe-se de que ele lhe leu os pensamentos. — O nosso é azul, agora, e o... — atrapalha-se — o quarto de arrumações é cinzento. Tenho lá o computador, por isso é apenas um escritório, não... — Ele olha para ela. — Anda para casa, Ffi.

Ffion sustém a respiração. Casa.

SESSENTA E TRÊS

junho | Leo

— Hora de dormir — chama Leo.

— Anda cá ver!

Leo seca as mãos num pano da loiça e caminha para o quarto do filho. No chão, junto à cama que Elen Morgan lhes deu, está um tapete que Leo comprou online, com uma pista de corrida impressa no tecido. Harris fez uma série de edifícios a partir de Lego, colocando cada um deles cuidadosamente à volta da pista.

— Ei, boa construção, puto!

— Esta é a nossa casa. — Harris segura uma casa feita de tijolos amarelos, com um telhado vermelho.

— Vamos manter a esperança, sim? — A oferta tinha sido aceite há um mês, e não há nenhum impedimento legal, por isso, com alguma sorte, poderão tê-la no final do verão.

Leo senta-se no tapete ao lado de Harris, a escolher um carro da vasta coleção do filho e a empurrá-lo ociosamente ao longo da pista. A nova casa não é nada de especial, com dois quartos em cima, dois em baixo, numa rua calma, mas tem uma garagem e um jardim, e vizinhos com crianças que brincam na rua enquanto há luz. É o tipo de casa em que Leo deseja ter podido crescer; o tipo de casa em que ele quer que Harris cresça.

— Fica demasiado longe — tinha dito Allie, quando Leo lhe dissera a morada.

— Meia hora. E a escola fica a meio caminho.

Chegaram a uma espécie de tréguas. Acontece que Dominic nunca tinha sido muito entusiasta da ideia da Austrália; Allie era quem empurrava realmente para a água resplandecente da Sunshine Coast. Confrontado com uma batalha legal potencialmente

cara, Dominic tornou-se um aliado inesperado, e ele e Allie tinham decidido ficar. Harris passa agora todas as quartas-feiras com Leo, e também fins de semana alternados, e tem o quarto tão cheio de roupas e brinquedos que Leo se interroga como irão eles conseguir enfiar tudo numa carrinha de mudanças.

O quarto de Harris não é a única parte do apartamento a ter sofrido uma remodelação. Leo não é nenhuma Yasmin Lloyd, mas é espantoso o que uma demão de tinta e algumas fotos podem fazer. Ffion dificilmente reconheceria o lugar.

Leo inclina-se contra a cama de Harris e tira o telefone do bolso de trás para lhe enviar uma mensagem de texto. Como é que as ovelhas andam a balir?

A resposta chega quase instantaneamente. Vai-te lixar, Brady.

Leo sorri. Para ti, é detetive SARGENTO Brady...

Foste promovido? NUNCA O MENCIONASTE. Isto é seguido de três emojis a revirar os olhos e a palavra «parvalhão». Leo olha para o ecrã e ri-se.

— Deixa-me ver! — Harris salta-lhe em cima, esperando outro dos vídeos engraçados de animais que Leo encontra frequentemente online para partilhar com ele.

— Desta vez não, puto. Vá lá, para a cama. — Aconchega Harris e encontra o livro que estão a ler, ignorando o ecrã a piscar que lhe diz que Ffion enviou outra mensagem.

Clemmie e Glynis tinham entrado com alegações de culpa nas suas primeiras audiências.

— Sem julgamento, então — disse Leo, só para dizer alguma coisa. Ele e Ffion tinham estado à porta do tribunal, Ffion fumava um cigarro antes de voltarem para casa. Ela ofereceu-lhe um sorriso de lado, o cigarro ainda na boca.

— Não precisarei então de olhar para a tua cara feia durante semanas a fio.

— O mesmo para ti.

Depois disso, só tinha havido silêncio e Leo sofria com a ausência dela. Ffion não tinha telefonado, e Leo tinha ficado contente por não se ter humilhado convidando-a para uma bebida. Pensou em enviar mensagens para dizer que estaria na sentença, mas, fosse o que fosse que escrevesse, iria parecer sempre que estava a tentar saber se ela estaria lá. O que, claro, estava mesmo.

— Que bom ver-te aqui. — Ffion tinha-se chegado de mansinho até ele, de pé no átrio à espera de que os funcionários abrissem o tribunal, apanhando o largo sorriso de Leo antes de conseguir ter oportunidade de se fazer parecer mais indiferente ao momento. — Estás com ótimo aspeto.

— Obrigado. Tu também.

Depois de Harris estar a dormir, a cidade de Lego movida cuidadosamente para um lado para evitar que qualquer um deles a pisasse durante a noite, Leo senta-se com os pés em frente à televisão, deslizando distraído pelo feed das notícias. Vê um nome suficientemente invulgar para não esquecer. Elijah Fox é a pessoa mais jovem de sempre a assegurar uma bolsa de investigação pós-doutoramento na Universidade de Liverpool. O professor Benjamin Milne disse: «Raramente encontrei alguém com o nível de conhecimento e capacidade natural do Dr. Fox.»

Leo levanta a cerveja num brinde.

— Bom para ti, amigo. — Ele lembrava-se de como tinha sentido pena do infeliz Elijah, preso a trabalhar com alguém que, tal como Crouch, não valorizava e não dava oportunidades merecidas. E agora olhem para os dois: Elijah com a sua (o que era mesmo, uma bolsa de investigação pós-doutoramento?), e Leo com as divisas de sargento. De facto, só restava uma coisa para a qual Leo precisava de arranjar coragem. A última mensagem de Ffion ainda se encontra no ecrã do seu telefone: Bastante aborrecida aqui sem ti, para ser sincera, Brady.

Leo envia uma resposta. Lembras-te daquela vez em que disse que devíamos esquecer a forma como nos conhecemos?

A resposta de Ffion vem logo a seguir: Hum... sim.

Ele respira fundo e bebe um gole da cerveja.

Não consigo. Queres jantar comigo?

SESSENTA E QUATRO

junho | Ffion

Ffion pega numa caixa de livros da carrinha de Huw e transporta-os para a entrada.

— Há mais três caixas junto à porta da frente.

— É tudo. — Ffion sente-se tonta, impetuosa. Questionou repetidamente a sua decisão e ainda não sabe se está a fazer a coisa certa. Enrosca os dedos nos de Huw, e inclina-se para dele, sentindo o seu braço forte puxá-la para perto. — Lamento muito — diz ela.

— Sim. Eu também. — É suficientemente rude para fazer Ffion encolher os ombros, mas ainda assim mais gentil do que ela merece. — Vemo-nos por aí.

Ffion espera na entrada enquanto Huw se afasta, depois coloca a caixa de livros no corredor, junto dos outros, apesar dos protestos da mãe.

— Eu arrumo isto tudo mais tarde — promete ela, embora só Deus saiba onde. A casa da mãe está a rebentar pelas costuras.

— Foi o que disseste quando te mudaste da última vez — diz Elen. — Três meses depois e ainda andávamos a pisar sacos de roupa para chegar à casa de banho. — Ela puxa uma toalha do estendal da cozinha. — Vou dar um mergulho. Não quero ver essas caixas quando voltar.

— Chefe, sim, chefe — murmura Ffion, porque, mesmo quando se tem trinta anos, as mães fazem-nos sentir novamente com treze.

Elen fita o rosto da sua filha.

— Espero que saibas o que estás a fazer.

— Não comeces, mãe.

— Ele é um bom homem.

— Demasiado bom.

— Oh, Ffi. — Elen suspira, depois põe as mãos em ambos os lados do rosto de Ffion e deixa cair um beijo na sua testa. — Agora enfia a toalha num saco de feltro, tira-me daí essas malditas caixas.

Assim que a porta da frente é fechada, Ffion pega no telefone e olha para a mensagem de Leo.

Queres jantar comigo?

Olha para o ecrã durante mais tempo, depois volta a guardar o telefone no bolso. Mais tarde. Quando souber o que quer responder.

A casa está sossegada sem a mãe e sem Seren, que está quase de certeza no The Shore com Caleb. Ffion vagueia lá em cima para encontrar um lugar onde guardar os livros, mas já usou todos os armários da casa. Da janela do quarto, pode-se ver o lago, um brilho de prata para além das copas das árvores, e Ffion está de pé e observa o sol a mergulhar na cordilheira. Uma dispersão de luzes de fadas, como estrelas caídas, contorna os deques do The Shore.

Dee Huxley está por perto, e Bobby Stafford ainda é suficientemente apaixonado por Mia para fazer o mesmo, mas Yasmin Lloyd aceitou uma oferta para vender aquilo que os jornais chamam o hotel do assassinio. Os Charlton separaram-se, Blythe mantendo o número um como um retiro de férias e ioga, e a segunda fase da urbanização está agora em curso, com os alojamentos a surgir, até parece, de um dia para o outro. Ffion pergunta-se quem os comprará; como é que os novos proprietários se integrarão no povo de Cwm Coed.

Lá em baixo, olha para o resto das caixas. Terão de ir para o barracão. Terá de as mudar de sítio antes do inverno, ou a humidade vai estragá-las, mas pelo menos vai tirá-las do caminho da mãe. Elen Morgan pode ser uma orgulhosa dona de casa, mas não é dotada para a jardinagem. Desde que o pai de Ffion morreu, o jardim das Morgan tem sido mais amado pela vida selvagem do que pelos vizinhos de ambos os lados, cada um dos quais gabando-se de ter um relvado limpo e com um arbusto bem cortado de begónias.

Ffion empurra através de faixas de malmequeres, erva pegajosa agarrada aos calções. O barracão fica num espaço lateral à casa, a porta está tão empenada que só se fecha ao pontapé. Ffion pousa a caixa e abra a porta do barracão com um empurrão. No interior, há uma confusão de ferramentas e sacos de adubo seco; de vasos de plástico empilhados e de fertilizante caducado. Começa a mover tudo para um lado, abrindo espaço para as caixas.

Um momento depois, já deseja nunca ter começado. Pensa que, se tivesse dito sim a Huw, nunca teria precisado de pôr os pés neste barracão. Que, na verdade, ela só está aqui, entre as ferramentas enferrujadas e os sacos de composto, porque não consegue parar de pensar em Leo. Puxa de um saco e o conteúdo derrama-se no chão à sua frente.

— Isto é tudo culpa tua, Leo Brady — murmura. Mas, ao inclinar-se para o apanhar, apercebe-se do que vê. Senta-se de repente, entre a sujidade e as aranhas, de repente tonta.

Isto muda tudo.

SESSENTA E CINCO

junho | Ffion

A montanha Pen y Ddraig paira no alto de Llyn Drych, a água tremeluzindo ao sol da madrugada. Um pequeno barco navega lentamente de um lado do lago para o outro. Na margem, um punhado de excursionistas gralha em pedras empilhadas, fumo e cheiro de salsichas à deriva no ar quente.

Do outro lado da água, The Shore duplicou de tamanho desde o verão passado. A inclinação da floresta significa que a segunda fila de casas é mais alta do que a primeira, embora nada pudesse igualar as vistas panorâmicas das cinco propriedades da frente. Há pessoas no deque do meio, demasiado pequenas para se distinguirem, e, enquanto Ffion observa, alguém mergulha do pontão raso e comprido.

Ffion procura pela mãe. Elen Morgan nunca nada com colete, e nem sequer quer saber das tocas de cores vivas aconselhadas pelos vigilantes do lago. Tal como Angharad, nada descalça, aparentemente indiferente às pedras afiadas à volta da borda da água.

Ffion varre o lago com a vista até encontrar movimento, viajando de uma boia para outra. Elen nada de bruços; sem pressa, mas mais depressa do que a maioria. Sem braçadas de nadadora espetacular, apenas suaves, braçadas regulares, dentro da água. Ela é tão parte do lago como os canaviais que bordejam as enseadas; como as boias que passam todo o ano na água, como ervas daninhas agarradas às suas correntes.

Ffion senta-se na extremidade do molhe, deixando os pés pendurados na água fria. A seu lado está o saco preto do barracão e, enquanto Elen nada mais perto do cais, Ffion organiza-lhe

cuidadosamente o conteúdo. Há um punhado de fotografias tiradas na festa do acampamento de verão, uma nota de Mia dentro do envelope. Pensei que a senhora e a Ffion gostariam de ver estas fotografias. Uma viagem pela memória! Elen não tinha partilhado as fotografias com Ffion e, ao olhar agora para ela, consegue perceber porquê. Em cada fotografia, Rhys está a olhar para Ffion, ou Ffion está a olhar para ele.

Elen Morgan sabia que o pai de Seren tinha estado nessa festa. Estas fotografias tinham sido suficientes para a enviar em busca de provas.

Elen tinha pedido um teste de ADN. Embrulhada num saco de transporte está uma escova de cabelo de ébano, as letras RL gravadas no verso, e um pedaço de papel dobrado.

Rhys Lloyd não é excluído como o pai biológico de Seren Morgan. A probabilidade de paternidade é superior a 99 por cento.

Apesar de não poder ser de outra forma, Ffion retém um soluço na garganta. A papelada está datada de novembro do ano passado. Elen sabia que Rhys era o pai de Seren meses antes de Ffion lho ter dito. Antes de Seren descobrir a verdade.

A pulsação de Ffion é um tambor nos seus ouvidos, enquanto observa Elen a perfurar a superfície espelhada do lago. Sente a batida nos dedos dos pés, enquanto a água desliza contra a pele curtida pelo sol. Recorda o cadáver de Rhys no seu leito de aço inoxidável.

No saco de lixo do barracão está um frasco de boticário castanho fumegante, idêntico aos das prateleiras da cozinha de Angharad, e Ffion pensa no pobre Elijah e na facilidade com que as suas teorias tinham sido descartadas.

A poucos metros do cais, Elen está de pé, sacudindo a água do cabelo e inclinando a cabeça para apanhar o último suspiro do sol. Ela sorri.

— Oh, mãe — diz Ffion baixinho. — O que é que fizeste?

Elen recolhe os objetos alinhados no molhe. Um pequeno peixe nada, brilhando na luz.

— Tinhas catorze anos.

— Credo, mãe — disse Ffion, esforçando-se por continuar: — Como conseguiste a escova de cabelo dele?

— Usei a tua chave para entrar na casa de Huw quando ele estava no trabalho. Levei as chaves para o The Shore e fui ao alojamento do Rhys quando o local estava fechado para obras de construção.

— Será que Angharad sabe que tiraste a ricina da casa dela? — Ffion lembra-se da descrição de Angharad de *Ricinus communis*; a forma como estivera tão perto da verdade.

— Não! — Elen começa a sair da água. — Ela não teve nada que ver com isso, Ffi. Ela usa-o num remédio homeopático, mas não na sua forma mais pura, não dessa forma. — Aponta para o frasco, e Ffion arrepia-se. Basta uma pequena quantidade para matar alguém, tinha dito o Elijah. Um veneno tão mortal, que dificilmente deixa vestígios.

— Enviou-lha, não foi? — Ffion recolhe o pacote de envelopes que encontrou no saco. O celofane está rasgado, falta um envelope. É um corte de papel, dissera Leo, do pequeno corte na língua de Rhys. Ele e Ffion tinham estado tão perto, tão perto. A ricina não tinha estado no local do crime à espera de que eles a descobrissem.

— Misturei a ricina numa pasta. — Elen enrola uma toalha à sua volta, caminhando em direção a Ffion no fim do molhe. — Pincelei-a na selagem de um envelope autoendereçoado e enviei-o com um pedido de fotografia autografada.

Ffion levanta-se rapidamente. Veneno aplicado na selagem de um envelope endereçoado e carimbado, as provas enviadas para fora da cena do crime pela própria vítima. Foi o assassinio perfeito. À sua volta, os grilos ouvem-se na relva comprida. Ffion pensa nos relatos das testemunhas da noite da festa; a forma como Rhys apareceu perdido de bêbado. Pensa nos valores erráticos das batidas do seu coração, na facilidade com que o ataque de Glynis acabou com a sua vida.

— Tu mataste-o.

Elen não diz nada.

— Mãe... — Ffion recolhe as provas, atirando-as de volta para o saco de plástico preto. Pensa em como disse a Leo que era parente de metade da aldeia, e como um criminoso é um criminoso, não importa em que ramo da sua árvore genealógica esteja sentado. — É assim... Eu sou uma agente da Polícia, mãe. Tenho o dever de... — Ela interrompe-se, esfregando a cabeça, incapaz de processar o que está a acontecer. — Deixou Glynis pensar que ela tinha matado o próprio filho!

— Eu sei. — Elen está calma. É Ffion que chora. — Está tudo bem, Ffi. Eu fiz o que tinha de fazer, cariad. Agora, tu fazes o que tens de fazer.

Ninguém em Cwm Coed se lembra em que ano se iniciara o banho, mas todos sabem que não haveria outra forma possível de receber o novo ano. Ninguém se lembra em que ano Dafydd Jones entrara na água usando nada mais que um barrete de Pai Natal, ou de quando os rapazes do rãguebi se lançaram do cais e encharcaram a pobre Sra. Williams.

Mas todos se lembram do banho do ano passado.

— Este ano não há cadáveres, esperemos! — grita alguém. Todos se riem, mas é uma risada com pouca vontade e desconfortável. Vai demorar mais do que doze meses para o povo de Cwm Coed esquecer que um deles é um assassino.

— Está um frio de rachar — diz Ceri. — Espero que saibas no que te estás a meter. Ela trouxe alguém com ela, uma mulher com rugas de riso e uma corrente de prata à volta do pescoço, que toca no braço de Ceri quando ela fala e faz com que os seus olhos se iluminem.

— Conheço uma boa maneira de aquecer. — Bobby pisca o olho a Mia, e os dois riem-se como crianças.

O primeiro apito soa, e há um grito coletivo de excitação. Todos correm para a água, guinchando e saltando nas pedras afiadas. Steffan, que está sóbrio há nove meses, levanta-se no barco salva-vidas, com a sirene pronta.

— Cinco! — grita ele, e a multidão começa a contagem decrescente. — Quatro! Três!

— Prontos? — diz Ffion. Ela olha para a costa, para onde Seren e Caleb estão amontoados com os outros adolescentes.

— Dois! Um!

— Prontos — diz Elen. Eles correm, olhos brilhantes com o frio, com a adrenalina. Andam à deriva pelo lago, e, quando a água é profunda o suficiente, mergulham. A mente prevalece sobre o corpo através da névoa baixa. O frio espeta-se como pregos à volta do peito, as bocas abrem-se em choque à medida que a respiração lhes é arrancada. Continuem, continuem! As ondulações tornam-se ondas, o movimento das pessoas, virando-se para um lado e para o

outro, sempre que o vento sopra e lhes atira arrepios sobre os ombros.

No centro do lago, muito abaixo do bater das pernas dos nadadores do Dia de Ano Novo da Cwm Coed, está o barco de Angharad, de vela vermelha. De poucos em poucos meses, um pedaço dele vai dar a uma das muitas enseadas à volta de Llyn Drych, mas, por enquanto, o casco está preso entre as rochas no fundo do lago.

Perto do barco, um saco de plástico preto está amarrado firmemente a um peso. Está meio enterrado no lodo, a corda está tão bem atada que nunca poderia soltar-se. A erva tem crescido à volta da corda e os minúsculos peixes nadam em redor, mordendo, mordiscando.

Um dia, a corda irá desfilar-se, e o saco começará a mover-se através da água.

Um dia.

Mas ainda não.

Agradecimentos

Como sempre, tenho uma grande dívida para com muitas pessoas, sem as quais este romance não teria sido escrito. Os meus agradecimentos vão para Anna Morgan, que suportou discussões intermináveis durante o almoço e enquanto nadávamos no próprio lago que inspirou a história; para Emma Norrey, que ofereceu pensamentos inestimáveis sobre caráter; para Simon Thirsk, por me ter falado de poesia palindrômica e da estrutura de espelhos; para a artista Sarah Wimperis, cujas pinturas influenciaram muito do imaginário deste livro; e para Colin Scott, por muito mais do que o espaço disponível que tenho para mencionar.

A patologista forense Amanda Jeffery teve a amabilidade de discutir venenos, lesões na cabeça e descobertas post mortem. Todos os desvios da realidade são, para mim, feitos para fins de conspiração e entretenimento. Com esse fim, gostaria de agradecer a Lisa Jewell pelos seus conselhos sobre investigação, que transformaram o meu processo de escrita.

Estou fora do serviço policial há quase tantos anos quantos os que estive nele, por isso estou grata aos meus «fardas azuis» pela paciência sempre que faço mais uma pergunta para a qual deveria saber a resposta. Um enorme obrigado a Katy Barrow-Grint, Katie Clements, Jennifer Fox, Claire Thorngate, Kelly Tuttle, Sarah Thirkell, Beth Walton e Fran Whyte, pela sala de inquéritos virtuais. Sim, eu sei que não seria assim na vida real...

Cwm Coed e The Shore são fictícios, mas os belos lagos e montanhas do Norte do País de Gales são muito reais e sinto-me incri-

velmente cheia de sorte por agora poder charmar-lhes casa. Obrigado aos amigos e vizinhos que têm sido tão acolhedores. Diolch i chi gyd.

Cada um dos meus livros é o produto do trabalho árduo e da paixão das minhas equipas editoriais em todo o mundo. Obrigado à

Cath Burke; aos meus editores, Lucy Malagoni, Tilda McDonald e Rosanna Forte; aos meus publicitários Kirsteen Astor e Millie Seaward; e à extraordinária equipa de marketing formada por Gemma Shelley e Brionee Fenlon. Obrigada a Hannah Methuen e à sua equipa de vendas; a Andy Hine, Kate Hibbert, Helena Doree e Sarah Birdsey em direitos; à estilista Hannah Wood; à rainha dos editores, Linda McQueen; e a todos os heróis não mencionados em contratos, contas, distribuição e muito mais. Sei como todos trabalham arduamente para colocar os meus livros nas mãos dos leitores.

Estou grata a Shana Drehs e Molly Waxman na Sourcebooks Landmark, nos EUA, e a todos os meus editores estrangeiros, que me publicam com tanto cuidado e entusiasmo.

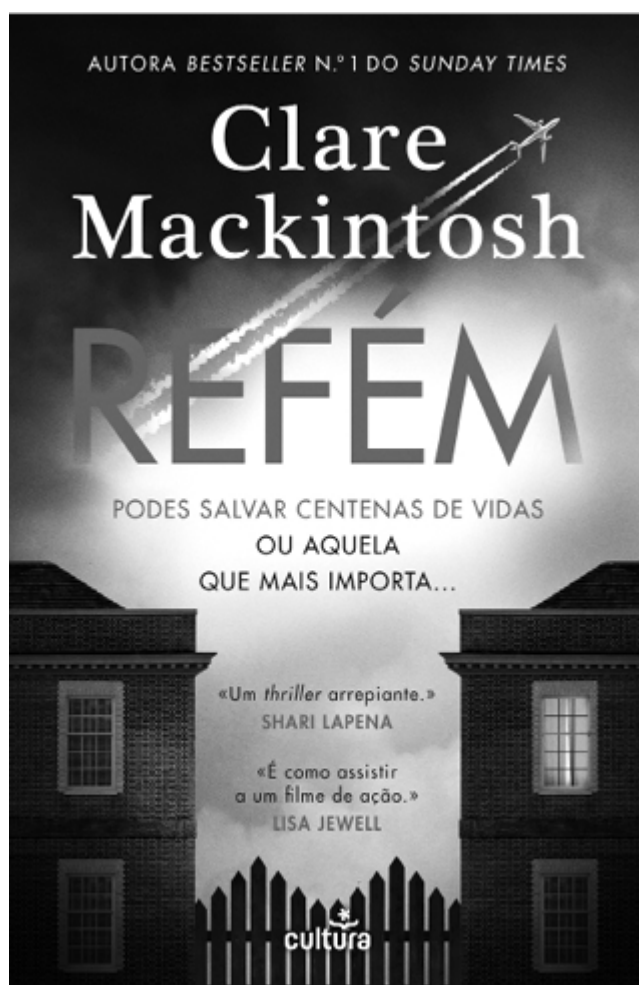
O Clube do Livro Clare Mackintosh continua a crescer, e eu adoro ler todos os vossos posts e e-mails. Obrigada a Ella Chapman e Sam Suthurst, por fazerem brilhar as minhas newsletters; a Linda Tunnicliffe e Sarah Clayton por manterem o grupo do Facebook sob controlo; e à minha comunidade do clube do livro por todas as recomendações, risos e críticas. Se ainda não aderiu, encontrará detalhes em claremackintosh.com — adoraria vê-lo lá.

Obrigada à minha agente no Curtis Brown, Sheila Crowley, e a Emily Harris e Sabhbh Curran; vocês são verdadeiramente as melhores no ramo. Obrigada à minha família, que me deixou fugir para o Lago Vyrnwy durante uma semana entre os confinamentos, quando perdi temporariamente a capacidade de escrever; e a Ann-Marie e Rob por partilharem a tranquilidade de Glan-y-Gro.

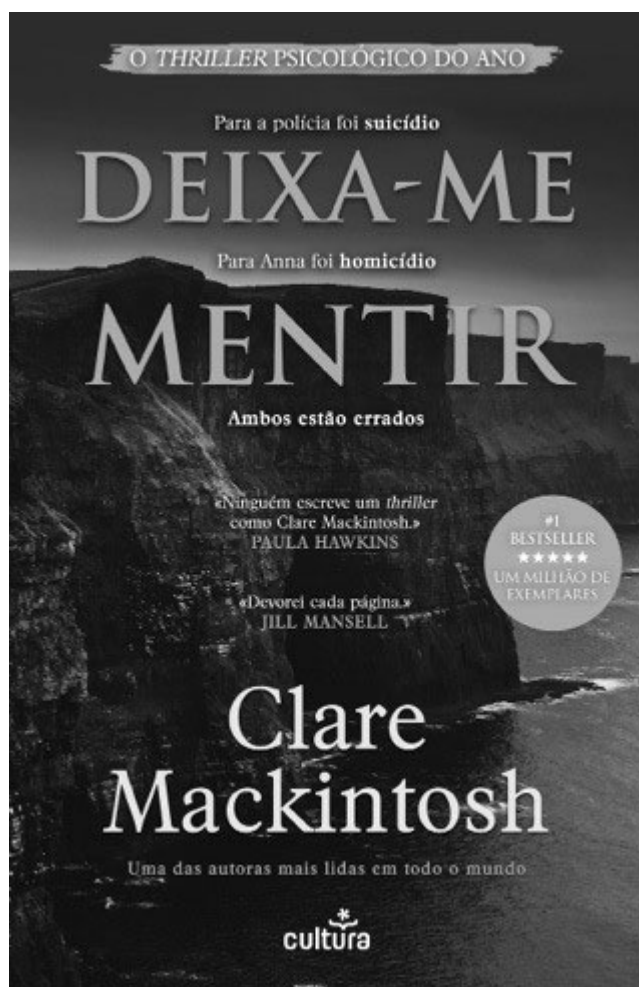
E, finalmente, obrigada pela leitura deste livro. Se gostou dele, espero que deixe um comentário, escolha-o para o seu clube de leitura, ou recomende-o a um amigo. A palavra de boca em boca continua a ser a melhor forma possível de partilhar histórias, e adoraria que partilhasse esta.

Também de

Clare Mackintosh



Refém é um thriller claustrofóbico que te transporta até um voo arrepiante de vinte horas, sem escalas, de Londres a Sydney.



Deixa-me Mentir tem o ritmo avassalador das grandes obras primas do thriller internacional. Cheio de reviravoltas, deixa qualquer leitor em alerta da primeira à última página.

Contents

[Dia de ano novo](#)

[Parte um](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezasseis](#)

[Dezassete](#)

[Dezoito](#)

[Dezanove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Parte dois

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Quarenta e dois

quarenta e três

Quarenta e quatro

Quarenta e cinco

Quarenta e seis

Quarenta e sete

Quarenta e oito

Quarenta e nove

Cinquenta

Cinquenta e um

Cinquenta e dois

Cinquenta e três

Cinquenta e quatro

Cinquenta e cinco

Cinquenta e seis

Cinquenta e sete

Cinquenta e oito

Cinquenta e nove

Sessenta

Sessenta e um

[Sessenta e dois](#)
[Sessenta e três](#)
[Sessenta e quatro](#)
[Sessenta e cinco](#)

[Agradecimentos](#)

Landmarks

[Cover](#)